SUBSIDIOS

PARA A

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA

DAS

POSSESSÕES ULTRAMARINAS PORTUGUEZAS

POR

JOÃO CARDOSO JUNIOR

ANTIGO ALUMNO DAS FACULDADES DE MATHEMATICA E PHILOSOPHIA
NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
PHARMACEUTICO DE 1.ª CLASSE, E 1.º DO QUADRO DE SAUDE
DE CABO VERDE E GUINÉ,
CAVALLEIRO DA REAL ORDEM MILITAR DE S. BENTO D'AVIZ,
CAVALLEIRO DA ANTIGA, NOBILISSIMA E ESCLARECIDA ORDEM DE S. THIAGO,
DO MERITO SCIENTIFICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

TOMO I

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias
1902

SUBSIDIOS

PARA A

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA

DAS

POSSESSÕES ULTRAMARINAS PORTUGUEZAS

SUBSIDIOS

PARA A

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA

DAS

POSSESSÕES ULTRAMARINAS PORTUGUEZAS

POR

JOÃO CARDOSO JUNIOR

ANTIGO ALUMNO DAS FACULDADES DE MATHEMATICA E PHILOSOPHIA
NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
PHARMACEUTICO DE 1.ª CLASSE, E 1.º DO QUADRO DE SAUDE
DE CABO VERDE E GUINÉ,
CAVALLEIRO DA REAL ORDEM MILITAR DE S. BENTO D'AVIZ,
CAVALLEIRO DA ANTIGA, NOBILISSIMA E ESCLARECIDA ORDEM DE S. THIAGO,
DO MERITO SCIENTIFICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

TOMO I

SUMMARIO

Agrupamentos para a classificação therapeutica das plantas medicinaes do archipelago de Cabo Verde.
Agrupamentos para a classificação therapeutica das substancias ou drogas medicinaes do Ultramar Portuguez.
Drogas medicinaes das regiões quentes portuguezas.
Sciencia, trabalhos e observações de Portuguezes em terras quentes, Cabo Verde, Guiné, S. Thomé, Principe, Angola, Moçambique, India, Macau e Timor.
Catalogo das plantas medicinaes que se encontram nas diversas Provincias Ultramarinas Portuguezas.

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias
1902

SUBSIDIOS

PARA A

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA

DAS

POSSESSÕES ULTRAMARINAS PORTUGUEZAS

TOMO I

Advertencia.
Introducção.
Colonias de Portugal, clima geral, superficie, população e principaes producções.

CAPITULO I

Agrupamentos para a classificação therapeutica das plantas medicinaes do archipelago de Cabo Verde

Aphrodisiacos.
Antiscorbuticos.
Aperitivos.
Antispasmodicos.
Adstringentes.
Anticephalgicos.
Anticonvulsivos.
Antidysentericos.
Amargos.
Anthelminthicos.
Calmantes.
Depurativos.
Drasticos.
Diureticos.
Estimulantes.
Estimulantes e diureticos.
Estimulantes da secreção lactea.
Emeticos.
Emmenagógos.
Emollientes.
Febrifugos.
Hemostaticos.
Narcoticos e estupefactivos.
Opthalmicos.

CAPITULO II

Agrupamentos para a classificação therapeutica das substancias ou drogas medicinaes do Ultramar Portuguez

CAPITULO III

Drogas medicinaes das regiões quentes portuguezas

CAPITULO IV

Sciencia, trabalhos e observações de Portuguezes em terras quentes

E

Catalogo de plantas medicinaes que se encontram nas diversas Possessões Ultramarinas Portuguezas

I

CABO VERDE

O Archipelago.
- Geographia.
- Historia.
- Geologia.
- População.
- Fauna.
- Os lagartos do Ilheu Branco.
- Madeiras.
- Metereologia.
- Usos e costumes.
- Salubridade.

A Flora.
- Medicina indigena.
- Therapeutica negra.
- Plantas medicinaes do archipelago de Cabo Verde.

II

SENEGAMBIA PORTUGUEZA

Sobre o problema do progresso da Guiné portugueza.
Geographia physica.
Usos e costumes dos Mandingas, e da sua lingua.
Usos e costumes dos Jalofos.
Sobre a vegetação da Guiné.
Doenças da Guiné, especificadamente a *doença do somno,* curadas pelos *Sossos, Tiliboncos, Fulas* e *Juta-fulas.*
Apontamentos medicos sobre:
- Doença do somno.
- Febre biliosa hematurica.
- Ulceras phagedenicas.
- Beriberi.

Boubas.
Bicho.
Maculo.
Psoriasis.
Elephantiasis dos arabes.
Morte de uns e lesões insanaveis em outros pela decocção *ad libitum* de substancias medicinaes colhidas no matto.
Plantas medicinaes da Senegambia.

III

S. THOMÉ E PRINCIPE

S. Thomé e Principe são dois grandes jardins lançados por Deus no meio das aguas do Oceano, como oasis entre as areias de um deserto.
Ilha de S. Thomé.
Descripção.
Salubridade.
Panoramas, montes, limites, villas e estradas.
Usos, costumes, festas e superstições.
Substancias reputadas medicinaes.
Na cidade da Ilha do Principe as febres intermittentes quotidianas e terçãs são as unicas febres de manifestação de infecção palustre.
A parte saudavel da Ilha do Principe.
Especificação official dos logares mais salubres da Ilha de S. Thomé e dos logares mais salubres da Ilha do Principe.
Passagem de Welwitsch, Akerman e Don pela Ilha de S. Thomé; collecções botanicas, fetos, orchideas, cyatheas arboreas e o *borassus aethiopica.*
Explorações botanicas nas montanhas da Ilha de S. Thomé por Manos, algumas conclusões do botanico Hooker (J. D.) sobre a flora das localidades por aquelle exploradas, e o *Podocarpus Manii.*
Resultado das explorações botanica, zoologica e geologica, feitas na Ilha de S. Thomé pelo sr. Moller, subsidiado pelo Governo Portuguez.
Plantas medicinaas das Ilhas de S. Thomé e Principe.

IV

ANGOLA

Descripção.
Decrescimento da mortalidade, nos depositos francezes de Banana, dos chamados *Emigrantes livres, pelo tratamento africano,* ao passo que tratados pelos medicos francezes os obitos eram de 50 e 60 casos por dia.
Usos e costumes.
Flora.
Fauna.
A *Lupepe,* planta cuja cocção anesthesica e calmante se torna notavel, sobretudo na mordedura de muitos animaes venenosos.
Observações botanicas e medicas.
Descripção das tres differentes regiões de vegetação na provincia de Angola.
Plantas medicinaes angolenses.

V

MOÇAMBIQUE

Observações medicas sobre o emprego therapeutico-indigena da *batatinha, zangalada* e *palha balagata.*
Os tres reinos da natureza nas vastissimas regiões banhadas pelo Zambeze, observações de 30 dias no sertão, as *thermites,* a mosca *tsé-tsé* e a fauna ornithologica.
Meteorologia e therapeutica indigena.
Doenças indigenas.
Itaca. Tratamento indigena pela *Massangalaba (raiz itaca).*
Matuniça ou *mapute.*
Febre de carrapato.
Exploração botanica do medico portuguez Manuel Rodrigues de Carvalho, de Quilimane a Mopêa, e d'ahi para a villa do Sena, e á serra da Gorungosa pela Conceição e Quilimane.
Condições climatericas da Serra da Gorungosa, proprias para estabelecimento de uma colonia europêa, de um sanitario e jardim de acclimação.
A *Wrighthia antidysenterica* sob a fórma de extracto ou decocto da casca, dando bons resultados nas febres palustres do typo renitente.
Prioridade de conhecimento por parte dos Portuguezes da utilisação medica indigena de varias plantas, sobre o que communicou a tal respeito o dr. Wilhelm Peters.
Plantas medicinaes da provincia de Moçambique.

VI

INDIA

A India é talvez hoje o paiz tropical botanica e meteorologicamente mais bem estudado.
Conselhos de Thomé Pires.
Thomé Pires disse da India *primeiro* que o dr. Garcia da Orta.
Especies e drogas medicinaes.
A primeira e mais exacta descripção do cholera morbus, no dizer do dr. Lima Leitão.
Medicina gentilica ou hindu:
O seu empirismo.
O livro das receitas.
Consultas dos brancos aos idolos no pagode.
Superstições.
Agentes varios da therapeutica indigena.
Processo indiano para repousar ou dormir.
Plantas medicinaes da India.

VII

MACAU

Descripção da cidade de Macau.
Gruta de Camões.
Historia e observações.

VIII

TIMOR

ADDITAMENTO

I

Herborisações Portuguezas em Africa

II

Herborisações Portuguezas em Africa

III

Herborisações Portuguezas em Africa

3.º Contribuição para o estudo da Flora das Ilhas de Santo Antão e Santa Luzia. (Collecção existente no *Rigks Herbarium Te Leiden.)*

IV

Coordenadas e alcance dos pharoes; tabella dos ventos reinantes desde Lisboa até ao Equador; tabella das distancias em milhas entre os portos principaes das Ilhas de Cabo Verde

V

Plantas medicinaes de diversas ilhas do Ultramar Portuguez

TOMO II

CAPITULO V

Materia medica, therapeutica colonial e formulario medico-indigena

Adansonia digitata, L. Nomes vulgares. Hab. Area geographica. Propriedades therapeuticas e usos. Utilisações indigenas em Cabo Verde.

Argemone mexicana, L. Nome vulgar. Hab. Area geographica. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos.

Arachis hypogoea, L. Nomes vulgares. Hab. Area geographica. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos. Analyse das sementes. Observações.

Aloe vulgaris, C. Bank. Nomes vulgares. Hab. Area geographica. Propriedades therapeuticas e usos. Utilisação indigena em Cabo Verde. Substancias synergicas auxiliares. Substancias incompativeis. Quando é contra-indicado.

Allium sativum, L. Nomes vulgares. Hab. Area geographica. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos. Como se administra interna e externamente. Observações. Foi o portuguez Costa quem *primeiro,* em 1590, deu a explicação

Solanum nigrum, L. Nomes vulgares. Hab. Area geographica. Propriedades therapeuticas e usos. A *solanina* em Cabo Verde. Formula.

Sinapis nigra, L. Nome vulgar. Hab. Area geographica. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos. Formulas. Na Ilha do Fogo.

Tamarindus indica, L. Nomes vulgares. Hab. Area geographica. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos. Formulas. Em Cabo Verde e na China.

Tagetes patula, L. Nome vulgar. Hab. Area geographica. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos.

Terminalia Catappa, L. Nomes vulgares. Hab. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos. Na Ilha de Santo Antão. Observações.

Tamarix gallica, L. Nomes vulgares. Hab. Area geographica. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos. Utilisação na Ilha da Boa Vista e na de Santo Antão.

Verbena officinalis, L. Nomes vulgares. Hab. Area geographica. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos. Em Cabo Verde.

Ximenia americana, L. Nome vulgar. Hab. Area geographica. Descripção. Propriedades therapeuticas e usos. Observações.

Sterculia acuminata, Beauv. Nome vulgar. Hab. Area geographica. Formulas. Acção physiologica e indicações medicas de noz de kola. Posologia. Analyse da kola. Deducções da analyse. Emprego medico em Africa. Como e para quê os pretos mastigam as castanhas da kola.

Os *Strophanthus*. Hab. Especies ou variedades. Os *S. hispidus, Kombé* e *Glabre*. A *strophantina*. Utilisações medicas. Posologia. Formulas. O envenenamento das flechas.

Formulario indigena:
Cabo Verde.
Senegambia: Mandingas, Mouros, Jaloffos, etc.
Angola: Curandeiros negros e os negros.
S. Thomé.
India.
Macau.

CAPITULO VI

Adivinhos, curandeiros, feiticeiros, idolos, encantações e provas judiciaes

CAPITULO VII

Aguas minero-medicinaes das regiões quentes portuguezas

CAPITULO VIII

Grupos de diagrammas sobre o Ultramar medico Portuguez

I

Principaes factos de paludismo agudo nas differentes colonias portuguezas, registrados pelos medicos do serviço de saude, desde 1875 a 1881.

II

Movimento dos navios no porto grande da Ilha de S. Vicente, no archipelago de Cabo Verde; doenças que dão causa a quarentenas, policia sanitaria, maritima e terrestre em cada povoação maritima colonial.
Policia sanitaria, maritima e terrestre em cada povoação maritima colonial.

III

Regimen morbido e linha evolutiva, mensal, da morbidez na cidade de Loanda.
Regimen necrologico e linha evolutiva, mensal, da mortalidade na cidade de Loanda.
Regimen necrologico e linha evolutiva, annual, da mortalidade na cidade de Loanda.
Regimen das febres palustres na cidade de Loanda, e linha evolutiva, mensal, do paludismo e das suas manifestações intermittentes.
Regimen do paludismo em geral, e o das doenças dos apparelhos cutaneo, digestivo e respiratorio na cidade de Loanda.
Regimen do paludismo agudo e chronico e linha evolutiva, por cada mez, das doenças e do paludismo em geral.
Regimen thermico, por mezes, na cidade de Loanda.
Regimen morbido da população da cidade de Loanda, morbidez em geral, mortalidade por mezes e por annos, regimen das febres palustres e suas mais inteiras relações com as doenças dos differentes orgãos e apparelhos e com a temperatura que se observa na cidade.

IV

Frequencia relativa das dysenterias e das febres palustres nas nossas provincias ultramarinas.

INDICE DOS CAPITULOS DO TOMO I E SEU ADDITAMENTO

ADDITAMENTO

ADVERTENCIA

O que vae lêr-se é um mixto de compilações e trabalhos originaes, convergindo tudo a vulgarisar, sob o ponto de vista medico-historico-natural, o conhecimento das nossas Possessões Ultramarinas, principalmente junto dos alumnos da Faculdade de Medicina e das Escolas Medico-Cirurgicas, aos quaes se pretende, por esta sorte, despertar, a tempo, o gosto pelo estudo da materia medica e therapeutica das regiões quentes, onde muitos d'elles teem necessariamente de passar boa parte da sua existencia.

A parte *Sciencia, Trabalhos* e *Observações,* etc., é a compilação de fragmentos do que medicos dos quadros de saude do Ultramar Portuguez, ou navaes, botanicos, agronomos, exploradores africanos, etc., escreveram, com a sua competencia profissional, relativamente á therapeutica indigena, a um ou outro caso de pathologia africana, á sua botanica, á sua zoólogia, á sua meteorologia, á sua ethnographia, etc.

A preceder o *Catalogo das plantas medicinaes* de cada uma das nossas Possessões Ultramarinas parece-nos que nada se poderia melhor intentar, para d'estas dar — interessando a therapeutica e sciencia historico-natural — uma idéa exacta, authentica e de grande valor, que fazer reviver a parte principal, para o nosso caso, de relatorios officiaes, alguns já hoje não muito lembrados, ou, antes, esquecidos por completo, bem como a de outras valiosas publicações, algumas difficeis de se encontrarem — firmado tudo por vultos, a muitos dos quaes a sciencia deve bastante, e que honraram immenso Portugal com os seus trabalhos nas regiões quentes, onde consumiram não pouco tempo de vida,

e inclusivè arruinada foi a sua saude, como, por exemplo, aconteceu ao dr. Garcia da Orta e ao dr. Welwitsch.

O *Catalogo das plantas medicinaes*, etc., trabalho original, registra um grande numero para cada uma das nossas Provincias Ultrama rinas, das quaes sobresaem, todavia, em determinações, a India, Cabo Verde, Angola, S. Thomé e Principe e Timor, consequencia logica do maior numero de elementos de estudo a seu respeito.

A parte intitulada *Materia medica colonial*, etc., é o estudo de cincoenta plantas medicinaes, cujo *habitat* é o nosso Ultramar, sendo, porém, escolhidas, de proposito, das que pertencem á flora medica da provincia de Cabo Verde, e o da *Kola* e *Strophantus*.

O *Formulario medico-indigena*, annexo, registra um certo numero de formulas, umas completamente indigenas e só por estes empregadas, outras em que entram drogas indigenas, mas usadas por medicos.

A provincia de Cabo Verde, onde nós residimos ha dez annos [1] e temos herborisado em quasi todas as ilhas, enviando para o herbario da Universidade de Coimbra centenas de exemplares botanicos, cuja determinação, em parte, foi publicada no *Boletim da Sociedade Broteriana* (VII, 1889), e formado para nós proprio um pequeno herbario que se eleva a mil e trezentas plantas [2], não devia exhibir-se, em publico, mais pobre, em noticias, que as suas irmãs do Ultramar.

---

[1] Na actualidade (setembro de 1902) pode-se dizer que ha 19 annos que conhecemos a Africa Portugueza, e que, de *residencia seguida*, contamos o periodo que vae desde janeiro de 1887 (2.ª vez que viemos) até agora, isto é, *quasi 16 annos seguidos*, sem ter tornado a vêr a nossa querida Patria, e *mourejando* sempre em serviço d'esta!

Praia, 16 de setembro de 1902.

João Cardoso, Junior.

[2] Este herbario tinha attingido, no anno de 1897, o numero de exemplares superior a 5:000 *(cinco mil)*. Offerecemol-o em 1900 ao Governo de Sua Magestade, que se dignou acceital-o, seguindo para Lisboa no principio de outubro d'esse mesmo anno. (Nota n.º 20, datada de 10 de janeiro de 1901, firmada pelo chefe do serviço de saude de Cabo Verde e Guiné, dirigida á Secretaria Geral do Governo da Provincia de Cabo-Verde.)

Praia, 16 de setembro de 1902.

João Cardoso, Junior.

Por esta razão se reproduz, correcta e augmentada, a noticia que demos no n.º 2 do tomo IV da *Revista dos Estudos Livres*.

Nos *Subsidios* citam-se numerosas auctoridades medicas estrangeiras que, no estudo das drogas medicinaes dos climas quentes, teem trabalhos importantes, dos quaes se fazem referencias; mas na *Bibliographia Colonial Portugueza* revivem-se os nomes de uma legião toda de obreiros portuguezes, apontam-se-lhes as obras e diz-se d'elles o sufficiente para os não deixar passar desapercebidos, mas antes lhes fazer incidir as attenções de todos os que se importam, realmente, com as coisas do Ultramar Portuguez.

Ilha de Santo Antão, novembro de 1893.

João Cardoso, Junior.

INTRODUCÇÃO

A *Materia medica colonial* será, n'um futuro proximo, a que está destinada a fazer, na therapeutica dos povos civilisados, uma grande revolução.

Quando isto se der, e necessariamente ha de dar-se, que á evolução nada serve de estorvo, Portugal continental será beneficiado por uma economia de muitos e muitos contos de réis.

Concorrer pois desde já, e por todas as fórmas possiveis, para nos encaminharmos a esse *desideratum*, e apressar-lhe a marcha, impondo-se a si proprios, todos os que podem fazel-o, novos estudos e experiencias novas, abraçando gostosamente, em toda a sua vastidão, o campo da observação, embora em regiões quentes, onde se tem de luctar com o clima e variadissimas circumstancias que são, quasi sempre, tantos outros factores da falta de estimulo ao trabalho aturado, de grande folego, de largas vistas, é um dever — pelo menos assim se nos afigura — de todo o bom filho de Portugal, a quem não pode deixar de doer a crise medonha por que o seu paiz, o solo de antepassados tão nobres, de tradições dignas de serem imitadas e servirem de lição proveitosissima, está passando hodiernamente.

Pela natureza do logar que na provincia de Cabo Verde exercemos, fomos levados, ao passo que herborisavamos em differentes ilhas do archipelago, nas quaes residiamos mais ou menos tempo, ou pelas quaes transitavamos, a investigar as applicações que os naturaes faziam, e fazem, de muitas das suas especies.

E, á medida que avançavamos n'estas nossas investigações, maior

e mais curioso se nos desenrolava o campo da observação e experiencia, o qual tinha a engrandecel-o, poderosamente, o conhecimento de que muitos funccionarios publicos, estrangeiros, com lustre para si e para o seu paiz, e beneficio para a humanidade, que um dia lhes ha de fazer a apotheose, como iniciadores de uma serie de trabalhos importantissimos, nunca perderam, nem perdem ainda hoje, todos os ensejos que as suas posições officiaes no Ultramar lhes fornecem, para se entregarem a tão curiosos como importantes estudos e trabalhos.

Com insistencia e cuidado teem proseguido, modernamente, os estrangeiros, nas suas colonias, os estudos e investigações sobre drogas medicinaes indigenas.

Do meado do seculo XV datam, porém, entre nós, Portuguezes, as referencias, as noticias e a descripção de muitas drogas e especies medicinaes.

E aos trabalhos de grande valor scientifico, que aquelles podem exhibir, opporemos, nós outros, com *prioridade* e orgulho nacional bem entendido, *Os coloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India,* de Garcia da Orta; as noticias de Thomé Pires e de tantos outros portuguezes; a *Flora da Cochinchina,* de João Loureiro, e a exploração de Welwitsch, na provincia de Angola; as notas e trabalhos que d'aquella dimanaram, e a exploração da ilha de S. Thomé pelo sr. A. Moller.

Como a tradição sagrada de avós nos incita sempre a proseguir em todos os commettimentos grandiosos, lá trazemos ha bastantes annos pelos sertões de Africa (que de certo se lembram ainda, com saudade, de Silva Porto, e que teem sido visitados pelo dr. Lacerda, Capello e Ivens, Henrique de Carvalho e tantos outros), Anchietta, da missão do qual pode dizer, com verdadeiro conhecimento, o dr. J. Vicente Barbosa du Bocage, e, por differentes regiões ultramarinas, individualidades como Gomes da Silva, chefe do serviço de saude das provincias de Macau e Timor, e F. Newton, os quaes teem tido a aprecial-os nos seus trabalhos o dr. Julio A. Henriques.

Na pleiade de missionarios da sciencia *(d'estes é que devem vir, em grande numero, para as regiões Ultramarinas Portuguezas),* em terras quentes, não pertencentes a Portugal, destacam-se, come aliás é natural, medicos e pharmaceuticos.

Entre nós varias publicações, e especificadamente as *Estatisticas medicas dos hospitaes das Provincias Ultramarinas,* os *Archivos medico-*

coloniaes, o *Boletim da Sociedade Broteriana*, o *Archivo de pharmacia e sciencias accessorias* e o *Jornal de pharmacia e sciencias medicas* (India Portugueza), podem dar a nota de trabalhos realisados em todo o Ultramar Portuguez, desde Cabo Verde a Timor, pelas duas especies de funccionarios apontados.

Encerram as Possessões Ultramarinas riquezas naturaes sem numero, que a propria funcção civilisadora de Portugal exige sejam estudadas e exploradas convenientemente, fazendo-as entrar, sem demora, na esphera da utilidade social.

D'estas riquezas, e na parte que interessa á pharmacologia e therapeutica, umas acham-se já mais ou menos estudadas, e os estudos que sobre ellas ha devem servir de incentivo, e de certo servirão, a estudos e investigações de maior folego; outras, porém, não passam, ainda hoje, do conhecimento dos naturaes, que, sem instrucção e muito menos possuidores de conhecimentos proprios especiaes, as vão empregando ousadamente (quantas victimas teem feito!), já porque uma ou outra especie ou droga, n'um ou n'outro caso, sortiu bom effeito; já porque os seus maiores faziam uso d'ellas; já, principalmente, porque os curandeiros *(de que ha varias especies pelo nosso Ultramar fóra)* com ellas *quebram feitiços e sabem curar o que os doutores brancos não sabem*, etc.

Foi prodiga a natureza nos climas quentes em especies medicinaes, e tão prodiga que bem não sabemos que mais admirar, se o numero se a qualidade.

Pelo trato d'esta materia chega-se até a fixar muitas d'estas especies.

Para o correlativo aproveitamento devemos fazer convergir todas as nossas attenções, bem como estabelecer, desde já, alguns agrupamentos, á falta, entre nós, de uma classificação therapeutica de todas essas drogas medicinaes.

Em Cabo Verde, e por todo o Ultramar, que tanto custou a formar aos nossos antepassados, e *que nos estão levando agora aos boccados*... é curiosissima a *therapeutica negra* ou a *medicina indigena*.

Estudar toda esta materia, tanto quanto nossas forças, tempo de que podemos dispôr e elementos que possuimos, a muitas milhas da mãe-patria, permittem; coordenar tudo quanto nosso conhecido e que, podendo interessar á *Materia medica* do Ultramar Portuguez, anda disperso por muitissimos trabalhos e noticias, annexando a tudo isto o pro-

ducto dos nossos proprios estudos e investigações, durante já uma residencia de dez annos no archipelago de Cabo Verde, pareceu-nos tarefa, embora espinhosa, util e cheia de incentivos para os que, de futuro, com melhores cabedaes *e protecção official*—a qual, digamos de passagem, convictamente, e por experiencia propria, *porque a não temos tido (!)*, se torna indispensavel para remover difficuldades e facilitar o caminho em trabalhos como o nosso — porém jámais com maior desejo de ser util a Portugal, queiram continuar a obra modesta á qual hoje lançamos os alicerces, por nós proprios, e *sem auxilio algum*, ousadamente, mas fortemente amparados pela nossa força de vontade.

Rebello da Silva, que conseguiu deixar ligado, em administração publica, quando ministro da marinha e do Ultramar, o seu nome a importantes reformas de serviços ultramarinos, disse, com fino criterio, do que ainda hoje, *passados vinte e tres annos (!)*, anda, infelizmente, despresado, esquecido ou ignorado, pelas nossas regiões quentes, aliás tão cubiçadas de estrangeiros e tão pouco cuidadas por nós proprios Portuguezes:

«Os dilatados territorios que constituem as provincias ultramari-
«nas não só representam as memorias gloriosas de conquista e de co-
«lonisação que as uniram á corôa portugueza, como encerram em si
«valiosos elementos de riqueza e de prosperidade, que, aproveitados,
«hão de assegurar-lhes dentro de poucos annos e á metropole longos
«e solidos desenvolvimentos.»

(Relatorio apresentado ás Côrtes em 26 de abril de 1870.)

Que este nosso trabalho tenha, de facto, a força de concorrer para despertar, em beneficio de Portugal, a realisação immediata de longos e solidos desenvolvimentos, pela exploração das suas riquezas naturaes no Ultramar, e dar-nos hemos compensados das fadigas que tivemos.

Cabo Verde, 1892-1893.

João Cardoso, Junior.

CAPITULO I

Agrupamentos para a classificação thêrapeutica das plantas medicinaes do Archipelago de Cabo Verde

> Campegius en 1500; Jean Prévost, professeur de médecine à Padoue, en 1600; Jean Beverovicius, médecin hollandais, en 1630; Thomas Bartholin dans sa médecine danoise; Tabernæmontanus en Allemagne; Garidel d'Aix; Antoine Constantin, auteur de la *Pharmacopée provençale*, démontrèrent et prouvèrent que, sans emprunter des secours étrangers, on peut en tout pays guérir les maladies avec les remèdes tirés de plantes qui y croissent.
>
> BODARD.

Aphrodisiacos

> Aujourd'hui que les études botaniques et chimiques ont dépouillé la matière médicale de tout ce qu'elle avait d'inutile et de pernicieux, on peut se servir sans crainte des substances désignées comme aphrodisiaques, à l'exception de quelques unes qui ne doivent être prises que sous la direction du médecin.
>
> DEBAY.

Hibiscus subdariffa (sementes).
Bromelia Ananas.

Antiscorbuticos

> Les modifications de la vie humaine sont partout.
>
> BROUSSAIS.

Mangifera indica.
Sissymbrium nasturtium.

Aperitivos

> Dans toutes les classes d'agents thérapeutiques pris dans la matière médicale, ou hors d'elle, on trouve de nombreux moyens d'augmenter la sécrétion des reins.
>
> TROUSSEAU et PIDOUX. *Traité de thérapeutique et de matière médicale.*

Sonchus oleraceus.
Melia Azedarach.

Antispasmodicos

> Chaque pays a ses produits.
>
> Buffon. *Hist. Nat.*

> Nitimur in vetitum... cupimusque negata.
>
> Horacio.

Boerhavia diffusa.
Citrus aurantium.
Cassia occidentalis.
Momordica Charantia.
Psidium pomiferum.

Adstringentes

> Nous sommes persuadés que les officiers de santé s'empresseront de remplacer les remèdes exotiques par les indigènes, dans tous les cas où cela sera possible.
>
> *Formulaire à l'usage des Hôpitaux militaires.*

Acacia albida (casca).
Anacardium occidentale (casca).
Musa paradisiaca (seiva e succo dos botões floraes).
Mangifera indica.
Malphigea urens.
Psidium pomiferum.
Spondias lutea.
Sapindus saponaria.

Antisyphiliticos

> Nous affectons d'éloigner nos productions indigènes de la matière médicale, parce que dit-on, le succés n'a pas répondu à leur réputation. D'où vient cette divergence dans l'opinion des auteurs sur les produits des végétaux? Par quel hasard voit-on des praticiens dédaigner et proscrire même celles dont les vertus sont constatées par l'expérience, tandis que d'autres leur prodiguent des éloges exagérés?
>
> Bodard.

Anacardium occidentale (pedunculo do fructo).
Calatropis procera (succo).

Anticephalgicos

Anethum fœniculum.

Anticonvulsivos

Psidium pomiferum.

Antidysentericos

Euphorbia hypericifolia.
Ximenia americana.
Mangifera indica.

Amargos

Nous ne faillirions en rien, si, à l'imitation de la nature, nous employions pour la restauration de la santé les remèdes qu'elle a produits, et quasi en un même lieu et en même ventrée engendrez avec les maladies.

ANTOINE CONSTANTIN. *Brief Traité de la pharmacie provinciale et familière.*

Parthenium hysterophorus.
Guilandina bonduc (folhas).

Anthelminthicos

... Il est vrai que l'homme n'attache de prix aux choses qu'en raison de la difficulté qu'il y a de les obtenir. Au reste, il est le même dans tous les pays; car, tandis que nous envions le *kina*, le *rhubarbe*, le *ginseng*, le *thé*, le *cachou*, le *ninsin* de la Chine et du Japon, le Chinois, le Japonais et le Tartare, nous envient tellement la *petite sauge* (*Salvia officinalis* L), qu'ils ont long-temps donné aux Hollandais trois caisses de *thé* pour une caisse de cet aromate.

BODARD.

En thèse generale, tout agent stimulant ou violemment perturbateur peut être vermifuge.

MOTTET.

Melia Azedarach.
Cucurbita Pepo (sementes).

Punica granatum.
Carica Papaya (succo do fructo e da raiz).
Parthenium hysterophorus (folhas).
Calatropis procera (succo).

Calmantes

Solanum mammosum.
Crescentia Cujete (fructo).

Depurativos

Mangifera indica.
Crescentia Cujete.

Drasticos

A défaut d'un agent exotique réputé important, il nous sera toujours facile de présenter un agent indigène de même portée médicatrice.

MOTTET.

Colocynthis citrullus.
Jatropha Cuscas.
Hura crepitans (sementes).

Diureticos

Certe nisi ex India aromata tanto mercatorum concursu peteremus, mare pauciores classes experiretur, rariusque inter se corriviales certarent quasi alterae heleneae procantes. Sicut canes inter se de ossibus certant et dentes acuunt, ita nos inquietus stomachus cruciat ut de escâ seu bellaris peregrinis maria et terras commoveamus.

. . . Beatiores coloni, de peregrinis non cogitant!

(BARTHOLIU. *De errore Dan.*)

Crescentia Cujete.
Physalis flexuosa.
Sida rhombifolia.
Cocus nucifera.
Anethum fœniculum.
Sesbania punctata.
Portulacea oleracea.

Anacardium occidentale.
Spondias lutea (energica).
Lantana Camera.

Estimulantes

> Advehentur illa (aromatica) magno crumenae, nostrae damno ex Judiis, sed majore sanitatis; nunc postquam tot onerariis navibus in Europam peregrina aromata invehuntur, multis millionibus argenti emungimur; et, quod dolendum! curentorum bellorum causae foventur.
>
> Ludibrium debemus (esse) justis de causis, mercatoribus et barbaris Judis, qui ditescunt ex nostro luxu insano, peregrinarumque mercium malaciâ.
>
> Th. Bartholiu. *De errore Danorum dissertatio.*

Coffea arabica.
Melia Azedarach.
Carica Papaya.
Sissymbium nasturtium.
Boerhavia diffusa.
Parthenium hysterophorus.
Rosmarinus officinalis.

Estimulantes e diureticos

Panicum dactylon.
Chloris radiata.
Acacia farnesiana (flores).

Estimulantes da secreção lactea

Ricinus communis.

Emeticos

> Imperitissimae gentes, herbas in auxilium vulnerum, morborumque noverunt.
>
> C. Cels.

Plumbago scandens (raiz).
Boerhavia diffusa.
Hura crepitans.
Argemone mexicana (succo).
Guilandina bonduc (sementes).

Emmenagogos

> Coeci ruimus in rerum remotissimarum amplexus, patriam ignarii et incurii.
>
> SCHEUCHZER.

Ageratrum conyzoides.

Emollientes

> Benedicite omnia germinantia in terra Domino: laudate et superexaltate cum in saecula.
>
> DANIEL, cap. III, verso 76.

Linum usitatissimum.
Phoenix dactylifera.
Triumfetta lappula.
Arachis hypogœa (sementes).
Hibiscus subdariffa (folhas).
Portulacea oleracea.
Cactus opuntia.
Musa sapientum.
Musa paradisiaca.
Solanum tuberosum.

Febrifugos

> Ceux de Liége s'émerveillent des eaux de Luques et les Toscans ne font pas moins de cas des eaux de Spa.
>
> MONTAIGNE.

Aloe vulgaris.
Cesalpinia pulcherrima (raiz).
Punica granatum (casca da raiz).
Melia Azedarach.
Citrus aurantium (casca).
Lantana Camara.
Guilandina bonduc.
Crescentia Cujete.
Cassia occidentalis.
Psidium pomiferum.
Boerhavia diffusa.
Momordica charantia (fructos).

Hemostaticos

Chenopodium ambrosioides.
Sapindus saponaria.

Maturativos

Melia Azedarach.
Musa sapientum.
Musa paradisiaca.

Narcoticos e estupefactivos

Lorsque les passions de l'âme portent un trouble général dans les fonctions du corps et excitent des mouvements désordonnés dans le système des nerfs, comme il arrive souvent chez les personnes attaquées d'affections hystériques, on a recours aux remèdes propres à ralentir le cours des esprits, et à suspendre pour un temps l'action trop vive du cerveau. Le premier remède en ce genre est le *suc de pavot*, qui, pris, en petite quantité, répand le calme et la gaité dans l'esprit; et, aussi efficace que cette plante qu'on appelle *Nepluthes*, qui avait la vertu de chasser la mélancolie, cause l'oubli de tous les maux.

WAN-SWIETEN. *Commentaires de médecine d'Hermann, Boerhaave.*

Papaver rhœas.
Physalis flexuosa.
Argemone mexicana.
Nicotiana tabacum.
Datura stramonium.

Ophtalmicos

Il est facheux de le dire, mais c'est chose vraie, le titre d'étranger est un droit à la prédilection; le titre d'indigène est un motif d'exclusion.

MOTTET.

Abrus precatorius.
Parthenium hysterophorus (succo).
Plantago major.

Odontalgicos

Acacia Farnesiana (decocto das folhas).

Peitoraes

Argemone mexicana.
Adiantum Capillus Veneris.

Purgativos

> Habitants de la contrée la plus richement fertile, toutes les autres devraient porter envie à notre position topographique, à la variété de nos productions territoriales, c'est nous, au contraire, qui semblons avoir quelque chose à leur envier. On dirait que, prodigue de ses dons pour les autres peuples, marâtre pour nous seuls, la Nature n'a jeté sur nous qu'un regard de réprobation; et le malade, imbu de cette pensée, envisage sa patrie comme une terre d'exil, les contrées lointaines comme autant de terres promises desquelles seules il doit attendre son salut.
>
> (Mottet.)

Anacardium occidentale (raiz).
Aloe vulgaris.
Cesalpinia pulcherrima (folhas).
Cassia obovata.
C. occidentalis.
C. fistula.
C. sibieriana (raiz).
Citrus aurantium (polpa do fructo).
Convolvus maritimus (raiz).
Crescentia Cujete.
Bromelia ananaz (pó da raiz).
Ricinus communis.

Sudoriferos

> Toutes les fois que la chose est possible, sans nuire au but principal, il faut préférer les moyens qui coûtent peu à ceux dont le prix est élevé, et les remèdes indigènes à ceux des pays lointains. Diminuer les frais ou au moins ne pas les accroitre sans nécessité, contribue à alléger le mal dont on entreprend la cure, et il est du devoir d'un bon citoyen d'épargner à l'état de payer des impôts à l'étranger. Il y a de la cruauté à négliger ce soin chez les personnes peu fortunées, et, en leur donnant la vie, à leur enlever les moyens de vivre.
>
> JOURDAN, *Hufeland.*

Anona muricata.
Anacardium occidentale.
Boerhavia diffusa.
Lantana Camara.

Suppurativos

Momordica Charantia.
Sida rhombifolia.

Tonicos

Guilandina bonduc.
Cinchonna suc.
Anethum fœniculum.
Melia Azedarach.
Citrus aurantium (folhas).
Hibiscus subdariffa (raizes).
Boerhavia diffusa.

Temperantes

> Scire potestates herbarum, usumque medendi.
>
> VIRG.

> Antoine Constantin, dans son brief traité de la pharmacie provinciale et familière, démontre que chaque province produit les remèdes dont ses habitants peuvent avoir besoin, sans qu'on soit obligé de les aller chercher ailleurs. Le tout est de les connaitre et de savoir s'en servir.
>
> MOTTET.

Spondias lutea.
Citrus aurantium.

Anona muricata.
Cucurbita citrullus.
Anona squamosa.
Bromelia ananaz.
Tamarindus indicus.

Vesicantes e causticos

On ne saurait trop se méfier de la *cantharide* et de son action sur l'économie. Les *cantharides* vermoulues ne donnent lieu qu'a une vésication légère : les *cantharides* saines sont beaucoup plus véhémentes; le retentissement des unes et des autres sur le système nerveux est donc proportionnel à leur état d'intégrité, de nouveauté ou de vétusté.

Et, en égard aux résultats dont le point de départ est dans l'appréciation des spéculations commerciales (à part, si l'on veut les appréciations thérapeutiques), le plus sage est de dire:

In dubio abstine.

MOTTET.

Anacardium occidentale (oleo).
Guilandina bonduc (pó).

Vulnerarias

Le public applique ces médicaments à tort et à travers, sans en apprécier l'opportunité.

(DR. DUPASQUIER.)

Lantana Camara.

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

CAPITULO II

Agrupamentos para a classificação therapeutica das substancias ou drogas medicinaes do Ultramar Portuguez

> Dans les regions intertropicales, sous les tropiques et même sous l'équateur, dans ces régions qu'incessamment inonde de ses rayons brûlants un soleil dont jamais aucun nuage ne tempère l'agression dévorante, à ce ciel de feu, à cette insolation, qui exagérant l'activité de certains phénomènes organiques, qui, surtout, exagérant les fonctions de la peau, prive en quelque sorte le sang de la fluidité, aridifie les muqueuses, plonge l'économie dans un état de langueur indisible, de *collapsus complet*, l'homme trouve de précieuses ressources dans certains produits inhérents au sol qu'il foule, produits à la fois toniques par les principes extracto-résineux, amarescents ou styptiques, excitants par leurs principes *oleo-essentiels*, aromatiques ou benzoinés; il en trouve surtout dans les fruits acidules et succides, sucrés et féculents: les uns agents d'animation, les autres agents tempérants et réparateurs dont la nature est prodigue pour lui.
>
> MOTTET.

Anthelminthicos

> ... Summo in errore illos versari qui non nisi peregrina et longè petita, atque idcircò cara medicamenta et commendant et omnibus prescribunt.
>
> FERNEL.

Anserina.
Arvore da seda.
Ananaz.
Amendoa de coco.
Coloquintidas.
Papayeira.
Romeira.

Antiscrofulosos

Oleo ou azeite de gata (peixe).
Oleo ou azeite de baleia.

Adstringentes

Amendoeira *(Terminalia Catappa)* das Antilhas.
Areca.
Figueiras.
Goiabeira.
Kinos.
Maçã de caju.
Mangostaens.
Saponaria *(Sapindus saponaria)*.

Antivenereos

Cubebas.
Salsaparrilha.

Antiscorbuticos

Laranjas.
Limões.

Aphrodisiacos

Canella.
Ananaz.

Antispasmodicos

Assafetida.
Anzerina.
Ambretta.
Anileiro.
Camphora.
Goiabeira (folhas).
Laranjeira.

Antiophtalmicos

Emollientes.
Jéquirity (abrus precatorius).

Convulsivos

Noz vomica.

Detersivos

Bananeiras (succo).

Diureticos

Ananaz.
Anileiro.
Agave.
Calabaceira.
Cola.
Funcho.
Salsaparrilha.

Esternutatorios

Cravo da India.
Tabaco.

Emollientes

Utere lactucis et mollibus utere malvis.
MARTIAL.

Amarantos.
Azeite ou oleo de palma, de amendoim, etc.
Assucar.
Linho.
Gommas.
Gombo (abelmoschus esculentus).
Malvaceas (diversas).
Tamareira.

Estimulantes

Anileiro.
Balsamo de S. Thomé.
Café.
Cacau.
Cardamomo.
Canella.
Cola (ou Kola).
Goiabeira.
Gengibre.
Moschada (noz).
Tamareira.
Vinho de palmeira.

Emmenagogos

Açafrão.
Artemisia.
Aloes.

Emeticos

Argemona.
Bonduc.
Ipecacuanha.
Herva do diabo.

Expectorantes

Balsamo de S. Thomé.
Ipecacuanha.

Irritantes

Agave (succo das folhas).
Bonduc.
Dentilaria (plumbago scandens).
Euphorbios (diversos).
Oleo de acaju, etc.

Hemostaticos

Herva de S.ta Maria (Chenopodium ambrosioides).
Paullinia africana.
Saponaria.

Purgativos

Aloes.
Canafistula.
Calabaceira (polpa).
Cassias.
Gomma gutta.
Momordica.
Purgueira.
Ricino.
Tamarindeiro.

Sudoriferos e depurativos

Anonas.
Arvore da seda.
Gomma gutta.
Lagrimas de Job (coïx lacryma).
Patagonella-valeriana.
Sandalo.

Temperantes

> Et aït: germinet terra herbam virentem et facientem semen, lignum pomiferum fructus juxta semen suum... et vidit Deus quod esset bonum.
>
> GEN., cap. I, vers. 11 e 12.

> Hic dulces cerasos, hic autumnalia poma.
>
> PROPERCIO.

> Cornaque et in duris nascentia mora rubetis.
>
> VIRGILIO.

> Hic pruna, hic granatum malum et dulcia pyra
> Hic que ribes variae laudantur et uva suavis.
>
> ANON.

> Hic quoque divino spumantes nectare ficus.
>
> RAP.

Fructos acidos e acidulos (numerosos).
Limões.
Laranjas.
Mangostaens.

Tonicos

> Usus œconomicos nos debui praeterire, cum hic sit finis primarius botanicae, et ex regno vegetabili plera commoda hominibus proveniunt.
>
> JOÃO LOUREIRO.

Alcoolicos.
Azadiratcha Indica (febrifuga).
Arowoot.
Acaju.
Baobab (amargo e febrifugo).
Café.
Cacau.
Coca.
Canella.
Fecula de mandioca.
Guilandina bonduc (folhas).
Leite.
Macata ou flor do paraizo (poinciana pulcherrima: febrifuga).
Moschada (noz).

Papaya (succo).
Parthenium hysterophorus.
Quassia.
Quinas (diversas especies).

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

CAPITULO III

Drogas medicinaes das regiões quentes Portuguezas

Quaere et invenies.

Amido.
Aguas minero-medicinaes (diversas).
Araroba.
Abutua branca.
Açafrão.
Arow-root.
Alcool.
Aguardente.
Alcaçuz.
Alcaparra.
Anacardo.
Aloes.
Assafetida.
Belfol.
Bel fructa.
Balsamo de S. Thomé.
Benjoim.
Camphora.
Cardamomo.
Cuddó branco.
Calamo aromatico.
Cola.
Café.
Cacau.
Cascas (diversas).
Cera.
Canella.
Canafistula.
Calumba.
Cubebas.
Cravo.
Eleusina.

Enxofre.
Estramonio.
Folhas (diversas).
Fructos (diversos).
Gengibre.
Gossurongo.
Gomma arabica.
Gomma gutta.
Gomma copal (branca, amarella e vermelha).
Gommas resinas.
Ipecacuanha.
Iporçal.
Jagra de assucar.
Kirata.
Kinos (diversos).
Mendobi.
Mel de abelhas.
Mel de canna.
Manteiga de cacau.
Noz vomica.
Noz moschada.
Opio.
Oleos (diversos).
Poinchivalle.
Pimenta.
Pós (diversos).
Petroleo.
Quassia.
Quinas (diversas especies).
Rhuibarbo.
Rogtá rogro.
Resinas (diversas).
Raizes (diversas).
Soco.
Sabão vegetal.
Sangue de drago.
Salsaparrilha.
Sandalo.
Tetapy.
Tabaco.
Vinhos (diversos).
Vinagres de *surá* (succo de palmeira), de cajú, de goiaba, etc.

Alcooes e Aguardentes

QUALIDADES	PROCEDENCIAS
Alcool de vinho (70°)	S. Thomé.
— de caju	» e Goa.
— de canna	»
Aguardente de Caju	Damão, Goa, S. Thiago.
— de Zimbrão	S.^to^ Antão.
— de canna	Damão, Mossamedes, Benguella, Cabo Verde, Cacheu, Moçambique.
— de palmeira	Goa, Bardez, S. Thomé, Moçambique.
— de cidra	S. Thomé, S.^to^ Antão.
— de vinho de judeu	Diu.
— de coqueiro	S. Thomé.
— de laranja	S.^to^ Antão, S. Thiago.
— de canna de belgata	S. Thiago.
— de palmeira brava	Goa.

Cascas

ESPECIES	LOCALIDADES
Casca de Mucumbo[1] (genero Spondias).....	Florestas virgens dos districtos montanhosos de Angola.
—de Molungo[2] (Erythrina suberifera)......	Districtos interiores de Angola, Cazengo, Golungo Alto, Ambaca, etc.
—de Mulôlo[3] (Bauhinia reticulata)........	Districtos montanhosos de Golungo Alto e limitrophes. Moçambique.
—de Mubango[4] (Grupo das Crotoneas).....	Sitios um tanto aridos dos districtos de Ambaca e Golungo Alto.
—de Mussengue[5] (Familia das Cedrelaceas).	Districto de Golungo Alto.
—de Musoso[6] (Entada abyssinica).........	Sitios pedregosos do Golungo Alto.
—de Bengue d'óbó	Ilha de S. Thomé.
—de Salambá	»
—de Untuem (arvore)....................	»
—de Vum-Vum (arvore)..................	»
—de Sequené (arvore)	»
— de Omêmê (arvore)	»
—de Marimbóque (arvore)................	»

[1] O decocto é empregado pelos indigenas contra as ulceras escorbuticas da bocca, e outros padecimentos causados pelo escorbuto (Welwitsch).

[2] O decocto da casca (e o da raiz), é reputado pelos indigenas, como remedio efficaz na syphilis secundaria, sob a fórma de cosimento, attribuindo-lhe as mesmas virtudes que o cosimento de salsaparrilha (Welw.).

[3] É, geralmente, empregada para cosimentos adstringentes, em casos de febres intermittentes, doenças exanthematicas, e para limpar ulceras, e n'este ultimo caso, posso eu affirmar, por experiencia propria, a grande efficacia de Mulôlo. Contem esta mesma casca uma materia colorante, côr de canella (Welw.).

[4] O cosimento d'esta casca é empregado pelos curandeiros indigenas como purgante drastico, ou por si só, ou em combinação com o cosimento de raizes de Mundondo (Welw.).

[5] Esta casca distingue-se entre todas quantas encontrei e examinei no interior de Angola, por seu sabor amarguissimo, e por isso, não posso deixar de o recommendar ao exame ulterior dos pharmacologos (Welw.).

[6] Empregam os curandeiros pretos o cosimento d'esta casca em varias molestias de peito, e principalmente contra tosses chronicas (Welw.).

Gommas

ESPECIES	LOCALIDADES
Gomma arabica...........................	Benguella, Bissau.
—de acacia.............................	S. Thiago.
—de caju................................	India.
—Bably..................................	»
—copal de Benguella.....................	Angola.
—copal de Zenza de Golungo.............	»
—de Tragacantho ou Alquitiri...........	»
—de Muance (genero Zygia)..............	»
—Mubango............................ .	»
—elastica..............................	Hungo, Golungo Alto.
—resina de mangueira..................	S. Thomé.

Oleos

ESPECIES	LOCALIDADES
Oleo de tartaruga	S. Thiago, Boa Vista, S. Thomé.
— de pepino	Tete.
— de Arachides ou de amendoim[1]	Loanda, Dondo, Zambezia, Moçambique.
— de coco	S. Thiago, Maio, Ambaca, Principe, S. Thomé, Bissau, Pondé, Inhambane, Zambezia, Mossamedes.
— de purgueira	S. Thiago, Boa Vista, S. Thomé.
— mineral	Timor, S. Thomé.
— de gergelim	Goa.
— de sementes de palmeira	S. Thomé, S. Thiago, Bissau, Cacheu, Principe.
— de castanhas de caju	Salsete.
— de baleia (ou azeite de)	S. Thiago, Boa Vista, Sal.
— de palmeira purificado	Dondo Grande, S. Thomé.
— de gata	S. Vicente e S.to Antão (ilhas).
— de ricino	S. Thiago, S. Thomé, Cacheu, Zambezia, Mossamedes.
— de dendem,[2] dendê, dendé (ou mestroze)	Ilha do Principe.
— de sementes de cardo santo	Ilha de S. Thiago.
— de ocá[3]	S. Thomé.
— de sáfú[4]	»
— de brindão	India.
— amargo	S. Thiago, Cacheu, Bissau.

[1] E extrahivel por meio de moinhos grosseiros, dos que se usam na India, e movidos por bois, em Moçambique. A industria é exercida pelos gentios.
[2] Usado em Angola, como remedio poderoso, contra a sarna (o azeite é extrahido da noz).
[3] O oleo é extrahido do caroço. Excellente para comida, ou luzes.
[4] Serve para comida, e é bom para illuminação.

Pós

ESPECIES	LOCALIDADES
Pó de Andropogon stypticus[1]	Huilla (sertão de).
— de Catete Bulla[2] (Tinnea antiscorbutica)..	Districto de Golungo Alto.
— de Tacula[3]	Angola.
— de Caseque (ou Caseco)[4]	Ambaca, Pungo Andongo, etc.
— de Pedra Pemba[5]......................	Districtos montanhosos de Angola.

[1] O pó das espigas d'esta graminea é empregada, geralmente, pelos indigenas d'aquelle sertão, como estyptico, nas hemorrhagias que se seguem depois do abuso das fumaças narcoticas de Riamba (Canhamo), e eu appliquei duas vezes, com bom resultado, uma ligeira infusão d'elle, em hemorrhagias do utero (Welwitsch).

[2] O pó das hastes tenras e folhas d'esta herva, tomado em substancia ou em infusão saturada, foi-me gabado, por vezes, pelos curandeiros pretos d'aquella região, como um dos mais efficazes remedios em doenças escorbuticas, mórmente da bocca. Eu não tive occasião de convencer-me dos effeitos salutares d'esta applicação (Welwitsch).

[3] É este pó a droga mais usada entre os indigenas de Angola, e considerada, geralmente, como a principal panacéa, na cura das suas enfermidades (Welw.).

[4] Applicam-no os curandeiros indigenas mórmente para unguentos tonicos, nas cephalgias nervosas e rheumaticas, quasi sempre misturado com o pó de pedra Pemba (Welw.).

[5] O pó d'este mineral que se encontra em muitos sitios dos districtos montanhosos e em alguns do litoral da provincia, representa um papel importantissimo na vida social e domestica dos indigenas do sertão de Angola, pois a maior parte dos remedios que os pretos applicam, são misturados com o pó de *Pemba;* os feitiços de variadissimas fórmas, enterrados na terra ou expostos em cavernas, consistem, sempre, na sua maior parte, em pó de *Pemba;* as varias pinturas (pontas, listas, circulos, etc.), que se observam nas caras e em outras partes do corpo dos pretos, são todos executadas com o pó da pedra de *Pemba;* finalmente, serve esta pedra pisada, tambem em substituição da cal, pois a maior parte das habitações dos regulos e mais abastados pretos, e não menos as dos colonos portuguezes, no interior da provincia, são caiadas com uma calda feita de pó de pedra de *Pemba* (Welw.).

Resinas

ESPECIES	LOCALIDADES
Resina de Acacia	Novo Redondo.
— de Mutete	»
— de Mucumbi	Districto de Bragança.
— de Mubafo[1] (Canarium edule)	»
— de Mubango	»
— de Marazião (ou Marapião)	S. Thomé.
— de Pterocarpus (arvore da familia das Leguminosas)	Sertão de Huilla e districto de Pungo Andongo.
— de Sorindeia trimera (balsamo de S. Thomé)	S. Thomé.

[1] Esta que alguns colonos portuguezes tambem chamam Gomma Elemi distilla, em grande quantidade, de incisões feitas no tronco da arvore *Mubafo* a qual se encontra nas florestas virgens dos districtos de Cazengo e de Pungo Andongo, e, com mais frequencia, no de Talamungongo e paizes limitrophes. Applicam os indigenas esta resina, que tem um cheiro aromatico particular, em fórma de emplastro para cura de feridas. O *Mubafo* pertence, conforme um exame preliminar que fiz de flores, ainda pouco desenvolvidas, a um genero visinho dos de *Cassurium* e *Dasylobus* da familia das Burseraceas, tão notavel pelo grande numero de arvores balsamiferas e resiniferas que abraça (Welw.).

[2] A resina que distilla, em abundancia, de incisões feitas no tronco, é de côr sanguinea, com um lustro particular, e é empregada pelos indigenas na cura das feridas; mas a maior parte que apanham levam aos mercados da costa, aonde a a vendem sob o nome de *sangue de drago* (Welw.).

Raizes

ESPECIES	LOCALIDADES
Raiz de Locotano	S, Thiago.
— de Canafistula	Guiné.
— de Belencufa	»
— de Manduco de feiticeiro	»
— de Calumba	Moçambique.
— de Alcaçuz	S. Thomé.
— de Libó[1]	»
— de Guinguenga[2]	Angola.
— de Mulongo[3]	» (Duque de Bragança).
— de Mussambale[4]	» » »
— de Abutua[5]	Golungo Alto, Cazengo e Dembos.
— do pau-alho	S. Thomé.
— do salambá	»
— do pau-ama	»
— do pau-fede	»
— da cata grande (arvore)	»
— da arvore gofe (ou gófe)	»
— mil homens	»

[1] Usa-se contra as febres, e substitue-se, em certos casos, pelas cantharidas.
[2] Posta em agua fria, transforma-se em bebida refrigerante.
[3] O decocto é usado, pelos indigenas, contra as colicas.
[4] Empregado externamente, o decocto, sobre as escrofulas.
[5] Empregada, pisada, e em decocto, contra as diarrheas, gonorrheas, e doenças syphiliticas, mordeduras de serpentes, e como sudorifera, nas constipações.

Vinhos

ESPECIES	LOCALIDADES
Vinho branco de uva	Ilha de S.to Antão.
— de matebeira	Novo Redondo.
— de caradamo	Bardez.
— de caju	» Salsete.
— de jambolão	» Cabo Delgado, Salsete.
— de laranja	S.to Antão.
— de amóras	Goa.
— de caranaans	»
— de ananaz	Salsete.
— de canna	»
— de manga	»
— de palmeira	Alto Dande, Benguella, Loanda, Novo Redondo.
— de palmeira, purificado	Dande Grande.

Vinagres

ESPECIES	LOCALIDADES
Vinagre de canna	S. Thiago, S.to Antão, Goa, Bardez, Salsete.
— de vinho branco	S.to Antão.
— de laranja	»
— de manga	Novo Redondo.
— branco	»
— de palmeira	Bardez, Salsete.
— de jambolão	Loanda.
— de Surá[1] (feito de succo de palmeira)	Moçambique.
— de caju	»
— de goiaba	»

[1] Substitue o vinagre de vinho.

João Cardoso, Junior.

CAPITULO IV

Sciencia, trabalhos e observações de Portuguezes em terras quentes

E

Catalogo de plantas medicinaes que se encontram nas diversas Possessões Ultramarinas Portuguezas

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antarctico e Callisto
Toda a costa Affricana rodeado;
Diversos Céos e Terras temos visto.
. . . .

Camões, *Lusiadas*, Canto 1.º, LI.

. . . .
Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agóra ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente
Que com tão forte peito navegais.
. . . .

Camões, *Lusiadas*, Canto 10.º, CXXXVIII.

I

CABO VERDE

A'quella Ilha aportámos que tomou
O nome do guerreiro Sant-Iago;
....
....
D'aqui, tanto que Boreas nos ventou
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assim deixámos
A terra onde refresco dôce achámos.

Lusiadas, Canto v, est. 9.

O Archipelago[1]

...Yet these apparenthy barren islands have associations of great interest and their examination yieldsboth pleasure and profit.

(Webb.)

Na zona tropical boreal, entre 14° 17′—17° 21′ latitude N., e 13° 43′ 56″—16° 16′ longitude O., meridiano de Lisboa (segundo os calculos de Vidal, Monteath, Owen e Mudge, os quaes corrigiram os anteriormente feitos por portuguezes, francezes e inglezes, e que apresentavam um erro de alguns minutos para léste), a uma distancia cerca de 80 milhas geographicas de Senegambia[2] e do Cabo Verde *(Hes-*

---

[1] Capitulo de um estudo que, ha annos, encetámos, sob a epigraphe *Materiaes para a Flora do Archipelago de Cabo Verde,* na *Revista dos Estudos Livres.* Correcto e augmentado.

[2] Deve-se chamar a attenção dos naturalistas e do governo portuguez para o estudo da historia natural da Guiné ou Senegambia Portugueza. Como amostra das riquezas naturaes que esta nossa possessão ultramarina encerra, citaremos, na

Secção botanica

Sterculia acuminata, Ximenia americana, Terminalia macroptera, Uvaria ethiopica, Sorghum vulgare, Trichillia prieurania, Strophantus laurifolius, Tetracera senegalensis, Typha latifolia, Oncoba spinosa, Heudelotia africana, Phillipea africana, Sesbania punctata, Polygala spicata, Linaria spartiotides, Grewia betulæ folia, Rhus tomentosa, Rhyncosia minima, Lannea acida, Lontharus flabelliformis, Adansonia digitata, Eriodendron anfractuosum, Canocarpus eracta, Bombax buonoporense, Diospyros dioica, Cratœva adansonii, Erioglossum clauriformus, Calypso Senegalensis, Artocarpus incisa, Chrysobolamus icaco, etc.; e na

Secção zoologica

Abelhas, Escaravelhos, Gafanhotos, Cantharidas, Aranhas (duas especies), Pyrilampos, Lagartos, Borboletas (especies varias), Cem-pés, Sapos, Escorpiões, Caracóes, Vespas, Moscardos, etc.;

Macacos (differentes especies e variedades), Bufalos, Camaleões, Cachorros, Ratos de Mangue, Serpentes (a *hiran-cego,* a *cobra-vidro,* a *aspide,* a *cobra lume,* a *linguana,* etc.), Hippopotamos, Hyenas, Onças, Pantheras, Leopardos, Jacarés, Gazellas, Chacoes, Gatos bravos, Lobos, Leões, Elephantes, etc.;

Jugudis (pertence á familia das aves de rapina), Grous coroados (Ardea Parvonea), Garças Reaes, Flamengos, Maçaricos, Ibis (tres especies), Papagaios, Periquitos, Pelicanos, Falcões *(Falco rufiscens, F. ruficollis, F. concolor),* Patos *(Anas Gambiensis* L., etc.), Cardeaes, Crithagora chrysophyra, Vidua paradisca, Vipua chrysonotūs, Ploceus biachypterus, Halcyon senegalensis, Halcyon rufiventer, Halcyon lycoanotis, Abutres, Melros, etc.;

Golphinhos verdadeiros, Cachalotes, Marsopas, Cavallos marinhos, etc.

perium Promontorium ou *Arsinarum Africæ,* assim denominado entre os romanos) que é a proeminencia mais occidental do continente africano, descoberta por Diniz Fernandes em 1443, demora no Oceano Atlantico o archipelago de Cabo Verde, cuja superficie é de 78 milhas geographicas quadradas, e a área de 53:380 kilometros quadrados. É composto de dez ilhas descobertas em 1446, (epocha em que se achavam cobertas de florestas de que hoje não ha sequer vestigios, e deshabitadas) que se estendem em fórma de meia lua, em que o lado convexo está voltado para o continente africano, e que, pela sua disposição physica, se dividem em dois grupos:

1.º — Ilhas de Barlavento, ou do Norte	S. Nicolau Santo Antão S. Vicente Santa Luzia;
2.º — Ilhas de Sotavento, ou do Sul	Sal Boa Vista Maio S. Thiago Fogo Brava;

ou, para melhor, em tres, assim formados:

1.º — N O	Santo Antão S. Vicente Santa Luzia S. Nicolau;
2.º — N E	Sal Boa Vista;
3.º — Meridional	Maio S. Thiago Fogo Brava;

e dos ilhéos Branco, Raso e do Rhombo (Grande, e de João Carneiro), e dos Passaros; do banco de areia ao S O. da ilha da Boa Vista, denominado Baixo de João Leitão, e do Baixo de Gallião, ao N. da ilha do Maio.

A maior largura d'este archipelago, d'éste a oeste, é de 53 legoas maritimas (de 20, ao grau), estendendo-se cerca de 450 legoas portuguezas (de 18, ao grau), ao S O. do cabo da Roca.

Os distinctos officiaes da marinha real britannica, já citados, elaboraram, concernente ao archipelago de Cabo-Verde, o seguinte

Mappa das latitudes N. e longitudes O., referidas ao meridiano de Lisboa

		Lat. N.	Lat. O.
Santo Antão	Ponta do Norte	17° 12′	16° 0′ 35″
	Oeste (Pão de Assucar)	17° 4′ 0″	16° 16′
	Ponta de Leste	17° 5′ 30″	15° 53′ 55″
	» Sul	16° 56′	15° 13′ 15″
S. Vicente	Mindello (Porto Grande)	16° 54′	15° 55′ 15″
Santa Luzia	Ponta da Praia dos Mastros	16° 49′	15° 41′ 30″
	» do Creolo	16° 46′	15° 36′ 15″
Raza	Ponta de Leste	16° 38′	15° 37′ 15″
S. Nicolau	Pedra da Enxova	16° 34′ 30″	14° 54′ 15″
	» dos Camarões	16° 42′	15° 15′ 35″
	» da Praia Branca	16° 38′	15° 21′ 15″
	» da Vermelharia	16° 28′ 30″	15° 13′ 15″
Sal	Pedra do Norte	16° 51′	13° 48′
	» Sul	16° 34′	13° 51′
	Cabeça de Leão	16° 41′	13° 51′ 45″
Boa-Vista	Ponta de N O	16° 13′ 20″	13° 50′ 55″
	» N E	16° 11′	13° 37′ 45″
	A Villa Sal Rey	16° 7′	13° 50′ 45″
	Ponta de Sul	15° 57′	13° 43′ 55″
	Baixos de João Leitão	15° 48′	14° 4′ 15″
Maio	Ponta Septentrional	15° 19′ 30″	14° 7′ 15″
	Porto Inglez	15° 0′ 30″	14° 8′ 15″
	Ponta Meridional	15° 6′ 40″	14° 5′ 15″
S. Thiago	Ponta do Tarrafal	15° 19′ 30″	14° 40′
	» de Leste	15° 0′ 30″	14° 20′
	Porto da Praia	14° 53′ 40″	14° 24′
	» Ribeira do Inferno	14° 58′ 30″	14° 38′
Fogo	Ponta Septentrional	15° 1′ 15″	15° 16′ 15″
	Villa de S. Filippe	14° 53′	15° 25′ 15″
Brava	Porto dos Ferreiros	14° 48′	15° 40′
	Ponta Brava do Sul	14° 17′	15° 36′

D'estas ilhas, conhecidas pelos antigos — entre estes, *Strabo, Ptolomeu*[1] e *Plinio,*[2] — por *Gorgonas,* as quaes entraram, por vezes, em lu-

[1] *Geograph. Enarrationis,* liv. 3: «...in sinu Hesperio, Hesperionceras, seu cornu extrema.»

[2] C. Plinii, *Naturalis Hist.,* liv. VI, cap. XXXI: «...Traditur et alia insula contra montem Atlantem et ipsa Atlantis apellata. Ab ea quinque dierum navi-

cta, por causa dos ataques dos estrangeiros (dos inglezes que se quizeram apoderar da ilha do Maio, em 1582 e 1592; dos francezes, em 1712; dos hollandezes, em 1622; e dos piratas, vindos do Brazil, em 1817)— a primeira, descoberta em maio de 1446, por uma frota de tres caravellas que, levando entre outros, extrangeiros,[1] o portuguez Vicente de Lagos, sahira de Sagres, sob a protecção do infante D. Henrique com o fim de descobrir terras, foi a ilha da Boa Vista, seguindo-se, logo, as do Sal, Maio, S. Thiago e S. Filippe.[2]

As outras ilhas foram exploradas por criados do infante D. Fernando.

Parte d'estas ilhas foram doadas a D. Affonso V que as doou, a seu turno, em 1460, a seu irmão D. Fernando; em 1489, foi doado todo o archipelago, por D. João II, ao duque de Beja. Além dos criados de D. Henrique e D. Fernando, foram as ilhas povoadas por muitas familias do reino, e criminosos, podendo-se citar, como primeiros donatarios e principaes povoadores de quem descendem as mais antigas familias do archipelago, Ayres Tinoco, Diniz Annes e Rodrigues Annes Travassos, e algum parente do genovez Antonio de Nolli.[3]

O archipelago entrou, completamente, sob a auctoridade immediata da corôa portugueza, sómente pelos fins do seculo XVII e metade do seculo XVIII. A população cresceu muito rapidamente. Em 1730, já S. Thiago[4] accusava 2:300 habitantes, e a ilha do Fogo 1:200. Embora tenha sido dizimada varias vezes,[5] o recenseamento, de 1878, da população da provincia, accusa 99:317 habitantes, na sua maior parte de côr.[6]

---

gatione solitudines ad Æthiopis Hesperionceras, inde primum circumagente se terrum ponte in occasum ac mare Atlanticum. Contra hoc promontorium Gorgades Insulae narrantur, Gorgonum quondam domus bidui navigatione distantes a continente, ut tradit Xenophon Lampsacenus.

Ponetravit in eas Hanno, Pœnonum Imperator, prodidtque hirta, fœminarumque corpora, viros pernicitate evasisse, duarumque Gorgonum cutes argumenti et miraculi gratia in Junonis templo possuit, spectasque usque ad Carthaginem captam...»

[1] Figurava no numero d'estes, Aluise da Cada Mosto, fidalgo venesiano.

[2] Estas ilhas encontraram-se despovoadas.

[3] Foi este que tomou posse do archipelago, em nome do Governo Portuguez.

[4] Foi povoada de escravos vindos da Guiné.

[5] Epidemias e fome.

[6] Em 1844 e 1851, a população do archipelago de Cabo Verde achava-se assim dividida:

1844	Habit.	1851	Habit.
S. Thiago	25:000	S. Thiago	21:646
Fogo	7:000	Fogo	5:615
Maio	2:200	Brava	3:990
Boa Vista	3:300	Maio	1:915
Brava	4:600	Boa Vista	3:331
S. Nicolau	7:200	S. Nicolau	5:418
Santo Antão	18:000	Santo Antão	13:587
S. Vicente	400	S. Vicente	340
Sal	600		

*
* *

A edade geologica do archipelago de Cabo-Verde é, approximadamente, terciaria, como as ilhas da Madeira, Açores, Tristão da Cunha, Canarias, Mascarenhas, Santa Helena, Ascensão, Sandwich, Galapagos, S. Paulo, Amsterdam, Juan Fernandez e Kerguelen.

As rochas, quasi em geral, são talhadas a prumo, altissimas, a ponto de se erguerem, principalmente para o interior das ilhas, a milhares de pés; por ellas se despenham, vertiginosamente, formando por vezes, cascata, de effeitos admiraveis, durante horas successivas e até dias, as aguas que, chegando até aos leitos dos valles ou das chamadas ribeiras, de ordinario seccas, tornam impossiveis ou difficeis as communicações e transito, no tempo das chuvas, por attingirem as proporções de torrente ou rio caudaloso, embora de pequena duração que arrasta diante de si tudo quanto encontra, indo desaguar no Oceano.

No caminho das montanhas, encontram-se verdadeiros abysmos e enormes soluções de continuidade que attestam a origem vulcanica do Archipelago.

Definem a estructura das rochas — *Basalto, teorite, trachyte, argilla* combinada com *ferro* ou com *hornblende, seixos schistosos, olivina, pyroxene, angite,* o *spath calcareo.*

Sobre ellas, mostram-se misturados, bancos de lava, basaltos, pedra pomes, pozzolanas, escorias, cinzas, lôdo, sendo raros os bancos calcareos, cujo maior existe na Ponta Leste de S. Nicolau.

As escarpadas rochas da Ponta da Bicuda (entrada do porto da Praia), mostrám, frisantemente, ter-se passado certo tempo, entre a formação das lavas inferiores e a da camada superior.

As ilhas mais montanhosas e em que é difficil pela sua confusão e desordem, achar-se um systema, são as de Santo Antão, Fogo e S. Thiago.

N'esta ultima — cortada por varias ribeiras cujas principaes são as da *Trindade,* de *S. Domingos,* dos *Leitões grandes,* dos *Leitões pequenos,* dos *Orgãos,* da *Cidade,* de *S. Francisco,* de *Monfaleiro,* da *Barca* e do *Engenho;* e á qual aportavam, outr'ora, a fim de refrescarem, os que demandavam longiquas paragens, podendo-se citar, entre outros, João Empoli, Thomé Lopes, Cabral, Vasco da Gama e o nosso immortal épico, Camões:

> Áquella Ilha aportámos que tomou
> O nome do guerreiro Santo-Yago;
> . . . .
> . . . .
> D'aqui, tanto que Boreas nos ventou
> Tornamos a cortar o immenso lago
> Do salgado oceano, e assim deixamos
> A terra onde refresco dôce achamos.
>
> *Lus.,* cant. v, est. 9.

— ha o chamado *Pico d'Antonia,* grande montanha conica, bastante aguçada, de 4:800 pés, acima do oceano, e da qual partem arestas que se confundem, formando systemas de montanhas, inteiramente isoladas, tendo de commum, sómente, o leve declive para o mar, e cujas principaes constituem os *Orgãos* — cordilheira de picos muito aguçados — e os *Leitões* — agrupamento de montes e outeiros, cortados de ravinas, em todas as direcções.

Esta ilha é constituida por *basalto,* e camadas bastante espessas de lavas, compactas, basalticas, e em fórma de prisma, por *olivina* e *pyroxene,* em abundancia; n'ella se encontra (como em Santo Antão), uma terra assás vermelha que não é senão producto da decomposição do *tufo vermelho* e do *basalto.* Uma cadeia de montanhas separa o concelho da Praia do de Santa Catharina. N'um e n'outro concelho, se observam valles ferteis, plantações de café, purgueira, canna saccharina, etc., jardins, terras onde se não vêem arvores, e outras em que se vê, claramente, a acção destruidora do machado indigena, e do gado que pasta livremente. O indigena destroe as arvores para fazer lenha que vae no dia seguinte vender ao *pelourinho,* á razão de 240 a 400 réis a carga!

Attesta a formação vulcanica d'esta ilha o contorno do porto da Praia, cidade que está assente n'uma planura de basalto e cuja altitude, referida ao preamar, dentro do porto, e ao nivel da Praça do Quartel, é de $28^m,28$.

No *Ilhéo* e na *Ponta das Bicudas,* bem como n'outros pontos, se mostram distinctos signaes de se ter seguido á formação ignea, embora com intervallo de seculos, a formação aquosa: a massa basaltica, em grande quantidade, alternada de fachas de substancias decompostas pelo fogo, argillas, areias, tufos, mostra-se a nú.

Existem ainda n'esta ilha, que offerece á navegação dois bons portos — o da Praia e o Tarrafal — conchas marinhas do littoral, muito recentes.

No porto da Praia, a variação da agulha é, approximadamente, de 16^o, e a preamar ás 6 horas, nas conjuncções da lua, sendo a maior differença entre a preamar e baixa-mar, nos sysigios dos equinocios, cerca de $1^m,9$.

A Ilha do Maio, a 40 kilometros E. de S. Thiago, é de origem vulcanica, como todas as outras do archipelago, não sendo, todavia, estranha á formação neptunina.

Mostra nos lava, mais ou menos antiga, estratificações e depositos marinhos, montes de configuração conica, collinas, areia preta de lava (como se observa na pequena collina denominada *Montinho de Lume,* e que dista meio kilometro do *Porto Inglez),* camadas horizontaes de gneis silicio-calcareo, constituindo o solo, em grandes extensões. É alguma coisa montanhosa, no interior, e para os lados do norte, e de altitude varia, nos seus differentes pontos.

A *Montanha do Fogo* é, n'esta ilha, uma elevação composta de areia, assás friavel.

Apresenta duas cordilheiras, uma lançada na direcção NS., for-

mada pelos montes *Batalha, Vermelho* e *Penoso* (o mais alto, e d'onde o horisonte é vasto), a outra na direcção NO. a SO., constituida pelos montes *Santo Antonio* e *Corôa*.

Mede, no sentido NS., 15 kilometros; e 7 kilometros, de E. a O.

Nos sitios chamados *Morro, Alagoa, Ribeira de S. João,* mostra numerosos coqueiros, assentes á beira-mar, em terreno argillo-silicioso, de sub-solo pantanoso.

Carece de ribeiras.

Tem boas aguas potaveis; e, nos poços ao redor da salina, aguas assás chloretadas e sulfatadas, as quaes não são mais que as aguas do mar, filtradas de uma maneira incompleta, através do solo que as intercepta do oceano.

Os ventos reinantes são N. e E., durante mais de 9 mezes.

Tem a ilha pantanos salgados de agua salobra, como os denominados *Flamengo,* do *Gabão,* do *Morrinho.*

Os portos d'esta ilha são: o principal, o *Porto Inglez,* a SSO; os secundarios que não podem receber navios de grandes dimensões, o *Porto da Calheta* a NO., e o de *Pau secco,* a NE. A salina a que já nos referimos é natural, em terreno arenoso, e a sua configuração approxima-se de uma pyramide cujo vertice está voltado para o nordeste d'aquelle, na parte que ainda funcciona; os inglezes, nossos *fieis alliados,* apoderaram-se d'esta salina, em 1713.

Entre os seus productos, esta ilha conta o marmore, preto e pintado.

Em 1844 o Governo Portuguez fez construir um novo forte para defeza da ilha.

A ilha do Sal fica ao N. da de S. Vicente, e na extremidade NE. do grupo.

É montanhosa ao norte, mas achatada, para o sul.

Esta ilha foi comparada por Bowdich, quando vista de longe (póde-se vêl-a, vindo do norte, á distancia de 14 legoas e mais), a um tumulo d'areia.

Na parte septentrional é montuosa; ao sul, areenta e baixa; a éste e oeste, irregular, sendo orlada a léste, na direcção norte-sul, por uma série de cachopos, dispostos ao longo da costa.

O mais alto e septentrional dos seus outeiros é o *Pico do Martins* que está a 1:340 pés, acima do nivel do mar. Uma das rochas d'esta ilha cuja formação se póde dizer mixta, se attendermos aos *jazigos argillosos, pedra calcarea* e *areia branca* que possue, é toda de *silex.* A ilha tem *pyrites de cobre, mica, basalto,* e duas *salinas naturaes;* sendo o sal, em geral, bom — a *Salina do Portinho* e a da *Pedra Lume.*

A primeira d'estas salinas é a mais importante; assenta no cratera de um vulcão *onde brota uma nascente de agua saturada de chloreto de sodio, que pela evaporação fórma sal de muito boa qualidade,* e que, fechada de todos os lados, mede na sua bacia 45^{m},6 de altura por 13 metros de fundo, sendo a sua superficie de 4 hectares.

As bahias d'esta ilha são as da *Palmeira,* das *Tartarugas,* de *Santa Maria* (principal), *Portinho da Salesia,* e a de *Rabo de Junco.*

Areias em que se acham misturados os *cassis testiculus, bulla striata, cerethium obelisticus, arca senilis, olivina, augite, rochas* (caracterisadas por *spondylus gœderopus, vermes)*, pelo meio das quaes apparece o *spath calcareo*, fragmentos ou morros de *basalto*, com bancos de *conchas* e de *gneis* (onde se encontra o *spondylus grœderopus* e o *cassis testiculus*, já citados, e um grande numero de restos de *asterias* e differentes *lapas, terra vermelha* ou *tufosa* em que apparecem o *maestra alba*, o *arca senilis*, etc.: — dão a idéa da formação da ilha da Boa Vista, que, proximo do littoral, tem um rico deposito de *bulla striata*, o *cassis test.*, e o *obelisticus calc.*

O melhor porto da ilha é o do Sal Rei, a oeste; o melhor logar, S. Roque do Rabil.

A ilha de Santo Antão é bastanto pittoresca. Está situada na extremidade NO. do archipelago. Póde-se avistar, graças á altura das suas montanhas, á distancia de cerca de vinte legoas.

Apresenta no seu centro uma larga cratera *(Tope da Corôa)* do antigo e extincto vulcão, e mostra massas gigantescas de rochedos, erguidos, a prumo, do fundo do mar, sendo o seu mais alto pico, o *Pão d'Assucar*, situado a mais de 3:000 metros, segundo o Dr. Hopffer.

Possue, dizem, *marmore cinzento com pontos pretos, pedra pomes, argilla, figulina, enxofre, ferro, hyacinthos, ametistas, granatas*, varias minas de *topazios, rochas de schorl, zinconite com pedaços de ferro crystallisado*, etc. Possue, de facto, aguas minero-medicinaes.

Os seus portos principaes são os da *Ponta do Sol*, dos *Carvoeiros* e do *Tarrafal*.[1] O primeiro, está na extremidade N. da ilha; as suas aguas estão á profundidade de 16 metros, pelo menos; não sendo garantido dos ventos do S. e NE., é perigoso, sobretudo em novembro e maio. O dos Carvoeiros está situado, a SE.; o do Tarrafal, a SO.

Além d'estes, tem a ilha os seguintes pequenos portos:

Porto	Situação
Ribeira Forte	De SSE. a ENE.
Brejo	
Ribeira dos Tarrafes	
Pontão	
Paço de Pau	
Praia Formosa	
Sanches	
Ribeira Brava	
Praia Simão	
Tubarão	
Synagoga	
Braça	
Iscorralete	
Janella	
Urzellinho	De N. a NO.
João Redondo	
Ribeira da Cruz	
Ribeira Alta	
Ribeira das Figueiras	
Bahia de D. João	

[1] 16° 57′ Lat. N., e 16° 13′ Long. occidental de Lisboa.

Monte de Trigo.............................. SSO.

São numerosissimas as ribeiras.

O seu vulcão extincto, denominado da *Caldeira,* apresenta uma larga cratera: *Cova,* digna de ser vista.

A ilha de S. Nicolau, toda montanhosa, está assente sobre o leito de uma ribeira, em terreno pantanoso e tendo, por ponto mais alto, o *Monte Grosso,* a 4:280 pés de altura.

É vulcanica e de materia porosa e fragil.

Possue, dizem, sulfato de magnesia, crystal de rocha, caparosa; e, de facto, pedra calcarea.

É cortada, em parte, pelas abundantes e ferteis ribeiras dos *Calhaus,* da *Praia Grande,* dos *Queimadas.*

Os seus portos são os de *Caniçal, Tarrafal, S Jorge, Preguiça* e da *Lapa.*

A violencia das brizas costuma impellir os navios para os escolhos das costas, pelo que a approximação da ilha se torna perigosa.

Esta ilha é uma das menos insalubres e melhor cultivadas. O seu melhor sitio é a *Ribeira Brava,* situada a uma grande legoa da costa.

A ilha de S. Vicente é formada por duas serras, na direcção de NE. e SE., as quaes deixam um valle central que termina na famosa bahia *(Porto Grande),* a NO.

Esta bahia tem duas legoas de largura, com bom fundo e espaço sufficiente para ancorarem um grande numero de embarcações.

Póde considerar-se como um dos melhores portos do globo. A sua apparencia é bella, e o ancoradouro tem fundos de cascalho e areia, sendo de facil desembarque, e estando ao abrigo dos ventos NE. e SO. Além d'esta bahia tem a ilha dos *Gatos.*

De todas as ilhas do archipelago é esta, na generalidade, de origem vulcanica. Possue a *pedra calcarea,* e é a mais conhecida e frequentada, por estrangeiros.

É assim, que por ella passam, annualmente, milhares de individuos que demandam differentes pontos do globo, e que, com alegria, visitam a laboriosa cidade do Mindello, aonde ha bem fornecidos depositos de carvão, propriedade de estrangeiros que, de quasi todas as nacionalides, para aqui vieram, uns intelligentemente, a procurar meios de lucta pela existencia, outros á exploração e aproveitamento do nosso desprezo ou descuido pelas colonias.

A ilha do Fogo deve o seu nome ao vulcão n'ella existente e cuja acção destruidora se manifestou depois de 1675.

Da sua cratera tirou um hespanhol, ha annos, algumas arrobas de enxofre.

O vulcão está a 1:650 braças sobre o nivel do mar, segundo uns, 1:230 toezas segundo Sabine, 1:484 segundo Master, 1:738 segundo King, 2:599 metros (8:000 pés), segundo Grisebach.

Foi terrivel pelas suas grandes erupções em 1757, 1761, 1769, e 1785, 1816 e 1847.

Estas dnas ultimas foram as maiores.

Todas as erupções se fizeram acompanhar por tremores de terra.

Pelo que acabamos de dizer, pode comparar-se este vulcão ao Sromboli que outr'ora esteve em erupção continua. Tencionando fallar, mais desenvolvidamente, do vulcão da ilha do Fogo, n'outra parte, limitar-nos-hemos a transcrever agora, o que nos legou uma testemunha ocular, Feijó, sobre a ultima das erupções, a qual durou vinte e sete dias, sendo as cinzas e areias arremessadas a trinta legoas de distancia (ilha do Maio):

«Uma grande commoção subterranea que abalou e se fez sentir por toda a ilha com fortissimos estrondos no interior do Pico, como trovões, foi o primeiro signal d'esta erupção. Depois do que, abriu-se o Pico, perpendicularmente, e, lançando de si em golfadas, torrentes de escórias, cinzas e pedras, tornou a fechar-se, ficando no seu primeiro estado... N'esta situação... foram abrindo, por toda aquella montanha, até o mar, de espaço em espaço, da parte de ENE., diversos rombos, por onde sahiram torrentes de fogo, immensa quantidade de lavas, umas queimadas, outras derretidas, cinzas e fumo, que levados ao ar, faziam escurecer todo aquelle circuito, sendo para notar o não correrem estes fluidos para o lado opposto, onde se diz *Monte d'Aipo,* em que se encontram antigas crateras que foram abertas na antecedente erupção de 1769.

«Juntamente na base do Pico, da parte de léste, aonde chamam os naturaes *Monte de Losna* (outro antigo monticulo e cratera vulcanica) se abriram as principaes e mais profundas boccas, pelas quaes sahiu a maior força, e quantidade de incendio e de lavas, e que deram origem a quatro novos montes, immediatos uns aos outros e na mesma direcção. Estes novos montes tambem se abriram verticalmente, e lançaram de si immensa quantidade de lavas, as quaes, descendo pelo lado E. S. E. se dividiram em duas como ribeiras de fogo, das quaes uma foi entulhar um grande e profundissimo valle chamado *Ribeira de Antoninha (de Palha Carga),* e outro passou a alagar um dilatado plano inclinado denominado *Relva* onde havia algumas casas e plantações de algodeiros, vinhas, etc., ficando a maior parte servindo de alicerce á mesma lava.

«As que foram expellidas das boccas que se abriram da parte de E. N. E., desde o monte denominado *Domingos Fernandes,* até outro junto ao mar, que se diz de *João Martins,* innundaram, tambem, muita porção de terreno, e as que sahiram da ultima bocca em João Martins foram até entrar pelo mar dentro mais de vinte lanças, fazendo alli n'aquella costa, onde antes era uma enseada com o fundo de quatro, para cinco braças, uma ponta de pedra queimada assás alta.

«Até aqui são os phenomenos observados n'esta erupção que durou até 25 de fevereiro seguinte, sendo a sua maior violencia nos primeiros sete dias successivos, continuando, comtudo, o fogo, ainda que mais central, porém sempre bem sensivel, particularmente nos quatro novos montes em que foi intensissimo o calor na superficie e nas suas boccas as quaes são, como a do Pico, ellipticas, terminadas inferiormente como um funil.»

Possue esta ilha dois portos, o *Porto da Villa* e o de *Nossa Senhora da Luz,* os quaes, na verdade, não formam mais do que uma só bahia, dividida em duas por uma tira de terra que o mar recobre durante perto de seis mezes no anno.

N'esta bahia observa-se um phenomeno curioso: quando em junho começam soprando os ventos do sul, as areias no fundo da bahia de Nossa Senhora da Luz são por tal fórma revolvidas que os navios, encontrando rocha núa, são obrigados a passar á bahia vizinha, onde effeito egual se reproduz em novembro, quando as brizas começam.

É perigoso bastante, sem piloto, o accesso do porto.

Na proximidade d'este a areia é ardente.

N'esta ilha fazem-se, como na Brava, lindas colchas de lã e de algodão.

Não tem muita agua potavel, e a que ha é trazida, por burros, das fontes que ficam a distancia da villa de S. Philippe, o melhor logar da ilha, em odres de pelle de cabra, aos quaes os indigenas chamam *Barquinhos.*

Na ilha do Fogo ha enxofre, salitre, sulfato de soda, de boa qualidade, já analysados pelo ex.^{mo} sr. visconde de Villa Maior,[1] planicies profundas e ribeiras.

É muito alta, redonda quasi toda; as suas costas são rocha viva, a pique.

A ilha Brava — paraiso do archipelago Cabo-verdeano[2] — outr'ora denominada ilha de S. João, está situada, algum tanto, a oeste da ilha do Fogo.

É formada de altas montanhas, accumuladas pyramidalmente umas sobre as outras, cobertas quasi sempre de densos nevoeiros. Possue *salitre, ambra ambrosiaca, alvaiade, pedra calcarea* com que se fabrica *cal* magnifica, *barro, ocre encarnado.*

O unico porto frequentado d'esta ilha é o denominado das *Furnas.*

Na sua primitiva foi coberta esta ilha de uma espessa floresta.

Tem seis fontes de agua, algumas mineraes.

Sobre as suas montanhas planta-se vinha, que dá duas vezes por anno, fazendo-se as vindimas em junho e dezembro.

Na ilha Brava fabricam-se chapéos, carteiras de palha e bonitas colchas de lã e de algodão.

No ilhéo *Razo,* que é quasi redondo, muito alto e cortado a pique, ha *talco, algodão* e *urzella.*

Os ilhéos do Rhombo demoram a duas leguas, norte, da ilha *Brava.* São brancos e altos.

O ilhéo Branco, que tem duas leguas e meia de comprimento e tres quartos de legua por largo, é muito alto, inteiramente montanhoso e despovoado; possue urzella. N'elles se encontram lagartos de

---

[1] Vejam-se as *Memorias* da Academia Real das Sciencias.
[2] *Voyages of the Leven,* etc.

27^{cm} de comprimento por 10^{cm} approximadamente de largura *(Macroscincus Coctei)*.[1]

O *ilhéo dos Passaros* está a pequena distancia do *Porto Grande* de S. Vicente. N'elle se encontrou, não ha muitos annos, grande quantidade de *guano*.

Hoje está estabelecido n'este ilhéo um pharol.

*
* *

A zoologia acha-se representada no archipelago de Cabo Verde por:

Burros, machos, cavallos, porcos, cabras, cães, gatos; macacos *(Cercopithecus sabœus)*, etc.;

Corujas *(Strix)*, Milhafres *(Falco milvus)*, Francelhos *(Falco tinnunculus)*, Abutres, Falcões, Aletos, Calhandras, Storninhos, Andorinhas *(Hirundo apus)*, Alveloas amarellas *(Motacilla flava)*, Pardaes, Gralhas, Corvos, Passarinhos (variedade do *Alcedo senegalensis* ou *A. cancrophago?)* Codornizes, Gallinhas pintadas *(Numida meleagris)*, Gaivotas e Alcatrazes *(Diomedea exulans)*, Maçaricos reaes, Cagarras (especie de mergulhão), Flamengos *(Phoenicopterus)*, Rabijuncos *(Phaeton œthereus* L.), Rabiforcados *(Pebeanus fragata* L.), Andorinhas do mar *(Sterna hirundo* L.), Toutinegras, Minhotos, Patos do mar, etc.;

Tartaruga verde-maior *(Testudo mydas)*, Sapos, Rãs, Kagados, Lagartos,[2] Cem pés, etc.;

Limax sp., *Vitrina* sp., *Helix Bypocrita, H. Bertholdiana, H. Gorgonarum, H. leptostyla, H. advena, H. Visgeriana, H. serta, H. Fogoensis, H. myristica, H. armillata, H. Bollei, Houbvieri, H. corneovirens, Ferussacia Maderensis, Stenogyra Hannensis, Cœcilianella amœnitatum, Buliminus gemmula, B. subdiaphauus, Pupa Milleri, P. gorgonica, P. acarus, P. molecula, P. anconostoma, Succinea Lowei, S.*

---

[1] Veja-se a *Notice sur l'habitat et les caractères du Macroscincus Coctei (Euprepres coctei, Dum et Bib.)*, par J. V. Barboza du Bocage.

[2] Sobre esta especie, *que se tinha perdido ha mais de sessenta annos, e da qual se ignorava, ao certo, a procedencia, e que até já se julgava extincta,* dizia ainda o sr. dr. Barboza du Bocage em 1873:

«D'esta especie existe desde 1808 um unico exemplar no museu de Paris, levado de Portugal pelo general Junot com muitos outros objectos zoologicos e mineralogicos do museu da Ajuda; foi descripto em 1836 por Duméril e Bibron, que lhe deram o nome de *Euprepes coctin,* confessando que ignoravam a procedencia. Desde então até hoje nunca mais foi possivel encontrar esta especie em parte alguma! Agora tenho conseguido verificar que o exemplar do museu de Paris fazia parte das collecções feitas em Cabo Verde por Feijó em 1784–1787, e

Wollastoni, Planorbis Coretus, Physa Wahlbergi, Ancyllus Milleri, Lymnœa auricularia, L. ovata, Hydrobia acuta, Melania tuberculata (var. *Tamsi), etc.*;

Papilio Calypso, Papilio Atalanta (variedade), *Termes destructor, Blatta americana, Sphex labiata,* Abelhas, Besouros, Borboletas, Grillos, Gafanhotos, Mosquitos, Aranhas, Escarvelhos, Melgas, Formigas, Baratas, etc.

Na fauna maritima muitas especies ha citadas das quaes destaco como das mais interessantes as seguintes:

Labros *(L. jagonensis,* etc.), Atuns, Sardos, Bonitos, Judeus, Alvacoras, *Coryphœna* azul, *Coryphœna hyppurus, Bodianus punctatus, Perca punctata,* Pargos, Balistas *(B. radiata,* etc.), *Sciœna mongata* (variedade), *Lichia petracantha,* Tubarões *(Squalus carcharias),* Cação de Cabo Verde *(S. minimocelus,* classificado por Brotero), Pescadas, Chernes, Garoupas, Dourados, Carapaus, Linguado, Peixe agulha, Sardinhas, Robalos, Sargos, Badejos, Tainhas, Espadartes, Voadores, Gorazes, Barbos, Salmonetes, Gatas, etc.;

Oliva flammulata, Cyprœa lurida, Marginella glabella, M. Sauliœ, Fasciolaria Fischeriana, Cassis crumene, Harpa rosea, Strombus bubonius, Columbella cribraria, C. rustica, C. rufa, Triton nodiferus, Murex rosarium, Purpura neritoides, Calyptraea chlorina, Cerithium musicum, Turritella bicingulata, Vermetus afer, Littorina simplex, L. guttata, Trochus Tamsi, Ringicula Someri, Bulla striata, Fissurella alabastrites, F. afra, F. glaucopis, F. tœniata, Aplysia dactylomela, Scissurella Crossei, Pecten pusio, P. corallinoides, Perna Dunkeri, Pinna nobilis, Leda bicuspidata, Arca afra, Arca Bouvieri, Arca nox, Chama senegalensis, Spondylus gaderopus, Cardium subbulatum, C. pectinatum, Crassatella contraria, Venus plicata, V. nodosa, Lucinopsis decussata, Ungulina rubra, Lucina pecten, L. Adansoni, Mactra Adansoni, etc.

---

tenho motivos para suppôr que o exemplar de Paris e outros muito velhos que existem no museu de Lisboa foram colligidos no ilhéo Branco.»

Sobre estes lagartos diz o dr. Hopffer (1873):

«Informam-me alguns professores que Saint-Hilaire descreveu um esqueleto idêntico ao dos lagartos que remetti ao museu de Lisboa, faltando á descripção os caracteres craneoscopicos, emquanto que se encontra em Cuvier a designação de caracteres craneanos, que se ajustam á cabeça dos mesmos saurios. Estes factos curiosos deram logar ao dr. Bocage para suppôr que aquelles dois insignes naturalistas descreveram, um o corpo e o outro a cabeça do mesmo animal; supposição que acaba de ser confirmada pelo conservador do museu de Paris, affirmando que effectivamente a Cuvier tinha sido entregue o craneo do celebre lagarto roubado ao museu da Ajuda, e a Saint-Hilaire o corpo. Sobre a questão escreveu o dr. Bocage o opusculo que está no prelo.»

*
* *

As madeiras existentes n'este archipelago são realmente muito inferiores, no numero e na qualidade, ás que nos offerecem Angola, S. Thomé e Principe e a India, e na qualidade ás conhecidas da Guiné e de Moçambique.

Eis, ainda assim, o seu catalogo:

1.° — Bambú,
2.° — Pau de jardim,
3.° — Goiabeira,
4.° — Café,
5.° — Espinheiro branco,
6.° — Figueira brava,
7.° — Mamoeiro,
8.° — Limoeiro,
9.° — Pinha,
10.° — Tarrafe,
11.° — Imburla,
12.° — Espinheiro preto,
13.° — Laranjeira,
14.° — Espinheiro cachupa,
15.° — Ciba,
16.° — Manipo,
17.° — Tamarindo,
18.° — Calabaceira,
19.° — Canna fistula,
20.° — Nespereira,
21.° — Carrapateiro,
22.° — Zimbrão,
23.° — Nona,
24.° — Poilão.

*
* *

Nas ilhas de Cabo Verde ha varias nascentes.

A origem plutonica d'este archipelago levou Brito Capello a applicar a estas nascentes as seguintes regras:[1]

1.ª As aguas das fontes, em geral, são devidas ás aguas das chuvas, infiltradas atravez das terras ou fendas das rochas;

2.ª A quantidade e duração das aguas é proporcional á superficie absorvente;

3.ª Toda a vez que estas aguas accumuladas, em consequencia de terem encontrado uma superficie impermeavel, encontram uma sahida, dão origem a uma fonte.

*
* *

A profundeza, em metros, do mar, na proximidade immediata das ilhas de Cabo Verde, orça por 182 — 1:820.

Mar de sargaços!

Como és bello com a tua extensão egual ao valle de Mississipi, com a tua crusta de vegetação formada de ervas de golfo, *uvas dos tropicos, Fucus natans,* etc., de tal maneira agglomeradas que chegam ainda hoje a embaraçar a derrota!

---

[1] *Memoria relativa á conducção para a villa de S. Filippe da ilha do Fogo da agua da fonte da Praia do Ladrão,* por Felix Antonio de Brito Capello.

Como tu — embora as estações te façam oscillar regularmente de norte a sul — conservas o logar que occupavas e em que Colombo te viu pela vez primeira, restabelecendo-te sempre do que te possam fazer ventos e tempestades!

Como tu és a prova mais immutavel do movimento circular!

Oh! Colombo não se enganou ao pensar que as aguas do mar se movem como o céo, de leste para oeste, emquanto que, sobre ti proprio, mar de sargaços, muitos aventuravam idéas extravagantes.

*

* *

Nas ilhas de Barlavento o estabelecimento do porto é ás 7 horas e 45 minutos; a amplitude das marés de 1 a 2 metros; a velocidade das aguas que correm ao N. de S. Nicolau para S. O., e ao S. de S. Vicente para E. S. E., de 303 a 484 metros por hora.

Nas ilhas de Sotavento o estabelecimento do porto é ás 6 horas; a amplitude das marés de 2 metros; a velocidade das aguas que correm para S. é de 1:650 metros por hora.

A area das nove ilhas habitadas do archipelago está calculada em 1:228 milhas quadradas, assim distribuidas:

S. Thiago	360	Sal	73
Santo Antão	240	S. Vicente	70
Fogo	144	Maio	50
Boa Vista	140	Brava	36
S. Nicolau	115		

As distancias entre as differentes ilhas, em milhas, são as seguintes:

Ilhas	S. Thiago	Maio	Fogo	Boa Vista	Sal	S. Nicolau	Santo Antão	Brava	S. Vicente	Observações
S. Thiago	–	13	31	60	90	80	130	55	110	População especifica, em geral, 28,2 habitantes por kilometro quadrado.
Maio	13	–	62	42	80	92	150	87	135	
Fogo	31	62	–	100	124	90	125	10	112	
Boa Vista	60	72	100	–	10	68	132	121	120	
Sal	90	80	124	10	–	60	116	140	110	
S. Nicolau	80	92	90	68	60	–	58	102	30	
Santo Antão	130	15	125	132	116	58	–	129	9	
Brava	55	87	10	121	140	102	129	–	120	
S. Vicente	110	135	112	120	110	30	9	120	–	

*

* *

Desde novembro a julho sopram no archipelago as chamadas *brizas*—ventanias impetuosas, sibilantes, que levantam nuvens de poeira, e que sopram geralmente dos quadrantes norte e leste e na maior parte de nordeste.

Nos tres mezes restantes, que constituem o periodo chuvoso solsticial, sopram por alguns dias os ventos de S. e S. E., que augmentam muito o calor, e que se fazem ás vezes acompanhar de trovoadas e faiscas electricas (concelho de Santa Catharina[1]) e fortes tufões (S. Thiago).

Os ventos do archipelago distinguem, por si só, este dos outros archipelagos atlanticos.

Ha annos em que não chove ou chove pouquissimo e irregularmente.

Todo o anno ha *cacimba*. Em S. Vicente é ella abundante, principalmente de novembro a janeiro.

Durante os mezes de dezembro e janeiro, em que a Europa sente frio, tambem os habitantes das ilhas de S. Thiago, S. Vicente, Santo Antão, Fogo e Brava, pelo menos, o sentem, vendo-se obrigados a deitar cobertores nas camas, emquanto que de ordinario as roupas de que se servem são apenas um simples lençol e coberta finissima.

A curva thermica é muito variavel.

A temperatura mais alta de que temos conhecimento foi a de 40° centigrados, ao ar livre e ao sol, observada em S. Vicente em março de 1875, ás 2 horas da tarde, e a de 21°,5 ás 6 da manhã.

Em dezembro de 1878 o thermometro na ilha do Maio marcou ás 2 horas da tarde 31°.

Em Santo Antão poucos dias passam sem tempo encoberto, ou neblina, de manhã ou de tarde, havendo orvalho copioso nas noites da estação secca e calmosa.

As chuvas são annunciadas pelo apparecimento de *mariposas, grillos, moscas, mosquitos, ratos, tumba-tumba, gafanhotos, besouros, baratas*, etc.

Em ambas as estações reina por vezes nas ilhas do Fogo e S. Thiago, com duração de dois, tres e cinco dias, o vento E., que é tão secco que os olhos, fossas nasaes e labios se tornam seccos e dolorosos, e os objectos de madeira estalam e racham.

Da meteorologia do archipelago se pode fazer idéa pelos seguin-

---

[1] Os homens d'este concelho trazem calça e jaleco de *russo* ou cotim, chapéo de palha, *camisão* de algodão crú, e trazem faca á cinta e *manduco* (cacete) em punho. As mulheres trazem á cintura os tradicionaes pannos de algodão, saia e camisa de *zuarte* ou chita, e lenço sarapintado.

O porto do Tarrafal, pertencente a este concelho, é vasto e bom. O estrangeiro, possuindo já ahi terreno, mostrou-se mais uma vez *previdente*.

tes mappas de observações feitas por funccionarios publicos respeitaveis, a quem a provincia de Cabo-Verde deve mais ou menos importantes serviços, e por um estrangeiro que a visitou, os quaes nós hoje colligimos.

Resumo das observações meteorologicas
feitas em Santo Antão (Villa da Ribeira Grande) no anno de 1872
(Dr. Hopffer)[1]

Altura do barometro (metros)		27
Pressão atmospherica (millimetros)		762,28
Temperatura	minima absoluta	22°,07
	maxima absoluta	29°,5
	média	15°,0
Chuva (millimetros)		426,55
Humidade relativa		71,34
Tensão de vapor (millimetros)		15,81
Ozone	inverno	5,26
	primavera	5,04
	estio	4,78
	outono	4,81
Ventos dominantes	inverno	NNE., ESE., ENE., E.
	primavera	NE., ENE.
	estio	NE., ENE., ESE., SE., NNE., E.
	outono	NE., ESE., ENE., E., NNE., OSO., SO.

Observações meteorologicas
feitas no archipelago de Cabo Verde em 1851
(Dr. Schmidt)[2]

... Do começo de agosto até ao fim de outubro — tempo das chuvas — predominam os ventos de oeste. Ás vezes, embora muito raro, deixa de chover durante este tempo, o que é sempre seguido de calamidades diversas.

Durante a minha estada (de janeiro a abril) predominaram quasi sempre os ventos nordeste, que particularmente na ilha do Sal ainda seccaram mais a atmosphera, já por si secca, e por isso desde as 10 até ás 4 horas raras vezes sahi de casa por tempo prolongado.

Á noite o thermometro baixava sempre a 14° ou até 12° R, embora durante o dia tivesse estado muito alto.

---

[1] Dr. Hopffer. Honram Portugal os trabalhos d'este obreiro da sciencia. Os seus mappas sobre observações meteorologicas na ilha de Santo Antão nos annos de 1872 e 1874 são os mais completos que até hoje se tem feito concernentemente á Villa da Ribeira Grande.

[2] Dr. Joham Anton Schmidt *(Beiträge sur Flora der Cap Verdischen Inseln).*

O sol, durante este tempo, nasceu entre 5 ¼–6 horas da manhã, e o occaso teve logar entre 6–7 horas da tarde, formando-se a escuridão depressa, e sendo as noites tão escuras como no nosso paiz[1] na mesma epocha do anno.

Durante a estação secca a chuva é muito rara, e, quando chove, é de pouca duração, mas ha dias inteiros em que as ilhas são envolvidas n'um nevoeiro, que a maior parte das vezes desapparece rapidamente.

As variações da temperatura foram as seguintes:

De 24 a 30 de janeiro tivemos em S. Vicente tempo bom e alegre, não muito quente, thermometro ao meio dia 18° R, mas muito ventoso.

De 30 de janeiro a 1 de fevereiro quente; S. Vicente e a ilha vizinha de Santo Antão envolvidas em nevoeiro, o ar mais pesado, não obstante o thermometro marcar ao meio dia 16-19° R, o vento menos forte.

Fevereiro, 2.—Tempo muito claro.

Fevereiro, 3-5.—Ventoso e nublado desde as 10-4 horas; o ar abafadiço com 16°-24° R.

Fevereiro, 7-10.—Em S. Vicente, ás 8 horas da noite, alguma chuva durante ¼ d'hora.

Fevereiro, 6.—O mar ora claro ora turvo.

Fevereiro, 11 a 26.—Na ilha do Sal o tempo sempre muito bom, quente e secco; thermometro, geralmente, entre 21°-26° R; constantemente mais ou menos vento.

Fevereiro, 22.—Na ilha da Boavista muito vento e o céo bastante nublado.

Março, 3-7.—Em Santo Antão falta de ventos fortes claro, e temperatura média 19° R.

Março, 8-10.—Em Santo Antão nevoeiro, temperatura agradavel, pouco elevada, 18° R, e menos vento.

Março, 11.—Alguma chuva ao meio dia.

Março, 12.—Egualmente alguma chuva.

Março, 13-19.—Bom tempo, ao meio dia 21-23° R, e muito vento.

Março, 20-22.—Calor suffocante, ao meio dia, 20-27° R.

Março, 23-24.—Muito ventoso e nublado.

Março, 25-26.—Outra vez muito quente e abafadiço; em consequencia d'isto houve na noite de 26 para 27 de março uma forte trovoada com muita chuva, que pude observar do mar como um espectaculo mui interessante.

Março, 27.—Mar nublado.

Março, 28-30.—Em S. Vicente sempre bom tempo e quente, thermometro ao meio dia 26° R.

---

[1] Heidelberg.

Mappa das observações meteorologicas feitas em S. Vicente nos annos de 1872 e 1873
(Dr. Custodio José Duarte)

Mezes	Temperatura média em graus centigrados, em casa e á sombra			
	Mensal	Trimestral	Semestral	Annual
Janeiro	24,1			
Fevereiro	24,2	24,3		
Março	24,7		25	
Abril	24,9			
Maio	25,6	25,7		
Junho	26,7			26,9
Julho	27,3			
Agosto	29,1	28,6		
Setembro	29,5		28,8	
Outubro	29,2			
Novembro	33,5	29		
Dezembro	24,4			

Mappa das observações meteorologicas feitas em S. Vicente nos annos de 1872 e 1873
(Dr. Custodio José Duarte)

Annos	Mezes	Temperatura em graus centigrados				Dias de	
		Seis h. da manhã		Seis h. da tarde			
		maxima	minima	maxima	minima	Chuveiros	Chuva
1872	Maio	24,5	22,5	28,5	26,5	—	—
	Junho	27	23	30	27	2	—
	Julho	27	25	30,5	27,5	8	3
	Agosto	28,5	28	32,5	29,5	1	5
	Setembro	27,5	25,5	31,5	28,5	6	2
	Outubro	?	?	31,5	27	—	—
	Novembro	?	?	36.5	30,5	2	2
	Dezembro	24,5	21,5	27,5	24	9	6
1873	Janeiro	22,5	21,5	27	26,5	—	—
	Fevereiro	23,5	22,5	26,5	24,5	—	—
	Março	23,3	22	27,5	26	—	—
	Abril	23,1	22	28,5	26	—	—
	Maio	25	22,5	29,5	26	5	—
	Junho	26	23,5	29,5	27,5	—	—
	Julho	25,5	23	31,5	29	4	—
	Agosto	27,5	23	31,5	29,5	6	2
	Setembro	30,5	29,5	33	30,5	1	1

Anno	Temperatura em graus centigrados, ao ar livre e ao sol					Temperatura média		Pressão atmospherica
	Mezes	Seis horas da manhã		Duas horas da tarde		Mensal	Trimestral	
		maxima	minima	maxima	minima			
1875	Janeiro	21,5	17,5	37,5	30	26,6	28,6	Variou de 753,66 a 762,52, medidas não correctas.
	Fevereiro	21	17	38,5	31	31		
	Março	21,5	16,5	40	35,5	28,3		

[1] Dr. Custodio J. Duarte, talento de primeira ordem, muita erudição, poeta, medico e artista no manejar da p enna. Os seus escriptos denunciam o grande merito da individualidade.

Mappa do resumo das observações meteorologicas feitas na ilha do Sal, nos annos de 1863 a 1865, ás 9 horas da manhã e 3 da tarde

(Botelho da Costa)

Epochas	Pressão atmospherica em millimetros						Temperatura á sombra em graus centigrados					
	média	maxima	minima	Variação	Data da maxima	Data da minima	média	maxima	minima	Variação	Data da maxima	Data da minima
Anno de 1863	758,76	762,77	754,16	8,61	26 de janeiro.	19 de dezembro.	24,96	31,1	20,3	10,8	26 de agosto e 8 de setembro.	31 de janeiro, 7 de fevereiro e 13 de março.
1864	758,56	761,50	753,63	7,85	10, 11 e 12 de janeiro.	26 de agosto.	26,30	35,2	18,3	16,9	10 de outubro.	10 de fevereiro.
1865	758,43	761,76	754,16	7,60	14 de fevereiro.	10, 17 e 18 de outubro.	26,22	32,2	20,6	11,6	9 de setembro.	28 de dezembro.

Frequencia do vento (Ilha do Sal)

(Botelho da Costa)

Epochas	N	NNE	NE	ENE	E	ESE	SE	SSE	S	SSO	SO	OSO	O	ONO	NO	NNO
Anno de 1863	7	1	97	183	36	7	0	3	3	1	3	1	3	5	4	8
» 1864	5	0	36	219	53	1	4	7	6	2	1	8	2	1	6	7
» 1865	8	6	41	222	47	14	2	1	1	1	1	1	3	4	8	1

Estado da atmosphera, do céo e do mar (Ilha do Sal)

(Botelho da Costa)

Epochas	Dias de vento					Dias de calma					Dias de céo					Dias de mar			
	Muito fresco	Fresco	Moderado	Fraco	Muito fraco	Dias de calma	Chuva	Chuviscos	Relampagos	Trovões	Limpo	Nublado	Nuvens soltas	Incensado	Cerração	Chão	Grosso	De grande vaga	Dias de mareta
Anno de 1863	23	113	161	53	6	9	4	19	1	3	0	0	0	0	6	0	0	0	1
1864	29	102	97	91	45	2	10	23	10	5	71	128	98	69	0	309	39	2	6
1865	43	102	88	84	44	4	10	11	3	4	70	95	113	84	3	317	47	1	2

Resumo das observações meteorologicas feitas na cidade da Praia nos annos de 1875 a 1879[1]

I

Pressão atmospherica em millimetros

MÉDIAS EXTREMAS TOTAES

Média	758,61	Maxima absoluta	763,71
Média maxima	759,30	Minima absoluta	753,48
Média minima	757,94	Variação extrema	10,23
Variação média	1,36		

Data da maxima .... 4 de julho de 1876
Data da minima .... 15 de dezembro de 1879

II

Temperatura em graus centigrados

Média	24,40	Maxima absoluta	33,0
Média maxima	26,78	Minima absoluta	15,0
Média minima	22,15	Variação extrema	18,0
Variação média	4,63		

Data da maxima .... 29 de setembro de 1877
Data da minima .... 7 de fevereiro de 1877

III

Tensão do vapor atmospherico em millimetros

MÉDIAS TOTAES

Média	16,80	Média minima	16,02
Média maxima	17,62	Variação média	1,58

IV

Humidade relativa ao estado de saturação = 100

MÉDIAS TOTAES

Média	64,68	Média minima	60,18
Média maxima	69,34	Variação média	9,13

V

Quadro dos ventos

SOMMA TOTAL

N	60	SSW	15
NNE	115	SW	81
NE	296	WSW	15
ENE	216	W	15
E	354	WNW	1
ESE	47	NW	41
SE	30	NNW	11
SSE	7	Calmas	95
S	51		

[1] Jacintho Medina (medico).

VI

Chuva e evaporação

TOTAES

Quantidade de chuva em millimetros	1:616,1
Evaporação em millimetros	8:106,49

VII

Ozone

Média dos cinco annos das médias de dia	6,68
Média dos cinco annos das médias de noite	7,54
Média das médias dos cinco annos	7,05

VIII

Estado geral da atmosphera

TOTAL

Trovões	26	dias	Vento muito fraco	88	dias
Nevoeiro	526	»	» fraco	290	»
Chuviscos	142	»	» moderado	427	»
Chuva cuja agua se mediu	1170	»	» fresco	623	»
Chuva inferior a 1 millimetro.	2	»	» forte	184	»
Chuva inferior a ¼ de millimetro	7	»	» muito forte	43	»

IX

Estado do mar

TOTAL

Chão	766	dias
Agitado ou um pouco agitado	582	»
De pequena vaga	156	»
De grande vaga	94	»
Tempestuoso	4	»

X

Estado do céo

TOTAL

Céo sereno (0).	Ni.
Céo nublado (1—9).	Ci—C.
Céo coberto (10).	Ci—St.
Ci.	C—St.
C.	C—Ni.
St.	

Mappa das observações meteorologicas feitas na ilha do Maio, nos annos de 1869 e 1870, ás 7 horas da manhã e ás 4 e 8 horas da noite [1]

Annos	Mezes	Dias	Estado do tempo	Estado geral da atmosphera	Estado do mar	Temperaturas — Horas			Observações
						7 da m.	4 da t.	8 da t.	
1869	Junho	28	Tempo fresco	—	—	22°	30°	21°	Todos se queixam de frio
		29	—	—	—	22°	31°	21°	Sensação de frio Tosse geral
		30	Manhã fresca	—	—	21°	32°	24°	—
1870	Julho	1	Tempo aspero	NE. NE. forte	Mar agitado	27°	32°	22°	—
		2	—	NE. forte	Maresia, grande agitação do mar.	22°	28°	22°	Impossibilidade de embarcar sal
		3	—	NE. forte	Mar picado e alteroso na praia	26°	31°	25°	—
		4	Tempo encoberto	Chuviscos, ameaça de chuva, horizonte carregado do lado do sul; vento sul ás 4 horas da tarde	Mar agitado, vagas grossas	22°	24°	24°	—
		5	Tempo encoberto	Horizonte carregado, SNE.	Mar picado	24°	29°	25°	—
		6	—	Horizonte curto, NE. forte.	Mar picado	23°	30°	27°	Sensação de frio. Impossibilidade de embarcar sal
		7	Tempo nebuloso, frio e humido	Chuviscos de noite, calma pela manhã, brisa forte de NE. pela tarde e do norte, chuviscos de madrugada	Maresia	23°	30°	27°	Obstado o embarque do sal
		8	Tempo nublado	Brisa de NE. forte	Maresia formidavel	24°	30°	27°	Garram duas lanchas, que estavam fundea-

		10	Tempo claro	—	Ligeiras vagas que apenas agitam o mar	[illegible]	[illegible]	[illegible]	
		11	Bom tempo, calmoso	—	—	23°	30°	26°	—
		12	Manhã secca, fria e humida	Ligeiros chuviscos	—	25°	27°	25°	—
		13	—	Viração de SE.	—	26°	31°	28°	Sensação de calor
		14	Manhã clara e quente	Viração do sul todo o dia	—	28°	31°	28°	—
		15	Manhã clara e quente	Horizonte extenso e claro, calma, depois vento S., chuva ao norte da ilha, e chuviscos na povoação	—	25°	29°	27°	Descobrem-se os principaes montes da ilha de S. Thiago
1870	Julho	16	Tempo fresco e claro	Brisa de NE.	—	23°	29°	27°	Distinguem-se os montes da ilha de S. Thiago
		17	Tempo quente pela manhã	Horizonte claro e extenso	Bonança	27°	31°	29°	—
		18	Tempo encoberto, fresco	Horizonte curto e pouco claro	—	24°	28°	26°	—
		19	Tempo escuro e fresco	NE. de noite	—	25°	29°	27°	—
		20	Tempo claro e fresco	NE. de noite	—	26°	30°	28°	—
		21	Bom tempo	Brisa de NE., forte	—	25°	30°	28°	—
		22	Bom tempo, fresco	—	—	26°	31°	28°	—
		23	Tempo claro e fresco pela manhã, escuro de tarde	Chuviscos á noite	—	24°	29°	26°	—
		24	Tempo escuro e humido	—	—	28°	31°	26°	—
		25	Tempo sereno, claro e fresco	NO.	—	25°	30°	29°	—
		26	Manhã fresca e clara	NE.	—	26°	—	—	—

[1] Dr. Hopffer.

Este archipelago está longe de se poder considerar salubre.

Ainda em 1883 e 1884, nos quadros necrologicos de S. Vicente, se registraram *gastro-enterites ulcerosas*, e nos da Praia, em 1883, biliosas.

Em Santo Antão, em 1874, o quadro nosologico foi sobrecarregado com as anasarcas, as febres de malaria, as affecções do apparelho respiratorio, entrando a tisica pulmonar, e sendo de 297 a cifra total dos obitos; 151 representam creanças até á edade de sete annos.

Mas poder-se-ha ainda assim dizer que a insalubridade do archipelago de Cabo-Verde, como affirmou Grisebach, se approxima da do Soldão?

. . . .

As plantações de quinas, dragoeiros e purgueira; as culturas de café, algodão e canna saccharina; o fabrico de assucar e de aguardente; a exploração da cochonilha e das salinas; a pesca e a salga do peixe sensatamente exportado — quando desenvolvidas e aproveitadas como convém — farão chegar de facto, uma vez arborisada convenientemente,[1] a provincia de Cabo-Verde, a um grau de prosperidade admiravel.

*

*   *

De todo o archipelago de Cabo Verde estudámos, sob o ponto de vista historico, em particular, a importante ilha de Santo Antão. D'ella passamos, pois, a dizer:

Pode-se chamar á ilha de Santo Antão uma das ilhas do Infantado.

Foi doada — como todas as outras do archipelago de Cabo Verde — aos 30 de maio de 1489, por D. João II, ao duque de Beja.

Serviu de ponto de partida a uma das linhas de demarcação no Brazil, como se vê no tratado feito entre D. João II e Fernando e Isabel, de Castella, em 1493:

«E como tiveram o conhecimento de Sua Santidade, ordenaram «a repartiçam d'esta concordancia, fazendo balança na ilha de Cabo «Verde de barlavento a mais occidental que se estende, a de Santo «Antão.»[2]

Em 13 de janeiro de 1548 foi doada de *juro e herdade com reserva de correiçam e alçada*, por D. João III, a Gonçalo de Sousa, em

---

[1] O problema da arborisação do archipelago já foi por nós estudado em trabalho que enviámos ao sr. presidente da commissão encarregada de apresentar um projecto de regulamento para a arborisação de Cabo Verde, tendo em consideração a agricultura e feição particular de cada ilha. (Circular de 14 de janeiro de 1886, publicada no *Boletim Official de Cabo Verde*, n.º 3, de 16 de janeiro.)

[2] Gabriel Soares, cap. II, parte I.

retribuição de serviços prestados pelo seu tio Manuel de Sousa, na India, sob as funcções de capitão da fortaleza de Diu.

Por morte de Gonçalo de Sousa foi doado por D. Filippe I, *o demonio do meia dia,* como lhe chamou Voltaire, a D. Francisco Mascarenhas, passando depois, por morte d'este, em doação, a D. Martinho de Mascarenhas, a 3 de janeiro de 1608.

A 5 de dezembro de 1685 foi doada por D. Pedro II ao conde de Santa Cruz, passando a doação, successivamente, ao marquez de Gouveia e duque de Aveiro.

No tempo d'este ultimo a ilha de Santo Antão era povoada, quasi exclusivamente, por milhares de escravos d'este titular, os quaes mais tarde foram declarados fôrros por D. Maria I. Diz-se que este facto teve por causa a narração que um escravo chamado Gamboa, fugido da ilha de Santo Antão para Lisboa, fez a um fidalgo da côrte, de quem era cozinheiro, narração que foi transmittida á rainha; que Gamboa, voltando em breve á ilha, seu berço natal, teve por recompensa e gratidão vegetar algum tempo, morrendo obscuro e pobre.

O facto é que ainda hoje existem, no archipelago de Cabo Verde, naturaes com o nome ou appellido Gamboa.

Em epocha que não podemos determinar ao certo estabeleceu-se n'esta ilha uma colonia de hespanhoes, vindos das Canarias, que se entregavam á cultura do trigo, cevada e outros cereaes, sob a direcção de D. Marianno Stinga, com o fim, affirma-se, de estabelecer um deposito de escravatura, o que não foi por diante pela perseguição que lhe declararam os corsarios de Buenos-Ayres, os quaes aprisionaram as embarcações d'aquelle *cavallero.*

Em 1816 tentaram ainda os hespanhoes colonisarem-se n'esta ilha, mas foram repellidos pelo povo da fórma que mostra o documento *A,* por nós encontrado.

Pela extincção da familia do duque de Aveiro a ilha de Santo Antão passou a ser propriedade da corôa portugueza.

Foi concedida no seculo XVIII á *Companhia do Grão Pará e do Maranhão.*—Esta Companhia e a *Companhia Exclusiva do Commercio da Costa de Africa* foram dois monopolios que deixaram deploraveis consequencias.—Mas o governo portuguez tomou de novo posse da ilha, por causa da indignidade de trato que essa *Companhia* fez aos insulares.[1]

A ilha de Santo Antão foi residencia durante 19 annos do bispo (17.º) D. Fr. Pedro Jacintho Valente, que foi eleito por intervenção do padre José Moreira, da Companhia de Jesus, e confessor de el-rei D. José. Sendo a Sé Cathedral na cidade da Ribeira Grande, da ilha de S. Thiago, Fr. Pedro, tomada posse a 13 de maio de 1754, tratou de se retirar para S. Nicolau, *por persuasão do juiz syndicante, o doutor Custodio Correia de Mattos, que falleceu no dia 2 de junho do mesmo anno, de veneno que lhe propinou Antonio de Barros Bezerro, homem*

[1] Ch. Vogel. *Le Portugal et ses colonies.*

rico e poderoso da Ilha de S. Thiago, o qual morreu enforcado pelos crimes que na mesma commetteu, sendo um d'elles a morte violenta que mandou dar ao juiz ouvidor João Vieira de Andrade.

Da ilha de S. Nicolau se retirou o bispo, a 22 de junho de 1755, para a ilha de Santo Antão, onde edificou a egreja matriz e duas capellas que ainda hoje existem; conseguiu do papa Bento XIV a bulla para realisar a transferencia da Sé Cathedral da ilha de S. Thiago para a de Santo Antão, e deixou aos ouvidores provas da maneira como já n'essa epocha o espirito reaccionario episcopal portuguez no ultramar ousava manifestar-se.

Diz a publicação de que estamos extrahindo estas notas:

«Nunca sahiu da ilha de Santo Antão, e deixou estragar o paço «episcopal que havia na cidade da Ribeira Grande, na ilha de S. Thiago, «até ao ponto de se demolir de todo; e, arguido pelo cabido de se tra«tar, com tanto desprezo, uma propriedade da mitra, como era o paço «episcopal, respondeu que se o paço episcopal era do bispo, ninguem «tinha dominio n'elle senão o mesmo bispo; e como elle o era, podia «fazer o que quizesse; que não era ao cabido que pertencia tomar-lhe «contas, mas ao Papa, e que a esse daria explicação do seu procedi«mento quando lh'a pedisse; e que em summa, como tinha promessa «do confessor de El-rei de transferir-se a Sé Cathedral para a ilha de «Santo Antão, e cuja bulla já se tinha impetrado, por isso não lhe im«portava que o paço episcopal da cidade da Ribeira Grande se estra«gasse e de todo se demolisse.

«Teve muitas e grandes desintelligencias com o Cabido, que fi«nalmente desobedeceu aos seus mandados, por cujo motivo poz in«terdicto na Sé Cathedral e na cidade da Ribeira Grande; e porque «o governador Luiz Antonio da Cunha de Eça tomou a parte do Ca«bido, e empregou contra as ordens do prelado a força militar e a sua «auctoridade, teve com elle gravissima desintelligencia.»[1]

*
* *

Tem experimentado esta ilha fomes e epidemias.

Nos annos de 1808 e 1818 a fome foi geral, e chegaram-se a comer, diz-se, tocos de arvores.

Nos annos de 1806, 1826 e 1832 tambem os habitantes da ilha experimentaram os horrores da fome.

As fomes fizeram-se acompanhar de doenças, desenvolvendo-se em 1818 uma mortifera epidemia de variola, que recordou a de 1773; em 1828 uma febre de mau caracter; em 1832 uma situação tal que d'ella se pode avaliar dizendo que eram vinte as pessoas que por dia morriam, sendo os cadaveres entregues ás chammas, e muitas d'ellas,

---

[1] *Annaes do Conselho Ultramarino*, janeiro de 1859, pag. 11.

assadas, devoradas pelos famelicos, como asseveraram ao dr. Hopffer *testemunhas presenciaes e idoneas;* em 1850 e 1853 endemo-epidemias de febres intermittentes; em 1856, 1857 e 1858 duas epidemias — a da variola e a do cholera morbus; e posteriormente uma epidemia de febres typhoides, as quaes reapparecem quasi todos os annos, fazendo victimas, como presenciámos em 1887 e principios de 1888.

Dissidencias, *arroydos,* questões mais ou menos graves, em que o povo tem representado talvez sempre o papel de instrumento cego, se podem registar desde o seculo XVI.

Documentos varios existem comprovativos d'isto, e entre elles uma carta de Lopo Rodrigues para el-rei D. Manuel, datada da Ribeira Grande a 6 de janeiro de 1504, a qual existe na Torre do Tombo (*Corpo Chronologico,* parte I, maço 4, documento 49.)

Ultimamente, em 1886, amotinou-se o povo, que pedia a substituição dos actuaes impostos pelos antigos dizimos.

A vingança, a inveja e o odio não são talvez extranhos a estas agitações.

As pastagens, a agua, as confrontações das terras e varias irregularidades, etc., têm sido causa de discordias e questões.

A cadeia da ilha tem tido sempre mais ou menos frequentadores, e dizem documentos cuja copia temos á vista que em 1819 tres estiveram presos na cadeia militar da villa da Ribeira Grande, sem culpa formada, doze dias, ao fim dos quaes foram postos em liberdade, os *ladrões da Ribeira...* [1]

Em 27 de setembro de 1812 teve logar uma audiencia geral na villa da Ribeira Grande, da ilha de Santo Antão, e *nas casas da apozentadoria do Desembargador Ouvidor Geral José Leandro da Silva Sousa, Cavalleiro da Ordem de Christo, do Desembargo de Sua Alteza Real e seu Desembargador, com posse da Relação e Caza da Bahia, Deputado das Juntas de Fazenda, do melhoramento da agricultura e do Expediente do Dezembargo do Paço por Sua Alteza Real,* etc.

Por mui curiosa vamos dar conta d'esta audiencia:

Estiveram presentes os juizes ordinarios e officiaes da Camara, juiz dos orphãos, escrivão da Camara e do Geral, e almotaçaria, e o dos orphãos e todos os mais officiaes da justiça da ilha.

Por ordem do ministro foi assim apregoada pelo porteiro:

«Que toda a pessoa que tivesse que requerer ao dito ministro «comparecesse, que quem tivesse queixa ou aggravo dos Juizes, Offi«ciaes da Camara ou de qualquer outro official de Justiça, ou de al«gum Poderozo, Ecclesiastico ou Secular, viesse perante e *(não se po«dia ler)* dar a razão do seu aggravo, que lhe fará cumprimento da «Justiça, e para com *(não se podia ler)* o presente que hade assignar «o dito ministro com os *(não se podia ler)* e Officiaes da Camara.»

---

[1] Actas da Camara municipal de 9 e 23 de janeiro de 1819.

Em seguida passou-se á leitura de uma especie de relatorio, de que registaremos simples fragmentos:

«Que durante 25 annos estiveram as ilhas de Cabo Verde sem «Ouvidor geral; em consequencia, a administração publica, a Execução «das Leys de que prende o castigo do Delinquente, a segurança da «propriedade, e dominio e Direitos de cada hum, tem sempre estado «entregues ao Juizo, ao caprixo e alvedryo de Juizes Leigos que pela «maior parte tenho achado não cumprirem com as obrigações dos seus «cargos, huns por afeições particulares que he a Suprema Ley que os «governa, outros por concussões, e finalmente, vem achar-se que são «os perturbadores da paz e ordem publica aquelles mesmos a quem o «Soberano tem confiado o regimen e segurança dos seus fieis vas- «salos.

«Que a administração da Justiça n'esta ilha era lamentavel; as «leis estão aqui esquecidas; em absoluta prostegação os preceitos da «Ordenação do Reino. Os Juizes sem fazerem observar ordem alguma «nos processos tanto civis como crimes, como que para elles não fosse «o Tit. 20 de Ord. L.° *(não se podia ler)* 124 do L. 5. O escrivão «sem conhecer uma regra ou norma para se dirigir no seu officio «como que para elle não existissem os Tit. 78 e 79 do L.° 1 de Ord. «que he o seu Regimento. Os officiaes da Camara jazendo na mais no- «civa Letargia, nem se sabe para que fim forão condecorados pelo So- «berano com hum tão eminente grao de Nobreza. Encubidos do Regi- «men economico d'esta Ilha tenho observado que só se valem dos seus «cargos para fins particulares e o que he bem publico para elles he «nada: Encarregados da administração dos bens do Concelho só sa- «bem que elles ezistem para arecadar as propinas das corridas sem «que tenhão feito constar que d'estas resultou tal ou qual utilidade; e «do seu deslecho e umição nascem a dezordem e confuzão em que «achei as contas da Receita e despeza d'esta Camara e o penozo tra- «balho com que tenho feito a Liquidação dos seus devedores e o seu «embolso o que he bem notorio. Pelo que pertence Almotaçaria achei «que ha e tem havido n'esta Ilha estas auctoridades pelas nomeações «que d'ellas se tem feito e não pelo cumprimento dos seus deveres, «nem no cuidado do aceyo e limpeza publica nem pelas suas decizões «porque aqui nem fórma de Juizo achei.»

Por causa d'este estado de coisas, *e desejando que a ordem succeda á desordem,* passou o ministro a *capitular particularmente para cada huma das repartições de administração publica d'esta Ilha...*

E lidos que foram os *Capitulos da Correição, perguntou o dito Ministro, aos officiaes da Camara, se havia alguma postura prejudicial ao concelho ou ao bem commum.*

«Responderão que não.

«Perguntou, mais, se havia no concelho padrões de pezos e medi- «das. Responderão que não tinha, e mandou se fizessem.

«Perguntou mais se a caza da Camara precizava de algum re-«paro. Responderão que precizava uma sala asolhada e huma porta «de janella, e mandou que se fizece e cayacem, despendendo athe pela «menor quantia que for arrematada esta obra.

«Perguntou mais se havia precizão de se fazer algum caminho, «ponte ou fonte, responderão que se preciza feitos os caminhos do Pi-«nhão, Abobida, Lombo branco e da Garca, e Mocho, e mandou que «se fizece.

«Perguntou mais se tinhão algum outro objecto sobre que o dito «Ministro ouvece de providenciar, responderão que havia precizão de «curral de concelho, para o gado incommodo, mandou que se fizece, «e a Camara escolheu o Lugar mais proprio, pondo em praça esta «obra na forma da Ley.

«Mandou o dito Ministro que fique sem vigor e ha por nullo o «accordão tomado pela Camara para que na ribeira e outros logares «se não fizecem aforamentos, o que revoga por ser contra o bem com-«mum do Concelho.

«E representarão ao Ministro os homens bons assistentes a este «acto que para se evitarem os fogos que são frequentes n'esta villa «era conveniente que todos tenhão cozinhas com fumineez, pelo que «ordenou que todos os moradores fação fumineez nas cozinhas para o «que a Camara fará sciente por pregaões esta determinação por as fa-«zerem dentro em seis mezes e passados elles sahirão de correição por «todas as cazas a examinar se as tem feito e não as achando feitas «condemnarão em dex tostoões para o concelho o que terá logar igual-«mente em qualquer casa nova.

«E logo mandou o Porteiro apregoace que a audiencia geral se «estava a findar e quem tivece a requerer comparecece e constando «*(não se podia ler)* official não haver ninguem mais mandou *(não se* «*podia ler)* assignar com os officios da Camara e pessoas da Nobreza «que concorrerão a este acto. Eu Antonio José Oliveira Escrivão da «Correição que o escrevi.»[1]

Seguem-se vinte e oito assignaturas.

O documento *A* de que atraz falámos é a acta da sessão da Camara municipal da ilha de Santo Antão aos 8 de abril de 1816.

Vamos dizer em que elle consiste:

«Aos 8 d'abril de 1816 reuniram-se na casa da camara os juizes «ordinarios e os vereadores, procuradores do concelho, a fim d'acordar «sobre o requerimento do Povo d'esta Ilha a respeito de varios ho-«mens Espanholos que se acham na mesma ilha dizendo que pertendem «estabelecer na dita com entento de mandarem trazer mulher e filhos «logo com ferramentas necessarias para abertura, agricultura das ter-«ras que pretendem aforar.»

---

[1] Documento encontrado por nós nas actas da Camara municipal de 1812.

O sitio por elles cubiçado era o chamado Agua das Caldeiras, onde disseram pretender fazer uma egreja, tendo trazido para esta e para casas *portas feitas.*

No requerimento do Povo apresentavam-se varios argumentos contra a intrusão dos hespanhoes; consistia, por exemplo, o 6.º no seguinte:

«Sexto porque não se sabe qual o fondamento porque os suplica-«dos querem estabelecer n'esta dita ilha, se é para ficar dentro e de-«pois de tomar conhecimento de tudo dar entrada a sua nação e fica-«rem senhores da dita ilha.»

Deliberou o Senado *que nem nas terras pertencentes ao concelho nem nas pertencentes á Real Fazenda se fizesse aos suplicados aforamentos alguns, não só pelas razões aprezentadas pelo Povo, mas tambem porque... pelos tempos futuros vem a crescer n'esta ilha uns Povos pertencentes a nação Portugueza e outros a nação Espanhola, coisa inconsendiravel de soceder em parte alguma do mundo; e mandou aprezentar este acordão ao Capitão Mor Commandante e feitor da Fazenda Real para que elle seja entendido, e copiado seja remettido pelo mesmo Senado á Real Junta.*

Seguem-se quarenta e quatro assignaturas.

Nos Archivos nada mais encontrámos que interessasse, sob o ponto de vista historico, á ilha de Santo Antão.

A memoria tinha conservado a existencia no passado de um livro precioso e antigo onde fôra registado tudo que importante, desde remotos tempos, se passára na ilha, mas esse livro... desapparecera... e d'esta fórma o presente e o futuro continuarão a ignorar esse passado...

*

* *

Sobre usos e costumes cedamos o logar ao dr. Custodio José Duarte e ao medico Menezes.[1] Ouçamos, pois, o primeiro com referencia á ilha de Santo Antão, e o segundo á ilha da Boa Vista:

Ilha de Santo Antão

Nascem, vivem e morrem na religião catholica romana.

Não direi que a seguem, porque a sua extrema ignorancia não lhes permitte comprehendel-a.

Sondar o abysmo de superstições extravagantes e disparatadas, onde os seus espiritos se acham entrevecidos, seria obra impossivel.

---

[1] Dr. Custodio José Duarte. *Noticia sobre a ilha de Santo Antão* (1872).

Crearam um mundo extra-natural, povoado de entes imaginarios e maleficos, e sob a tremenda pressão do medo passam miseravelmente do nascimento á campa.

Nas freguezias da Ribeira Grande e Coculim é que existe maior devoção.

São perdidos por procissões de egreja, nas quaes tomam parte importante pessoas das primeiras da localidade.

Novenas, rosarios e via-sacras são para elles exercicio espiritual quotidiano.

Não vi que a moralidade ganhasse muito com isso, e, a dizer a verdade, pareceu-me que tudo aquillo não era tomado em conta senão de passatempo indispensavel.

Nas freguezias de S. Pedro e de S. João Baptista não têm tanto fervor as praticas religiosas.

Na primeira um padre velho e cançado não pode satisfazer todas as exigencias de piedade; na segunda ha muito que não existe sacerdote algum.

O Paul é que passa por ser a parochia menos orthodoxa.

Não é raro na occasião da missa acharem-se na egreja sómente o padre e o sacristão.

Aquillo, porém, não é a indifferença elevada e até certo ponto augusta do philosopho, senão a inimportancia automatica dos brutos.

Originalidade de costumes não têm muita.

Quando morre alguem fazem as guisas conhecidas em toda a provincia e tantas vezes descriptas.

Nos casamentos é que ha usança de algum relevo e caracter.

Alguns dias antes principiam amigos e vizinhos a levar mólhos de lenha para a casa onde hade ser feita a festa. Apresentam-se em ranchos, empunhando ramos e bandeiras, ordinariamente formadas de lenços, e entoando cantigas em honra dos noivos.

Na vespera chegam com seus presentes os padrinhos e pessoas amigas das familias que vão ligar-se tão estreitamente.

Aquellas offertas, que elles em grande parte consomem, consistem em cabras, porcos, gallinhas, mandioca, milho, hortaliças, fructa, leite, aguardente e vinho de calda.

Passam alli a noite, comendo e bebendo, cantando e dançando.

No dia do recebimento as portas e janellas acham-se adornadas de ramos de canna saccharina, café e laranjeira, e de grande profusão de lenços de côres vivas e brilhantes, servindo de bandeiras.

No quarto nupcial é arranjado um leito a que dão o nome de toldo.

Envolto em suas cortinas, que, segundo as posses, são compostas de cobertas de chita ou lençoes, é engrinaldado com festões e arcos revestidos de ramagens e flôres, deixando pender fructos, bonecos, bolos de milho a que chamam *fongos,* ovos, vidros de leite, de mel e aguardente.

A noiva, ataviada por certas mulheres conhecidas por grandes mestraças n'isso, e que a toda a gente disputariam tal prazer, vae

para a egreja litteralmente carregada de objectos de ouro, que, por poucas horas, deve á obsequiosidade das suas amigas, que a taes emprestimos com difficuldade se recusariam.

Á noite ha grande papança e folia.

Se a casada está em fama de donzella mettem-lhe debaixo do travesseiro pedaços de fita, quasi sempre vermelha e azul, e alguns alfinetes. Se aquella supposição passa a certeza, se a virgindade da moça está illesa, o que a ciosa moralidade publica quer que sempre aconteça, é a virtude da noiva annunciada no profundo silencio nocturno por um ou mais tiros retumbantes, disparados pelo muito feliz e contente esposo.

Em tal caso faz a madrinha, no dia seguinte, uma porção de pequenos laços com as fitas que ficaram sob o travesseiro, e vae pregando um a um, com seu alfinete, no fato de cada pessoa presente.

Este adereço é tido em grande estimação pelas raparigas, que n'elle vêem mil promessas secretas e de bom agouro.

Os ramos e arcos são depois distribuidos ás pessoas de amizade.

Os bailes são como em quasi todas as ilhas.

As primeiras vezes imagina-se que os instrumentos da orchestra são uma rabeca, uma viola e um enorme martello descarregando no chão pancadas repetidas e atroadoras.

Depois vem-se no conhecimento de que tão incommodo estrondear é simplesmente o compasso, que um dos musicos bate com o pé descalço no soalho durante uma noite inteira.

A hora adiantada, quando a dança vae ganhando animação, a gente do povo, que sempre se accumula ás portas, quando não invade a sala, começa ao som de uma musica morna, e batendo palmas, a entoar umas certas phrases, que consistem ordinariamente em desejar saude a este ou áquelle par. O individuo contemplado n'estas cantilenas é de feição remunerar de algum modo os lisonjeiros. Algumas vezes n'essa occasião atira com um lenço ao magote do povo e vae recebel-o depois mediante uma pequena gratificação.

Ha ainda uma costumeira apreciadissima.

É um baptizado de boneca.

Do sentido do titulo esperar-se-hia unicamente um brinquedo infantil, mas não é assim. Figuram n'elle creanças, é certo, porém os principaes papeis são distribuidos por pessoas de edade e de importancia.

Ha individuos conhecidissimos pela caramunha chocarreira e sonsa e perita bobice com que em taes occasiões desempenham as funcções de padre. São sempre chamados.

Faz-se parte aos amigos e conhecidos, que de bom grado percorrem algumas leguas para assistir ao divertimento.

Ha uns arremedos de missa e ás vezes de sermão.

A pilheria e a gargalhada concomitante são do estylo.

Grande jantar e dança prolongada e cheia de calor.

Em um verdadeiro baptizado não se faria maior despesa nem se pompearia menos luxo.

A maioria dos habitantes é agricultora. A base do cultivo é a canna saccharina, café, milho, feijão e batata doce.

Á mandioca são tambem destinados grandes tractos de terreno. Vinha ha pouquissima.

Bananeiras pullulam por todas as fazendas.

A laranjeira, de saborosissimo fructo, não deixa de ter um logar de honra em todas as hortas.

Artistas e artifices ha poucos e maus.

Desempenham imperfeitamente, quando muito, os mais communs misteres que a sociedade exige.

Os negociantes, pela quéda, quasi mania, de commerciar, que n'estas ilhas ha, não têm conta.

As profissões liberaes têm pouquissimos representantes.

Comquanto a industria esteja atrazadissima, não deixam de applicar a sua actividade a quanto os seus conhecimentos rotineiros sabem explorar.

Da purgueira, que não é muita, extraem algum azeite e com elle compõem sabão, que todavia não chega para o consumo da ilha.

Algodão ha muito pouco; no emtanto com esta materia textil, ou lã, fazem varios tecidos que são usados pelo indigena.

Preparam pães de anil por um processo defeituoso, e talvez prejudicial á saude, mas que produz uma tinta de um azul admiravel.

Constroem pequenas embarcações para a navegação costeira, e curtem pelles de que se servem para certos artefactos.

A principal alimentação d'elles está no milho, que a engenhosa necessidade lhes ensinou a cozinhar de differente modo. Desnudado o grão no pilão, e cozido com um ou outro adubo, é o milho esfarelado. Triturado constitue o *xarem,* de que fazem um prato bem superior ao arroz. Reduzido a farinha e cozinhado ao vapor de agua a ferver é o cúscús. Bolos de farinha amassada com agua e melaço e depois de fritos são a *batanga;* quando ha amassadura é a farinha misturada com banana madura, e os pequenos pães que formam e assam sobre a cinza têm o nome de *fongos.*

Grão de milho simplesmente torrado é o *parentem,* e reduzido a pó é a *camoca.*

A par com tão prestadio cereal estão o feijão, mandioca, batata doce, banana, carne de porco e peixe secco.

Peixe fresco apparece muito pouco á venda.

Gado vaccum na villa abate-se ordinariamente duas vezes por semana, gado cabrum e lanigero de quando em quando.

Na ilha vae-se já introduzindo o uso do vinho, mas a bebida predilecta é a aguardente da localidade.

É difficil calcular o numero de pipas d'ella que bebem annualmente; no emtanto, considerando nas extensas plantações de canna que em toda a parte se encontram, pode affirmar-se que não gastam menos de mil.

As pessoas que dispõem de meios trajam pouco mais ou menos á européa.

Quem chegar diante das palhoças tristes e immundas, onde alguns vivem, de certo se admirará quando os vir sahir de lá ataviados com os tecidos finos da moderna industria.

Para os mais pobres o trajo masculino ordinario é a calça, a camisa e o chapéo ou o bonnet; e para o feminino a saia, a camisa e panno, ás vezes uma coifa de linho crú ou de tecido da ilha, e quasi sempre o lenço de amarrar, lenço de cabeça que põem com muito mais elegancia e graça que na Europa.

Só em occasião de festa é que completam o trajo.

As casas são pessimas. As paredes construidas de pedra e barro. A maior parte d'ellas não caiadas e com telhados de colmo. Coberturas de telha, de pau ou barro são ainda raras. O uso das vidraças nas janellas está por ora muito pouco generalisado. Hoje em dia é aquillo um luxo com que só alguns ricos proprietarios se dão uns ares de fragil grandeza.

As da gente pobre constam de uma casa terrea, dividida interiormente por esteiras de canniço.

As dos mais abastados têm algumas commodidades, mas estão longe de alcançar o confortavel.

Umas e outras muito pouco hygienicas.

A ilha é de pequeno movimento commercial, e consequentemente pouco frequentado o porto principal.

Comtudo o serviço sanitario maritimo é feito segundo as disposições do regulamento de saude da provincia, elaborado em harmonia com as leis vigentes no reino.

Policia hygienica é coisa desconhecida. As ruas e quintaes estão em regra no estado mais asqueroso. Officios á auctoridade administrativa, visitas domiciliarias, bandos, tudo tem sido infructifero.

Depois de uma reclamação vê-se um tal ou qual asseio durante alguns dias; depois tudo se relaxa.

A respectiva auctoridade não tem até agora usado, a despeito de incessantes reclamações, todo o rigor que o caso exige.

Ao longo das casas, nos logares mais frequentados, não são raros os excrementos humanos. Pois para se avaliar o desleixo que alli ha basta dizer-se que por muito tempo foram os porcos, quando vagueavam livremente, os unicos agentes da limpeza publica.

Os enterramentos não são feitos segundo as instrucções legaes. Nenhuma sepultura tem o competente marco que indique a data da inhumação e sirva de guia para o seu reabrimento. Dirigi sobre isto algumas ponderações á respectiva auctoridade, mas não tive a satisfação de ser attendido.

Ilha da Boa Vista

Se a ilha teve habitantes doceis, hospitaleiros e bondosos, poucos herdaram d'elles aquelles predicados. Morigerados e apoucados, se o foram, não o são hoje em maioria. São comtudo pacificos e brandos.[1]

Na freguezia de S. João Baptista encontra-se ainda uma affabilidade pastoril e hospitalidade lisonjeira. Muitos, sob a mascara de louvaveis predicados, escondem a velhacaria.

O homem pensa no seu futuro; a previsão é uma das mais bellas qualidades. Reina e espera sempre.

A incerteza da sua vida é para elle a mais doce illusão e a mais feliz das suas ignorancias.

A crença na perpetuidade é a sua grandeza toda. D'esta crença universal escapa a maior parte dos habitantes da ilha, que não cuida senão em satisfazer as suas necessidades actuaes.

Faltos de discernimentos não pensam senão no presente, nem sabem renunciar e sacrificar um goso á felicidade, que importa uma satisfação mais duradoura e menos inebriante.

Trabalhar para gosar, e afastar penas mais fortes, eis em que consiste o programma do homem, sua tarefa ardua, nobre, bella e vasta.

Esta doutrina, porém, não se pode applicar n'esta ilha, onde o productor não teve de luctar com a natureza, que occulta immensos thesouros, e que não os dá senão como Labão deu a mais encantadora das suas filhas a Jacob, como premio de longas vigilias e incessantes esforços, pois com o limitadissimo trabalho de dois mezes obtem o sustento para o anno inteiro; o futuro é d'elle desconhecido; as necessidades actuaes são bem poucas, e a terra, prodiga na producção, favorece a indolencia a que pelo clima são condemnados.

São filhos de Epicuro, vivem do prazer e para o prazer. Ignorantes e supersticiosos, acreditam muito nos feitiços. Não ha para elles doença que tenha outra etiologia. Fracos de intelligencia pela organisação, têm comtudo aptidão sufficiente para a imitação. Trabalham uns na tecelagem de pannos de algodão e lã, e fabricam colchas de muito bom gosto; outros empregam-se no fabrico de louças de barro, de que desprezam o aperfeiçoamento; alguns fabricam grande quantidade de cal; outros, por um systema incommodo, extraem muito sal, que com aquella seria exportado em grande escala se houvesse procura.

Muitos ou quasi todos são pastores, e d'estes ha alguns que possuem grandes manadas de gado vaccum, cabrum, ovelhum e cavallar.

Se a vida pastoril não fosse facil na ilha, onde poucas chuvas são

---

[1] Menezes. *Relatorio do serviço de saude publica na ilha da Boa Vista,* relativo ao anno de 1874.

sufficientes para cobrir de verde os vastos campos, de certo a indolencia a que pelo clima são condemnados daria em resultado o não possuirem animal algum.

Ninguem, porém, tem profissão certa e determinada; lavrador, pastor, tecelão, salineiro, oleiro, etc., são tudo ao mesmo tempo.

O queijo da sua lavra é de superior qualidade e é muito estimado e procurado.

Montar a cavallo, correr a toda a brida, cantar e dançar, são suas inclinações apaixonadissimas; imitadores, como são, adquirem logo destreza bastante para serem filhos de Euterpe e Therpsicore. Creança que attingir a edade de cinco annos dança já com certo gosto.

Não conhecem notas de musica, mas tocam com soffrivel habilidade a harpa, a viola e a rabeca. Instrumentos boccaes são d'elles desconhecidos.

Aos seus canticos familiares, as mornas, por exemplo, não é sensivel a dissonancia, mas não se encontra poesia, verso, nem rima.

Nas festas religiosas são adequados os canticos, mas no seu entoar, não havendo vozes determinadas, o desaccordo d'ellas e falta de harmonia produzem muitas vezes sensação desagradavel, especialmente quando é acompanhada da celebre viola.

Se um habilitado na arte de solfejar se dedicasse ao ensino da musica, a ilha teria em pouco tempo orchestra completa.

É na realidade admiravel a inclinação dos habitantes para a dança e para o canto.

A faculdade de adquirir disposições novas, ou de se acostumar ás que já existem, é a base da perfectibilidade humana e o movel da educação.

Disposições novas são dos habitantes desconhecidas; têm os habitos herdados, passando alguns a serem excessos e abusos, como é a equitação, a dança e a crapula, de que são apaixonados, como disse.

As mulheres, tendo na generalidade uma sensibilidade mais viva, mais rapida, uma flexibilidade maior de todos os orgãos, sujeitam-se a quasi todos os habitos, supportam com o maior estoicismo os revezes da fortuna, e passam com toda a serenidade dos gosos luxuosos a soffrimentos de miseria. Sabem impôr silencio ás suas necessidades para assegurar o bem estar de quem amam.

As mulheres seguem aqui os habitos e costumes dos seus homens, e para conseguir satisfazer os vicios e defeitos d'elles, que no seu escuro pensar são virtudes, trabalham mais do que elles, conduzindo grandes cargas, a que os homens raras vezes se sujeitam, e fazendo todo o serviço ao seu alcance. Fabricam além d'isto, nas horas vagas, rendas a crochet, com certa perfeição, e tecidos de lã.

A recompensa ambicionada pela mulher é um vestido de cassa branca e um par de botinas para os bailes.

Entre os habitos desordenados ha o da mancebia.

Os musulmanos possuem os seus harens, e os d'aqui têm suas amigas reunidas em alguns casebres, os quaes, se não em tanto, fazem as vezes d'aquelles.

De 1:955 habitantes maiores de vinte e cinco annos só 390 são casados! Os mais vivem amancebados n'estas uniões anti-moraes, cujo resultado é o virem ao mundo esses filhos naturaes, que, entregues aos desvelos de uma fragil e misera mãe, a qual sem obstaculos é abandonada, succumbiriam a ligeiros males, se dos maus fosse o clima, e a costumeira de haver filhos naturaes não excitasse a compaixão do proximo.

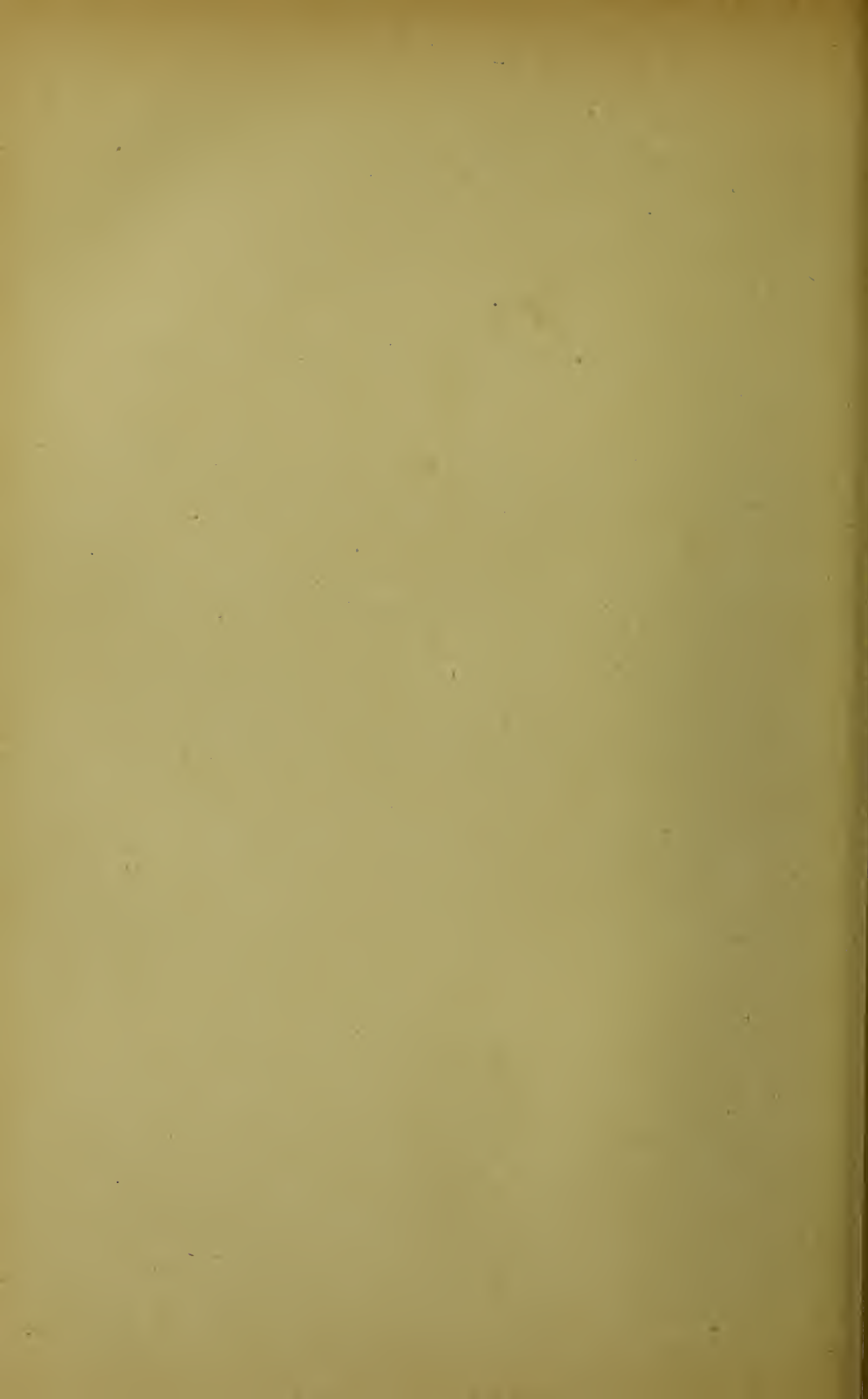
Podem dividir-se os habitantes nas seguintes classes:

1.ª Mestiços, oriundos da união de sangue caucasico, como o ethiope, ou o mulato escuro, apresentando uma constituição mediana e temperamento misto;

2.ª Mestiços, oriundos da mesma união, em que o sangue ethiope tem soffrido grande alteração pelos successivos cruzamentos, ou os mulatos claros, apresentam temperamento lymphatico-nervoso e fraca constituição;

3.ª Os que apresentam todos os caracteres physicos e phisiologicos da raça negra ou ethiope, com temperamento sanguineo em uns, misto em outros, e constituição forte e mediana;

4.ª Finalmente os europeus, em numero muitissimo limitado, a quem a sorte obrigou ou ajudou para se estabelecerem com casa e familia, trazem o *cachet* da sua procedencia e são *laudatores temporis acti,* não deixando de exprimir que varias têm sido as modificações por que têm passado sob estes climas.

Como nas outras ilhas, falam o creoulo.

A Flora

> La quantité de végétaux existants sur le globe est si prodigieuse, leurs espèces sont tellement variées, que l'esprit humain se trouve incapable d'embrasser le tout ensemble, et quel a vie entière d'un homme, dût-elle se prolonger jusqu'au terme le plus reculé, suffirait à peine pour les connaître et les distinguer toutes d'une façon convenable. C'est par cette raison que rien ne saurait être plus avantageux à l'étude de la Botanique, que de recueillir, d'observer et de decrire avec soin les plantes d'un certain pays, d'une Famille isolée, ou d'un genre particulier. Il est à désirer que ceux qui se vouent à l'étude du Règne végetal, s'appliquent ardemment à la Flore de la contrée qu'ils habitent, ou qu'ils trouvent occasion de parcourir avec loisir.
>
> J. C. Comte de Hoffmansegg et H. P. Link. *Flore Portugaise,* tomo I, Berlin, 1809.

A Flora do archipelago de Cabo Verde é mista e muito interessante. Não se encontra n'ella, porém, o explendor da vegetação dos tropicos, embora possua, entre outras especies, coqueiros, palmeiras, cafeeiros, arvores fructiferas e vegetaes lenhosos.

Numerosas são as familias.

Importantes indicações mereceram estas ao dr. Johann Anton Schmidt, relativamente aos exemplares que viu e colheu nas ilhas de S. Vicente, Santo Antão, Boa Vista, Sal e Maio.

Offerecem muitas especies interesse morphologico, com referencia, por exemplo, á fragilidade, formação especial dos espinhos, formação das folhas, formação das flôres, formação da raiz, formação dos fructos, á posição das folhas, ás sementes, ao *habitat,* á pequenez, ás suas flôres, á fórma do fructo, á muita folhagem, á abundancia e fórma das folhas, á falta d'estas, á pequena area, á succulencia, ao aspecto tropical, etc.

Outras despertam a attenção pela sua belleza, no todo, ou pelas flôres, folhas, fructos ou sementes.

Causa sensação agradavel ao extremo quando, principalmente na epocha da maior florescencia, se contemplam — pendentes dos rochedos e montanhas muitas vezes inaccessiveis e sobranceiros a abysmos de um bello horrivel, ou nas estradas e caminhos, alguns de difficillima passagem, mais proprios para cabras do que para gente, os quaes, ainda assim, são utilisados quasi todos os dias por aquelles a quem a

lucta pela existencia acostuma desde pequenos a transpôr accidentados terrenos, saltar precipicios, fazer ascensões quasi a prumo — todas essas especies, que mostram garridas as suas flôres côr de lilaz, amarella, encarnada, etc., as quaes o sol cresta em pouco, para a essas especies se succederem quasi sempre outras, quando não sejam individuos da mesma especie.

O dr. Schmidt, que tem sobre a Flora do archipelago de Cabo Verde o trabalho mais completo que se conhece,[1] pois ao resultado das suas proprias investigações e colheita reuniu tudo quanto andava disperso ao tempo (1851), em differentes publicações e jornaes, principalmente as especies da *Specilegia Gorgonea* de Barker Webb, das quaes sobresaem as que constituiram o *Herbario Portuguez das Ilhas de Cabo Verde,* formado pelo naturalista João da Silva Feijó, nos annos de 1784-1787, — herbario que *foi levado do Museu de Ajuda,* em 1808, para França, onde figura nas collecções do Museu de Historia Natural (Paris), tendo sido baldados até hoje todos os esforços *para rehavel-o,* — dividiu, especialmente, a flora das ilhas de Santo Antão e S. Vicente em districtos botanicos — seis para a 1.ª e cinco para a 2.ª — distinctos uns dos outros, pois cada um d'elles tem caracter especial, a respeito da vegetação, do terreno e da altitude.

Ilha de Santo Antão	Flora das Praias	Flora dos logares estereis e pedregosos nas ribeiras	Flora das orlas das ribeiras e pantanos	Flora das regiões baixas das montanhas e rochedos até 1:500 pés acima do nivel do mar	Flora das regiões mais altas, 1:500 a 4:500 pés acima do nivel do mar	Flora das culturas e plantações
Ilha de S. Vicente	Flora das Praias	Flora dos logares incultos das planicies e da cidade do Mindello	Flora das culturas	Flora do Monte Verde e das montanhas proximas até 1:500 pés	Flora das regiões altas do Monte Verde	

Assignalou o dr. Schmidt para a ilha de Santo Antão 258 especies, sendo 179 Dicotyledoneas e 46 Monocotyledoneas.

[1] Beiträge zur Flora du Cap Verdischen Inseln. Heldelberg, 1852.

Das 258 especies (inclusas as 23 cultivadas) 17 são arvores, 15 arbustos, 37 meio arbustos, e as restantes herbaceas, sendo d'estas 47 quasi rasteiras.

Das Dicotyledoneas encontram-se, sómente em Santo Antão, 62 especies.

Das 46 Monocotyledoneas 21 especies não se encontram em qualquer outra ilha do archipelago.

Por observação propria podemos dizer que a Flora da ilha de Santo Antão não só é muito mais rica, mas não foi explorada ainda por pessoa alguma, *no seu todo, e como deve ser.*

Com respeito a essa Flora alguma coisa temos feito, mas resta muito para fazer.

O dr. Schmidt herborisou na ilha de Santo Antão de 1 a 26 de março, e a sua exploração teve por campo as montanhas da Ponta do Sol até ao Paul, e a Ribeira Grande, antes d'elle botanicamente desconhecida. Importantes foram os seus trabalhos.

Nós, por todas as vezes que havemos estado na ilha de Santo Antão,—muitas têm ellas sido, e durante annos,—temos herborisado conforme nos ha sido possivel, sem prejuizo das obrigações do logar que exercemos; centenas de plantas d'esta ilha existem, por nós offerecidas, no Herbario da Universidade de Coimbra, e outras centenas ainda possuimos no nosso proprio Herbario, começado a formar apenas ha mezes (1891).

As nossas plantas foram colhidas em diversissimos pontos: Caminho da Ponta do Sol, Ribeira da Ponta do Sol, Fontainhas, Caminho da Ponta do Sol ás Fontainhas (montanhas), Paul, Ribeira Grande, Ribeira da Torre, Ribeira dos Orgãos, Coculi, Garça, Ribeira das Patas, Porto dos Carvoeiros, Cham de Pedra, Monte Joane, Monte Manuel Joelho, etc. Algumas especies colhidas por nós cremos bem não figurarem na Flora do dr. Schmidt.

A Flora da ilha de S. Vicente foi ha pouco tempo augmentada nas suas determinações com 30 especies, que elevaram assim o numero conhecido, desde o dr. Schmidt, de 156 especies ao de 186 e duas variedades.

Devem-se estas novas determinações ás herborisações de E. H. L. Krause, que por tres vezes permaneceu, por algum tempo, na ilha de S. Vicente.

A lista da Flora d'esta ilha, assim augmentada por Krause, foi publicada o anno passado no *Jornal Engler. Bot.* Jahrb, XIV, 1892, p. 394.

Temos á vista uma copia d'esta lista, com a qual nos obsequiou o dr. J. G. Boerlage, conservador do S. Rigks Herbarium Te Leiden.

Para a ilha de S. Vicente o dr. Schmidt assignalou 111 Dicotyledoneas e 32 Monocotyledoneas. Das primeiras, 15 especies são particulares a esta ilha, das segundas só o são 7.

Das 156 especies de S. Vicente (inclusas as 8 cultivadas) 4 são arvores, 10 arbustos, 30 meio arbustos, e as restantes herbaceas, das quaes 34 pouco se elevam no chão.

A ilha de S. Vicente foi a primeira das do archipelago em que nós herborisámos ha dez annos (1883).

As ilhas da Boa Vista, Sal e Maio não offereceram ao dr. Schmidt campo tão vasto para a colheita e estudo como as duas ilhas de que acima falámos, mas, em compensação, mostraram-lhe especies interessantes, taes são as que elle chama *plantas de sal.*

Na ilha da Boa Vista distinguiu o dr. Schmidt a Flora da Costa da Flora do interior.

Realmente — como já tivemos tambem occasião de observar por occasião da nossa permanencia (em serviço) de oitenta dias n'essa ilha — a Flora da Costa differe um pouco da Flora do interior, sendo caracterisada a primeira pela quasi absoluta falta de formação de folhas e pela existencia de espinhos.

Assignalou para a Boa Vista o dr. Schmidt 93 especies (nas quaes se acham inclusas 16 cultivadas), sendo 6 arvores, 14 arbustos, 20 meio arbustos, e, das restantes, 20 rasteiras.

Das Dicotyledoneas da ilha da Boa Vista, em numero de 57, 10 especies são particulares á ilha; das Monocotyledoneas, em numero de 19, só o são 2.

Estamos certos que se o dr. Schmidt tivesse estado na ilha da Boa Vista em epocha mais propria para a colheita do que fevereiro, o numero das especies colhidas seria superior a 93.

No nosso Herbario temos especies da ilha da Boa Vista, e tambem d'ellas offerecemos algumas ao Herbario da Universidade de Coimbra.

Na sua obra não nos fala o dr. Schmidt em Bowdich, que em 1823 esteve na ilha da Boa Vista, onde não só herborisou, mas colleccionou conchas (muitas especies novas) e peixes, figurando as respectivas listas, bem como a de outros trabalhos seus em Africa, [1] na obra *Excursions dans les Isles de Madère et de Porto Santo* (Paris, 1826), publicada por M.me Bowdich.

Na ilha do Sal ha extensões não pequenas em que, como em S. Vicente, o chão se mostra pobrissimo de vegetação, sendo representado por uma só especie. N'outros logares é elle completamente esteril; n'outros, ainda, a vegetação é viçosa.

Só passadas algumas horas, na direcção das montanhas que ficam quasi a um dia de caminho, é que se podem colher algumas especies.

Temos herborisado na ilha do Sal por vezes. Mas n'esta ilha, como na da Boa Vista, o sol pela incidencia dos seus raios nos numerosos e alevantados bancos de areia (que muitas vezes é preciso transpôr durante muitos quartos de hora para passar ávante), e a sua reflexão assaz incommodativa na retina, é um poderoso agente a oppôr-se

---

[1] Bowdich foi surprehendido em 1824, pela morte, no forte James, onde então se entregava a investigações de historia natural e operações trigonometricas. Herborisou tambem na ilha da Madeira, ilha de S. Thiago (Praia) e Banzola e seus arredores. (Obra citada, pag.s 236 a 271, 373 a 408, etc.)

a que não seja muito proficua a obra d'aquelle que de passagem, vapor á vista e hora marcada de embarque, e rodeado de areia por todos os lados ou de areia e salinas, e sempre sob esse verdadeiro sol dos tropicos, e a correr, deseja colher especies botanicas.

Na ilha do Sal o dr. Schmidt assignalou 39 especies, sendo 26 Dicotyledoneas e 8 Monocotyledoneas.

Das 39 (inclusas 5 cultivadas) 4 são arbustos, 13 meio arbustos, e das herbaceas são rasteiras 12.

Das Dicotyledoneas 3 são particulares á ilha, e das Monocotyledoneas são-no 2.

Temos no nosso Herbario especies da ilha do Sal, e d'ellas offerecemos tambem ao Herbario da Universidade de Coimbra.

A ilha do Maio, comquanto a tenham feito figurar no grupo das ilhas do Sal, Boa Vista, Sal, Maio, tem uma vegetação muito differente.

Não mostra ella as *plantas de sal,* mas ás vezes no meio de areia pequenos oasis verdes formados pela *Ipomae pes-caprae* (verdadeira planta das praias e cujos ramos são sempre voltados na direcção do mar) e pela *Aerve javanica.*

Na praia e proximidades do porto mostram-se algumas especies, mas logo um pouco mais adiante—como temos tido occasião de observar—a vegetação desapparece quasi por completo na areia. É sómente na parte mais elevada da ilha que, entre outras especies, se mostram representantes das ilhas de Santo Antão e de S. Vicente.

Para a ilha do Maio assignalou o dr. Schmidt 49 especies, sendo 31 Dicotyledoneas e 5 Monocotyledoneas.

D'estas 49 plantas (inclusive 13 cultivadas) 6 são arvores, 4 arbustos, 7 meio arbustos, e as restantes herbaceas, das quaes 13 rasteiras.

Das Dicotyledoneas nenhuma é especial á ilha, mas algumas são de rara vulgarisação.

As 5 Monocotyledoneas encontram-se em outras ilhas.

Temos no nosso Herbario plantas por nós colhidas na ilha do Maio, e d'ellas tambem offerecemos ao Herbario da Universidade de Coimbra.

Da botanica da ilha de S. Nicolau disse o dr. Schmidt:

«Die botanische kenntniss von St. Nicolas ist unbedeutend. Es «sind 19 Dicotyledonen bekaant. Die Flora scheint viel Uebereinstim-«mendes mit St. Antonio zu haben, deen 15 dieser Pflanzen wurden «auch der zuletzt genannten Jnseln beobachtet.» [1]

. . . .

«Die Jnseln S. Nicolas, Brava und Fuego sind hinsichtlich ihrer «Monocotyledonen ganz umbekaant. Cyperus articulatus ist von For-«bes auf S. Nicolas beobachtet worden.—Zweifelhaft ist das Vorkom-«men einer Orchidee.» [2]

---

[1] Obra citada, pag. 100.
[2] Idem, pag. 102.

A nossa residencia na ilha de S. Nicolau, em 1890–1891, permittiu-nos—nas mesmas circumstancias em que temos até hoje trabalhado em botanica e das quaes já falámos—fazer alguma coisa a favor da determinação da Flora da ilha.

É assim que herborisámos e offerecemos ao Herbario da Universidade de Coimbra centenas de plantas da ilha de S. Nicolau, possuindo no nosso Herbario algumas outras centenas d'ellas, entre as quaes se encontram especies que até hoje não figuram na collecção offerecida.

A respeito d'esta nos communicou em junho de 1892 o nosso antigo Professor de Botanica na Universidade de Coimbra, o sr. dr. Julio Augusto Henriques, o seguinte:

«As suas plantas foram muito apreciadas por dois botanicos que «estudam com cuidado a flora das ilhas africanas.

«Um até já esteve em S. Nicolau. É o dr. Bolle, de Berlim

«Tanto o dr. Bolle como o dr. Christ recommendam a exploração «dos montes.»

E ultimamente (agosto de 1893):

«O catalogo será publicado no volume XI do *Boletim*, porque ainda «ha algumas especies para determinar.»

Pelo *Boletim da Sociedade Broteriana*, pois, poder-se-ha avaliar da Flora da ilha de S. Nicolau, onde nós herborisámos em muitos logares, e da qual possuimos numerosas especies.

Entre os *habitat* de todas essas plantas citaremos, por exemplo, o Monte Gordo, o Tarrafal, Ribeira Brava, Fajan, Calejão, Agua das Patas, Campinho, Tabuga, Ribeira do João, Campo da Preguiça, etc.

Na nossa colleção ha plantas marinhas e Monocotyledoneas.

Para a ilha de S. Thiago assignalou o dr. Schmidt 164 especies (não incluindo as cultivadas e outras que não são ainda indigenas). D'este numero, 145 são Dicotyledoneas e 18 Monocotyledoneas, das quaes 7 são particulares a esta ilha.

Sobre umas e outras diz o dr. Schmidt:

«Die Zahl der Dicotyledonem auf St. Iago beträgt 145. Wenn «wir aber den grössten Theil, also etwa $^2/_3$ der Dicotyledonen, deren «Fundort in Zweifel gestellt ist, für St. Iago annehmen, so würde sich «die Gesammtzahl der Dicotyledonen daselbst auf 170 belaufen. Von «den mit Sicherhest der Flora von St. Iago zugehörigen Dicotyledo«nen sind 42 der Jnsel eigenthümlich. Interessant ist es, dass der bei «Weitem grösste Theil der nordeuropäischen (deutschen) Pflanzen, «welche auf dem Cap Verden vorkommen, nur auf St. Iago angetrof«fen werden. Es erklärt sich dies daraus, dass eben diese Insel am «Meisten besucht ward, und daher auch am leichtesten fremde Pro«dukte aufnehmen und bei sich einheimisch macken konnt.»[1]

Na verdade a ilha de S. Thiago tem sido—de todas as do ar-

---

[1] Obra citada, pag. 99.

chipelago de Cabo Verde — a mais visitada, não só por extrangeir os alheios á botanica, mas tambem por naturalistas.

Sem querermos alargar esta noticia com materia de que aliás já, tratámos em artigo especial — *Herborisações em Cabo Verde* — diremos sómente do Professor Christiano Smith.

Herborisou elle na ilha de S. Thiago, nos dias x e xi das calendas de abril, anno de 1816, proximidades do porto da Praia, no valle da Trindade e montes do Pico da Antonia; altitudes de 1:500 a 3:000 pés.

Considerou duas regiões:

A

Regio inferior arida, 1:500 ped. circiter alta.

B

Regio superior humida, graminosa; inter altis 1:500, 3:000 ped. et forsan ad summa cacumina usque.

Na 1.ª região encontrou Ch. Smith *Plantas dos tropicos* e *Plantas da zona temperada.*

E das primeiras fez os seguintes agrupamentos:

a) Propriae;
b) Senegalenses;
c) Introductae Americanae, num quasi indigenae propartes tropicas;
d) Introductae asiaticae num quasi indigenae.

E das segundas estes outros:

a) Propriae;
b) Canarienses;
c) Boreali-Africanae quae simul Canariensis;
d) Capenses.

Na 2.ª região formou os seguintes agrupamentos:

a) Propriae;
b) Canarienses;
c) Meridionali Europeae quae etiam in Canaria;
d) Capenses;
e) Americanae introductae;
f) Indeterminabilis absque flore et fructes.

O Herbario da Universidade de Coimbra possue muitas plantas por nós herborisadas na ilha de S. Thiago.

Foi esta a segunda ilha em que herborisámos.

Para completar o conhecimento da Flora do archipelago de Cabo Verde passemos a registar, segundo o dr. Schmidt:

1.º As familias predominantes pelo numero das suas especies, para cada uma das ilhas de S. Vicente, Santo Antão, Boa Vista, Sal, Maio e S. Thiago;
2.º A predominancia geral (entre estas seis ilhas) das familias que se compararam no numero de especies por que são representadas;
3.º As plantas cultivadas (não comprehendidas as silvestres) por motivos technicos;
4.º As plantas endemicas;
5.º A distribuição d'estas pelas ilhas do archipelago;
6.º A vulgarisação e a patria das especies cabo-verdeanas;
7.º Os agentes e hypotheses d'esta vulgarisação.

1.º

S. Vicente

Familia	Especies
Gramineas	25
Papilionaceas	16
Compostas	15
Euphorbiaceas	8
Convolvulaceas	6
Tiliaceas, Scrophularineas, Solaneas, Labiadas, Cyperaceas, Polypodiaceas	5

Santo Antão

Familia	Especies
Gramineas	35
Papilionaceas	24
Compostas	22
Malvaceas	11
Labiadas	11
Scrophularineas	9
Euphorbiaceas	8
Polypodiaceas	8

Boa Vista

Familia	Especies
Gramineas	18
Papilionaceas	8
Euphorbiaceas	6
Compostas	5
Malvaceas, Caryophylleas, Compostas, Chenopodeas	2

Sal

Familia	Especies
Gramineas	6
Zygophylleas	5
Papilionaceas	4
Malvaceas, Caryophylleas, Compostas, Chenopodeas	2

S. Thiago

Familia	Especies
Papilionaceas	21
Gramineas	14
Compostas	11
Malvaceas	9
Solaneas	8
Tiliaceas	7
Euphorbiaceas	7
Amarantaceas	6

Maio

Familia	Especies
Gramineas	6
Malvaceas	6
Tiliaceas	3
Papilionaceas	3

2.º

Papilionaceas na ilha de Santo Antão	24
Mimoseas na ilha de S. Thiago	4
Euphorbiaceas nas ilhas de Santo Antão e S. Vicente	8
Zygophylleas na ilha do Sal	5
Anonaceas na ilha de S. Thiago	3
Papaveraceas na ilha de Santo Antão	2
Cruciferas na ilha de Santo Antão	5
Cucurbitaceas na ilha de S. Vicente	3
Portulaceas na ilha de Santo Antão	4
Malvaceas na ilha de Santo Antão	10
Tiliaceas na ilha de S. Thiago	7
Compostas na ilha de Santo Antão	22
Campanulaceas na ilha de Santo Antão	2
Asclepiadeas na ilha de Santo Antão	3
Labiadas na ilha de Santo Antão	11
Boragineas nas ilhas de Santo Antão e S. Vicente	3
Convolvulaceas nas ilhas de Santo Antão e S. Thiago	7
Solaneas na ilha de S. Thiago	8
Scrophularineas na ilha de Santo Antão	9
Umbelliferas na ilha de Santo Antão	2
Amarantaceas na ilha de Santo Antão	7
Chenopodeas na ilha de Santo Antão	4

3.°

	Santo Antão	S. Vicente	Maio	Boa Vista	Sal
Jatropha manihot, L					
Rosa centifolia, L	A.				
Terminalia catappa, L				B.	
Brassica oleracea, L	A.		M.	B.	S.
Carica papaya, L	A.	V.	M.	B.	
Cucumis sativus, L	A.	V.	M.	B.	S.
» melo, L	A.	V.		B.	
Cucubirta pepo, L			M.	B.	S.
Ctirus aurantium, Ris	A.	V.	M.	B.	
» limonium, Ris	A.				
» vulgaris, Ris	A.	V.	M.		
Coffea arabica, L	A.				
Nerium oleander, L	A.			B.	S.
Nicotiana tabacum, L	A.			B.	
Solanum tuberosum, L	A.			B.	
Vitis vinifera, L	A.				
Ficus carice, L	A.		M.		
Phoenix dactylifera, L	A.		M.	B.	
Cocos nucifera	A.		M.	B.	
Musa paradisicea, L	A.	V.	M.	B.	
Bromelia ananas, L	A.		M.		
Caladium esculentum, Vent	A.				
Dracaena draco, L	A.				
Zea mays, L	A.	V.	M.	B.	S.
Saccharum officinarum, L	A.			B.	

4.º

1. Lotus purpureus Weth.
2. » coronilaefolius Wetb.
3. » melilotoides Wetb.
4. » Brunneri Wetb.
5. » Jacobaeus L.
6. Phaca Vogelii Wetb.
7. Soemmeringia psyttacoryncha Wet.
8. Dolichos Daltoni Wetb.
9. Rhyhchosia Bocandéane Wetb.
10. Dialium anomalum Wetb.
11. Euphorbia Tuckeyanc Steud.
12. Fumaria montana!
13. Koniga spathuleta!
14. Sinapidendron gracile Webb.
15. » glaucum!
16. » Vogelii Wetb.
17. Helienthemum gorgonum Wetb.
18. Paronychia illecebroides Wetb.
19. Polycarpaea Gargi Wetb.
20. Arenaria gorgonea!
21. Malva velutina!
22. Sida affinis!
23. Corchorus quadrangularis!
24. Nidorella varia Wetb.
25. » Stetzii!
26. Conyza lurida!
27. » pannosa Wetb.
28. » odontoptera Wetb.
29. Phagnalon melanoleucum Wetb.
30. » luridum Wetb.
31. Inula leptoclada Wetb.
32. Odontospermum Smithii Wetb.
33. » Daltoni Wetb.
34. » Vogelii Wetb.
35. Artemisia gorgoneum Wetb.
36. Gnaphalium luteo-fuscum Wetb.
37. Tolpis farinulosa Wetb.
38. Sonchus Daltoni Wetb.
39. Rhabdotheca picridioides Wetb.
40. Cyphia Stheno Wetb.
41. Campanula Jacobace Wetb.
42. Cremaspora Bocandéana Wetb.
43. Pavetta syringoides Wetb.
44. Canthium triacanthum Wetb.
45. Sarcostemma Daltoni Wetb.
46. Lavandula rotundifolia Benth.
47. Micromeria Forbesii Benth.
48. Globularia amygdalifolia Wetb.
49. Echium stenosiphon Wetb.
50. » hypertropicum Wetb.
51. Linaria Wetbiana!
52. » Brunneri Benth.
53. » dichondraefolia Benth.
54. Phelypaea Brunneri Wetb.
55. Sapota marginata Dene.
56. Tornabenea hirta!
57. » Bischoffri.
58. Aeonium Gorgoneum!
59. Statice Jovi Barba Wetb.
60. » Brunneri Wetb.
61. Forskählea procridifolia Wetb.
62. Asparagus squarrosus!
63. Cyperus Sonderi!
64. Monochyron villosum Parl.
65. Elionorus Grisebachic!
66. Eragrostis pulchella Parl.
67. Ctenium rupestre!
68. Schmidtia pappophroides Stend.
69. Aristida paradoxa Steud.
70. Sporobulus confertus!
71. » insularis Parl.
72. Pennisetum myurus Parl.
73. » ciliatum Parl.
74. Opismenus Daltoni Parl.
75. Pappophorum Vincentianum!
76. Pleuroplitis ciliata!
77. Adiantum Capillus Gorgonis Wetb.
78. Asplenium polydastylon Wetb.

5.º

S. Vicente	S.to Antão	S. Nicolau	Boa Vista	Sal	Maio	S. Thiago	Brava
32	43	13	7	7	Nada	15	1
(sete são particulares á ilha.)	(dezoito são particulares á ilha.)	(duas são particulares á ilha.)	(duas são particulares á ilha.)	(tres são particulares á ilha.)		(cinco são particulares á ilha.)	

6.º

O dr. Schmidt, depois de minuciosamente registar a patria das especies da Flora de Cabo Verde, bem como as differentes regiões em que ellas se encontram, estabelecendo, assim claramente, o numero de especies communs a esta flora e ás floras, por exemplo, da Madeira (39 especies), Canarias (85), Abysinia (76), Algeria (56), Nubia (43), Egypto (46), Madagascar (10), Cabo da Boa Esperança (38), Ilha Mauricia (6), Asia (139), America do Norte (40), America do Sul (90), Australia (25), Europa (92), Portugal (69), Hespanha (78), Sicilia (74), Dalmatia (62), Hamburgo (28), Inglaterra (39), Allemanha (43), Berlim (80), etc., conclue por esta fórma:

«A Flora de Cabo Verde consiste portanto em 176 especies ex«clusivamente africanas; 6 encontram-se, além de Cabo Verde, só na «Europa, 6 só na India Oriental, 4 só na India Occidental, 7 sómente «na America do Sul.

«As restantes especies têm uma grande vulgarisação no universo. «183 especies são ainda vulgares na Africa, tem parte d'ellas a sua «patria ahi, d'onde se divulgaram, ou são plantas cuja origem ou pa«tria não se pode declarar ao certo, porque são numerosissimas em «climas eguaes.

«Com as 49 restantes, conforme o nosso calculo, dá-se o seguinte: «De 13 não se pode declarar a patria, e, como já mencionámos, 10 d'es«tas plantas até agora não foram classificadas, 6 têm a sua patria tanto «na India occidental como na America do Sul.

«Já dissemos que 22 plantas da flora de Cabo Verde têm uma «vulgarisação geral.

«A patria da maior parte d'estas cosmopolitas difficilmente se pode «ainda certificar; de algumas, a patria é com certeza a Europa, de ou«tras, a India occidental e America do Sul.» [1]

7.º

Como se vulgarisaram no archipelago de Cabo Verde tantas plantas cuja patria se acha a tão grande distancia?

O dr. Schmidt explica o facto pelos seguintes agentes e hypotheses:

1.º Ventos do nordeste e do oeste. [2]

É a estes ventos, diz-o dr. Schmidt, que sopram com uma violencia enorme, que se deve a variedade de plantas que cobrem o terreno em geral arido d'estas ilhas, porque trazem as sementes das flôres

[1] Obra citada, pag. 110 e 111.

[2] Os ventos de oeste não sopram durante alguns mezes no archipelago de Cabo Verde, como diz o dr. Schmidt. Os ventos dominantes em todas estas ilhas são os NE., E., ENE. e NNE. É por estes que o archipelago é visitado quasi constantemente. J. C., J.^or

de regiões distantes para servirem de adorno a estas ilhas, sendo os ventos de oeste acompanhados de chuvas periodicas e indispensaveis para a vegetação. D'esta maneira a Providencia encarregou-se da germinação das sementes trazidas para ahi de paizes longiquos. Comprova o que dizemos o facto do Professor Ehrenberg ter encontrado na atmosphera nebulosa, que não raras vezes envolve as ilhas, uma porção de infusorios que não só são oriundos da vizinha Africa, mas tambem da muito mais distante America do Sul.[1]

2.º Admittindo, em face da apparencia das ilhas de Cabo Verde com um deserto de areia, que estas são a continuação do grande deserto do Sahara. D'esta fórma o dr. Schmidt confessa que não tem difficuldade em traçar certas linhas de vegetação entre o logar de origem até Cabo Verde.

3.º Introducção certamente de muitas plantas por homens ou animaes, directa ou indirectamente.

Isto, diz o dr. Schmidt, nada ha que extranhar, porque ha ilhas muito distantes da costa, as quaes, além de poucas especies endemicas, têm uma flora importada, como as ilhas Gallopagos e Santa Helena, onde se observam as de acclimação facil.

Semelhante ás muitas plantas que se tem introduzido no nosso paiz, e que consideramos já como indigenas, tambem as plantas nas ilhas de Cabo Verde vindas de todas as partes do mundo, e que acharam ahi meios de divulgarisação, são actualmente consideradas como pertencentes á flora d'esta ilha.

Insignificante é a introducção de fructos ou sementes pelos animaes.

O homem tem introduzido plantas, ás vezes, para gosar dos fructos d'ellas, outras vezes só pelo aspecto de belleza, e, muitas vezes, carregado, nos navios, fructas e sementes para semeal-as, achando terreno proprio para a vegetação, e d'esta maneira explica-se a introducção de plantas da America do Norte, pois que navios d'esta nação frequentaram as ilhas de Cabo Verde. E a quantidade das plantas introduzidas seria ainda maior se as ilhas salineiras, que foram as primeiras que viram navios extrangeiros nos seus portos, fossem mais favoraveis a que a vegetação se vulgarisasse, tendo nós já mencionado que a ilha de S. Thiago muito se distingue pela quantidade de especies europêas.

A communicação directa do porto da Praia, séde do governo, com Lisboa, é uma circumstancia que facilitou muito a introducção das sementes de Portugal.

4.º As aves.

Só ás aves passageiras, diz o dr. Schmidt, que durante a epocha das chuvas habitam ás vezes Cabo Verde, se pode attribuir a vulgarização de plantas, e muitas especies da costa occidental de Africa foram introduzidas d'esta fórma.

5.º As correntes maritimas.[2]

João Cardoso, Junior.

---

[1] Monatsbericht der Berliner Akademie, mai. 1844.
[2] Obra citada, pag. 115 a 119.

Notas

En comparant la collection de M. Schmidt, je n'ai guère trouvé confirmée l'assertion exprimée par M. Lowe et partagée M. Hooker, d'après laquelle les plantes endémiques des îles du Cap-Vert se rapprocheraient plus de la flore méditerranéenne que de la flore atlantique. Cette opinion ne se rapporte peut-être qu'aux arbres atlantiques qui, à l'exception des *Dracoena*, manquent précisément aux îles du Cap-Vert. La plupart des arbustes endémiques sont des espèces très-voisines des espèces canariennes, appartenant aux groupes et aux genres qui, en dehors de la flore atlantique, ne renferment, dans le midi de l'Europe, que des herbes vivaces dénuées de tiges ligneuses.

Dans le catalogue de la flore du Cap-Vert, dressé par M. Schmidt, se trouvent rapportées 435 plantes vasculaires, chiffre qui se réduit à 400 lorsqu'on en élimine les plantes cultivées qu'il contient (parmi les quelles les arbres cultivés seuls comptent 25 espèces). De même, le chiffre des espèces endémiques (78) doit être un peu réduit (à 66), parceque l'autonomie de quelques unes de ces espèces paraît ne pas être fondée ou douteuse, et que d'autres se présentent vraisemblablement aussi sur la terre ferme: ainsi le *Sœmmeringia* a été rattaché au *Geissapsis.* D'après M. Schmidt (p. 105) parmi ses 435 espèces, 177 sont indigènes également sur la côte occidentale do l'Afrique, mais leur nombre est bien plus considérable. Je compte, parmi 424 espèces de végétaux non endemiques, 136 plantes, dont 87 se trouvent dans toutes les contrées tropicales, 32 en Europe, tendis que 17 sont ubiquiotes, ce qui n'empêche pas qu'il en reste encore environ 180 espèces africaines.

Les plantes canariennes (atlantiques) immigrées aux îles du Cap-Vert sont : *Koeniga intermedia, Frankenia ericifolia* (Canariis et Açores), *Polycarpaea nivea, Teline stenopetala, Zotus glaucus, Galium filiforme, Campylanthus Benthami, Staticepectinata, Beta procubens, Parietaria appendiculata, Asparagus scoparius* (Canarias e Madeira) *Lolium gracile.* Le *Sideroxylon marmulana* est possédé en commum avec Madère.

Parmi les plantes endémiques des îles du Cap-Vert (exclusion faite des espèces douteuses), je compte comme appartennant à la série tropicale 16 espèces, notament 8 Graminées, 3 Rubiacées, 2 Legumineuses, et des espèces isolées d'Asclépiadées *(Sarcostemma)*, de Sapotées et d'Urticées. Parmi les 49 espèces qui répondent au type canarien et sud-européen, la majeure partie consiste en arbrisseaux et sous-arbrisseaux: ce sont 16 Synanthérées (dans ce nombre, plusieurs espèces de *Nidorella*, *de Conyza*, et *d'Odontospermum*, 6 Légumineuses (5 espèces de *Lotus,* 4 Crucifères, 3 espèces de *Sinapidendron),* 3 Scrofularinées *(Linaria),* 2 parmis les Caryophyllées, les Ombellifères *(Tornabenea),* les Labiées, les Borraginées *(Echium)*, les Plombaginées *(Statice)*, les Fougères, et des espèces isolées de Cistinées, Smilacées *(Asparagus)* et Graminées. Enfin, on cite encore une espèce endémique d'un genre, lequel est caractéristique pour la flore du Cap *(Cyphia).*

D'après les formations prédominantes des arbustes, M. Schmidt a distingué à San-Antonio plusieurs régions, dont l'inférieure peut-être qualifiée de tropicale, parce qu'elle seule se trouve occupée par des végétaux qui ont immigré du Sondan ou bien ont été empruntés à une contrée et propagés par la culture.

Région tropicale, 0-488^{m} (1500 p.)
Région tempérée, 488-1462^{m} (1500-2500) p.)
Synanthérées fontescentes, 812-975^{m} (2500-3000 p).
Labiées frutescentes, 812 (975) jusqu'a 1462^{m} ou 2500 (3000) 440 p.

(A. Grisebach. *La Végétation du Globe,*
tom. II, pag. 772, 826, 827.)

Herborisações em Cabo Verde

. . . .

O dr. Ch. Smith fez parte da infeliz expedição que sob o commando do capitão J. K. Tuckey (enviado pelo Almirantado da Associação africana) tinha em vista reconhecer a supposta identidade do Niger e Zaire (este, pertencendo a Portugal, já então chamara as attenções das potencias de 1.ª ordem).

A expedição partiu de Falmouth a 22 de março de 1816 e subiu o Zaire até á enseada Soady-N'sange. A empreza terminou com a morte de todos, á excepção do ajudante botanico do dr. Smith, M. David Lockart, addido ao jardim real de Kev.

. . . .

Annos	Naturalistas, Botanicos e Collectores	Ilhas em que têm herborisado
1720	João Ferreira Matado	?
1722	João Reinold Forster e George Forster	Ilha de S. Thiago (Praia) 20 de agosto.
1776	William Anderson	Idem.
1782	George Forster	Idem.
1784–1787	João da Silva Feijó	Santo Antão, Boa Vista, Sal, S. Thiago, Fogo, Brava, Maio e S. Vicente.
1816	Ch. Smith	S. Thiago (Praia).
1816	Leschenault	Idem.
1819	Perrottet	Idem.
1822	Forbes	Ilha de S. Nicolau, S. Thiago (abril), Sal, Maio, Santo Antão (abril), S. Vicente (abril).
1823	Bowdich	Ilha da Boa Vista, S. Thiago (Praia).
1835–1837	Hendelot	Ilha de S. Thiago (Praia).
1838	Dr. Brunner	Ilha do Sal, S. Nicolau, Brava (junho), Boa Vista (junho) Fogo (junho) S. Thiago (Valle de S. Domingos e Orgãos).
1838	Darwin	S. Thiago, Fogo.
1841	Vogel	S. Vicente (junho), Santo Antão (junho).
1849	Webb	S. Thiago.
1850	Bocandé	Praia.
1851	Dr. Schmidt	S. Vicente, Santo Antão, Sol, Boa Vista, Maio.
1853	Dr. Welwitsch	Ilha de S. Vicente.
?	Dr. Booll	Ilha de S. Nicolau.
1881	F. Newton	Ilha de S. Vicente.
1892	L. Krause	Idem.
1884–1900	João Cardoso Junior	Ilhas de S. Vicente, Santo Antão, S. Nicolau, Boa Vista, Sal, Maio e S. Thiago, Brava, Santa Luzia e Fogo.

A mais antiga noticia que sobre collecções de plantas africanas, formada por portuguezes, tem até hoje chegado ao nosso conhecimento, é a que diz respeito a João Ferreira Matado.

Este *algebrista delicadissimo,* para nos servirmos da propria phrase de um auctor do seculo passado, formou pelos annos de 1720 *uma bastante collecção da historia e prestimo das plantas de Africa, a qual trabalhou em Salé.*

O dr. Fr. Joaquim José Pimenta, na obra inedita e original da Bibliotheca Publica Eborense — O *Arcebispo Cenaculo, no Elogio ou Estudos do P.^e doutor Fr. Joaquim José Pimenta, da Ordem Terceira de S. Francisco, e Litteratura de seus dias* — obra digna de ser lida, pois trata das artes, lettras e sciencias em tempo de D. João V, affirma que na sua mocidade viu a collecção de Matado.

Sobre este diz-nos ainda o dr. Pimenta:

«Que felizmente curou o desmancho curioso de uma perna ao se-«nhor infante D. Francisco...»

O que nos mostra claramente que Matado não era sómente *algebrista,* mas cultivava ou exercia tambem a arte de curar, não lhe devendo ser portanto indifferentes as plantas medicinaes que, em grande numero, offerecem as regiões quentes. Estaria Matado tambem em Cabo Verde?

Não o podemos affirmar, mas o que é certo é que em 1720 havia já a servir-lhe de forte incentivo, em investigações e trabalhos, o pharmaceutico Thomé Pires (1512-1516), o dr. Garcia da Orta (1543-1569) e Carlos Clusio (1563-1576).

A epocha em que viveu Matado era toda de explorações, conquistas e descobertas feitas por portuguezes, mesmo a favor de extrangeiros.

É assim que, pelos annos de 1735 a 1737, o portuguez Antonio Ribeiro Sanches, medico da armada russa, explora, por ordem do imperador da Russia, a Ukrania, as margens do Don até ao mar de Labache, e os limites de Cuban até Azof; visita o paiz dos Calmonks, depois o reino de Cazan até ás margens do Don, os Tartaros da Criméa, de Nogai e Kergissé e Tcheremissi, ao norte de Astrakan, desde 50° até 68° latitude norte.

É assim que em 1735 parte para a Asia o nosso João Loureiro, que mais tarde com a sua *Flora Cochinchinensis, Varias Memorias, Diccionario annamita portuguez,* etc., e importantes serviços prestados em astronomia, medicina e botanica (n'esta foi apreciado em vida por José Banks), soube honrar o nome portuguez — pisadas que pouco depois seguiram brilhantemente Correia Serra, Domingos Vandelli, dr. Felix Avellar Brotero, dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (Amazonas) e Fr. José Marianno da Conceição Velloso (Rio de Janeiro).

João Cardoso, Junior.

Se exceptuarmos o maior numero dos habitantes da villa de S. Filippe, podemos considerar os dois terços da população da ilha do Fogo como soccorrendo-se para a cura das suas doenças, depois da applicação de algumas medicações indigenas, ás superstições, pois todo o mal que não ceda á acção da natureza, ou á therapeutica por elles imaginada, tem uma unica etiologia: *maleficio, feiticeiro* ou *mau olhado.*

A sua classificação nosologica, pobre como a sua imaginação e conhecimentos, reduz essa a quatro grupos: doenças de *Fogo, Flato, Hemorrhoidas, Defluxão* ou *Catharros.*

No primeiro grupo a sangria na veia mediana commum ou saphena interna, e na occasião da maré alta, porque na maré baixa julgam que o sangue não corre; semicupios de agua fria.

No segundo comem mandioca temperada com manteiga de vacca, ovos passados por agua e frangos.

No terceiro semicupios de agua morna, onde lançam malva e fedegoso (vulvaria).

No quarto purgantes de batata indigena (jalapa) e senne.

(Dr. Lereno. *Relatorio do Serviço de saude publica da Ilha do Fogo,* relativo ao anno de 1882.)

. . .Entre as plantas medicinaes indigenas do archipelago de Cabo Verde, e o numero d'ellas é extenso, figura pois a *Jatropha curcas.*

Conhecem-se mesmo algumas *formulas,* se assim se pode chamar a um certo numero de agrupamentos de substancias que o indigena suppõe, de ha muito, possuirem virtudes medicinaes; agrupamentos, na maior parte extravagantes, de substancias que estão, desde longa data, banidas da therapeutica nacional dos povos civilisados; e outros que, ainda n'esse tempo de atrazo e obscurantismo em que escreveram, especificadamente, Curvo Semedo, Francisco da Fonseca Henriques e Fr. Christovão dos Reis, não nos consta que tivessem desempenhado qualquer papel, embora pouco importante ou ephemero.

Se nos interrogamos sobre a causa que levou os indigenas de Cabo Verde a constituirem uma therapeutica sua—porque a têm e ninguem que estude o assumpto de perto o poderá negar—vamos encontral-a na necessidade imperiosa que milhares de individuos associados sentiram de experimentar, para debellar seus males, o que a natureza lhes offerecia, maxime desconhecendo, o mais completamente possivel, o que fosse um medico ou um pharmaceutico, pois que o serviço de saude em Africa tarde se regularisou, e n'este archipelago ainda não ha muitas dezenas de annos que pela primeira vez os habitantes de algumas ilhas se poderam gabar de ter entre si um medico, podendo-se affirmar que os habitantes de outras nunca lá viram um pharmaceutico, pelo menos, no exercicio da sua profissão.

Esta therapeutica, que bem pode chamar-se therapeutica negra, tem-se conservado, em parte, inalteravel, achando-se, n'outra, assaz mesclada com o ensinamento dos europeus que por aqui têm passado desde epochas remotas, e que, com competencia ou sem ella, disseram, acon-

selharam, e mesmo *praticaram* junto da massa indigena, que, ou se apossou do todo ou do que melhor lhe pareceu ou comprehendeu que se casava com os habitos proprios do clima, tendo-se transmittido de paes a filhos, atravez os seculos, o que os *Brancos* (assim os africanos chamam aos europeus) disseram ou fizeram, o que hoje encontramos mais ou menos alterado, senão modificado por completo, tendo-se realisado esta deturpação lentamente, quando não seja o resultado de uma comprehensão má do que ouviram e cuja data pode ser contemporanea ao ensinamento.

. . . .

(*Jatropha curcas.* Publicado no *Jornal de Pharmacia e Chimica*, n.os 22 e 24, 1888.)

João Cardoso, Junior.

Catalogo de plantas medicinaes do Archipelago de Cabo Verde

(1893)

Anacardium occidentale, *L.*
Allium sativum, *L.*
» Cepa, *L.*
Aloë vulgaris, *Bauh.*
Abrus precatorius, *L.*
Anona squamosa, *L.*
» muricata, *L.*
Arachis hypogoea, *L.*
Argemone mexicana, *L.*
Artemisia absynthium, *L.*
» vulgaris, *L.*
Ageratrum conyzoides, *L.*
Adianthum Capillus Veneris, *L.*
Acacia Farnesiana, *Willd.*
» albida, *G. P.*
Artocarpus incisa, *L.*
Anagalis arvensis, *L.*
Anethum foeniculum, *L.*
Ajuga Iva, *Schreb.*
Bromelia Ananas, *L.*
Bidens pilosa, *L.*
Brassica oleracea, *L.*
Boerhavia hirsuta, *Willd.*
Corchorus olitorius, *L.*
Chenopodium album, *L.*
» ambrosioides, *L.*
Cyperus rotundus, *L.*
» esculentum, *L.*
Cajanus indicus, *Spr.*
Crescentia Cujute, *L.*
Citrullus Colocynthis, *L.*
Calatropis procera, *R. Br.*
Coffea arabica, *L.*
Cocus nucifera, *L.*
Citrus aurantium, *Risso.*
» limonium, *Risso.*
Cassia occidentalis, *L.*
» Fistula, *L.*

Cassia obovata, *Colladon.*
Carica papaya, *L.*
Cucurbita pepo, *L.*
» lagenaria, *L.*
Capsicum frutescens, *L.*
Cucumis melo, *L.*
» citrullus, *L.*
» sativus, *L.*
Datura stramonium, *L.*
» metel, *L.*
Dolichos Lablab, *L.*
Dracaena draco, *L.*
Euphorbia chamaesyce, *L.*
» peplus, *L.*
» hypericifolia, *L.*
Eriodendron anfractuosum, *DC.*
Ficus carica, *L.*
Gossypium punctatum, *Sch. e Thonn.*
» herbaceum, *L.*
Guilandina bonduc, *L.*
Hura crepitans, *L.*
Hibiscus esculentus, *L.*
» sabdariffa, *L.*
Indigofera tinctoria, *L.*
Jatropha manihot, *L.*
» curcas *L.*
Lavandula dentata, *L.*
Lantana camara, *L.*
Momordica charantia, *L.*
Musa paradisiaca, *L.*
» sapientum, *L.*
Melia azederach, *L.*
Mangifera indica, *L.*
Mirabilis jalapa, *L.*
Mammea americana, *L.*
Malva parviflora, *L.*
Mentha pulegium, *L.*
» sativa, *L.*
Nicotiana tabacum, *L.*
Nerium oleander, *R. Br.*
Ocimum basilicum, *L.*
Parthenium hysterophorus, *L.*
Phoenix dactylifera, *L.*
Portulacea oleracea, *L.*
Prunella vulgaris, *L.*
Papaver rhoeas, *L.*
Physalis alkekengi, *L.*
» somnifera, *L.*

Plantago major, *L.*
Punica granatum, *L.*
Plumbago zeylanica, *L.*
Panicum dactylon, *L.*
Parinarium excelsum, *G. Don.*
Psidium pomiferum, *L.*
Ricinus communis, *L.*
Rosa centifolia, *L.*
Rosmarinus officinalis, *L.*
Ruta macrophylla, *Sol.*
Samolus Valerandi, *L.*
Solanum tuberosum, *L.*
» nigrum, *L.*
Sonchus oleraceus, *L.*
Sinapis nigra, *L.*
Sisymbrium nasturtium, *L.*
Sapindus saponaria, *L.*
Sesamum indicum, *DC.*
Sida rhombifolia, *L.*
Spondias lutea, *L.*
Sacharum officinarum, *L.*
Triumfetta lappula, *L.*
Terminalia catappa, *L.*
Tagetes patula, *L.*
Tamarindus indica, *L.*
Tamarix gallica, *L.*
Tribullus terrestris, *G. P.*
Verbena officinalis, *L.*
Vitis vinifera, *L.*
Ximenia americana, *L.*
Zea mays, *L.*
Zizyphus orthacantha, *D C.*
Zygophyllum simplex, *L.*

Ilha de Santo Antão.—Setembro, 1893.

(1896) [1]

Achryrantes aspera, *Willd.*
Adansoma digitata, *L.*
Amaranthuf spinosus, *L.*
Andrachne telephioides, *L.*
Bidens bipinnata, *L.*
Caesalpinia pulcherrima, *Sw.*

---

[1] As primeiras determinações, em numero de 119, foram publicadas em Leide, 1894.

Centaurea melitenses, *L.*
Chenopodium murale, *L.*
Eclipta erecta, *L.*
Eleusine indica, *Gœrtn.*
Lagenaria, vulgaris, *Serr.*
Oxalis corniculata, *L. Var Villosa.*
Phyllanthus Niruri, *L.*
Pinus pinaster, *Solander.*
Vinca rosea, *L.*
Waltheria indica, *L.*

Ilha de Santo Antão.— Outubro, 1896.

(1901)

Cassia obtusifolia, *L.*
» tora, *L.*
Cressa cretica, *L.*
Juncus acutus, *L.*
Mollugo bellidifolia, *L.*
Ocimum suave, *Willd.*
Opuntia cochinillifera, *Mill.*
Paullinia Senegalensis, *Juss.*
Plantago psyllum, *L.*
Pyrus malus, *L.*
Sapota achras, *Mill.*
Sida cordifolia, *L.*
Tribulus cistoides, *L.*
Voandzeia subterranea, *Pet. Ph.*

Praia (Cabo Verde).— Novembro, 1901.

João Cardoso, Junior.

II

GUINÉ OU SENEGAMBIA PORTUGUEZA

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente,
A muy grande Mandinga (por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente),
Que do curvo Gambea as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe.

CAMÕES, *Lusiadas*, Canto v, x.

A Guiné é a terra classica dos negros. É ahi que se encontram os representantes d'esta raça com o pronunciamento de todos os seus caracteres proprios.

SOCRATES DA COSTA. *Relatorio do Serviço de Saude Publica na Guiné Portugueza,* relativo ao anno de 1874.

A região das mattas virgens mais interessantes estende-se entre Casamansa e o rio Geba. O transito por ellas é perigoso.
...Estas mattas são uma California de madeiras preciosas, onde o mogno principalmente abunda.

COSTA OLIVEIRA. *Viagem á Guiné Portugueza.*

Sobre o problema do progresso da Guiné Portugueza

É necessario pôr de vez bem claro o problema do progresso da Guiné, que é sobretudo economico, como diz o sr. Andrade Corvo.

O territorio da Guiné Portugueza, para a apreciação da sua questão agricola, tem de ser dividido em tres zonas distinctas:

As regiões norte e leste, que constituem os presidios de Farim e Geba, e a do sul, que abrange o Forreá;

O littoral desde o Cacine até ao outro extremo da provincia, incluindo as ilhas de Bolama e Bissau, e comprehendendo n'esta designação as margens do Rio Grande e de Geba até á confluencia do rio Combal;

A parte insular, constituida pelo archipelago dos Bijagós e pelo dos Ilhetas.

No alto Geba, Farim e Forreá a nossa intervenção agricola não pode por emquanto fazer-se sentir de uma maneira efficaz, porque n'esta vasta zona apenas occupamos tres pontos, capitaes das circumscripções administrativas, Farim, Geba e Buba. A agricultura, ahi, é a que naturalmente fazem as tribus mandingas e fulas que habitam esse territorio e se compõe dos generos indispensaveis para a sua alimentação, cuja base é o milho e o arroz. A arvore da borracha existe em abundancia no alto Geba e Farim, e pacificado de vez o territorio habitado pelas fulas pretos este producto ha de concorrer extraordinariamente aos nossos mercados de Geba e Bissau, Farim e Cacheu, que já o exportam em grande quantidade d'essas procedencias.

O archipelago dos Bijagós e o dos Ilhetas constituem a parte da provincia porventura a mais rica e a menos conhecida ou explorada.

Ao cruzarmos por entre os innumeros casaes, que dividem entre si as cincoenta e tantas ilhas e ilheus que compõem estes archipelagos, depara-se-nos o mais surprehendente dos espectaculos.

Não se vê terra, são immensas florestas que emergem á superficie das aguas, densos palmeiraes que só por si representam uma riqueza enorme.

Nunca estas riquezas naturaes foram exploradas.

A agricultura conserva-se alli no seu estado mais elementar. Não ha incentivo, porque não ha necessidades creadas. O tabaco e a polvora, a aguardente e alguns pannos, veem os bijagós adquiril-os a Bolama ou Bissau, a troco de laranjas, gallinhas, ovos, azeite e vinho de

palma. Alguns negociantes de pequeno tracto vão por vezes, em canôas ou barcaças, comprar bois ou porcos a algumas ilhas dos Bijagós. De todas as ilhas Bijagós a das Gallinhas é a que immediatamente se presta a uma exploração agricola em larga escala. Os naturaes da ilha cultivam apenas o necessario para a sua alimentação. O rei de Canhaback, pretenso senhor da ilha, vae alli cultivar arroz de seis em seis annos. Possue muito boa agua, que nasce, em abundancia, de uma rocha, e tem, a uns 100 metros acima do nivel do mar, um magnifico ponto, onde hoje se acha uma povoação que poderia ser destinada ás installações. Não tem pantanos. Tem extensas pastagens. Possue muito gado vaccum e suino. Ha tambem na ilha grande quantidade de gazellas e uma raça de macacos chamados fidalgos, cinzentos escuros e com o nariz branco.

A Guiné portugueza offerece um largo campo para exploração agricola de um resultado certo e vantajosissimo.

O seu clima, a despeito da lenda que o dá como o peor da Africa, é benigno. O Rio Grande, Buba, Bolama, Colonia, o ilheu do Rei, as ilhas dos Bijagós, Bucis, a parte sul e oeste da ilha de Bissau, são pontos de uma salubridade comprovada e que successivamente hão de ir melhorando.

A *Sterculia acuminata*, cultivada na provincia, seria o bastante para modificar o aspecto da Guiné e dar-lhe uma prosperidade incontestavel d'aqui a dez annos.

O fructo d'esta bella arvore, que attinge um desenvolvimento de 10 e mais metros, é semelhante a uma castanha, mas um pouco maior, de um sabor amargo, mas agradavel; constitue um artigo de primeira necessidade na larga zona da Senegambia e do Soudan, onde residem as raças fulas e mandingas.

É o principal commercio da Serra Leôa e das possessões francezas do Rio Nuno e Pongo, onde esta arvore cresce com abundancia. Os negociantes que não fizerem grandes sortimentos d'esta fructa podem contar com um mau anno de negocio.

Numerosas chalupas de varios pontos da provincia vão todos os annos carregar ao Rio Nuno e Pongo. Os maiores centros commerciaes da Guiné onde a colla é procurada são Geba e Farim. Em todos os demais, porém, ha grande abastecimento para o commercio. Os preços por que se vendem as nozes de colla é á razão de 920 réis por cada cento.

O sabor amargo d'esta fructa, tornando-o util á economia, e a falta do café e de chá n'esta longa zona da Africa, assegura-lhe um consumo grande e permanente. Ha uma outra colla, a falsa, que vegeta conjunctamente com a verdadeira, que é preciso distinguir para evitar o insuccesso nos negocios, que é apenas mastigada e nunca comida com leite, como succede com a *acuminata*. É a *Garcinia kola*, que não tem as propriedades da *sterculia*, porque não contém nem cafeina nem theobromina. Na ilha de Catak, na foz do rio Cacine, ha a arvore da colla,

mas creio que em pequena quantidade. Negociantes francezes e inglezes teem-na explorado completamente. Os nossos negociantes ainda não tiveram curiosidade de seguir o exemplo dos extrangeiros.

A arvore da colla tem um crescimento lento. Antes de dez annos não dá fructo, mas a contar d'esta epocha floresce e fructifica duas vezes por anno.

Seria facil a propagação d'esta cultura na provincia, visto que a temos espontanea n'uma ilha nossa e aqui perto, no Rio Nuno e Serra Leôa.

Na Serra Leôa o preço do mercado varía entre 9$000 e 27$000 réis cada 45 kilogrammas, segundo a estação e a procura.

O sr. padre Marcellino de Barros, nos estudos que tem publicado ácerca da Guiné, falando do gentio bijagó, attribue a sua origem a uma revolta de escravos de Guinala que se refugiaram no archipelago, até onde foram perseguidos pelos seus senhores, que os não puderam vencer.

«Do cruzamento dos escravos fugidos com os *papeis* de Ento-«mank appareceu um povo de feições muito regulares e de proporções «athleticas, o qual parece que, intencionalmente, inventou uma lingua «impossivel, modulada pelo grasnar de corvos e dos papagaios; que «tingem o cabello de vermelhão, o qual desperta a idéa de sangue; «que soube fazer brilhar no espirito dos seus guerreiros uma fé vivis-«sima na transmigração das almas e na resurreição dos corpos; que «imita nas suas festas os costumes das aves e quadrupedes com uma «habilidade impossivel de descrever; que sabe fabricar elegantes far-«pões e azagaias trilinguas, as quaes joga com muita destreza; que «habituou os seus argonautas a fazer voar sobre as ondas pesadas ca-«nôas carregadas de laranjas, durante seis ou oito horas seguidas, sem «alimento, sem agua e sem lume, embora abrazados pelo sol ou fusti-«gados pelos vendavaes; que costuma seus filhos, desde cedo, a torna-«rem-se insensiveis ás dôres, a ponto de lhes ser indifferente carboni-«zar um braço ou fazer abalar a alma por meio de uma corda pen-«dente do tronco de uma arvore; costumes estes que não podiam ter «outra origem senão na necessidade em que em algum tempo se viu «de se tornar formidavel a seus inimigos.»

Em traços tão rapidos não se podia, mais vivamente, esboçar este povo interessante, e que ainda ha de vir a desempenhar na Guiné um papel importantissimo como factor politico.

(Joaquim da Graça Correia e Lança.—*Relatorio da Provincia da Guiné Portugueza,* referido ao anno economico de 1888-1889.)

Geographia physica da Guiné Portugueza

Se attentarmos bem na carta d'esta parte das costas occidentaes de Africa, e examinarmos as suas numerosas ilhas e as correntes de agua que as rodeiam, facilmente reconheceremos que este paiz tem elementos para se tornar um dos mais ricos do mundo.

Gosa com effeito, momentaneamente, de uma maravilhosa fecundidade.

Quando a terra arida, depois de seis mezes de secca, acaba de ser humedecida pelas primeiras chuvas torrenciaes, todas as sementes que encerra no seu seio se desenvolvem com uma rapidez surprehendente; o solo, que então se achava despojado, vê-se agora matizado de uma espessa verdura, parecendo que a vista lhe acompanha o seu desenvolvimento. Poucos dias são sufficientes para produzir esta maravilhosa transformação. Parece que a natureza sahiu de uma prolongada lethargia para resuscitar n'uma vida nova. No dia seguinte ao das primeiras chuvas apparecem espontaneamente myriades de insectos; zumbem no ar e vão misturar o brilho de suas côres á verdura das plantas.

As aves revestem-se da sua brilhante plumagem e vão suspender, nos ramos de arvores gigantescas, os seus ninhos em fórma de helice para proteger a sua incubação das inundações do céo. Comprimem por tal fórma os seus ninhos uns contra os outros e de tal modo que de longe algumas arvores parecem estar carregadas de espessos fructos que chegam a curvar os ramos. O canto harmonioso das aves de mil côres, o perfume das flôres, o colorido das fructas agrestes, junto ao variegado matiz das plantas, e a verdura de uma esplendida vegetação, tudo annuncia o renascimento da natureza. Prodigalisa-se por todas as partes e em tudo a vida, e o homem não carece mais do que revolver uma pequena superficie do solo para encontrar, ao centuplo, o grão que lhe confiou.

A copiosissima abundancia, porém, das aguas inunda o solo, accumula-se nos terrenos baixos e nas planicies, que se convertem em pantanos, transborda e cava um leito por onde corre a unir-se ás aguas do mar, que fica proximo. No tempo a que lá chamam nova estação, e que recorda pela pobreza da vegetação o inverno de outros climas, a terra secca torna-se árida; os valles vizinhos do mar ficam cobertos de uma camada espessa de sal e dão origem aos *mesembrianthemes* que tapetam o solo com a sua verdura azulada; nos terrenos deprimidos, onde as aguas pluviaes ficam estagnadas, vêem-se elles impregnados de carbonato de soda unido a uma ingrata argilla.

Nas planicies as plantas herbaceas de raizes vivazes, que se assemelham a vastos campos de cereaes, são logo crestadas pelo sol, e os habitantes, para d'ellas expulsar as serpentes e feras que alli vão procurar esconderijo, accendem grandes fogueiras no campo. Nas mar-

gens dos rios, porém, os paletuveiros *(Rhizophora mangle)*, [1] cujas folhas distillam as aguas do mar e as tornam doces para d'ellas se nutrirem, depositando o sal em sua superficie, envolvem com uma larga cinta a extensão d'estas terras; entrelaçam os seus ramos até á hastea, dando assim uma semelhança de choupo; formam espessa cortina de folhagem que encanta a vista, e occultam, sob a sua eterna verdura, esta natureza que acaba de morrer.

Os pontos culminantes que não foram inundados ficam sempre coroados de uma esplendida vegetação; as soberbas arvores das florestas, que podem com as suas grandes raizes haurir a humidade no fundo do solo, persistem apesar da estiagem. Conservam, é verdade, as folhas, mas não se adornam de flôres, e assim abrigam, sob a sua sombra, os arbustos, e protegem numerosas trepadeiras que se entrelaçam em seus ramos. Não se pode deixar de admirar estas magestosas florestas, onde crescem as *Afselia africana*, os *Balanites aegyptiaca*, os *Datarium senegalensis*, os *Carapa touloucana*, os *Khay senegalensis*, os *Parinarium excelsum*, os *Pterocarpus ecinaceus*, as *Adansonia digitata*, etc., por cima das quaes eleva ainda o seu zimborio gigantesco o *Eriodendron anfractuosum*. Este só basta para ensombrar a praça publica, quando plantado junto de alguma aldeia, e serve, ao longe, de signal de reconhecimento, como os sinos no nosso paiz.

As palmeiras que aspiram no ar o seu alimento, o *Phoenix spinosa*, o *Lontarius flatelliformis*, o *Elais guineensis*, continuam a ostentar a sua verde cupula, e conservam ainda uma seiva abundantissima para desparzir e offerecer aos habitantes uma bebida fresca e inebriante que até lhes serve de alimento.

N'um terreno quasi horizontal a natureza não opera como nos paizes accidentados, onde, quando cessam as chuvas, os leitos das torrentes não são mais do que quebradas sem agua, salvo se participam da das nascentes que alimentam os rios. Aqui as aguas do céo correm em doce remanso para o mar e vão encher os canaes que haviam cavado. Nada se alterou na apparencia; apenas o nivel se mudou pouco mais ou menos da sua altura. Mas as correntes de agua, não sendo alimentadas pelas aguas fluviaes, não podem fertilisar as terras que banham. É por isso que a maior parte d'esses pretendidos rios e ribeiros das costas occidentaes de Africa não são mais do que angras, canaes, golfos, braços do mar, embora conservem o nome de rios, imposto pelos primeiros descobridores.

Nos que propriamente se podem denominar *rios* a agua é quasi sempre salgada até mais de 50 milhas no interior.

Na estação secca nunca se encontra agua nas aldeias situadas em pontos elevados; só abrindo poços de grande profundidade. Nos paizes mais altos, como entre os *Mandingas*, *Flupos de Fonhi*, junto

---

[1] Chamo a attenção dos physiologistas sobre este facto: de manhã as folhas dos *paletuveiros* estão cobertas de agua que evaporada deixa um sal branco crystallisado. As folhas das plantas vizinhas vêem-se tambem humedecidas pelo orvalho, mas a evaporação não deposita alli o sal.

de *Sangrogó,* em *Hamul* e em *Cambaba* encontram-se os alludidos poços.

Nas costas basta abrir uma cova á superficie da terra para se encontrar agua potavel, e até ha poços naturaes nos logares onde o leito de argilla retem a agua quasi á superficie. Em Bissau nunca houve falta de agua; encontra-se, até, á beira-mar, cujas vagas parece que se vão misturar com as aguas das fontes. Tenho visto muitos regatos de agua doce que correm durante o anno e saem sempre da parte inferior da terra. Citarei um d'este genero, junto de Cacheu, em *Rugambor,* e outro no valle de *Churo* (Kiur), a 17 kilometros a oeste de Cacheu, que sahia borbulhando jorros de agua, de envolta com areia, a altura de cerca de um decimetro do solo. Não obstante haver alguns regatos que recebem os rios de segunda ordem, o seu movimento bem sensivel, fóra da invernagem, não é mais do que o effeito do fluxo e refluxo que, ao longe, se faz sentir. As aguas de Casamansa, desde a aldeia dos balantas de *Jatacunda* até *Sejo,* são cobertas de um limo verde, e diante de Sejo o rio não parece mais do que um lago dormente.

Do que deixo exposto se conclue que a palavra «nascente» na Africa occidental, quando se trata da origem dos rios, não tem a mesma significação que nos outros paizes. A natureza do clima e dos terrenos tudo modificou.

Representa-se ordinariamente a nascente de um rio como o primeiro curso de agua que brota do cume de uma montanha ou de rochas escarpadas; augmenta quando se ajunta com outras correntes que a convertem em torrente antes de adquirir um curso tranquillo. Quando se pergunta pela nascente de um rio responde-se indicando uma ramificação que corre de uma planicie pantanosa, e do ponto menos elevado do *plateau,* d'onde desprende as suas aguas, quando attingem um nivel sufficiente para transbordar, segundo a primeira inclinação dos terrenos. As plantações de arroz as rodeiam. Assim, na Senegambia meridional, as ribeiras teem um principio, mas não teem nascentes.

Tal é a origem dos ribeiros e rios de segunda ordem que tive occasião de examinar. Mas, visto que na maior parte da Africa occidental o clima é analogo, não se poderia suppôr, por inducção, que os grandes rios não differem dos pequenos senão pela extensão da sua bahia, e, posto que possa receber algumas torrentes dos paizes montanhosos, todavia dão egualmente origem aos depositos de aguas fluviaes que transbordam dos pantanos, nos valles, onde se reunem. *Ritter,* apesar da sua auctoridade, não tratou da natureza do clima de Africa, suscitando duvidas sobre as descobertas das nascentes do Senegal e Gambia pelo viajante *Mollien.* Quem se incumbiu de o julgar com severidade? Concebe-se perfeitamente que as abundantes chuvas que caem durante seis mezes sobre os *plateaux* de *Futa-Jallon,* espalhando-se na bahia d'estes rios, não se precipitam dos pincaros das montanhas, mas veem infiltrar-se com lenidade nas baixas planicies, onde a fresquidão gera esses bosques mysteriosos, tão bem descriptos, e com brilhantes côres, por *Mollien,* cujas aguas enchem as cavernas e correm tranquillamente pelos mais suaves declives.

Eis como supponho que estes bancos se formaram.

Todas as partes baixas das terras, onde penetra a vaga, teem a sua circumferencia povoada de *mangueiras,* cujas numerosas raizes, partindo da extremidade inferior do tronco, servem para reter o *humus.* Além da raiz, esta arvore extraordinaria produz as adventicias, que saem de outras partes do tronco, e dos ramos mais proximos da superficie da agua, e vão implantar-se no solo.

O grão, antes de cahir, adquire um desenvolvimento consideravel no fructo, alonga-se em extensas varas, e vae lançar as suas raizes no lodo. Todas as raizes e ramos, apertados e entrelaçados, formam uma barreira natural.

Os que estão pendentes na agua apparecem, no preamar, cobertos de ostras, em fórma de cachos de uva, que, de longe, se podiam tomar por rochedos.

Estas ostras, quer pelo effeito do crescimento da arvore que as contém, quer por uma outra causa extranha, destacam-se e caem no mar. No fim da invernia, nas localidades onde as aguas não são continuamente salgadas, para permittir a sua reproducção, as raizes das mangueiras estão quasi totalmente desguarnecidas d'ellas. Dois mezes mais tarde, quando as chuvas tenham cessado, tornam-se novamente a cobrir d'ellas. Esta acção, continuamente renovada, augmenta, pouco a pouco, os depositos de ostras, misturadas de lodo e de detritos. Quando attingem a altura do solo, o paletuveiro estende as suas mil radiculas, as quaes se fixam, com persistencia, ás conchas de ostras, offerecendo á vista um quadro attrahente; então novas camadas se formam e se reunem successivamente ás primeiras.

É d'este modo que eu attribuo que, com o tempo, se formam estes bancos de conchas de ostras que saem do leito dos rios.

Esta acção lenta, mas continua, das ostras e mangueiras, estreitando o leito do rio, terminaria por obstruil-o se as correntes não oppozessem uma força assaz poderosa a esta resistencia para ganhar, de uma parte, o terreno que perderam. Durante poucos annos de observação pude notar que alguns terrenos que fazem hoje parte das praias eram d'antes afastados da agua.

Citarei dois exemplos em confirmação do que deixo dito:

No nosso estabelecimento de Carabana, cujo territorio foi comprado em 1837, edificou-se uma casa de residencia junto da praia, a qual casa, depois de ter sido destruida duas vezes por incendio, foi reedificada, em logar differente, muito distante do primeiro, e esse primeiro sitio, inundado pelo mar, não se descobre hoje com a maré vazante.

Na ponta de Bolola, á embocadura do Rio Grande de S. Domingos, se necessario fôra recorrer ás antigas cartas, vêr-se-hia que as praias teem mudado de configuração; mas o que é certo é que o mar se apoderou hoje do logar onde estavam construidas, ha annos, as choupanas — Baluartinha — vendo-nos obrigados a abandonar este posto, que parecia outr'ora admiravelmente situado, para não se emprehenderem trabalhos dispendiosos na sua construcção e defeza contra o mar.

Em vista do que acabo de expender é de esperar que as correntes de agua venham a mudar-se com o tempo de todos os logares onde a base primitiva das alluviões não seja em cima do solo, para as obrigar a seguir uma direcção geral constante.

Notam-se ainda, em muitas localidades, montões de conchas de ostras, que misturadas a outras formam especies de monticulos, muitos dos quaes são unicamente obra dos homens. São situados junto dos desembarcadouros que dão accesso ás aldeias. Os habitantes não se dão ao trabalho de transportar para sua casa as ostras que vão procurar nas raizes das mangueiras: comem-as mesmo nas praias. Convem admittir que durante a bella estação ha populações que fazem de ostras o seu primeiro alimento; cozem-as para as conservar e d'ellas fazem o seu commercio; concebe-se por isso que os monticulos de conchas se elevam facilmente d'esta maneira.

Admira não se encontrar em tão grande extensão de paiz nenhum rochedo, nenhuma pedra destacada; os habitantes, para porem a sua panella ao fogo, servem-se, á semelhança de trempes, de fragmentos de conchas em fórma de formigueiros construidos pelos *termites*.

Entretanto a base sobre que as alluviões se depositaram apparece, de distancia a distancia, pelas costas do mar e á margem dos rios.

As ilhas dos *Bujagós* acham-se d'ellas cercadas, formando recifes n'aquelle archipelago. Por todas as partes se encontra a mesma escoria vulcanica ferruginosa que cobre, com a sua massa arroxeada, as rochas de basalto, na ilha de Gorée, e fórma o *Cabo-Verde*. No Rio Grande dirige-se, em rochas escarpadas, sobre os dois rios e fórma a crista que atravessa o Rio de Geba. As plagas que não são cobertas sómente de areia fina ou de lodo acham-se semeadas dos restos da mesma escoria; esta prolonga-se sobre a superficie das aguas, onde a sua massa é ainda occulta aos olhos do observador. Na superficie da terra apparece nos pontos culminantes, e em grande quantidade entre *Sejo* e *Farim*, formando rochedos nús ou tapetados de avencas, cuja direcção é de Norte-Sul, e offerece um declive inclinado do lado da Casamansa.

É esta especie de annel de agua que produz a declinação que se nota no curso de Casamansa, dirigindo-se a W. S. W, para descer ao sul, passando defronte do Sejo, d'onde continua a correr a oeste até desaguar no mar. Em cima do *plateau* todas as aguas fluviaes tomam a direcção do Rio Grande de S. Domingos. As que seguem o declive de *Casamansa* formam o rio de *Banjeri (Bangueri)*, entre os *Balantas* e *Mandingas*, e o de *Fasada*, entre os *Balantas*. Parece este annel uma ramificação da cadeia menos elevada que corre de E. a W. e separa o *Casamansa* do Rio Grande de S. Domingos. A crista d'estes rochedos fura a terra em differentes logares. Em *Saval* extraem-se pedras que servem para construcção em Cacheu. Do lado de *Casamansa* eleva-se a margem direita para o paiz dos *Balantas*, de sorte que as aguas fluviaes vão todas desaguar no Rio Grande de S. Domingos. A altura que domina o nosso forte de Sejo é composta de saibros e rochedos da mesma escoria. Tive occasião de observal-a

das margens de *Songrogó*. Assim as suas ramificações parecem dividir estes rios entre si e separal-os tambem de Gambia. Não multiplicarei os factos; elles por si são mais que sufficientes para provar que toda esta parte do continente africano tem uma mesma origem vulcanica muito antiga.

As revoluções do globo forneceram a primeira ordem d'estes terrenos. A segunda obra operou-se successivamente pelos effeitos do clima. São estes numerosos effeitos que auxiliaram a natureza a procurar os materiaes que depositou na massa primitiva, docemente, sem commoção, e no meio da duração dos seculos. Herodoto suspeitava isto quando dizia: «O Nilo deu ao Egypto a Africa.» Creio que o clima de Africa lhe deu o Nilo e quasi todos os seus rios, e portanto as terras que cercam o seu continente. Se a zona das chuvas periodicas, menos abundantes desde o 15° de latitude N., alargando-se mais, ou se os grandes cursos de agua que do centro de Africa correm ao occidente, trazendo o producto das chuvas, em vez de se inclinar para tomar uma outra direcção, avançava para o N., atravessando os desertos de areia fina depositados pelo mar, o solo se modificaria, como se vê mais ao sul, a natureza do *Saharâ* mudaria completamente e não offereceria sómente simples *Oasis,* mas transformar-se-hia em um Egypto fertil.

Toda a costa horizontal que se estende a oeste até o logar onde se curva rapidamente para éste, a fim de formar o golfo da *Guiné,* é a continuação do deserto, modificado pelos effeitos do clima. Esta natureza primitiva do terreno é facil de reconhecer no littoral. Quasi por todas as partes, diante das costas baixas, cuja uniformidade é apenas interrompida pelas alturas de *Cabo-Verde* e de algumas collinas juntas do *Joal,* o deserto parece um leito do mar levantado em cima das vagas: existe um verdadeiro *Saharâ* submarino, ao norte, particularmente; ao sul as correntes de agua teem-no recortado por mil modos, e formando numerosos bancos e barras á entrada dos rios. Termina pela costa meridional de *Serra Leôa,* que apresenta uma elevação consideravel, prolonga-se na direcção das cadeias das montanhas, a partir do centro de Africa.

LUIZ FREDERICO DE BARROS.

Os gentios mais intelligentes da costa são os *Joloffos, Mandingas, Fulas* e *Futa-fulas.*

Mandingas. Occupam toda a Senegambia Portugueza, e especialmente nas margens do rio de Farim, onde estão encravados os nossos estabelecimentos, quasi abandonados, de Fá, Farim, Gebo, Ganjarra e Zeguichor.

Ha duas especies de *Mandingas: Mandingas* propriamente ditos e *Mandingas* mouros. Os primeiros differem dos segundos nos usos e costumes, e estes seguem a religião mahometana. É a tribu mais intelligente da costa, exceptuando os Fulas, Futa-fulas e Joloffos. A realeza é hereditaria entre elles. Ha tres familias que se succedem na realeza: *Farin-Gundá, Gan-Faringon* e *Gan-Serali.* O governo é aristocratico. O symbolo da realeza é um bastão encimado por uma grande bola amarella. Os mandingas jejuam desde o principio da lua cheia até o seu minguante e só comem quando esta apparece.

Quando a lua surge no espaço, é saudada por aquella tribu om altos gritos, que só terminam com a sua desapparição. São os unicos gentios que não levantam guizas pela morte de irmãos e parentes. Antes do passamento de algum *mandinga mouro* os parentes tomam um porte sério e grave, e saem de suas casas a esmolar farinha para a festa funebre, e em seguida amortalham o cadaver e conduzem-no ao seu templo, acompanhado de um padre, que vae entoando, em tom plangente, as phrases seguintes:

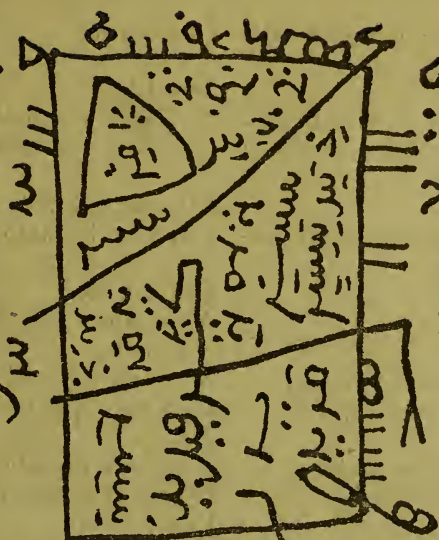
«Bissimilai, Raman, A la Jin.»
«Ó Deus, valei-me!»

E quando o cadaver é deposto na sepultura, profere o padre estas ultimas palavras:

«A modô a mudû a lu lai.»
«Deus, compadecei-vos da alma d'este peccador.»
«Que grande desgraça pesa sobre nós.»

O baptismo das creanças é feito por immersão do baptisando n'um grande vaso de barro, introduzindo-lhe depois na bocca uma fructa indigena chamada *colla (Sterculia acuminata;* os mandingas gostam muito do fructo). Os *Massajous* (escravos do rei) são os que decidem os grandes pleitos no paiz.

O escripto que reproduzimos em *fac-simile* contém orações sagradas contra bruxedos e maleficios. Mettem-no n'um involucro de coiro e envolvem-no com linhas brancas, encarnadas e pretas.

As linguas que se falam com mais propriedade em toda a costa da Guiné portugueza são a *mandinga* e *joloffo.* Ha livros impressos em lingua *joloffo,* contendo orações, tendo o francez de um lado e o *joloffo* do outro.

Fac-simile de um escripto mandinga referido a pag. 112

Dialogo e nomes de animaes entre os mandingas

Bons dias, senhor, como se acha esta manhã?	I bê êra tô.
Muito bem.	Jêra bá.
Muito folgo em o servir. Desejo que me proporcione occasião de lhe ser util.	Ne fen a ben bulá — ne a la sitá — abun ató en ti a dy a lá.
Que ha de novo?	Etê anat a santó.
Hoje houve um acontecimento extraordinario.	Fen a be já santó.
Nada ha de novo.	Fen a ti jê.
Que desgraça!	A fon nhi a ben diminá na balô a mandia.
Que alegria! Sinto-me alegre.	Na abaló a diatá! Fen a ten dini!
É servido jantar commigo?	Itê a man que na domôn?
Muito obrigado.	Malafi.
Tenho um excellente jantar.	Bina bun atô sobô ata bená.
Estou deveras zangado!	By na cô a mansi folô!
Tenho fome.	Concô bena.
Ha muitos annos que o não visto.	Sangon a si ata e eran tê.
Um anno.	Sangon kili.
Ó branco, vocemecê quer ser meu amigo?	E tê, tubabo, mansabá nata be urara? Nhu, tubabo, aninhata erantê?
Branco.	Tubabo.
Preto.	Fintá.
Bonito.	Aninhata.
Feio.	Aman nhenha.
Honrado (homem).	Nhimol cambanô y era a tô.
Ladrão (homem).	Nhimol a la sonha a siata.
Pae.	Fafá.
Mãe.	Bama.
Filho.	Nadendin.
Creança.	Dendin.
Velho.	Kebá.
Cama.	Larjá.
Casa.	Bun atô.
Deus.	Mansaba.
Homem.	Keu.
Gallinha.	Siseu.
Porco.	Seu.
Cavallo.	Sekiló.
Carneiro.	Sá.
Arroz.	Maló.
De que paiz é o branco?	A tubabo inata mentô?

Sou da Europa.	Nata tubabo dû.
Peço a você que me venda uma vacca, ou cavallo, sim?	A la fita kiló binta santô ten a tan ninhin ni a sotô.
Vou ao campo vêr se encontro alguma vacca ou cavallo.	Sen saba na jan.

Os *mandingas,* como todas as outras tribus da costa, não teem senão dez numeros; quando contam até dez tomam a primeira unidade e começam a contar de novo. Se carecem de numeros mais consideraveis recomeçam as dezenas e dizem então *dez, dez, dez,* ou 3×10; assim, por exemplo:

Um.	Kilin.
Dois.	Fulá.
Tres.	Sabá.
Quatro.	Nane.
Cinco.	Lúlu.
Seis.	Oro.
Sete.	Orongulú.
Oito.	Say.
Nove.	Konontó.
Dez.	Tan.

Diversifica quando querem dizer cem; então, n'este caso, empregam o termo: *muan nim sabâ:*

$$10 \times 10 = 100$$

LUIZ FREDERICO DE BARROS.

De todas as raças de negros que habitam a vasta e fertil região, onde ainda possuimos as praças de S. José de Bissau e o presidio de Cacheu, a dos jaloffos é a mais civilisada e mais pacifica.

Occupam, os jaloffos quasi exclusivamente, o territorio comprehendido entre os grandes rios Senegal, ou Sanagá, como lhe chamam, geralmente, os nossos escriptores, e o Gambia. Calculam-se-lhe umas 4:000 leguas quadradas e 500:000 habitantes. Qualquer d'estas estimações não pode merecer o conceito de exacta, porque, alli, não se encontra elemento algum de uma boa informação.

Outr'ora constituiam os jaloffos um vasto imperio, que com o tempo veiu a desmembrar-se e a formar alguns pequenos estados, inimigos uns dos outros, e que constantemente se gladiam e se enfraquecem mutuamente.

André Alvares d'Almada, no seu *Tratado breve dos rios de Guiné*

ao Cabo Verde, dá larga informação d'este povo. Eis como elle descreve o paiz que habitam os jaloffos:

«Esta terra é sadia mais que todo o Guiné. Correm n'ella muito «bons ares. Ha muito bons mantimentos, muitas gallinhas, vaccas, ca«bras, lebres, coelhos, gazellas, uns animaes grandes como veados (e «o são, mas não tem armadura da feição de veado com os esgalhos), ele«fantes, leões, onças e outros muitos animaes; gallinhas pintadas e ou«tras aves como perdizes a que chamam *chocas.* Nos rios andam gar«ças reaes, pelicanos, patos, marrecas e outras aves marinhas; man«timentos, arroz, milho, maçaroca, outro milho a que chamam branco, «e gergilim; ha muita manteiga, leite e mel que se tira pelas tocas das «arvores. Em toda esta costa, terra de jaloffos até os mandigas, ha «muito boa roupa de algodão, pannos pretos e brancos, e de outras «muitas maneiras de preço, e os tintos são tão finos que cegam aos que «o vêem, os quaes se tiram para os outros rios aonde os não ha.»

Almada dá ainda outras noticias curiosas d'esta raça africana, e dos seus costumes, que são, com pouca differença, os dos outros povos d'aquella costa.

Os jaloffos são altos, bem formados e de uma côr preta azevichada. Gosam da fama de bons guerreiros; as suas armas, a cavallo, são uma *azagaya* e uma porção de *azagaynhas,* a que chamam, diz uma memoria que temos presente, *chemcherens,* as quaes despedem com tanta velocidade como uma bala, e fazem tiros admiraveis. Conseguem esta pericia exercitando-se desde meninos, e não largando nunca da mão a *azagaya.*

Os negros da beira-mar são, pela maior parte, pescadores, e possuem para este fim muitas canôas grandes com duas vélas de galope, ambas em um mastro; são grandes marinheiros; saem pela manhã com o terral para o mar; vão tão fóra que perdem a terra de vista, e á tarde se recolhem com a viração do mar á véla, que quem as vê do mar em fóra, e não tem conhecimento d'isto, parecem-lhe navios, e a muitos tem feito com este apparato bem de medo Deve notar-se que os negros jaloffos da beira mar falam quasi todos a lingua portugueza.

Além da sua incontestavel superioridade physica os jaloffos propendem para a ordem e civilisação, e são naturalmente inclinados aos costumes pacificos e á vida domestica. «Habitam, diz o nosso Almada, juntos em aldeias, em casas palhaças redondas, cobertas por cima de palha e pelas ilhargas. E em cada aldeia ha um maior, a que dão obediencia, posto pelo rei, chamado por elles *Jagodim,* que quer dizer n'aquella lingua *Capitão.* Comem a carne mal assada, de maneira que esteja correndo o sangue, e a cozida cozem-a bem, e assim o pescado, que ha muito bom por aquella costa. E os que não teem commercio comnosco comem sujamente, porque muitas vezes comem as aves chamuscadas, com as tripas e pés, sem as depennarem, e os miudos das rezes com a bosta; em tanto que, estando um rei comendo com um capitão nosso seu amigo, mandou o rei vir por festa uma coalheira

cozida, a qual trazia dentro o recheio; e tendo o capitão asco, deitara fóra a bosta: disse-lhe o rei que era parvo no que fazia, que aquillo não era nada, que era herva.»

«Entretanto, continua Almada, folgam de comer os comeres feitos ao nosso modo; e costumam os nossos, quando os vão visitar, levarem os comeres feitos ao nosso modo.»

Outro costume singular teem os jaloffos que é digno de mencionar-se. Não bebem agua pura, senão misturada com leite azedo de vaccas ou deitando-lhe farinha de um milho a que chamam *maçaroca*. Os jaloffos passam por menos indolentes que os povos limitrophes; cultivam o algodão, o milho, varios legumes, o anil e o tabaco. Mostram-se muito affeiçoados aos europeus.

João Cardoso, Junior.

É digna de notar-se a prodigiosa e exuberante vegetação que se vê em todo o concelho. Sob os tropicos, a natureza espalha profusamente todo o germen da vida e uma variedade de typos vegetaes. Ha n'esta ilha abundancia de arvores gigantescas e vegetaes lenhosos cujo exame e descripção carece de um detido estudo.

Formam immensas florestas que a natureza dispoz como para diminuir as prejudiciaes influencias climatericas, seja exercendo uma acção sobre os ventos e sobre a temperatura, seja como vastos apparelhos de condensação dos vapores atmosphericos. Ha vegetaes de todos os tres reinos; os fructos e oleos de alguns d'elles são utilisados pelos gentios como medicamentos, taes são a calabaceira, grande arvore cujas folhas pisadas são applicadas, em cataplasmas, sobre os tumores. O azeite de arco é usado nas ulceras chronicas, o oleo de chavé e o azeite amargoso nos rheumatismos.

(Menezes.—*Relatorio do serviço de saude na ilha de Bolama, com referencia ao anno de 1872.)*

Certas doenças, tidas por incuraveis nos paizes cultos, encontram (procurando-se bem, com juizo e esperança) *sossos tiliboncos, fulas* e *futa-fulas* que as curam perfeitamente, e n'esta classe estão a anemia, a tisica pulmonar, a *pedra-escrophulas* (mal do somno), e a alienação mental, emquanto que a lepra e as bexigas são o terror dos balantàs, bujagós, fulupos e futa-fulas; entre os fulupos, qualquer individuo atacado de variola é impiamente desterrado, e a sua casa e os seus bens são lançados á voracidade das chammas.

O mal de somno é insidioso porque o enfermo apresenta um estado de saude esplendido; não perde o appetite, e a sua constante satisfação e alegria é apenas perturbada por uma impertinente somnolencia. Quando a morte se approxima, começam as extremidades dos

dedos a mirrar, sobrevem abundantes urinas e o paciente morre. É muito pouco vulgar e mata de um a seis mezes, conforme a constituição do paciente. Não é contagioso.

(Barros.— *Guiné Portugueza. (Jornal da Sociedade de Geographia*, 3.ª série, n.º 12.)

Doença do somno

Molestia de marcha chronica, ataca exclusivamente os indigenas. O somno é o seu principal symptoma.

A elle precede ordinariamente a hypertrophia dos ganglios do collo.

Este estado pathologico tem no paiz a denominação de *pedra-escrophulas*.

A extracção da *pedra*, isto é, a extirpação dos ganglios hypertrophiados, é a desastrada operação a que os naturaes recorrem em taes casos.

Quando o mandinga, operador ignaro, ainda que de grande nomeada entre elles, leva a vandalica mão até aos ganglios profundos, são funestas as consequencias da operação, cuja improficuidade é bem obvia na doença do somno, em referencia á qual registraremos n'este logar o que tivemos occasião de observar n'um dos casos da nossa clinica na Senegambia.

Eis o caso: Maria da Conceição, de vinte annos de edade, côr preta, temperamento lymphatico e constituição deteriorada.

Data da edade de dezenove annos o principio da sua molestia, cuja primeira manifestação foi a hypertrophia dos ganglios do collo. Mezes depois foram elles estirpados, e, não obstante, pouco demorado foi o desenvolvimento do principal symptoma da doença do somno.

Em abril de 1874 vimos pela vez primeira a doente, e em relação ao seu estado tomámos os apontamentos seguintes: irregularidade e vacillação na marcha, tendencia do corpo a cahir para diante, a cada passo, face estupida, bocca entreaberta, olhos salientes com prolapso das palpebras superiores, pupillas contrahidas e difficuldade da palavra. Somnolencia, quasi continua, surprehende a doente em todas as posições e até durante a refeição. Estando de pé, se se lhe dirige a palavra, faz esforços para responder, e, ás vezes, nem acha a mais simples resposta. A lingua é branca e vermelhos os bordos. O pulso irregular tem exacerbações. É perfeito o funccionalismo da vida animal. O appetite parece conservado, e apenas o somno se oppõe á alimentação. As urinas são limpidas e não conteem albumina. Dois mezes depois o somno torna-se continuo, o pulso quasi insensivel e muito frequente, a sensibilidade geral completamente nulla, e o doente succumbe n'este estado.

Prejuizos sociaes erguem-se formidaveis, e a autopsia, que com a sua rigorosa apreciação podia esclarecer o que ha de obscuro na presente observação, não se faz.

Febre biliosa hematurica

O sr. Dutronlau, que é para nós uma alta auctoridade na materia, diz da febre biliosa nos paizes quentes:

«C'est un empoisonnement du sang par la bile, devenue poison par «la perturbation des sécrétions biliaires que peuvent produire concur-«rement las emanations palustres et les météores, sous le ciel des tro-«piques, elle se termine heureusement quand la liberté et l'abondance «des excretions favorisent l'élimination du principe toxique, elle peut «aboutir à la mort quand, par suite probable de l'activité plus grande «d'un de ses éléments pathogéniques, ou de tous les deux à la fois, «ce principe concentre son action sur des organes importants à la vie.»

A febre biliosa da Guiné portugueza é da natureza acima definida. A hematuria dá-lhe a sua physionomia especial. A hyperemia do parenchyma rural, a congestão sanguinea do figado e do baço, são os importantes phenomenos anatomo-pathologicos d'esta curiosa endemia.

A ictericia, que é uma nas suas manifestações, tem um grande valor semeiotico. Se ella, divorciando-se da qualidade dos outros phenomenos da doença, empallidece, mal vae a sorte do febricitante, e n'este caso o prognostico é tão desfavoravel como o é quando tardiamente apparece a ictericia da côr da oca amarella, ou quando o seu desenvolvimento é mais demorado e mais lento, e a côr amarella menos uniforme e menos fraca.

A suppressão das urinas é outro signal de gravidade; a sua côr sanguinolenta é mais ou menos intensa, segundo a quantidade de sangue, que é tanto maior quanto menos abundante fôr a secreção urinaria.

Nas febres biliosas hematuricas intermittentes, a hematuria participa da mesma intermittencia, e em taes casos é nullo o perigo da molestia.

Os vomitos, ordinariamente incoerciveis e quasi sempre frequentes, tornam-se passivos no ultimo periodo, e ás vezes se supprimem bruscamente.

A diarrhea biliosa nunca é tão abundante, nem as dejecções tão frequentes, que possam assumir o caracter de uma complicação séria. A epigastralgia e a rachialgia lombar são muitas vezes de uma extrema violencia. A agitação e a insomnia alternam em alguns doentes com a coma.

Nos casos graves vem a prostração, o estado comatoso não interrupto, os soluços mais ou menos frequentes, ou mesmo continuos, as manchas echymoticas, o inducto fuliginoso que reveste a lingua e as

gingivas. As epistaxis e outras hemorrhagias passivas apparecem por ultimo a aggravar os perigos da penosa situação.

A epistaxis é symptoma grave que conduz á adynamia, se já não é manifestação d'ella. A perniciosidade é uma complicação gravissima que, mascarando a physionomia propria d'esta molestia, ameaça mais directamente a vida do doente.

A concentração do principio infeccioso nos orgãos essenciaes á vida explica a gravidade das desordens funccionaes e dos accidentes ataxo-adynamicos que caracterisam a febre biliosa hematurica grave. É principalmente sobre o systema nervoso da vida organica que o agente toxico exerce toda a sua influencia.

A administração opportuna dos calomelanos é a base essencial do tratamento d'esta endemia. É n'este caso um remedio indubitavelmente heroico. Com dois grammas de calomelanos, administrados em dez dias, com intervallo de duas horas, temos conseguido mudar a côr das urinas, diminuir a febre e empallidecer a ictericia.

Debellada, por esta fórma, a hematuria, provocamos immediatamente uma derivação sobre a mucosa intestinal. D'est'arte em nenhum dos nossos doentes se manifestou a estomatite mercurial, que para os medicos inglezes é um presagio favoravel.

Contra o estado saburral das vias digestivas empregamos de preferencia a ipecacuanha na dose vomitiva, e para combater os vomitos a seguinte fórmula antispasmodica:

Ether sulfurico	ãa 1 gramma
Laudano de Sydenhan	
Agua	100 grammas
Xarope simples	20 »

Se os vomitos resistem a esta preparação, administrada por pequenas doses, e em curtos intervallos, então torna-se necessaria a applicação de um largo vesicatorio sobre a região gastro-hepatica.

É ao sulphato de quinina que recorremos para neutralisar a acção toxica do miasma palustre. Em doses elevadissimas temos ensaiado o anti-periodico por excellencia com o maximo proveito e sem inconveniente algum.

Ulceras phagedenicas

De fórma irregular é, ordinariamente, a ulcera phagedenica da Guiné portugueza. Os seus bordos franjados e deseguaes são como os das feridas por dilaceração. Em seu derredor desenvolvem-se, muitas vezes, verdadeiras pustulas de ecthyma.

Uma especie de fomentação profunda impelle para a superficie os tecidos molles que lhe formam o fundo. Lividos aqui, arroxeados além, desfazem-se debaixo da fórma de uma polpa pultacea, com o cheiro caracteristico da gangrena. Crustas expessas, receptaculos de um pus fertil, destacam-se facilmente sob a sua pressão, e restos de tendões

pendem mortificados da ferida. A pasmosa rapidez com que invade e mortifica todos os tecidos, que no seu devastador transitar encontra, é o seu principal e mais notavel phenomeno. A tenacidade que muitas vezes a perpetúa é o seu privilegio.

A ulcera phagedenica dos paizes quentes não é uma complicação da ulcera simples, a cujo lado algumas vezes ella vegeta sem transmittir-lhe por contagio a sua feição. A ulcera phagedenica, com os seus signaes distinctivos, é ulcera phagedenica desde o seu inicio. É admiravel como ella, transformada pela therapeutica em ulcera simples, reveste-se em algumas horas, apenas, do seu primitivo caracter, e isto geralmente quando todas as circumstancias parecem favorecer a sua cicatrização.

Boa hygiene, boa alimentação, tonicos amargos, ferruginosos, curativos frequentes com agua phenica, chlorureto de cal liquido e com alcool é o tratamento que as ulceras phagedenicas requerem.

Beriberi

Esta curiosa molestia, confundida por alguns auctores com o rheumatismo chronico, myelite, etc., é uma hydropisia geral, aguda e de marcha rapida. É indubitavelmente uma variedade de escorbuto.

Um unico doente que nos foi apresentado como uma curiosidade pathologica estava confiado aos cuidados dos curandeiros da localidade.

O seu estado era o seguinte: anasarca, dyspnea, anciedade, pulso quasi imperceptivel, longiquos ruidos (mas normaes) do coração, prisão de ventre, intelligencia intacta.

Segundo informações dignas de fé, esta entidade morbida habita a Senegambia povoada pelos *taliboncas*.

Boubas

Molestia cutanea, *sui generis,* ataca exclusivamente os indigenas. Nimiamente contagiosa, escolhe de preferencia as creanças. Pouco susceptivel de reproducção, varía extremamente nas suas fórmas.

A causa radical da formação d'esta singular enfermidade, que, sem duvida, repousa nas mais intimas condições mesologicas, é o ponto obscuro da sua historia.

O virus boubatico é inteiramente distincto do syphilitico, a cujo lado algumas vezes elle vegeta, sob caracteres mais ou menos confundidos.

A invasão d'este morbo é em alguns casos precedida de febres, dôres arthriticas contusivas, cephalalgia, embaraço gastrico, gastralgia, prostração de forças e suores abundantes, que teem muita analogia

com a especie *suette*, suor maligno. Após alguns dias desenvolvem-se em diversas partes do corpo pequenas manchas, que progressivamente se alargam e se engrandecem. Rompe-se depois a epiderme, e crustas denegridas, formadas pela condensação de um pus sanioso e fetido, revestem as pustulas que d'ahi resultam. Uma d'ellas, que se distingue pela sua maior circumferencia, profundeza e caracter extremamente corrosivo, denominam os pretos *mamai-piau*, mãe das boubas. Com a sua presença cessa a reproducção do mal.

A pustula endurecida, a depressa e a escamosa são as principaes variedades da doença, cujos progressos não poucas vezes occasionam a destruição da parte affectada e deformidades consecutivas. É principalmente nos dedos das mãos e dos pés que teem logar estes estragos. N'estes casos a affecção boubatica é no paiz denominada *gaffo*. As boubas apresentam-se tambem sob a fórma de manchas rubras, amarellas ou esbranquiçadas, tumidas ou sem elevação notavel, mais ou menos dormentes e com dôres articulares ou sem ellas.

A febre poucas vezes persiste durante o curso d'esta enfermidade chronica, geralmente perigosa.

O tratamento é local e hygienico. São vantajosos os preparos arsenicaes e prejudiciaes os mercuriaes.

Bicho

N'esta provincia tem a denominação de *bicho* as larvas que se desenvolvem na derme de qualquer parte da pelle. Estas larvas teem oito ou dez linhas de comprimento e duas a tres de largura. São brancas, um tanto arroxeadas, com uma extremidade mais grossa que a outra.

Na India portugueza, Diu, o bicho é um parasita cylindrico, filiforme, muito alongado, de côr branca e de grossura egual em toda a sua extensão, menos na cauda, que é pouco mais delgada e curva. Seu comprimento varía de dez pollegadas até oito e nove varas, e a grossura desde a de um fio de linha até á de um barbante. As pernas são, ordinariamente, o local da sua eleição. Ahi permanece muitas vezes, por muitos mezes e até por muitos annos, sem que incommodo algum manifeste a sua existencia.

As causas que presidem á formação d'elles ainda não são conhecidas. O calor, especialmente humido, a estagnação do ar, a falta de asseio e a má qualidade da agua parecem auxiliar o seu desenvolvimento.

Na Senegambia designam tambem pelo nome de *bicho* um insecto que ataca ordinariamente os pés, e introduz-se debaixo das unhas ou da pelle do calcanhar, occasionando, ás vezes, ulceras graves. É o *Pulex penetrans* dos naturalistas.

Os symptomas que annunciam a existencia d'estes parasitas são

uma comichão desagradavel, sensação de um corpo que se move debaixo da pelle, dôr mais ou menos aguda e tumor phlegmonoso.

O tratamento consiste em promover a ruptura do tumor e extrahir o *bicho*.

Maculo

Doença caracterisada por uma dilatação consideravel do anus, com dyarrhea mais ou menos abundante; ataca principalmente os negros.

As evacuações são liquidas e frequentes, e, nos casos mais graves, o corrimento tem logar quasi de uma maneira continua. Ás vezes ha ulcerações complicadas de gangrena do recto e emmagrecimento consideravel. A pelle é fria e pallida.

As causas do maculo são as mesmas que produzem a dyarrhea e a dysenteria.

Psoriasis

É vulgar esta molestia na Guiné portugueza. A alimentação de má qualidade, o excesso de bebidas alcolicas, a miseria, as modificações atmosphericas e as influencias locaes parecem ser a origem d'esta entidade morbida.

Elephantiasis dos arabes

Encontram-se numerosos exemplares, d'esta doença endemica, n'aquelle districto. Ella ataca indifferentemente todos os sexos e todas as edades. Escolhe de preferencia as extremidades inferiores e o seroto.

Ácerca da sua causa perfilhamos o dizer do sr. Monneret: «Il y «a dans l'état général du sujet quelque chose de diathésique que nous «ne connaissons pas, comme il existe aussi, dans les lieux où règne «l'élephantiasis, une cause endémique entièrement ignorée.»

(Socrates da Costa.— *Relatorio do serviço de saude publica na Guiné Portugueza, e relativo ao anno de 1874.)*

... Uns intitulam-se filhos de Esculapio, e outros, partilhando da selvageria, procuram allivios aos seus padecimentos com o emprego de variadas substancias medicinaes colhidas no matto. A maioria d'estas substancias é purgativa e drastica, e em geral são estas applicadas em decocção na dose *ad libitum*, o que dá em resultado a morte de uns e as lesões insanaveis em outros...

(Damasceno.— *Relatorio do serviço de saude da delegação da junta de saude em Cacheu, relativo ao anno de 1878.)*

Plantas medicinaes da Senegambia

(1893)

Acacia arabica, *Willd.*
» Adansonii, *Guill. Perrot.*
» albida, *G. P.*
Aloë guineensis, *Jacq.*
Argemone mexicana, *L.*
Adansonia digitata, *L.*
Arachis hypogoea, *L.*
Anona palustris, *L.*
Abelmoschus esculentus, *Medic.*
Artocarpus incisa, *L.*
Bombax fuonopozense, *Beauv.*
Balanites aegyptiaca, *Delil.*
Bauhinia rufescens, *Lam.*
Bixa orellana, *L.*
Boerhavia hirzuta, *Willd.*
Crescentia cucurbita, *L.*
Calatropis procera, *R. Brown.*
Citrus aurantium, *L.*
C. limonum, *L.*
Cocus nucifera, *L.*
Cassia fistula, *L.*
Combretum Raimbaultii.
Carapa touloucana, *Guill. Perrot.*
Cassia siebieriana, *D. C.*
C. obovata, *Coll.*
Cactus opuntium, *L.*
Cocculus bakis, *A. Rich.*
Cajanus bicolor, *Wall.*
Datura metel, *L.*
Detarium senegalense, *Gmel.*
Dialium nitidum, *Guill. Perrot.*
Erythrophleum guineense, *Don.*
Eriodendron anfractuosum, *Dec.*
Erythrina senegalensis, *Dec.*
Elaeis guineensis, *L.*
Hibiscus subdariffa, *L.*
Indigofera tinctoria, *L.*

Jatropha curcas, *L.*
Khaya senegalensis, *Juss.*
Lawsonia alba, *Lam.*
Melia azedarach, *L.*
Musa paradisiaca, *L.*
» sapientum, *L.*
Nicotiana tabacum, *L.*
Passiflora quadrangularis, *L.*
Petiveria alliacea, *L.*
Papaya carica, *L.*
Phyllanthus niruri, *L.*
Poinciana pulcherrima, *L.*
Plumbago zeylanica, *L.*
Pterocarpus erinaceus, *Lam.*
Plumbago scandens, *Hort.*
Parinarium excelsum, *G. Don.*
Parkia africana, *R. Br.*
Poivrea aculeata, *Dec.*
Rhyzophora mangle, *Lin.*
Swietenia senegalensis, *Des.*
Sterculia acuminata, *Beauv.*
Strophantus hispidus, *DC.*
Seobania punctata, *DC.*
Sarcocephalus esculentus, *Afzel.*
Sapindus senegalensis, *Poir.*
Solanum nigrum, *L.*
Sacchamus officinarum, *L.*
Tribulus terrestris, *Guill. Perrot.*
Tamarindus indicus, *L.*
Terminalia macroptera, *Guill. Perrot.*
Thyfus latifolia, *L.*
Tetracera senegalensis, *Dec.*
Trichillia prieurania, *Juss.*
T. emetica, *Vahl.*
Tetracera alnifolia, *Willd.*
Vernoma senegalensis, *Desf.*
Ximenia americana, *L.*
Zizyphus orthacantha, *DC.*

(1001)

Abus precatorius, *L.*
Anacardium occidentale, *L.*
Bauhinia reticulata, *DC.*
Cassia occidentalis, *L.*

Cassia Tora, *L.*
Corchorus trilocularis, *L.*
Gossypium punctatum, *Sch* et *Thonn.*
Tamarix senegalensis, *DC.*
Zanthoxylum senegalense, *DC.*
Zizyphus Baclei, *DC.*

João Cardoso, Junior.

III

S. THOMÉ E PRINCIPE

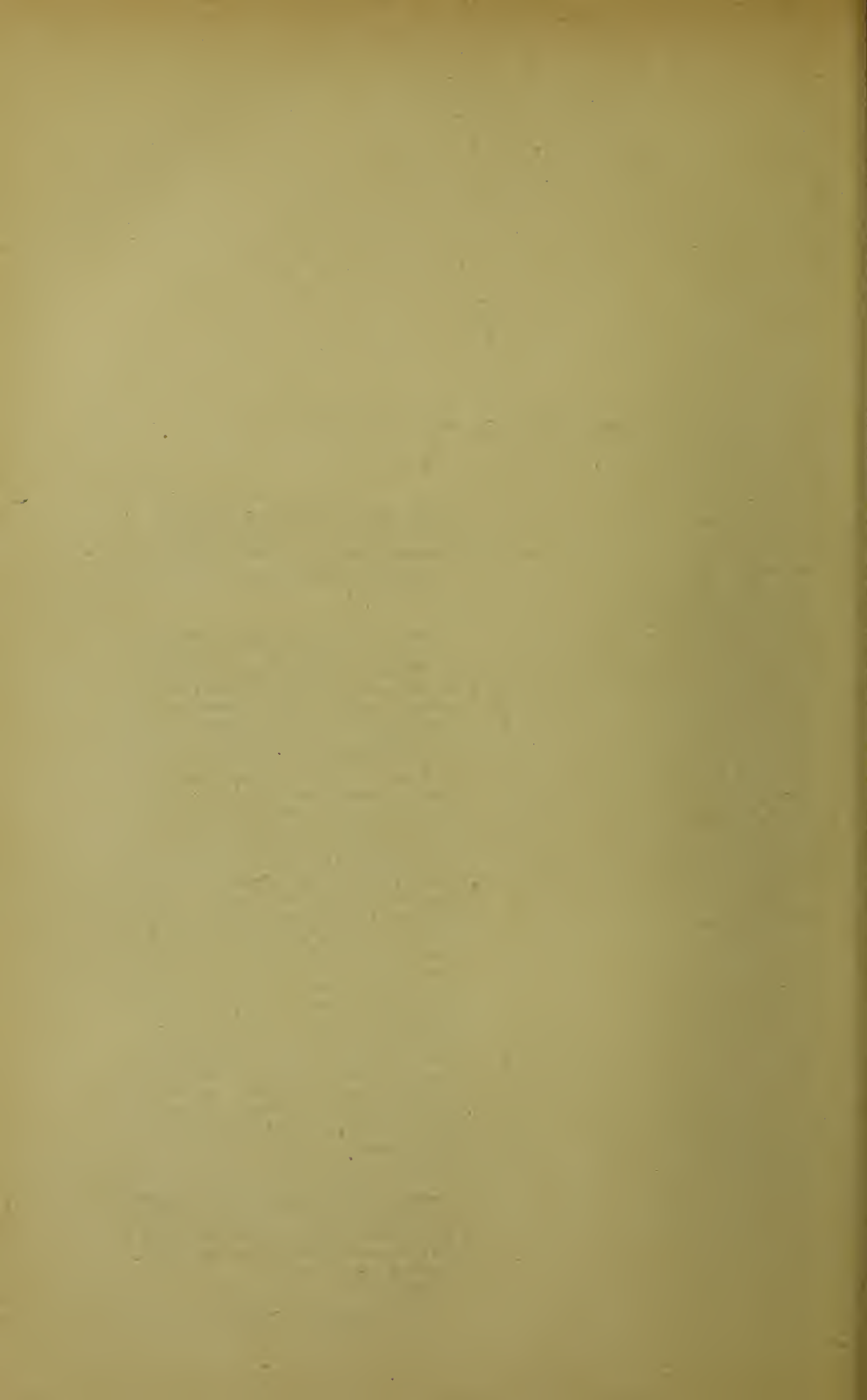
O mar nas praias notas que ali temos
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deus tocou.

CAMÕES. *Lusiadas,* Canto v, Est. XII.

Passar a linha equinocial é hoje uma cousa muito vulgar (que assim mesmo os marinheiros festejam sempre), mas como se encheria de orgulho o nosso Fernando Gomes, quando, antes de nenhum outro europeu, achou os dias eguaes ás noites em duração, e passou a engolfar-se em um novo hemispherio, a vêr novas constellações no céu, diversos climas na terra, e só egual o colorido das aguas! São as maiores alegrias que eu comprehendo! Gil Eannes, dobrando o cabo Bojador; Christovam Colombo, descobrindo um novo mundo; Bartholomeu Dias, passando o Tormentorio; Vasco da Gama, aportando á India; Pedralves Cabral, encontrando o Brasil; Fernão de Magalhães, achando a passagem para o Pacifico; Balbôa, divisando esse mesmo mar pela primeira vez, e tomando posse d'elle em nome dos reis de Hespanha; Peres d'Andrade, devassando a China e o Japão; Cortez, avistando as douradas cupulas do Mexico; Solis, achando o rio da Prata; Queiroz, vendo desmaiar o sol no polo; Behring, vencendo a passagem polar entre a America e a Asia, e tantos outros descobridores aventureiros... oh! esses é que eu imagino que foram verdadeiramente felizes um momento, vendo coroados de pasmoso resultado os seus penosos trabalhos!

Alegra, quando se olha para a carta, encontrar o nome portuguez ligado a tantas descobertas, pensar que estes poucos filhos do occidente foram devassar todos os mares e deixaram padrões seus nas mais remotas praias do mundo!...

Porém hoje...

T. M. BORDALLO. *Viagens na Africa e na America.*

S. Thomé e Principe

Sempre emfim para o austro a aguda proa, como diz Camões na laconica, mas bella descripção, que faz d'esta viagem, no canto quinto dos *Lusiadas,* deixando á esquerda o perigoso Cabo de Palmas, vamos sob o equador procurar as tão famosas e tão abandonadas ilhas de S. Thomé e Principe, e ainda que o seu clima não é dos mais salubres arrisquemo-nos no meio d'esse copado e odorifero arvoredo, ao murmurio das aguas que por toda a parte rebentam, e vamos admirar a riqueza de um solo fertilissimo, ao lado da maioria de seus habitantes, prova viva da nossa incuria!

S. Thomé e Principe são dois grandes jardins lançados por Deus no meio das aguas do oceano, como os oasis entre as areias de um deserto. Ao approximar das suas praias contemplaes com encanto uma vegetação prodigiosa campeando por toda a parte; pasmaes ao vêr surgir de entre os penedos batidos pelas vagas as mais formosas palmeiras e outras arvores sempre verdes. Desembarcaes, a cada passo vos apparece um riacho; a arvore da canella, como em Ceylão; o café como o de Moka; o ananaz, a banana, melhores do que no Brazil; o algodão, o arroz, a canna de assucar, optimas madeiras de construcção, e até, o que não julgaes de certo encontrar, uma linda estrada na ilha do Principe com duas pyramides no começo e uma boa vivenda campestre na outra extremidade.

Tudo que é obra dos homens pouco vale n'aquelles logares; a mão de Deus é que foi prodiga em espalhar thesouros sobre o seu solo...

Em S. Thomé ha differentes cataratas de extraordinaria belleza, em sitios explorados ha pouco por europeus, e de então para cá muito concorridos; a principal é a um quarto de legua da capital, na Ribeira Grande; dão-lhe o onomatopaico nome de *Blusblus*, e a quéda de agua é de 32 pés de altura. Proximo d'este logar vêem-se as ruinas de um engenho de assucar, d'aquelles que foram destruidos para não empecerem o desenvolvimento da cultura do Brazil! Junto á mesma ribeira, a par da aldeia da Trindade, ha outra famosa catarata, com 24 pés de altura de agua.

A tres quartos de legua d'esta aldeia encontra-se agua ferrea n'umas caldeiras em effervescencia, ás quaes os pretos chamam caldeiras do inferno; e quando querem fazer mal a seus inimigos lançam na maior d'essas caldeiras algum dinheiro em cobre, e crêem que

é sufficiente para lhes succeder desgraça. Os europeus que alli vão passear teem mais de uma vez encontrado peças de dinheiro em cobre, muito limpas, que guardam como memoria da superstição d'aquelle povo. Tanto em uma como em outra d'estas ilhas se encontram lindas praias, formosos bosques de canelleiros e cafezeiros, abundancia de agua corrente, bellas perspectivas.

F. M. Bordalo.

A ilha de S. Thomé será para as regiões da Africa equatorial o que é a ilha da Madeira para os paizes da Europa, Mossamedes para as terras tropicaes do occidente, e Lourenço Marques para as do oriente.

A ilha de S. Thomé perderá a fama de insalubre logo que a agricultura se desenvolva por toda a parte, e se levantem povoações nos alto-planos, ficando no littoral apenas as casas commerciaes e a alfandega. Não o temos feito até hoje, porque a colonisação da Africa portugueza tem sido morosa e dirigida sob vistas muito limitadas.

A ilha do Principe demora em 1° 37′ de latitude N. e 16° 5′ de longitude E. ou a 130 kilometros da ilha de S. Thomé e a 185 da de Fernão do Pó. Pela fertilidade dos terrenos e sua posição pode sahir do abatimento em que se encontra, mas é necessario acudir-lhe quanto antes com providencias promptas e bem pensadas.

Ha escriptores francezes que deram á ilha do Principe uma população de 10:000 almas, quando no anno em que se fazia tal publicação (1874) apenas havia 2:251 habitantes! A superficie da ilha, segundo se lê em varios escriptos, é de 72 milhas quadradas, isto é, $246^k,9$ quadrados. M. d'Avezac dá-lhe $17^k,5$ de comprimento de N. a S. e $9^k,2$ de largura média de E. a O., e Lopes de Lima reputa lhe de $14^k,8$ a parte mais larga.

Da ilha do Principe disse Lopes de Lima nos seus *Ensaios* o seguinte:

«... desde o seculo XVII tem ella sido sempre o principal entre-
«posto do commercio da Europa e America com os portos de — Lopo
«Gonçalves, rio dos Camarões, Gabão, Calabar, Oére, Benim e Ajudá
«— e mesmo com a ilha de S. Thomé.»

Parece-nos realmente grande erro chamar insalubre a um paiz quando elle tem apenas uma ou outra localidade palustre, assim como não é racional reputar ardentes aquellas regiões em que a maior parte da superficie está sujeita a uma temperatura moderada, como acontece na região alto-plana da ilha de S. Thomé.

Nas terras equatoriaes (zona torrida ou ardente de muitos escriptores) ha, é verdade, logares em que a temperatura é insupportavel;

mas a poucos kilometros encontram-se climas variados, sendo até necessario muitas vezes os habitantes andarem tão enroupados como em Lisboa na estação invernosa. Julgamos, pois, que as palavras *zona torrida* ou *ardente* não satisfazem ao estudo da acclimação e da colonisação, e deixam no espirito dos colonos idéas que não são verdadeiras na sua comprehensão e extensão.

Os espiritos equatoriaes teem caracteres physico-mathematicos que os distinguem de todos os outros e devem ser estudados separadamente.

O panorama da ilha de S. Thomé, observado do mar a poucos kilometros, quer se esteja ao N., quer ao S., da parte de E. ou de O., é surprehendente, descobrindo-se sempre altas montanhas, agudos picos e notaveis alto-planos.

Os montes elevam-se a muitos centos de metros e occupam, por assim dizer, o centro da superficie da ilha. O espectador não vê senão uma das suas faces, segundo a costa onde fôr a bahia em que estiver fundeada a embarcação.

A cidade de S. Thomé fica no extremo das planicies que se estendem desde os alto-planos adjacentes á cordilheira da ilha, na face oriental. A sua ampla bahia está mais inclinada ao norte e pouco fundo tem. É officialmente conhecida por bahia de Anna de Chaves, quando deveria ser de Alvaro de Caminha.

Os vapores fundeiam muito ao mar, e é d'alli que os viajantes que, pela primeira vez, se approximam da ilha teem occasião de attentar na massa informe da verdura que se lhes apresenta á vista.

Olhando para a praia banhada pelas aguas da bahia de Anna Chaves, ou de Alvaro de Caminha, vê-se destacarem-se algumas casas brancas dispostas em semi-circulo, voltado para o N. E, desagradavel a impressão que causa o panorama da cidade, collocada n'uma baixa, parecendo querer fugir do amplexo do immenso arvoredo que a cerca por todos os lados.

As pontas da bahia correm muito fóra, ficando n'uma a fortaleza de S. Sebastião e n'outra o reducto de S. José. Quem olhe do fundeadouro da bahia de Anna de Chaves, ou de Alvaro de Caminha, para esta face da ilha, descobre uma immensa bacia, posta inclinadamente e mettendo o seu bordo inferior nas aguas do mar; o fundo assenta no logar denominado Santa Luzia, ao pé do qual estão tres notaveis montes com disposição caracteristica.

O horizonte do observador, á direita, é limitado por uma corda de morros distinctos, collocados quasi em linha. Mais adeante apparece o principio da serra, por detraz da qual fica o celebre pico de S. Thomé, mostrando apenas o cume, que nem sempre se avista por estar coberto de nuvens. A mais de 600 metros de altitude, na face da serra que se tem em frente, levantam-se algumas habitações e descobre-se a casa da conhecida roça do Monte Café, a 800 metros acima do plano do observador. Correndo com a vista mais para a esquerda, com relação sempre ao horizonte physico, nota-se que a serra acaba, havendo

por alli um morro revestido de poucas arvores e muita verdura, e ao fundo e acima um monte que só se reconhece segundo o logar em que se está, o qual tem o cume grosso e muito chegado á serra.

Ao centro da enorme bacia, e na parte central d'ella, eleva-se o monte Formoso, atraz e aos lados do qual se divisam dois outros montes de cumes agudos, sendo o da esquerda mais alto que o da direita. Ao primeiro chamaremos Maria Fernandes e ao segundo Maria Carlota. É caracteristica e singular a disposição d'estes tres montes, que se não poderão confundir com outros, quando se olha do porto para aquelle lado da ilha.

Admiram-se sempre as elevadissimas arvores colossaes, entre as quaes se distingue a denominada *pau capitão*, que se ergue alterosa entre as planicies, morros, varzeas e picos.

Continuando a olhar para o lado esquerdo reconhece-se que os montes referidos vão desapparecendo, mas notam-se quatro mais pequenos em relação aos primeiros, a pouca distancia uns dos outros, e um d'elles mais proximo do monte Formoso, ao qual parece seguir-se. Mais ao mar descobre-se a ponta denominada Praião, com os seus coqueiros ao extremo, o que simula um navio á véla quando se olha para aquelle lado, e estando na fortaleza de S. Sebastião. Ficam por alli praias outr'ora mui afamadas.

A largos traços referimos os limites superiores ou marcámos o extremo do horizonte visivel, o qual pode ser determinado por morros, serras, montes e picos dispostos em linha semi-circular. O aspecto é realmente pittoresco, e tanto mais curioso quanto mais se attenta nos variados panoramas de verdura que se desenrolam deante do visitante.

A bahia abre-se a NE., e a praia, verdadeiramente circular, foi a escolhida para junto d'ella se levantar a capital da ilha.

A ponta de S. Sebastião sae mais para fóra e no seu extremo começam os edificios da cidade. Por toda a parte o terreno é baixo e raso até á egreja de S. João, perto da qual se construiu o cemiterio publico, no logar denominado da Boa Vista, o que causa bem triste impressão, pois é um dos primeiros espectaculos que se apresentam ao observador. Não é, porém, este o unico nome paradoxal, pois não causa menos surpreza o chamar-se cemiterio dos Prazeres (Lisboa) a um logar de lagrimas e saudade.

Fica o sitio da Boa Vista em terreno a NO., ou antes a ONO. da cidade, que se eleva uns 20 metros acima do nivel do mar e a 1:600 de distancia da praia. Na mesma altura corre a ponta de S. José, que já nomeámos, desenvolvendo-se em uma vasta planicie coberta de muito capim ou erva da Guiné, de algumas palmeiras de leque e poucos tamarandeiros.

O ilheu das Cabras, quasi dividido ao meio, parece querer fugir para o mar, e atraz d'elle, espraiando-se muito, corre a restinga ou ponta do S. da bahia Diogo Nunes. O mar quebra-se com força nas pedras d'esta restinga, e é bastante perigosa por alli a passagem das canôas.

Á ponta de S. Sebastião segue-se um terreno baixo, cheio de pedras ennegrecidas e de repugnante aspecto; o mar, que se estende a grande distancia, começa n'esta lagôa de margens infestas, á qual se pode chamar um extenso paúl, que se prolonga até á egreja de Santo Antonio e que muitas vezes se cobre de agua.

Mal se descobrem as villas, que se acham quasi abafadas pelas florestas que as envolvem.

Do lado oriental da ilha descobrem-se as villas de Guadalupe e de Santo Amaro, á direita; a da Trindade fica-lhe em frente, um pouco para baixo da immensa bacia.

Differentes estradas saem da cidade para o interior da ilha, cujo aspecto é sempre o mesmo, quer se olhe para ella de cima da ponte de S. José ou da fortaleza de S. Sebastião, quer de qualquer edificio da cidade ou dos navios fundeados no porto.

Algumas estradas são marginaes, outras interiores, mas o observador não pode distinguir estradas, nem casas, por se acharem cobertas de mattos tão bastos, tão altos e tão continuados.

O aspecto geral da ilha pelo N., NE. e E. não é tão pittoresco como pelo SE. e pelo S. e especialmente pelo O. e NO.

Ao S. fica a pequena ilha das Rolas, que se apresenta á direita, sendo observada da peninsula denominada Jogo-Jogo. É verdadeiramente vistoso o rio de agua salgada ou braço de mar que divide a parte meridional da ilha, o qual é navegavel por pequenas embarcações ao S. da peninsula a que nos referimos.

Da ilha das Rolas descobre-se a zona meridional da ilha de S. Thomé, cujos terrenos se elevam cada vez mais até ao lendario pico que tem o nome da ilha.

Desde a costa do S. até ao extremo visivel do horizonte do observador destacam-se picos agudissimos, montes escarpados, pontas altas e sahidas ao mar, que dão á ilha um aspecto singular, poetico e grandioso. N'aquelles sitios não ha casas nem terras cultivadas.

A SO. e O. a costa é alta. Fica por alli a agradavel e fresca enseada de S. Miguel, onde vem despejar suas aguas uma boa ribeira, e a ampla bahia de Santa Catharina.

A ilha divide-se em differentes zonas, não só porque a disposição dos montes, montanhas e cordilheiras lhe dá muitas faces e aspectos pittorescos, mas porque as bahias e as praias teem exposição muito distincta.

As cartas hydrographicas de Lopes de Lima e de Wilson estão muito erradas, e a de Boteler, especialmente, tem erros notaveis.

É de grande vantagem o conhecimento da costa, das praias e das planicies adjacentes, assim como dos altos planos, montes e varzeas.

....

Fazem-se ainda requerimentos aos santos, esperando bom deferimento contra um inimigo ou para que desappareça qualquer doença. As creanças trazem ao pescoço contas, sementes, ervas, paus benzi-

dos, etc., para as livrar do feitiço e maus olhados. [1] As mulheres aos sete dias do parto vão ajoelhar ás portas das egrejas, offerecendo-se a Deus. Nas suas cubatas não se pode entrar, porque são pequenas, baixas, sem gosto, sem ordem e sem arranjo. Não ha leitos regulares; uma esteira estendida no chão serve de cama! Gostam de se enfeitar, amam a musica e a dança; mas nas festas e landús perdem toda a elegancia pelos tregeitos que fazem. Entre elles, porém, ha muitos que dançam soffrivelmente e se apresentam com graça e simplicidade.

Na proximidade da egreja faz-se uma barraca ou cubata muito grande, deante da qual se põe a mesa. Compõe-se esta barraca de oito estacas de altura regular e sobre ellas collocam-se travessas e uma porção de andala de palmeira, que é amarrada ás travessas com corda feita da mesma andala, e a que se dá o nome de *inhé*. Na cabeceira da mesa toma assento o juiz da festa, e, para mais distincção, no esteio ou estaca que lhe fica mais proximo põe-se a imagem de Jesus Christo. Se, porém, algum official da mesma festa se assentar n'este logar paga a multa (a que elles chamam condemnação) de uma garrafa de aguardente ou botija de genebra, e o dinheiro que o juiz e mais officiaes arbitrarem.

As comidas são compostas, em geral, de uma porção de *filispote*, que é feito de mandioca, de banana assada, calulú e de idgiógó. Em grandes ócós (cabaças) está o vinho de palma, e não falta o vinho tinto, genebra e aguardente. O arraial dura dois ou mais dias e as danças começam ás seis ou sete horas da tarde. É muito conhecida a musica da irmandade de Santo Izidoro. Os instrumentos limitam-se a um tambor, zabumba e flautas de caniços toscamente feitas!

. . . .

São numerosas as substancias reputadas medicinaes na ilha de S. Thomé, e ha grande abundancia de drogas ou productos vegetaes (muito uteis nas artes e manufacturas, como gommas, óleos volateis, tanninos, carimos, farinhas, algodões, etc.):

Artemisia, malva, folha-malé, folha micócó, maioba, mamma-longa, ióbó, folha-sapateiro, pelicano, libo, cabaças ou ocos, soffii, macabli, folha-oundu, mussandá, gligo, butua, zuque, queça ou quessá, mos-

---

[1] Quando vimos pela primeira vez o immediato do commandante dos angolares tinha elle uma saliente corcunda. Lamentámos semelhante deformidade, e não o encarámos detidamente n'aquella occasião, reservando-nos para no dia seguinte examinarmos o phenomeno logo que nos fosse possivel, pois que, tendo chegado á capital pelas nove horas da noite, pensavamos mais em descançar do que em indagar das causas de semelhante aleijão. Mas qual não foi a nossa surpreza quando, ainda não tinham decorrido vinte e quatro horas, nos approximámos d'aquelle individuo com o fim de o cumprimentar e o vimos sem a corcunda! Soubemos depois a causa. Á nossa chegada tinha o pobre do homem vestido á pressa um casaco, e o seu sacco contra o feitiço ou contra os maus olhados não havia assentado bem e produziu aquelle grosso volume sobre as costas. A não ser aquelle incidente, não teriamos conhecido tão bem o genio supersticioso do homem do sacco, o immediato do rei dos angolares.

tarda, matri, folha-conta maguit'oio, pimenta, folha-bôba, tissangá guegue ou cajá, mucubli, uva de ovo, alfavaca de cobra ou parietaria, massuensuen, itoto (raiz), quime, codoque, balsamo de S. Thomé, babosa, folha de parreira, feto-macho, maracujá, nagouaga-d'óbó, quiabos, algodão, bananas, oleo de côco, gomma de cajueiro, cabaça de imbondeiro, oleo de purgueira, oleo de ricino, succo do tapa olho, tamarindo, canna fistula, araruta, fedegoso, alcova, beatas, gramma, gengivre, erva de Santa Maria, hortelã, mil homens, erva tostão, folhas e cascas de azeitona, folhas e raizes de pau-alho, folhas e raizes de pau-ama, casca de bengue d'óbó, gomma rezina de mangueira, gomma elastica, canella, café, canna saccharina, chichona, laranjas e limões, colla, liamba ou diamba, tabaco, goyabeira, folhas, raizes e casca de salambá, messamfé, folhas e raizes da arvore cata grande, jerichó, pinpim, piamplé, folha-gravana, seiva do pau caixão, folhas da arvore zenzem, folhas e casca da arvore untuem, casca da arvore vum-vum, folhas e casca da arvore sequené, folhas do pau-quine, seiva do pecegueiro, folhas e casca da arvore omêmê, folhas e casca da arvore marimboque, folhas da arvore João Gomes Jaca, fructo da arvore inhe-muela, seiva amarella do pau quijó, raizes de estralla-estralla ou clá-clá, seiva da corda-agua, folhas e casca do arbusto cacumá, raizes crocotó, folhas de arvore sap-sap, erva santage, folhas e planta-ossamé, folhas de bengalla de obo, casca de muele-muele-branco, folhas, casca e raizes do pau fede, leite do pau-sabão, folhas, casca e raiz da arvore gofe, succo da arvore amoreira, principio volatil e cheiroso do pau-fede, stramonio ou folha-feitiço, trombeteiras, copahibeira, planta reproductiva, culu-culu, principio volatil do pau-ama, oleo de izaquente, agriões, otoni, oleo de safie, aqué, aboboreira do mato, alcacus, agó ou anil do mato, bubo-bubo-preto ou bobo-bobo ou bugo-bugo uquini (venenoso), pega, rato, otage, uquité, Simão-Coia (Simão Correia), maquêquê, matanzem, corda, folha-porco, erva-doce, folha-eu-só, pau-pimenta, lingua de vacca, coçá-coçá, pega-pega ou erva agulha, etc., etc.

Sabe-se que o mussandá, o pau-gamella, a mangueira, o pau-caixão, a amoreira, o tapa-olho, o pau guigó, o pau-oleo-borrão, o pau-oleo por excellencia ou do balsamo de S. Thomé, o pau-sabão, o figo-porco, o pecegueiro da terra, a corda-agua, a copaybeira e a arvore izaquente dão productos de que se não tem feito caso, mas que devem ser estudados para se distinguirem as gommas, as resinas, as gommas resinas e as gommas elasticas, e se conhecerem as propriedades da seiva do pau-caixão que aqui applicam na dôr de dentes e a da corda-agua que usam como collyrio.

A corda-matri passa n'esta ilha por um violento drastico, e a casca da arvore cúlu-cúlu é considerada purgativa, propriedade que se attribue tambem ás folhas da alcova.

Differentes succos de arvores e cordas são applicados como collyrios e adstringentes, e a parte aquosa do côco bebe-se com prazer, assim como o vinho de palma passa por diuretico.

São variadas e numerosas as folhas que servem para banhos aro-

maticos, refrigerantes e adstringentes, ou para cozimentos a que se attribuem grandes virtudes medicas.

. . . .

Os habitantes das florestas, como os angolares, parecem não precisar das mais insignificantes commodidades; desconhecem o tratamento medico nas enfermidades, a vantagem das estradas para caminharem, de casas para se abrigarem, e de cidades para commerciarem; mas ficam surprehendidos por alguns phenomenos que não entendem e que se lhes apresentam todos os dias, e dão muita attenção a quem lh'os explica.

Dr. Manuel Ferreira Ribeiro (chefe do serviço de saude da Provincia de S. Thomé e Principe)— *A Provincia de S. Thomé e Principe e suas dependencias.*

Os argumentos de propagação e de longevidade comparativa são muito em favor da melhor salubridade da ilha do Principe para os europeus, e parecem-me mais convincentes por serem de facto mais importantes do que a theoria scientifica das duas correntes (a que se refere D. José de Morós y Morellon, por dar por mais salubre a ilha do Anno Bom).

LOPES DE LIMA.

As febres intermittentes quotidianas e terçãs são as unicas febres da manifestação da infecção palustre na cidade da ilha do Principe. Não apparecem casos de febres intermittentes, biliosas ou typhoides (remittent yelow or typhoid never having occurred in his experience, of th dr. Nunes). [1] As febres intermittentes são em geral benignas. A dysenteria fere mais os indigenas. N'aquella ilha não ha pantano algum (there is not square inch of swampy laud upon whole sur face). O dr. Nunes reputa a ilha salubre, e a opinião d'este consciencioso e intelligente medico deve ser tida em mais consideração do que a d'aquelles que por alli não teem estado.

THOMÁS.

A ilha do Principe pode dizer-se saudavel relativamente á maior parte dos climas de Africa, exceptuando a cidade e mais alguns pontos, onde as ribeiras, espraiando-se muito, deixam aguas estagnadas, como acontece em Praia Salgada.

F. LENCASTRE.

Sem o conhecimento exacto da constituição geologica do solo, e de tudo o que nos possa ser revelado pelo estudo geographico e topo-

---

[1] Dr. José Correia Nunes.

graphico de cada ilha em separado, e sem o conhecimento da meteorologia, tomando em consideração os seus principaes problemas, não se pode avaliar a natureza dos climas, e muito menos a das molestias reinantes. A falta d'estes dados inhibe-nos de apresentar a nossa opinião fundamentada; e apesar d'isso fazemos a seguinte classificação das ilhas do golpho dos Mafras, que pertencem aos portuguezes:

«1.º *Logares mais salubres de S. Thomé.*—Monte-Café, Magdalena, Mancambrará, e muitos logares cuja altitude é superior a 300 metros.

«2.º *Logares mais salubres da ilha do Principe.*—Ok-Gaspar, Sundin, Azeitona, Cima-Lô e Ponta da Mina.

«3.º A ilha de S. Thomé é actualmente mais rica, mais povoada e mais fertil que a ilha do Principe.»

Junta de Saude Publica da Provincia de S. Thomé — Relatorio de 1869.

A demora de Welwitsch nas ilhas de S. Thomé e Principe foi de poucos dias, e esses quasi sempre chuvosos, não lhe permittindo largas digressões.

As collecções feitas por Akeman, que estavam na posse de Van Hut, não haviam então sido publicadas; as de Mann tinham-se distribuido pelos herbarios de Kew. Varias plantas das mesmas ilhas, colhidas por Don na digressão á Serra Leôa, foram mencionadas na Niger Flora.

Da fauna occuparam-se Pfeifer, Morelet e Gunther, e a parte entomologica, accrescenta Welwitsch, deve ser interessantissima, a julgar pelo que observou nos poucos dias que estacionou nas ilhas. Nota mais ter razão para suppôr que na parte oriental e nas regiões elevadas devem offerecer estas ilhas o maior interesse, sendo aliás já seductor no littoral o luxuoso da vegetação, em geral analoga á da costa vizinha do continente e notavelmente invadida de plantas de origem americana.

Abundam ahi bellissimos fetos e as orchideas epiphytas, as cyatheas arboreas, que foram encontradas a 4:000 pés (1:200 metros) de elevação; foi assignalada no pico de S. Thomé uma especie de podocarpus, e pelas densas mattas encontram-se bastantes scitamineas, a mais magestosa palmeira da Africa tropical; o borassus aethiopica mart avista-se logo nas vizinhanças da capital de S. Thomé, e é das mesmas ilhas a mimosea gigantesca, a que alli dão o nome de sucurpira.

Bernardino Antonio Gomes. — «As explorações phyto-geographicas da Africa tropical, e em especial as da Guiné inferior, ordenadas pelo governo portuguez e executadas pelo dr. Friederich Welwitsch nos annos de 1853 a 1861.» *(Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes,* n.º 14. Lisboa, 1873.)

As ultimas das nossas possessões insulares do Atlantico, no caminho da Europa ao Equador, as ilhas do Principe e de S. Thomé, são a séde de uma bella vegetação ainda hoje em todo o esplendor primitivo, patria de palmares e de fetos arborescentes e região de culturas exclusivamente tropicaes.

As montanhas de S. Thomé elevam-se cobertas de denso e quasi inexplorado e desconhecido arvoredo até 7:500 pés [1] (2:460 metros) sobre o mar, sendo em superficie e altura, como o todo da ilha, muito mais consideraveis que as do Principe.

A um feliz explorador inglez, o sr. Mann, e ao distincto botanico o sr. Hooker (J. D.) devemos hoje algumas interessantes noticias da flora d'essa ilha.

Em agosto de 1861 o sr. Mann desembarcou em S. Thomé, e a 13 d'esse mez começou a ascensão das montanhas, attingindo o pico mais elevado a 22, e abandonando-o passados quatro dias. Segundo elle, a parte mais alta da ilha consta de uma estreita cumiada, accessivel, mas com grande difficuldade, pelo lado de éste.

Por esta occasião as explorações do sr. Mann abrangeram tambem as ilhas do Principe e de Fernando Pó e as grandes montanhas vulcanicas dos Camarões, que se elevam a 13:000 pés (4:300 metros) na costa fronteira africana. A flora d'essas localidades, de 1:600 metros de elevação para cima, fez objecto de um estudo particular do sr. Hooker, pelo qual se vê que já n'essa altitude começam alli a predominar largamente as especies das regiões temperadas. A estatistica de 237 plantas colhidas pelo sr. Mann, a mais de 1:600 metros de elevação, n'aquellas paragens, deu o seguinte resultado:

	GENEROS	ESPECIES
Fórmas verdadeiramente temperadas...	80	112
Fórmas temperadas e tropicaes ou intermédias	36	60
Fórmas verdadeiramente tropicaes.....	46	65 [2]

Entre as plantas colhidas em S. Thomé devemos notar uma que, no interesse botanico geral que se lhe liga, reune algum particular para o objecto que aqui levamos em vista. É o *Podocarpus Manii*, especie nova de coniferos encontrada no mais elevado ponto da ilha, e que recorda naturalmente a vegetação das florestas de Java, submettidas á cultura da quina, e onde os *Podocarpus* occupam logar consideravel.

BERNARDINO BARROS GOMES.

O governo portuguez, reconhecendo a necessidade das explorações scientificas, e em especial das explorações botanicas, encarregou

---

[1] Markham Travels.

[2] On the plants of the temperate regions of the Cameron Mountains and Islands in the Bight of Benin (I. of the Proceedings of the Lin. Sc. Pag. 177).

o sr. A. F. Moller de colligir exemplares botanicos na ilha de S. Thomé, a fim de ser conhecida cabalmente a flora d'esta ilha africana, situada no golpho da Guiné, a 0° 3' N. de latitude e a 15° 58' E. de latitude de Lisboa, e de uma superficie de 900 kilometros quadrados.

A epocha escolhida para esta exploração foi a da *gravana,* ou do tempo secco. Infelizmente, porém, n'este anno a humidade foi extraordinaria, tornando difficil a exploração, e muito especialmente a preparação e conservação das plantas. Por mais de uma vez teve o sr. Moller de colher plantas que já tinha colhido, mas que, em virtude da excessiva humidade, tinha perdido.

Não podia ser grande a área explorada durante os quatro mezes de estada na ilha, desde 23 de maio a 25 de setembro. A accidentação dos terrenos, a grande quantidade de florestas ainda quasi virgens, a falta de meios de communicação e o mau tempo obstaram a que se levassem a effeito trabalhos mais completos.

Apesar de tudo o sr. Moller percorreu a área que vae da cidade até ao pico de S. Thomé e do rio Contador ao rio Manuel Jorge, isto é, quasi toda a parte da ilha mais habitada e cultivada.

Na expedição ao pico de S. Thomé, cuja altitude foi por esta occasião determinada com bastante rigor, fazendo-se para isso uso de um barometro de mercurio, de um bom aneroide inglez e do hypsometro, as difficuldades vencidas foram grandes, porque o caminho seguido era em extremo accidentado. Ainda assim colheu-se um bom numero de plantas.

Não me é possivel n'esta curta noticia dar a conhecer todos os resultados da exploração, pois que está por fazer ainda o estudo das plantas colhidas. Não fazendo menção das plantas cryptogamicas cellulares, posso apenas indicar, com grande approximação, a totalidade das especies colhidas.

E' o que mostra o seguinte quadro:

Cryptogamicas vasculares	66	Total 430
Gymnospermicas	1	
Monocotyledoneas	73	
Dicotyledoneas	290	

As papilionaceas e gramineas são as familias mais numerosas em especies. A maior parte das outras familias são representadas por um numero muito limitado de especies.

A ilha é toda coberta de vegetação, e pode dizer-se que é a vegetação arborea a dominante, formando mattas densas até quasi ao pico de S. Thomé (2:142^{m}). É grande, porém, a uniformidade da vegetação.

Comparando o resultado final dos trabalhos do sr. Moller com outros já conhecidos facilmente se reconhece a superioridade d'elles. Assim o numero de plantas colhidas em S. Thomé por G. Don e mencionadas na *Flora nigritiana* pelo sr. Hooker é apenas de 92, entre as quaes nenhuma cryptogamica é contada.

Com a exploração de G. Mann em 1881 não posso fazer comparação, pois que apenas o sr. Hooker publicou as especies colligidas nos pontos mais altos da ilha, e outras teem sido publicadas na *Flora of tropical Africa* do sr. Oliver, não sendo, porém, por emquanto conhecidas todas as especies colhidas por aquelle naturalista.

O estudo das especies colhidas pelo sr. Moller levará tempo a fazer. As cryptogamicas cellulares estão já sendo estudadas por especialistas que obsequiosamente tomaram sobre si esse não pequeno trabalho. São elles os srs.: dr. W. Nylander, que determinará os lichenes; o dr. Winter, que estudará os cogumelos; o dr. K. Mueller, que classificará os musgos; o sr. F. Stephanini, as hepaticas; e o professor Nordsted, as algas.

Apesar dos trabalhos feitos em 1879 e 1880 pelo dr. R. Greeff, que esteve em S. Thomé e nas Rollas estudando a fauna d'estas ilhas, o sr. Moller aproveitou todo o tempo disponivel para a exploração zoologica e geologica. O quadro seguinte dá o numero de especies colhidas:

	NUMERO DE ESPECIES	NUMERO DE EXEMPLOS
Mammiferos	6	31
Aves (de S. Thomé)	28	120
» (de Bolama e Mossamedes)	3	3
Reptis	11	58
Batrachios	2	6
Peixes	33	74
Insectos	72	1:380
Arachnideos	5	30
Myriapodos	4	23
Crustaceos	12	99
Molluscos	56	500
Zoophitos	13	40
	245	2:364

A parte zoologica é menos rica e comprehende algumas fórmas de rochas vulcanicas.

Dr. Julio Augusto Henriques — *Boletim da Sociedade Broteriana* III, T. III e IV, 1884.

Plantas medicinaes das ilhas de S. Thomé e Principe

Anona muricata, *L.*
» palustris, *R. Pr.*
Adansonia digitata, *L.*
Artocarpus incisa, *L.*
Argemone mexicana, *L.*
Anacardium occidentale, *L.*
Arachis hypogoea, *L.*
Acacia Farnesiana, *Willd.*
Asclepias curassavica, *L.*
Bidens pilosus, *L.*
Bromelia ananaz, *L.*
Bixa orellana, *L.*
Corchorus olitorius, *L.*
Coix lacryma, *L.*
Cucurbita citrullus, *L.*
Caprarium edule, *Hock. fi.*
Coffea arabica, *L.*
» liberica, *Bull.*
Cocus nucifera, *L.*
Cyanamomum zeylanicum, *Breyen.*
Chorocodon Whittei.
Canarium edule, *Hock. f.*
Cyperus rotundus, *L.*
Carica papaya, *L.*
Capsella bursa pastoris, *D. C.*
Cannabis sativa, *L.*
Caesalpinia Bonduccelle, *Roxb.*
Cola acuminata, *R. Br.*
Chenopodium album, *L.*
» ambrosioides, *L.*
Cassia occidentalis, *L.*
Euphorbia pilulifera, *L.*
» hypericifolia, *L.*
Enidendron anfractuosum, *D. C.*
Elaeis guineense, *L.*
Eryngium foetidum, *L.*
Fumaaria officinalis, *L.*

Gossypium religiosum, *L.*
» herbaceum, *L.*
Hibiscus esculentus, *L.*
» tiliaseus, *L.*
Heliotropium indicum, *L.*
Indigofera anil, *L.*
Jateorhiza palmata.
Jatropha Curcas, *L.*
Lantana Camera, *L.*
Laurus cinnamomum, *L.*
Melia azedarach, *L.*
Monodora myristica, *Dun.*
Mimosa pudica, *L.*
Mangifera indica, *L.*
Momordica Charantia, *L.*
Mirabilis jalapa, *L.*
Nicotiana tabacum, *L.*
Oxalis corniculata, *L.*
Ocimus basilicum, *L.*
Piper subpeltatum, *Willd.*
Punica granatum, *L.*
Passiflora quadrangularis, *L.*
Psidium pomiferum, *L.*
» araça, *Radd.*
Ricinus communis, *L.*
Rubus jamaicensis, *L.*
» pinnatus, *Willd.*
Sonchus oleraceus, *L.*
Sida rhombifolia, *L.*
Sisymbrium nasturtium, *L.*
Sorindeia trimera, *Oliv.*
Theobroma cacau, *L.*
Tamarindus indica, *L.*
Uraria picta, *Desv.*
Xylopia æthiopica, *A. Rich.*

João Cardoso, Junior.

IV

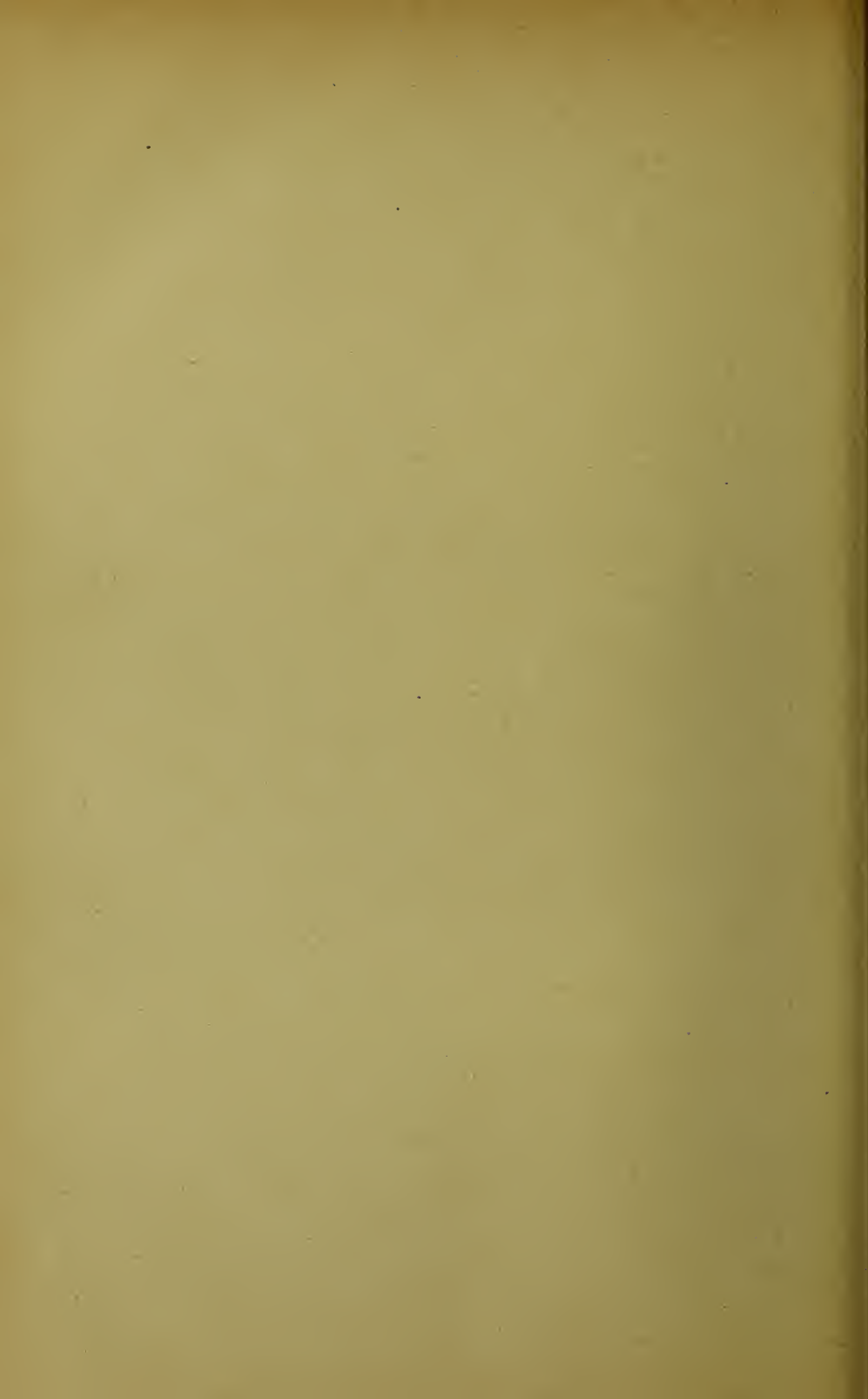
ANGOLA

Ali o muy grande reino está do Congo
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto;
Por este mar largo emfim me alongo
Do conhecido pollo de Calisto,
Tendo o termino ardente já passado
Onde o meio do mundo he limitado.

Camões. *Lusiadas*, Canto v, Est. xiii.

A fonte principal e quasi unica dos nossos conhecimentos sobre as terras effectivamente sujeitas ao dominio portuguez é, porém, a utilissima exploração feita pelo dr. F. Welwitsch, a qual honra o explorador, o governo portuguez que a subsidiou e os homens que mais a promoveram, como o marquez de Sá da Bandeira e o dr. B. Barros Gomes.

O dr. Welwitsch, depois de estudar demoradamente a região littoral desde o Ambriz até á barra do Cuanza, internou-se pela provincia, fazendo uma longa estação nas terras do Gulungo Alto e uma detida exploração da região de Pungo Andongo. Passando mais tarde ao sul, herborisou nas terras de Benguella e de Mossamedes, e subindo ao planalto da Huilla ahi fez tambem uma riquissima colheita. Como resultado do seu trabalho reuniu um herbario precioso, do qual, no prefacio da *Flora of Tropical Africa,* diz o sr. D. Oliver: «*Without the access to dr. Welwitsch's Herbarium, this region (lover Guinea) vould have been a comparative blank inthe present work.*» Mas o esclarecido explorador não colligiu unicamente materiaes para a botanica pura; falava correctamente o portuguez, e na sua estada de dois annos no Golungo Alto, e de alguns mezes tanto em Pungo Andongo como na Huilla, poude adquirir bastantes conhecimentos dos dialectos, assim como dos habitos e economia domestica dos negros. Tanto nas suas publicações, como na grande copia de notas manuscriptas que acompanham o herbario, deu-nos, pois, valiosas noticias sobre a Flora economica de Angola.

Conde de Ficalho. *Plantas uteis da Africa Portugueza.*

Angola

Angola, situada na costa occidental da Africa entre o 5.º e 18.º de latitude O., comprehende para E., no interior, os seguintes districtos e concelhos, occupados pelo governo portuguez, e ainda outros que, regidos por regulamentos de indigenas, prestam vassallagem ao mesmo governo:

Ao S., no districto de Mossamedes, os concelhos do Bumbe, comprehendendo as colonias de Capangombe e Bibala, o da Huilla, Gambos, Humbe e Camba na margem direita do rio Cunene. Ao S. de Mossamedes a colonia do rio Knoque, e ao N. a do rio de S. Nicolau.

No districto de Benguella o concelho da Catumbella, a E., Quilengues e Cacondo, os pontos de feitorias commerciaes de Bihé, Bailundo e Hambo, e mais ao N., na costa, o Egito e Hanha.

No districto de Loanda, capital da provincia, os concelhos de Novo Redondo e Quicombo; nas margens do Quanza, Columbo, Muxima, Massangano e Cambambe; nas margens do Bengo o concelho da Barra, Jcollo e Benga e Zenza do Golungo; ao N. Libongo e Ambriz, e a E. Golungo Alto, Cazengo, Ambaca, Pungo-Andongo, Malange, Duque de Bragança, Cassange, Encoge, Bembe e S. Salvador do Congo; comprehendem todos estes pontos uma área não inferior a 600:000 kilometros quadrados.

Desaguam na costa portugueza os seguintes rios: Cunene, Kroque, Bero, Giraul, S. Nicolau, Carunjamba, Copororo ou de S. Francisco, Catumbella, Hanha, Egito, Tapado, Quicombo-Guenga, Cuvo, Longa, Quanza, Bengo, Dande, Lifune, Honzo, Lage, Ambriche, Zilundo e Zaire.

Os mais notaveis no interior são o Lucala, Quango e Cubango.

A parte occidental da Africa, que constitue a provincia de Angola, é atravessada em toda a sua extensão, de N. a S., por uma prolongada cordilheira, a qual corre mais ou menos parallela á costa atlantica, parecendo até afastar-se mais para E., exactamente no ponto em que a costa tambem recolhe um pouco n'este sentido entre Benguella e o rio Longa.

É tambem n'este ponto, em que a cordilheira mais se afasta para E., que o terreno parece attingir maior altura, sendo o paiz dos Ganguellas e suas vizinhas serranias que dão origem aos principaes rios conhecidos, como o Cunene, o Cubango, o Cuvo e o proprio Zai-

re, cujas aguas parecem ter origem no elevado paiz dos Ganguellas e no lado oriental da serra de Mozamba, assim tambem as do Quango e do Kassai ou Kassabi, restando ainda saber qual dos dois é affluente ou o originario do Zaire. Todos os outros rios que desaguam, em corrente parallela á costa, teem origem em varios pontos da cordilheira.

E toda esta disposição de terreno e outras considerações de geographia physica levam naturalmente a dividir todo o territorio em tres grandes zonas, que são a zona baixa ou da costa, a zona média ou montanhosa e a zona alta ou planalta.

A *zona baixa*, comprehendida entre a montanhosa e o mar, é na maior parte formada de terrenos aluminosos e mui permeaveis ás aguas, não offerecendo grande aspecto de vegetação fóra das bacias dos rios que a atravessam, alguns dos quaes, grossos no interior, diminuem de tal fórma de volume que chegam a deixar de correr sobre o solo, conservando apenas uma corrente subterranea, mais ou menos funda, que só apparece sobre o leito em tempo de chuvas.

O terreno geral n'esta zona é pouco accidentado e as chuvas são irregulares; ainda assim dão-se n'elle soffrivelmente as plantas tuberosas e todas aquellas que não exigem grande quantidade de humidade para o seu desenvolvimento. Em muitas d'estas terras produz-se e cultiva-se o algodão, a mandioca e alguns cereaes. Dão-se varias especies de palmeiras, coqueiros, amendoeiras, espinheiros, etc., e é onde se produz a urzella, em determinadas arvores caracteristicas, a qual se não dá em outra zona.

Este paiz, desde Benguella para o S., começa a ser esteril, e ainda ao S. de Mossamedes, menos cortado de rios e tendo a serra mais proxima, fórma um extenso e plano areal sem especie nenhuma de vegetação, ficando-lhe aquella a uns 100 kilometros a E., cortada quasi a prumo e alterosa como um gigante, dominando o vasto oceano de areia.

Nas margens dos rios, formadas de fundas camadas de terra argillosa e fertilisadas pelas inundações, muda completamente o aspecto dos terrenos. Alli a vegetação equinoxial ostenta-se magestosa com todo o vigor e viço das mattas soberbas d'aquelle clima creador; e nas terras cultivadas das margens dos rios, regulada convenientemente a estação e a humidade, dá-se tudo com espantosa fertilidade.

Florentes palmeiras, laranjeiras, limoeiros, cidreiras e diversas arvores de fructos indigenas da America vegetam alli quasi expontaneamente.

Nos terrenos menos assombrados de arvoredo cultiva-se, com grande vantagem, a canna de assucar, milho, feijão, ervilha, abobora, batata doce, inhames, gandos, ananazes, tabaco e toda a hortaliça, sendo a mandioca sobretudo a planta que mais occupa a assiduidade dos cultivadores.

Nas largas margens dos rios mais volumosos vegetam magestosos e densos palmares, porque esta utilissima arvore da zona torrida é aquella que mais resiste ás grandes inundações.

O Zaire, o Quanza, o Zucala, o Bengo e o Dande são tambem

fertilissimos em pescado, quer nos proprios rios, quer nas grandes lagôas que communicam com o seu leito, e são por elles alimentados nas enchentes.

Este pescado, que não pode ser todo consumido em fresco, fornece, depois de secco, uma grande parte da alimentação de muitos povos do interior, assim como a pesca nas costas do mar, que recentemente tem tomado grande desenvolvimento.

A zona média ou a montanhosa, formada pela continuada cordilheira e suas ramificações, acha-se n'uma distancia approximada entre 100 e 150 kilometros da costa, e é incontestavelmente o paiz mais productivo do grande reino de Angola.

A sua moderna exploração em differentes pontos, depois que se comprehendeu que a agricultura nas colonias era o meio mais seguro de as desenvolver, veiu descobrir uma parte dos immensos recursos que aquelle paiz é susceptivel de prestar.

Eleva-se a cordilheira, em alguns pontos, a muito mais de 100 metros acima do nivel do mar, e numerosissimas nascentes de excellente agua, que brotam de toda ella, formam os rios, que, de menor volume, desaguam na costa.

Na parte mais baixa dá-se perfeitamente o algodão, o anil, o tabaco, a canna de assucar, todos os cereaes e legumes, e ainda as grandes mattas de palmares até ao 13° de latitude S.

Dá-se em toda ella o café, riquissima planta que deve de futuro vir a constituir a sua principal riqueza.

Os montes e valles estão, ainda na maior parte, cobertos de magnificas florestas, de arvores de fructo e essencias mui variadas.

Diversas mattas produzem a borracha e algumas gommas e resinas conhecidas, e muitos productos de outras são ainda desconhecidos.

A bananeira, com suas variadas especies, é um riquissimo alimento da população d'aquelles sitios.

As chuvas são alli regulares, começando em agosto para o S. e em setembro e outubro para o N. Os terrenos, compostos de terra muito argillosa, conservam constante humidade durante os outros mezes, tempo chamado do cacimbo, e em que um denso e humido nevoeiro pousa ordinariamente todas as manhãs sobre o arvoredo das montanhas.

As chuvas no tempo proprio são torrenciaes, e os permanentes despojos do arvoredo fertilisam bastante o terreno adjacente. Com estes combinados elementos de humidade, calor e humus entretem-se sempre uma vegetação geral e poderosa, que faz d'aquelle paiz o mais productivo de todos.

Nas abundantes nascentes e ribeiros encontra tambem a agricultura excellentes forças para motores hydraulicos, infelizmente ainda pouco aproveitados, e tambem se encontram em varios pontos climas apropriados ás diversas especies de cultura, conforme a altura e latitude da posição escolhida.

Ao S. de Mossamedes e a L. dos Cubaes eleva-se a serra, e a

grande altura, dando origem aos rios Bero e Kroque, e mais ao S. é atravessada pelo Cunene, que desagua ao S. da bahia dos Tigres.

A E. de Mossamedes é muito conhecida a famosa Chella, onde ha numerosos estabelecimentos agricolas nas colonias de Bumbo, Capamgombe e Bivalla; correndo para o N. denomina-se, no concelho de Quilengues, Munda do Hambo, e d'alli parece afastar-se para E., dando origem a differentes rios, e entre elles o Cuvo, se não é por elle atravessado.

O extenso paiz percorrido por este rio é pouco conhecido, mas sabemos que é bastante fertil.

O paiz de Celles, que entesta com o concelho de Novo Redondo, é fertilissimo, e existe alli o café indigena.

Mais para o N. segue a cordilheira pelo alto Libolo, paiz tambem fertilissimo e coberto de espessas mattas, até ser cortada pelo Quanza, e d'alli continúa por Cazengo, Golungo Alto, Dembos e Encoge até o Zaire.

....

A terceira zona ou a zona alta diversifica ainda muito das outras duas. N'ella o paiz deixa de ser geralmente montanhoso, prolongando-se para L. em grandes planuras, quasi todas com mais ou menos pendor para o S. ou para SOE., consoante a direcção dos maiores rios que nascem além da cordilheira. Sendo este terreno todo elevado, predomina n'elle muito mais a influencia da temperatura, conforme as latitudes em que se acha situado.

Na Huilla, por exemplo, colonia agricola, formada em meados de 1857, dá-se o trigo e a maior parte das plantas da Europa, e ha annos em que a agua gela nos mezes de junho e julho.

Os terrenos n'esta localidade teem todos pendor para o S. e para L., com vertentes para o Cunene, que se dirige todo para SOE.

As mattas em terrenos de serra acima são menos numerosas e menos fechadas que as da cordilheira, e encontram-se, a espaços, extensas planuras de 30 a 40 kilometros, limpas de arvoredo, mas cobertas de excellentes pastagens, naturalmente destinadas á creação de enormes rebanhos de gado bovino, que n'aquelles campos se dá perfeitamente, riqueza esta que julgamos de grande alcance para o futuro de Angola.

Não é raro avistar ao longe, n'aquellas immensas campinas, grandes manadas de zebras e outros animaes, que de pescoço levantado observam o viajante a uma tão respeitosa distancia que se julgam seguros da sua aggressão e da do leão, do qual são caça favorita, mas que alli não encontra mattas para as atacar de surpreza.

O elephante e o rhinoceronte são frequentissimos para o S., onde os indigenas lhe dão caça para lhes aproveitar a carne, a gordura e as pontas.

O abestruz africano vive na margem esquerda do Cunene.

Nas aguas d'este rio e em suas lagôas abunda o hippopotamo e uma casta de jacarés muito maiores do que todos os que vimos nos

outros rios, assim como bastante pescado e variedade de aves aquaticas, algumas de grande porte.

O viajante que por alli divagar armado de espingarda e um anzol não tem receio de lhe faltar caça e pesca em abundancia.

As extensissimas margens do Cunene, cobertas ora de mattos, ora de verdes campinas, alimentam numerosos rebanhos de gado vaccum, riqueza principal de todos os povos do S. d'esta região.

Tambem cultivam com vantagem o sorgho ou massamballamassango, e milho, que reduzem a farinha para lhes servir de pão, ou os fermentam em bebidas, algumas das quaes se assemelham á cerveja; e, além de algum tabaco, a pouco mais se reduzem as suas culturas.

Para o N. o clima mais quente favorece as culturas das zonas equinociaes.

Dão-se bem e produzem-se alli o arroz, ginguba, batata, inhame, algodão, canna de assucar, tabaco, gengibre, gergelim, bananeira e grande quantidade de fructos silvestres e algumas cultivadas.

É sobretudo fertilissimo no reino animal, em consequencia das bellas campinas cobertas de excellentes pastagens, e por isso os animaes silvestres e os domesticos abundam ou se criam n'aquellas paragens com a mais pronunciada vantagem.

Tendo dado uma idéa approximada de cada uma das tres zonas em que se julga dividido o paiz comprehendido na provincia de Angola, pode esta resumir-se da seguinte fórma:

A zona baixa ou do littoral, a mais pobre em animaes e vegetação, sómente se pronuncía fertil nas margens dos rios que a atravessam.

A zona média ou montanhosa, a mais fertil de todas, distingue-se pela luxuriante vegetação das mattos, fresquidão e abundancia das aguas, e pela riqueza de todos os productos vegetaes.

A zona alta ou planalto, sem deixar de ser fertil e abundante de aguas e productora de uteis e variados fructos, distingue-se no emtanto pela extrema riqueza no reino animal, que a natureza prodiga em grau elevado lhe concedeu.

Com relação á exploração agricola classificam-se ainda estas zonas da seguinte fórma:

A primeira é destinada, nas margens dos rios, á cultura de cereaes, plantas tuberculosas, fructos e palmares, etc.

A segunda para todas as variadas plantas dos climas intertropicaes, riqueza de mattás ainda não aproveitadas, mas sobretudo riquissimas para a cultura do café.

A terceira com climas variados para todos as culturas, e a mais rica para a creação de gados de toda a especie.

ALBERTO DA FONSECA.

Nos depositos francezes de Banana, onde embarcaram milhares de negros, sob o nome de *emigrantes livres*, estes morriam em numero de cincoenta ou sessenta por dia, sendo tratados pelos medicos francezes, e quando mais tarde ficaram entregues ao tratamento africano a mortalidade decresceu rapidamente. Consiste este tratamento heroico em introduzir no anus um rolo feito de *herva de Santa Maria*, pisada e misturada com polvora moida e aguardente forte, renovando a applicação ao cabo de algumas horas, e dando ao mesmo tempo ao doente algumas bebidas adstringentes, como, por exemplo, infusões de *herva tostão* e de *empebi* (as sementes da *Anona muricata*).

Monteiro. Angola, etc.

Dominadas pelas crenças do fetichismo, tudo attribuem a obra do feitiço. A dissolução de um enlace, a falta de procreação e partos prematuros, a doença, a morte, tudo tem para elles a sua causa no feitiço. Para o conjurar, ou para descobrir o feiticeiro, recorrem aos *quinbandas* (curandeiros) e seguem rigorosamente as indicações por elles feitas. A morte de um negro é motivo para os sobreviventes, amigos, parentes e vizinhos, andarem embriagados por muitos dias, e chamam a isto chorar o obito.

...... Qualquer das viuvas não pode passar a segundas nupcias sem previamente offerecer, á alma do finado marido, o sacrificio de *hombo*. Este sacrificio consiste em regar a sepultura do marido com o sangue de um cabrito, que é immolado sobre a mesma sepultura. A viuva, acompanhada de um *quinbanda*, vae ao cemiterio, levando comsigo um cabrito. A mulher põe-se de joelhos á beira da sepultura do marido, e o *quinbanda* ensina-lhe um certo numero de perguntas e pedidos a fazer á alma do finado, perguntas a que elle proprio responde em nome do fallecido. É uma especie de confissão que a mulher faz á alma do seu marido, para o pôr ao facto do seu procedimento durante a viuvez, e expondo-lhe os sentimentos mais intimos do seu coração, as suas necessidades, as condições especiaes em que vive, etc., pede que lhe perdôe se algum acto da sua vida lhe tem sido desagradavel; pede mais que, attendendo á sua sincera e verdadeira confissão, ás suas circumstancias precarias, ás suas necessidades e ao isolamento e abandono em que vive, lhe permitta passar a segundas nupcias. Depois d'estas confissões e petições o *quinbanda*, que desempenha n'este acto as funcções de exorcista, dá algumas voltas em torno da sepultura, por espaço de dez minutos, gesticulando e rezando umas orações, e declara finalmente á viuva que a alma do seu marido está satisfeita com o seu procedimento e que lhe concede licença para passar a segundas nupcias, compromettendo-se a não ir estorvar o segundo enlace. Estende-se então o cabrito sobre a sepultura, e a viuva, ainda de joelhos, o segura entre as côxas. O *quinbanda* repete novas orações, no fim das quaes immola o cabrito, pelo systema de degolação, servindo o sangue para regar a sepultura e ungir

a viuva na testa e no peito. Findo o cerimonial a viuva retira-se, levando o cabrito degolado, que no mesmo dia é comido em um banquete offerecido ás pessoas da sua amizade, banquete intitulado *curiabambe* (comer cabrito). Com esta ultima demonstração de respeito á memoria do marido a viuva julga-se livre da influencia que o phantasma do finado podia exercer sobre o seu destino, e considera-se rehabilitada para passar a segundas nupcias.

Xavier. *Relatorio do serviço de saude no Dondo,* referido ao anno de 1881.

A flora e a fauna são variadissimas n'esta zona; ao lado dos numerosos antilopes, ungires, gangas e gazellas, encontram-se as zebras, leopardos, lobos e hyenas; as aves notam-se não só pelo seu grande numero e variedade, mas tambem pela sua linda e elegante plumagem, e sobretudo pelo seu canto harmonioso, n'algumas de uma belleza incomparavel.

Das plantas, entre as numerosas familias que povôam esta região, algumas ha dotadas de grandes e incontestaveis virtudes therapeuticas, e cuja applicação á clinica deve de futuro dar magnificos resultados. Entre ellas ha uma vulgarmente conhecida aqui pelo nome de *Lupepe,* e que eu supponho pelas indicações que me dão ser uma especie de *Bauhinia,* cuja acção anesthesica e calmante se torna notavel, sobretudo na mordedura de muitos animaes venenosos.

Teixeira Rebello. *Relatorio medico militar da cidade de Benguella,* referido ao anno de 1886.

Barbas de Mulemba. São estas barbas as raizes aereas de uma especie de figueira indigena das mattas virgens dos districtos interiores de Angola, e tambem frequentemente cultivada em roda das povoações e em Loanda. O cozimento d'ellas empregam os indigenas em febres exanthematicas e diarrhéas, e tambem externamente para lavar feridas e ulceras. A virtude medicinal d'ellas parece consistir n'um principio adstringente em que abundam; a côr natural d'estas raizes, quando frescas, é a sanguinea, com um lustro particular, quasi vitreo, e o comprimento d'ellas excede muitas vezes 1–1 $^1/_2$ varas, pendurando-se perpendicularmente dos ramos inferiores das ditas figueiras em fórma de purpureas vassouras.

Butua. A Butua, ou Abutua, como é mais geralmente chamada, é uma trepadeira robusta que se encontra nas florestas virgens dos districtos montanhosos, e particularmente nos de Golungo Alto, Cazengo e Dembos; o tronco d'este arbusto chega, não raras vezes, a ter 1–1 $^1/_2$ pés de circumferencia, e é de uma estructura muito particular; é uma especie do genero *Cocculus,* da familia das *Menispermaceas,* e os indigenas empregam tanto as raizes pisadas, como as folhas,

raminhos, casca do tronco e os fructos, em cozimento, contra diarrhéas, gonorrhéas e varias outras doenças syphiliticas, mórmente inveteradas, gabando muito a infallivel efficacia d'este remedio, que elles tambem applicam em casos de mordedura de serpentes, e, como sudorifero, nas constipações. Ha nos districtos de Cazengo e Golungo Alto mais outra especie d'este mesmo genero de *Cocculus,* de que os indigenas tambem fazem uso para remedios, preferindo, porém, sempre a primeira, por ser, como me diz um curandeiro muito acreditado entre elles, mais resinosa e mais efficaz nos seus effeitos.

Casca de Mucumbi. Provém esta casca de uma arvore de mediocre altura, com o porte de um freixo, pertencente ao genero *Spondias,* da importante familia das *Anacardiaceas;* indigena das florestas virgens dos districtos montanhosos da provincia, encontra-se esta arvore tambem, frequentemente cultivada, nas vizinhanças de povoações dos indigenas, os quaes empregam o cozimento da casca d'ella contra ulceras escorbuticas da bocca e outros padecimentos causados pelo escorbuto.

. . . .

Dr. Frederico Welwitsch. Angola, madeiras e drogas medicinaes.

...... E fundando-me nos preceitos concernentes á phyto-geographia geral, julguei dever distinguir n'esta provincia de Angola *tres differentes regiões de vegetação,* que são as seguintes:

A *região 1.ª,* a qual convém chamar *região littoral,* e que comprehende as terras da beira-mar, até sessenta ou setenta milhas no interior, com a elevação successiva até mil pés inglezes sobre o nivel do oceano atlantico.

A *região 2.ª,* que se pode denominar *região montanhosa,* e que se estende, desde os limites da região antecedente, até cento e cincoenta milhas no interior, levantando-se até dois mil e duzentos ou dois mil e trezentos pés sobre o nivel do Atlantico.

A *região 3.ª,* que se devia chamar *região alto-plana,* a qual principia n'uma distancia de cento e cincoenta milhas da costa, e se dilata para leste do continente ainda muito além do ultimo termo das minhas explorações, tendo já na distancia de duzentos e cincoenta milhas da costa atlantica uma elevação de perto de tres mil e quinhentos pés sobre o nivel do mesmo Oceano.

A *região littoral* comprehende, além do territorio submarino, em que vegetam as *Algas* ou *Phyceas,* todas as extensissimas areias, ao longo da costa, por partes ricas em mui curiosas e elegantes *Halophytas;* seguem-se depois as collinas aridas, alternando com planicies dilatadas cobertas de capim rigido, ou de plantas gordas ou espinhosas, e só raras vezes interrompidas por solitarias *Adansonias (Imbondeiros),* ou por bosques de *Euphorbias arborescentes,* e de *Acacias* e *Cap-*

parideas pouco viçosas; sómente nas margens dos rios a vegetação se mostra luxuriante, ainda que pouco variada.

A *região montanhosa* é principalmente caracterisada pela frequencia e singular belleza de magestosas mattas virgens, em cuja sombra sempiterna numerosos *Filices* (Fetos) e multiformes orchideas se occultam; e não menos pela fertilidade incrivel de extensas varzeas, sempre verdejantes, onde até varias plantas herbaceas chegam, pelo seu desenvolvimento, a formar nitidas florestas passageiras; esta região é tambem a patria predilecta da tão famosa quão util palmeira do azeite *(Elais guineensis Linn)*, cujas magnificas corôas adornam em toda a parte os valles, as encostas, e até os cumes de altas montanhas.

A *região alto-plana* distingue-se sobretudo pela immensa variedade da sua vegetação, e especialmente pela multidão de plantas aromaticas e bulbosas, pela luxuriante verdura de seus extensos prados, bem como por uma particular elegancia de muitos vegetaes, tanto herbaceos como arborescentes. Os riachos, em que já a região anterior abunda, encontram-se n'esta ainda mui frequentes, emquanto que as mattas, posto que extensissimas, são mais ralas e mais baixas, deixando assim maior campo á vegetação rasteira, a qual, por esta mesma razão, se torna variadissima, brilhando com toda a pompa da zona tropical.

Resumindo o que acabo de expôr, respectivamente ao caracter particular de cada uma das tres regiões, observa-se que a *aridez* e a *escassez* da vegetação caracterisam a *primeira região;* que na *segunda* reinam a *fresquidão* e o *luxo dos individuos;* e que na *terceira* predominam a *variedade* e a *elegancia* das especies.

Dr. Frederico Welwitsch. *Apontamentos phytogeographicos sobre a provincia de Angola.*

Plantas medicinaes da Provincia de Angola

(1893)

Alvardia arborea, *Walw.*
Albizzia anthelminthica, *A. Brogn.*
Anona muricata, *L.*
» squamosa, *L.*
Adansonia digitata, *L.*
Artocarpus incisa, *L.*
Allium sativum, *L.*
» cepa, *L.*
Arachis hypogoea, *L.*
Abrus precatorius, *L.*
Bauhinia reticulata, *DC.*
Bixa orellana, *L.*
Blumea lacera, *DC.*
Brassica oleracea, *L.*
Bromelia Ananas, *L.*
Chenopodium ambrosioides, *L.*
Cucurbita maxima, *Duch.*
Cannabis indica, *Lam.*
Combretum constrictum, *Benthum.*
Coix Lacryma, *L.*
Canarium edule, *Hook. f.*
Cissampelos Pareira, *L.*
Copaifera Mopane, *Kirk.*
Carica Papaya, *L.*
Cocus nucifera, *L.*
Citrus aurantium, *Risso.*
» limonium, *Risso.*
Coffea arabica, *L.*
Dolichos dongaluta, *Welw.*
Dorstenia Psilurus, *Welw.*
Datura siramonium, *L.*
» metel, *L.*
Dracaena Draco, *L.*
Euphorbia hypericifolia, *L.*
» Neriifolia, *L.*
Eriodendron anfractuosum, *DC.*
Entada abyssinica, *Steud.*

Erythrina suberifera, *Walw.*
Elaeis guineensis, *Jacq.*
Faroa salutaris, *W.*
Ficus psilopoga, *Welw.*
» carica, *L.*
Foeniculum vulgare, *L.*
Gossypium herbaceum, *L.*
Hibiscus sabdariffa, *L.*
» abelmoschus, *L.*
Jatropha curcas, *L.*
» maninhot, *L.*
Kaya anthoteca, *DC.*
Lefeburia angolensis, *Welw.*
Lonchocarpus sericeus, *H. Br.*
Lagenaria vulgaris, *Ser.*
Linum usitassimum, *L.*
Myrothamnus flabellifolia.
Myristica angolensis, *W.*
Modecca lobata, *Jacq.*
Melia Azederach, *L.*
Mangifera indica, *L.*
Ondina acida, *Walp.*
Plumbago zeylanica, *L.*
Pterocarpus tinctorius, *W.*
Psorospermum febrifugum, *Spach.*
Piper Clussi, *C. DC.*
Poinciana pulcherrima, *L.*
Portulacea oleracea, *L.*
Parkia africana, *R. Br.*
Rubus pinnatus, *Willd.*
Rhizophora Mangle, *L.*
Rosmarinus, officinalis, *L.*
Ricinus communis, *L.*
Smilax angolensis, *Welw.*
Stachytarpheta indica, *Vahl.*
Sterculia acuminata, *Beauv.*
Sorindeia trimera, *Oliv.*
Swietenia angolensis, *Welw.*
Securidaea longipedunculata, *Fres.*
Sinapis nigra, *L.*
Sisymbrium nasturtium, *L.*
Solanum tuberosum, *L.*
» melongena, *L.*
Sesamum indicum, *L.*
Samolus Valerandi, *L.*
Tinnea antiscorbutica, *Welw.*
Tiliacora chrysobotyra, *Welw.*
Trochromeria vitifolia, *Hoot. f.*

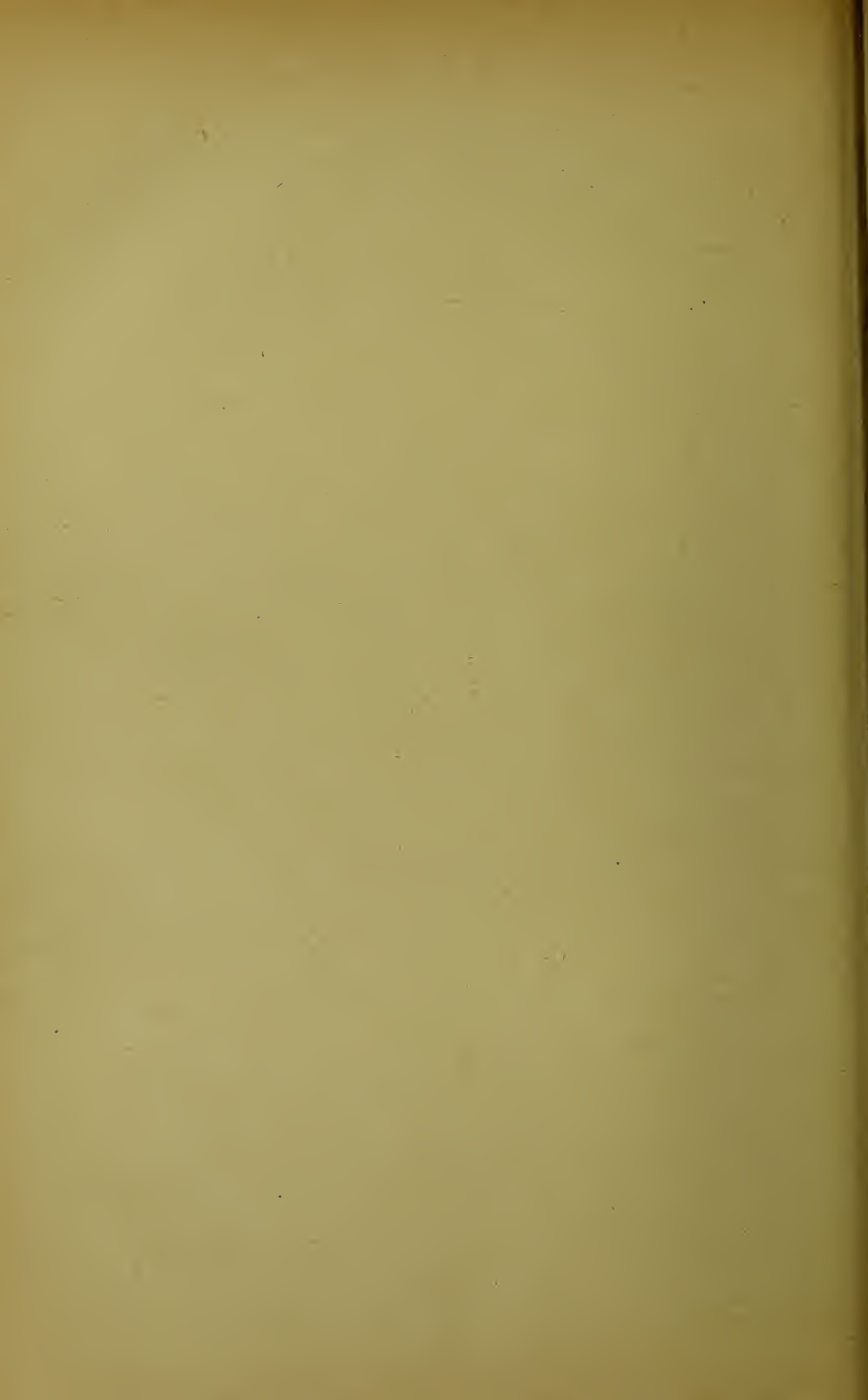
Trichilia emetica, *Vahl.*
Tarchonatus camphoratus, *B.*
Theobroma cacao, *L.*
Terminalia catappa, *L.*
Tagetespatula, *L.*
Uraria picta, *Desv.*
Vernonia senegalensis, *Less.*
Xylopia oethiopica, *A. Rich.*
Zingiber officinalis, *Roscöe.*

(1906)

Acacia albida, *G. P.*
» farnesiana, *Willd.*
» sieberiana, *Oli.*
Albizzia angolensis, *Welw.*
» coriarea, *Welw.*
Andropogon Schoenanthus, *Thunb.*
Anona senegalensis, *Oli.*
Apium petroselinum, *L.*
Arachis hypogaea, *L.*
Argemone mexicana, *L.*
Artemisia afra, *Jacq.*
Boerhavia escandens, *Willd.*
Cannabis sativa, *L.*
Capsicum annuum, *L.*
» frutescens, *L.*
Cassia occidentalis, *L.*
Citrus limetta, *Risso.*
Clerodendron sativum, *L.*
Croton Mubango, *Mill.*
Cryptolepis Sizenandi, *Rolfe.*
Cucumis sativus, *L.*
» Melo, *L.*
Datura fastuosa, *L.*
Drostenia Psilurus, *Welw.*
Haronga madagascariensis, *Oli.*
Hibiscus esculentus, *L.*
Hydnora africana, var. longicollis, *Welw.*
Mentha viridis, *L.*
Mirabilis jalapa, *L.*
Morus alba, *L.*
Mucuna pruriens, *DC.*
Nicotiana tabacum, *L.*
Ochna Welwitschi, *Rolfe.*

Orthosiphon Welwitschi, *Rolfe.*
Papaver somniferum, *L.*
Psidium Guaiava, *Rad.*
Rosa centifolia, *L.*
Royena lucida, *L.*
Saccharum officinarum, *L.*
Sesamum orientale, *L.*
Solanum hycopersicum, *L.*
» tuberosum, *L.*
» Melongena, *L.*
Tamarindus indicus, *L.*
Zea Mays, *L.*

João Cardoso, Junior.

V

MOÇAMBIQUE

Esta Ilha pequena que habitamos
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as Ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça e de Sofala;
E, por ser necessaria, procuramos
Como proprios da terra de habitala;
E, porque tudo emfim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha Moçambique.

CAMÕES, *Lusiadas,* Canto I, LIV.

Moçambique

Os indigenas usam muito, na villa, do decocto de calumba, a qual abunda n'este districto, no tratamento das pyrexias de origem palustre, e de uma graminea que denominam *palha de bàlagate,* de virtudes, que eu saiba, tonicas ou drasticas, segundo a dose.

...... Muito simples é o tratamento que no paiz costumam oppôr efficazmente á orchite endemica. Applicações locaes emollientes, repouso, uma dieta magra e parca, e finalmente laxativos, sendo indicados, são bastantes para se conjurar esta affecção, que, desprezada ou mal indicada, suppura e assume uma gravidade terrivel.

...... Ao contrario do que se observa na orchite endemica, as sanguesugas fazem mais bem do que mal nas lesões thyroideas. São, porém, pouquissimas as vezes em que se tem de recorrer ás sanguesugas, tanto porque a papeira endemica é de natureza asthenica, como porque este paiz é dotado de uma raiz medicinal de virtudes adstringentes, mas que com especialidade se accommoda ao tratamento d'esta affecção. Denominam-n'a aqui *batatinha* e costumam applical-a, sobre o tumor roçado, com uma pouca de agua ou vinagre. Emprega-se tambem, internamente, para combater catarrhos, pharyngeos e bronchicos, mas com menos efficacia. Tendo experimentado esta raiz em outros tumores, por os resolver, pouca ou nenhuma vantagem levou aos outros adstringentes, a não ser no enfartamento das glandulas parotidas.

A proposito de bronchite catarrhal occorre um outro agente therapeutico de que se servem os indigenas, os quaes o conhecem pelo nome de *zangalada.* Aproveita muito n'esta molestia das vias respiratorias, e d'isto me assegurei, empregando-o varias vezes em xarope, em casos rebeldes, aos outros medicamentos d'esta ordem. Tambem me foi util algumas vezes em gastralgias pertinazes, empregado em decocto.

Conceição Dias. *Apontamentos para um relatorio sanitario sobre o districto das ilhas de Cabo Delgado, e especialmente a villa do Ibo,* relativos ao anno de 1875.

As vastissimas regiões banhadas pelo Zambeze, e que fazem parte d'este districto, são das mais ferteis e ricas que eu conheço. A

natureza foi prodiga em dotar estas terras de immensas riquezas, que, sendo convenientemente aproveitadas, concorriam muito para o desenvolvimento e prosperidade d'esta provincia. Ellas abundam em minerios ricos; o *ouro* encontra-se nas areias do leito de Mazoé. Muitos pretos se empregam na lavagem d'este precioso metal. Calcula-se em 2:000 a 2:500 *maticaes* (12 a 15 kilos) o ouro quo todos os annos a villa exporta para Quelimane.

Ha um mez um negociante estabelecido n'esta villa levou para Quelimane 1:200 *maticaes* de ouro. Ha jazigos auriferos em Macanga, na serra Machinga e nos sitios Missale, Mano e Cotóe. Ha alluviões auriferas nos prazos de Inhamtamara e Quazigo, terrenos situados na margem esquerda do Revugue, um dos affluentes do Zambeze.

De *prata* ha as tão faladas e tradicionaes minas de Chicôa ou Chicova. O *ferro* encontra-se profusamente espalhado no solo. E a *hulha* (carvão de pedra) fórma jazigos extensos. A bacia carbonifera estende-se da margem esquerda do Revugue para além do Chire, ao leste; e pelo oeste occupa uma extensão de terreno que vae da margem direita do Revugue até ás vertentes da Serra Machinga, ou talvez mesmo até ás paredes de Kaborabassa. O dr. Levingstone encontrou carvão de pedra para além do Chire, e, subindo o Zambeze, mui perto dos rapidos de Kaborabassa. Felizmente estes dois minerios, elementos possantes da civilisação, se encontram um ao lado do outro, o que traria incontestaveis vantagens para quem quizesse obter o ferro, seja pelo methodo *catalão,* seja pelo de *altos fornos.* O cobre existe nos prazos da corôa Cachomba e Boroma, aonde tive occasião de vêr um bello exemplar d'este metal. A *graphite* (plombagina) encontra-se na propria villa; tenho um bonito exemplar d'este mineral. O enxofre ha nos terrenos situados na margem esquerda do Revugue, distante umas quatro horas da villa. O *carbonato de calcio* ou pedra calcarea encontra-se em abundancia nos prazos Boroma e Mussonha, aonde se acham construidos *fornos intermittentes* para obter pela calcinação a cal ou *protoxido de calcio.* O *sal gemma* (chloreto de sodio) extrae-se das terras de Cachomba, mas em pequenas porções. O *salitre* (nitro) dizem existir nas terras de Makunga. Ha nascentes de *aguas sulfurosas quentes* em Nhaondué, terra situada na margem esquerda do Zambeze e distante da villa umas seis horas.

São estes os productos naturaes, pouco ou nada explorados, que o reino mineral põe á nossa disposição, e quem sabe quantos mais, uteis e importantes, jazem escondidos no seio d'esta terra, tão rica em minerios?

No reino vegetal tambem se encontra a mesma profusão e riqueza.

O solo é fertilissimo, e, apesar de ser muito mal agricultado, produz em abundancia milho miudo, arroz, trigo e muita hortaliça, como, por exemplo, repolho, couve, alface, abobora, melancia, rabanete, pepino, etc. As plantas leguminosas e oleaginosas dão-se perfeitamente; ha variedades de feijão, e chega-se a exportar o amendoim *(Arachis hypogoea)* e gergelim *(Sesamum orientale).*

A flora é das mais ricas; encerra arvores eminentemente productivas e sobremaneira utilissimas. A planta do genero *Landolphia,* de que se extrae a borracha *(gomma elastica* ou *caoutchouc),* abunda nos sertões de Makanga; a calumba *(Menispermum palmatum)* tambem se encontra na Makanga; a planta *Ricinus communis,* de que se extrae o oleo muito usado na medicina, é aqui profusamente espalhada. Tenho tido occasiões de empregar na minha clinica, e com bom resultado, o oleo expressamente mandado preparar cá na terra. A *salsa parrilha (Smilax salsa-parrilha),* cujas virtudes especificas são tanto apregoadas em pomposos annuncios, abunda em muitos pontos do districto. O *senne (Cassia acutifolia),* a *Digitalis purpurea,* a *Datura stramonium* e a malva encontram-se a cada passo. A avenca abunda nas beiras dos regatos e pequenos *mocurros.* Vi uma vez grande porção d'este pequeno feto arboreo sahir d'entre as fendas de uma enorme mole granitica que fórma um dos primeiros contrafortes da serra Caroeira. Finalmente o *cuddó (Wrigthia anti-dysenterica),* a que os pretos chamam *cubanezô,* brota a flux em toda a parte. As virtudes antifebrifugas e anti-dysentericas d'esta arvore são de sobejo conhecidas. Em Gôa emprega-se muito o extracto das cascas de *Wrigthia,* das quaes os pretos se servem tambem, em decocto, nas febres palustres.

A *urzella* encontra-se na Makanga e o *anil* nasce por toda a parte. Nos terrenos baixos e arenosos a *canna saccharina* medra admiravelmente; nos altos, o *cafezeiro* e o *algodoeiro* crescem com espantosa facilidade, e proximo ás margens do Zambeze a *nicociana,* esta preciosa solanea, cujo uso é universalmente espalhado, desenvolve-se com pujança sem egual.

Ha mangueira *(Mangifera indica)* que, com certeza, foi em tempos remotos importada da India, d'onde esta arvore é oriunda; *cajueiro,* sobre cuja origem os botanicos não estão de accordo, querendo uns que seja oriunda da India, outros da America; *coqueiro, macieira, bananeira, ananaseira, goiabeira* e muitas outras arvores indigenas e exoticas que dão excellentes fructas comestiveis.

As arvores do genero *Citrus,* como o limoeiro e a laranjeira, dão-se muito bem. E na baixa do Nharutanda, e em muitos outros pontos, a *parreira brava* encontra-se em profusão.

O districto abunda em excellentes madeiras, que poderiam ser aproveitadas na construcção de casas, embarcações e varios outros misteres. O *sandalo,* a que os pretos dão o nome de *muconite,* encontra-se em alguns prazos da corôa.

A vegetação, sobretudo na zona comprehendida entre Tete a Mazoé, ostenta-se com maravilhosa riqueza. O *basbale,* este gigante da flora africana; o *pau ferro,* um dos representantes da numerosa familia das *myrtaceas;* as *euphorbiaceas,* o *tamarindeiro (Tamarindus indicus),* o *mutondo,* a *macieira,* povôam esta zona, ora accidentada, ora cortada em vastas planicies de um verde agradavel. Ahi a vegetação intertropical attinge a sua maxima opulencia e variedade.

O viajante que, sahindo de Gouveia (séde do districto de Manica), se dirige a Tete, atravessando o immenso tracto de terreno que se-

para estas duas villas, tem occasiões de observar na sua passagem lindas paizagens, soberbos panoramas. Estive trinta dias no sertão, ora andando por entre as florestas virgens, ora atravessando numerosos rios, ora subindo ingremes e alcantiladas serras, o mais das vezes passando por caminhos onde espinhos rasgavam o fato e algumas vezes a pelle. Mas julguei-me compensado de tantos trabalhos e fadigas ante as encantadoras paizagens, ante os grandiosos espectaculos que a natureza, de vez em quando, punha deante de mim. Os meus olhos não se fartaram de contemplar e admirar aquella exhuberancia da vida vegetal, aquellas maravilhas da natureza, que são o privilegio das zonas intertropicaes.

É espantosa, extraordinaria mesmo, a quantidade e a qualidade de quadrupedes que habitam estes sertões; mas não será n'este logar que eu irei fazer uma descripção detalhada das variedades de especies animaes que povôam estas regiões; limitar-me hei a enumerar os principaes representantes da fauna africana.

O *elephante,* este monstruoso *pachyderme,* pode ser considerado, com razão, como um dos poderosos fautores da prosperidade d'este paiz. Na caça d'este *proboscideo* se emprega um grande numero de pretos. É uma guerra crúa e sem treguas que o homem faz a esse gigante da creação — o unico representante actual da ordem dos *proboscideos.* O caçador não poupa sequer os pequenos elephantes e apanha *defensas* (dentes de marfim) que mais das vezes nem uma libra pesam!

Da ordem dos *jumentados* temos a zebra, notavel pelo listado da sua pelle, e o rhinoceronte bicorne. As pelles d'aquellas são muito procuradas e os dentes d'este (pontas de ábada) constituem um dos artigos da exportação.

Da ordem dos *porcinos* temos o hyppopotamo. Este feroz amphybio encontra-se no Zambeze e abunda em muitas lagôas. Os seus dois dentes caninos (as presas) exportam-se em avultado numero. No centro dos bosques, junto dos terrenos pantanosos e humidos, encontra-se o javali ou porco montez.

Outros animaes de caça conhecidos são o *bufalo do matto,* o *veado,* a *girafa,* uma variedade de *antilopes,* sendo das mais notaveis a gazella, o antilope *strepsiceros* e o antilope *oryx,* — afóra uma infinidade de ruminantes peculiares á fauna d'esta região.

Da ordem dos *carnivoros,* na especie felina, temos o leão, este rei das selvas, que, sahindo algumas vezes dos seus dominios, vem visitar as povoações e mesmo a villa, causando estragos e fazendo victimas; o astuto *leopardo,* este carnivoro por excellencia. E, na especie, a repellente e cobarde *hyena,* um dos melhores agentes da limpeza das povoações e até da villa.

Da ordem dos *desdentados* temos o pangolim ou bicho vergonhoso (*Manis tetradactylus,* de Linneo).

No Zambeze abunda o crocodillo. Este voraz reptil, no tempo das grandes cheias, faz numerosas victimas. A ordem dos *saurios* é admiravelmente representada; além do crocodillo, que habita o Zambeze,

o Mazoé e os affluentes d'aquelle, como Luenha, Revugue, Maouzi e outros, encontram-se a cada passo os *camaleões,* cuja pelle apresenta grandes variações de coloridos, as osgas e os lagartos com suas côres as mais vivas e brilhantes. *Ophidios* ha alguns dotados de um veneno bastante activo e rapido na sua acção. Felizmente na villa encontram-se poucos. Ha anno e meio que estou em Tete e não vi nem ouvi falar de algum caso de mordedura de cobra. *Anachnidios* ha-os de todas as dimensões possiveis. Tenho um exemplar de escorpião que mede, do ferrão terminal do corpo á extremidade de uma das mandibulas, 22 centimetros!

Os insectos formam uma classe rica, numerosa e interessante, e constituem uma das mais brilhantes manifestações das forças da Natureza. Haja vista aos *hymenopteros* que povôam estas regiões. As abelhas e as formigas executam trabalhos que são verdadeiras maravilhas e revelam assombrosos prodigios de intelligencia. Os formosos *lepidopteres,* cujas quatro azas nos apresentam deslumbrante riqueza de coloridos; alguns coleopteros, notaveis pela lindissima coloração azul-escura com reflexos metallicos, e outros ostentando a côr verde brilhantissima, excedem tudo quanto a imaginação possa conceber.

Mas, se estes nos encantam pelos seus variegados coloridos, e aquelles nos apresentam maior elevação intellectiva, ha outros que nos causam os maiores e os mais temiveis estragos. As *termites* são o flagello d'estas regiões; este pequeno *nevroptero,* dotado de uma extraordinaria actividade, roe as madeiras e destroe casas. Tenho dois exemplares da femea d'este insecto conservados no alcool, o maior dos quaes mede 8 centimetros. Alguns naturalistas dizem que uma d'essas femeas chega a pôr oitenta mil ovos por dia!

A mosca tsé-tsé é um outro flagello que dizima o gado vaccum, ovelhum, o cão, etc. Felizmente a villa e seus arredores, n'um raio de duas leguas, não são frequentados por este temivel *diptero,* mas encontra-se no caminho de Cachomba, Mazoé e em muitos outros pontos.

Ha um outro *diptero* que martyrisa horrivelmente os individuos que seguem pelo Zambeze abaixo: é o mosquito. São regiões d'elles que atacam o homem. É uma praga.

Felizmente, na villa ha poucos; nos terrenos pantanosos e humidos encontram-se em abundancia.

A par d'estes altamente nocivos ha outros utilissimos.

A cochonilha silvestre abunda aqui. Este pequeno *hemiptero,* dissolvido no alcool, depois de secco e reduzido a pó, produz a linda côr carmim tão usada em todas as artes e industrias.

Ha um outro insecto que povôa estes sertões, um *hymenoptero,* o mais activo, industrioso, e tambem util ao homem, pelos productos que fornece: é a abelha de mel *(Apis mellifica,* de Linneo).

As noções mais elementares da agricultura são aqui completamente desconhecidas. A extracção do mel e da cera faz-se por um processo dos mais rudimentares. O preto não poupa a abelha mestra, nem as obreiras: destroe a colmeia e com ella todo o enxame!

A fauna ornithologica é das mais ricas. Todas as ordens, desde as aves de *rapina*, diurnas e nocturnas, até ás aves *aquaticas* ou *palmipedes*, teem numerosissimos representantes. É um espectaculo encantador vêr, n'uma linda tarde de verão, os bandos das *palmides* e das *pernaltas* que povôam as margens do Zambeze e as pequenas e numerosas ilhas n'elle existentes.

Mencionarei duas aves que me mereceram particular attenção, uma pelo esplendor da sua plumagem e outra pelo notavel instincto de que é dotada. A primeira pertence á ordem das *pernaltas* e chama-se corôane. Possuo um exemplar vivo d'esta linda ave. A segunda pertence á ordem das *trepadoras*, e chama-se passaro de mel ou cuco indicador (*Cuculus indicator*, Gml). Esta ave possue a singular propriedade de descobrir os cortiços das abelhas e denuncial-os ao homem por todos os meios ao seu alcance. Na minha viagem de Gouveia a Tete tive muitas occasiões de vêr o cuco, que, pousado nos ramos de uma arvore, ora repetia o seu canto (cuic, cuic), ora batia as azas, convidando-nos para que o acompanhassemos. Os pretos que me conduziam, guiados pelo cuco, trouxeram algumas vezes boa porção de cera e mel. Este passaro é guloso do mel, mas em Gouveia vi-o algumas vezes comer os residuos que ficavam da cera derretida.

Fermiano de Sousa. *Relatorio do serviço de saude do districto de Tete*, respectivo ao anno de 1887.

Os ventos reinantes são o sudueste e nordeste, denominados monção do sudueste e do nordeste, porque cada um d'elles sopra durante seis mezes: o primeiro de abril a setembro e o segundo de outubro a março.

Estes ventos reinam com mais ou menos regularidade e força; estabelecem as duas distinctas estações do anno: a das seccas, que vae propriamente de maio a outubro ou novembro, e a das chuvas, que se extende d'estes mezes a abril ou maio.

Na monção do sudoeste sente-se muitas vezes bastante frio, mórmente de noite; a atmosphera é quasi sempre limpida, e os dias e as noites tão lindos e serenos como os mais serenos e lindos da nossa primavera. É esta a bella estação em Moçambique, a mais saudavel para os europeus, e a epocha em que devem chegar aos portos d'esta provincia.

As chuvas, que ás vezes são torrenciaes por muitos dias seguidos, começam ordinariamente em outubro e terminam nos fins de maio. Durante esta estação o calor é excessivo e abrazador; as calmas são insupportaveis, e mais ainda quando por algum tempo faltam as chuvas; as trovoadas frequentes, e ás vezes tão fortes que produzem bastas faiscas electricas, que nem sempre deixam de causar accidentes funestos.

Na passagem da monção do nordeste para a do sudoeste ha, de annos a annos, tufões ás vezes tão violentos como os do mar indico;

no espaço de trinta e seis horas, pouco mais ou menos, que duram, arremessam á praia os navios ancorados no porto, impellindo até alguns pela terra dentro; derrubam casas, arrancam arvores seculares e extinguem não poucas vidas.

Sentem-se tambem as brisas do mar e da terra. A brisa da terra, ou o terral, sopra de noite, até ás dez horas da manhã, proximamente; depois até ao meio dia segue-se alguma calma, mais extensa na monção do sudoeste, começando depois a brisa do mar.

Esta brisa é ás vezes bastante forte na estação calmosa, mas geralmente ao cahir da tarde abonança, e acalma de todo pela meia noite, seguindo-se logo depois o terral.

Na estação fresca a brisa do mar apresenta-se fria e incommoda bastante; quando sopra do sudoeste, por alguns dias, o tempo torna-se sombrio e com aguaceiros; quando vem do sueste é branda e o tempo magnifico.

Durante quasi todo o anno, mórmente na estação do sudoeste, cae de noite, sobretudo da meia noite em deante, mais ou menos orvalho ou *cacimbo;* é ás vezes tão abundante que semelha a chuva. Occasiões ha em que toda a terra parece envolta em densa nevoa, que os raios do sol a custo logram romper.

O thermometro marca em janeiro a temperatura mais elevada, subindo acima de 30°; em janeiro de 1869 attingiu 31°,49. Desde este mez desce gradualmente até junho, em que a temperatura chega a 22°. De junho em deante vae subindo da mesma fórma até janeiro.

A média do anno, tirada das observações de outubro de 1867 a junho de 1869, foi de 26°,98.

A marcha do barometro foi regular até nas mudanças que apresentou, causadas pelas estações.

O psychrometro mostra sempre um elevado grau de humidade na atmosphera. Sendo 100° o ponto de saturação, é rarissimo encontrar-se menos de 70° no psychrometro, e muitas vezes marca este instrumento um grau de humidade superior a 90°.

. . . .

A therapeutica empregada pelos indigenas no curativo das suas enfermidades é desconhecida, porque elles com o maior empenho a occultam; usam frequentemente das ventosas simples, ou escarificadas, e da flagellação. Costumam empregar, simultaneamente, tratamento interno e externo, servindo-se das escarificações como meio de tornar mais facil a absorpção dos principios medicamentosos contidos nas plantas, só d'elles, na maior parte, conhecidas por suas propriedades, e que pisadas e reduzidas a massa collocam sobre as partes doentes. Curas ha realmente admiraveis effectuadas por estes individuos.

Dr. Alexandre Norberto. *Do clima e das doenças da provincia de Moçambique. Relatorio sobre o serviço de saude na estação naval de Moçambique, nos annos de 1867, 1868 e 1869.*

Uma doença peculiar a este paiz, chamada pelos indigenas *itaca* (palavra da lingua mâcúa, que significa força, violencia), apparece por suppressão da transpiração, durante ou logo depois do couto, e até em seguida á expulsão involuntaria do semen.

...... Não havendo motivo para recear um ataque apopletico, a primeira indicação é restabelecer a transpiração, por meio de diaphoreticos e estimulos da pelle. Empregam para esse fim, os habitantes do paiz, os seguintes usos: aquecem sal, mechueira, cinzas, milho fino, etc., e mettem estes objectos dentro de um sacco, e applicam-o sobre todo o corpo, principiando pelas extremidades inferiores, demorando-o, até empolar a pelle, nos logares onde a pelle é mais forte. Quando ha febre não applicam o estimulo antes d'ella haver declinado. Empregam, internamente, o cozimento de raiz de maceira brava, de escorcioneira, e, mais frequentemente, o cozimento da raiz que denominam raiz itaca *(mussangalaba)*, que se encontra nas ilhas de Cabo Delgado, a qual tem propriedades diaphoreticas e sabor amargo. O estimulante cutaneo e as bebidas applicam-se segundo a duração da doença. Ha entre os indigenas o invencivel preconceito de que as evacuações sanguineas, os purgantes e os vomitorios são n'este caso nocivos, ainda que por circumstancias occorrentes pareçam estar indicados, e por isso algumas vezes são victimas da sua obstinação.

....

Matuniça ou *mapute* (em lingua landina) é uma especie de angina maligna ou gangrenosa, putrida, que primeiro grassou, epidemicamente, na costa do Natal e em Lourenço Marques, onde depois se tornou endemica.

...... Logo que qualquer individuo d'aquellas localidades a sente, chama-se um curandeiro landim e começa o tratamento. Depois de lhe haver raspado a lingua, dá-lhe para bebida e gargarejo um cozimento de plantas amargas e aromaticas. Com este mesmo remedio manda fomentar e amassar a pelle no logar onde a dôr começou, na garganta e nas temporas. Feito isto, uma ou duas vezes, applica-se tambem, em bebida e gargarejo, a casca de xibaca (muito parecida com a casca de quina; tem sabor amargo e aroma um pouco picante; a arvore a que pertence é indigena dos mattos de Lourenço Marques e da costa do Natal), reduzida a pó e misturada com vinagre e sal. Esta applicação é continuada durante dois ou tres dias, findos os quaes o doente se acha livre do incommodo. Se por negligencia, ou por não conhecer a doença, o individuo acommettido por ella não se trata até ao terceiro dia, é difficil cural-o; a lingua começa a inchar, o pulso some-se, a prostração augmenta, a lingua torna-se mais volumosa, o doente escarra e deita sangue negro e fetido pela bocca, que difficilmente abre, e finalmente morre...

...... Os habitantes do rio Sena chamam *febre de carrapato* a uma affecção febril que se manifesta em todos os recemchegados, embora pareçam estar acclimados no resto da provincia. A causa da doença attribue-se geralmente a mordedura do *carrapato* (animal pe-

queno, redondo, de pelle lisa e alvadia, que se pega ao gado, aos cães, etc.).

Esta febre é muitas vezes intensa e acompanhada de delirio, porém os moradores curam-n'a com facilidade.

O remedio que applicam é asqueroso; julgo que a sua efficacia consiste nas nauseas que causa. É este remedio o proprio carrapato, reduzido a pó ou pisado, que dão a beber n'um liquido espirituoso. Os indigenas, para se preservarem da humidade do terreno e d'estes hospedes perigosos, construem as suas palhoças sobre estacas com 4 a 6 pés de altura.

Dr. Nicolau de Salis. *Esboço ácerca das molestias de Moçambique.*

No dia 30 de junho de 1886 desembarcava em Quilimane o medico Manuel Rodrigues de Carvalho, para dar principio a uma viagem na Zambezia inferior, ordenada pelo governador geral da provincia de Moçambique. Durante essa viagem, o sr. R. de Carvalho, já pratico em trabalhos botanicos, não descurou o estudo da vegetação d'esta região e enviou para o herbario de Coimbra exemplares bem preparados de mais de 379 especies. Entre todas as plantas colhidas ha uma conifera, encontrada na serra de Gorungosa, n'uma região onde até hoje nenhuma planta d'este grupo tinha sido observada.

...... O itenerario seguido foi: de Quilimane a *Mopêa,* d'ahi para a villa de Sena e á Gorungosa. Visitou varios prazos da corôa, volvendo de *Sena* pela *Conceição* a Quilimane.

Dr. Julio Henriques. *Apontamentos sobre a flora da Zambezia—Exploração do medico M. Rodrigues de Carvalho.*

...... Uma vegetação exuberante e bastante agua, uma temperatura não muito elevada, cujos extremos se afastam pouco, chuvas quasi constantes e uma altitude variando de 1:350 a 1:700 metros, condições estas em que se encontram as arvores das quinas no paiz de onde são oriundas, taes são as da serra de Gorungosa, que nas condições climatericas em que está, e não muito longe da costa, é com certeza o ponto unico onde se pode estabelecer uma colonia europêa, podendo unir-se-lhe um sanitario e um jardim de acclimatação, pois que ha alli dentro de uma área muito limitada todas as transições entre os climas tropicaes e temperados.

M. Rodrigues de Carvalho. *Relatorio sobre a viagem á Zambezia inferior.*

A plantação das *cinchonas* seria um grande passo dado no aproveitamento das nossas possessões africanas.

Os extensos planaltos da serra Gorungosa, que demoram na altitude de 1:600 a 2:000 metros, são, na minha opinião, os mais apro-

priados para a cultura d'esta preciosa rubiacea. Ahi as plantas da quina encontrarão condições climatericas as mais favoraveis ao seu desenvolvimento, como as encontram na cordilheira dos Andes, seu paiz natal, e nos planaltos dos Ghattes e do Hymalaia, nas Indias inglezas.

No emtanto seria muito para desejar que se fizessem experiencias, em larga escala, com uma planta que cresce aqui expontaneamente. Os pretos chamam-lhe *Cubanzô*, mas o seu nome scientifico é *Wrighthia anti-dysenterica.* Tem-me dado bons resultados, nas febres palustres do typo remittente, a administração do extracto ou decocto das cascas do *Wrighthia.* E caso notavel! *A natureza tem espalhado com mão prodiga esta planta exactamente nas localidades em que o paludismo faz mais victimas.*

Fermiano de Sousa. Obra já citada.

Orgulha-se a Allemanha com os resultados da importantissima exploração do dr. Wilhelm Peters, mas o que é certo é que nós, Portuguezes, *com prioridade,* tinhamos registado, por exemplo com relação a Moçambique, as propriedades de muitas especies medicinaes, que n'esse solo riquissimo a Natureza collocou, como remedios valiosos das doenças endemicas de tal região.

E antes que nós, Portuguezes, no extremo occidente, as tivessemos registado, já os naturaes de Moçambique, *muito antes,* haviam transmittido de paes a filhos as virtudes medicinaes d'essas plantas, a que elles proprios pozeram nome, e as quaes colhem, manipulam e administram, sob fórmas differentes, e sem hesitação, de antemão certos da sua efficacia:

Bange (canhamo de Portugal). Contra a belida, o fumo das folhas e semente recebido nos olhos.

Capande. O infuso da raiz é applicado á *itaca,* provocando abundante transpiração; o pó da raiz secca ao sol, tomado como tabaco, allivia o maior defluxo; faz espirrar muito.

Canémbe-membe. O infuso da raiz é assaz diuretico.

Cangome (arbusto). O pó da raiz secca, ou a casca fresca, utilisados em sarar os golpes, e o infuso da casca para lavar chagas antigas.

Catunguru. A raiz é empregada no curativo das bubas: infuso ou pó. As folhas applicam-se no curativo das feridas profundas por pancadas; suadouros do seu decocto, applicados á cabeça, curam nevoas e cataractas.

Cacici camuzuqua ou *escorcioneira.* Decocto das folhas: suadouros á cabeça, nos casos de cephalgia. Decocto das raizes de escorcioneira e almeirão: atalha a febre que se encaminha a maligna. Decocto das raizes de escorcioneira e de *mucorongo* (arvore) debella as gonorrhéas complicadas.

Cacici camizuqua pequeno ou *escorcioneira menor.* Friccionando o corpo com o decocto da raiz, misturado com raspas de marfim e cascas de laranja, pisadas, destroe-se a febre que o paciente tiver.

Nhamucu-ucúu. A olfação do pó das cascas é remedio efficaz para as vertigens.

Mudáma. O succo das folhas, misturado em agua fria, e bebido, é remedio efficaz para as diarrhéas, de que são acommettidos os europeus em Tete e em Sena (villas).

Macuiu. O macerado da raiz cura as colicas e as palpitações do coração. Produz o mesmo effeito o pó da raiz, secca ao sol, misturado em qualquer liquido.

Muxetéco (ou raiz de Santo Agostinho). Infuso da casca e da raiz: indigestões, odontalgias, colicas, vomitos; provoca a menstruação, etc.

Mupanda-panda. O decocto das raizes é peitoral.

Tindinhava sensitiva. Raiz, emoliente. Banhos de decocto da casca pisada, contra a erysipela.

Tussi. O decocto da casca: anti-febril.

Mutava-nherere. O decocto das raizes: diarrhéas. As folhas pisadas applicam-se ao pleuriz, no qual operam como caustico.

Mutavavan-sato. O succo das folhas pisadas e misturadas com agua, e tomado diariamente, cura os padecimentos do baço.

. . . .

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

Plantas medicinaes da Provincia de Moçambique

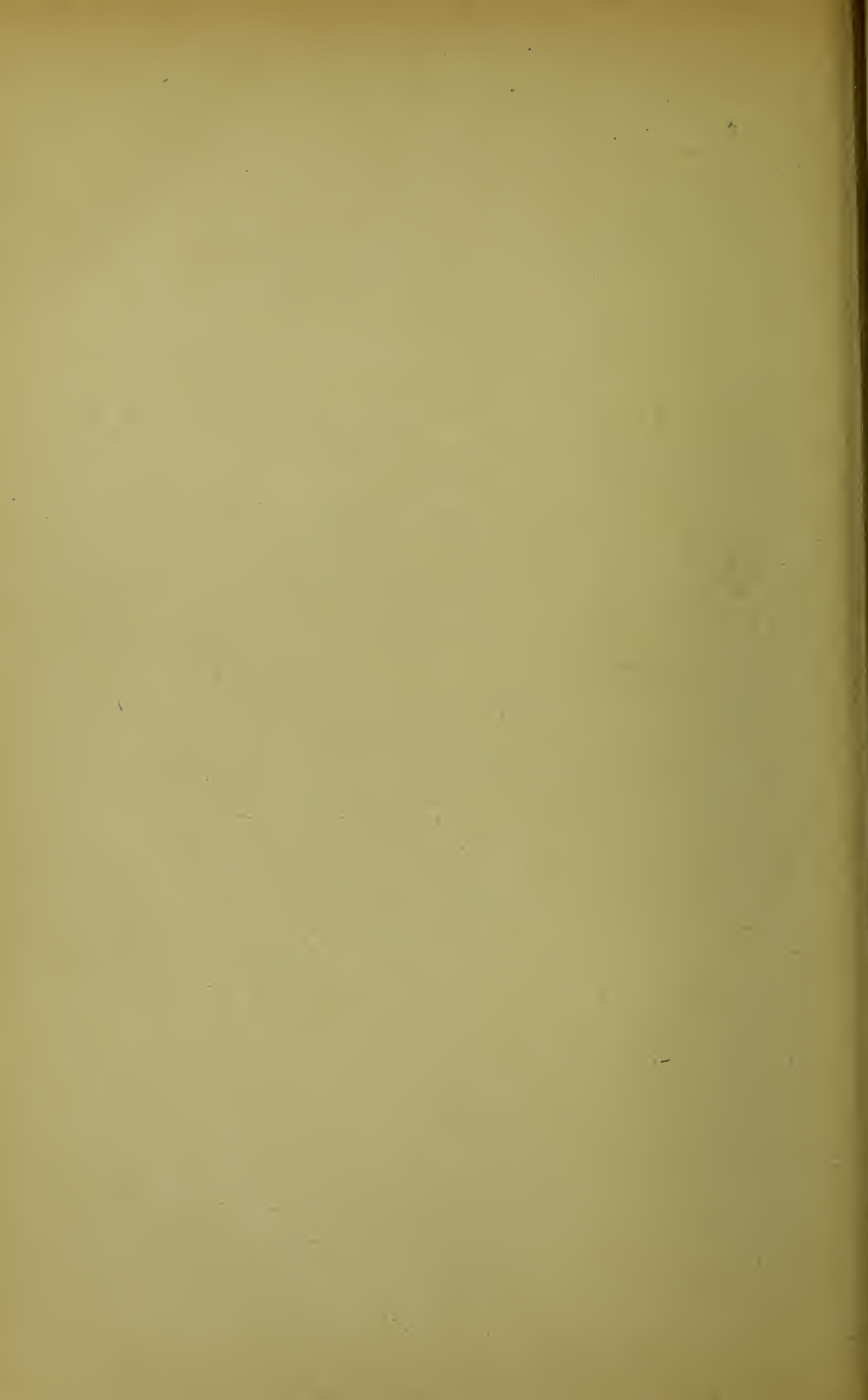
(1898)

Adianthum Capillus Veneris, *L.*
Anacardium occidentale, *L.*
Adansonia digitata, *L.*
Artemisia absynthium, *L.*
Acacia albida, *G. P.*
» acutifolia.
» catechu, *Willd.*
Arachis hypogoea, *L.*
Albizzia anthelminthica, *A. Brogn.*
Allasia Payos, *Loureiro.*
Abutua africana, *Loureiro.*
Bauhinia reticulata, *DC.*
Borassus flabelliformis, *L.*
Cannalis sativa, *L.*
Coffea arabica, *L.*
Cocus nucifera, *L.*
Cassia occidentalis, *L.*
» Fistula, *L.*
Cissampelos Pareira, *L.*
Casuarina africana, *Loureiro.*
Datura stramonium, *L.*
Digitalis purpurea, *L.*
Citrus aurantium, *Risso.*
» limonium, *Risso.*
Erythroploeum guineense, *DC.*
Enodendron anfraetuosum, *DC.*
Hibiscus subdariffa, *L.*
Indigofera tinctoria, *L.*
Jateonhiza palmata, *Miers.*
Menispermum palmatum, *Lam.*
Mangifera indica, *L.*
Mystica moschata, *Thunb.*
Musa paradisiaca, *L.*
» sapientum, *L.*
Nicotina tabacum, *L.*
Ophelus sitularius, *Loureiro.*
Psorospermum febrifugum, *Spach.*

Papever somniferum, *L.*
Phyllantus urinaria, *L.*
Phoenix dactylifera, *L.*
Psidium pomiferum, *L.*
Ricinus communis, *L.*
Smilax salsaparrilha, *L.*
Strophanthus Kombé, *Oliv.*
» hispidus, *DC.*
Sesamun indicum, *L.*
Securidaea longipedunculata, *Fres.*
Sacharum officinarum, *L.*
Santalum album, *L.*
Trichilea emetica, *Vahl.*
Urararia picta, *Desv.*
Vemonia senegalensis, *Less.*
Wrigthia anti-dysenterica, *R. Br.*

(1900)

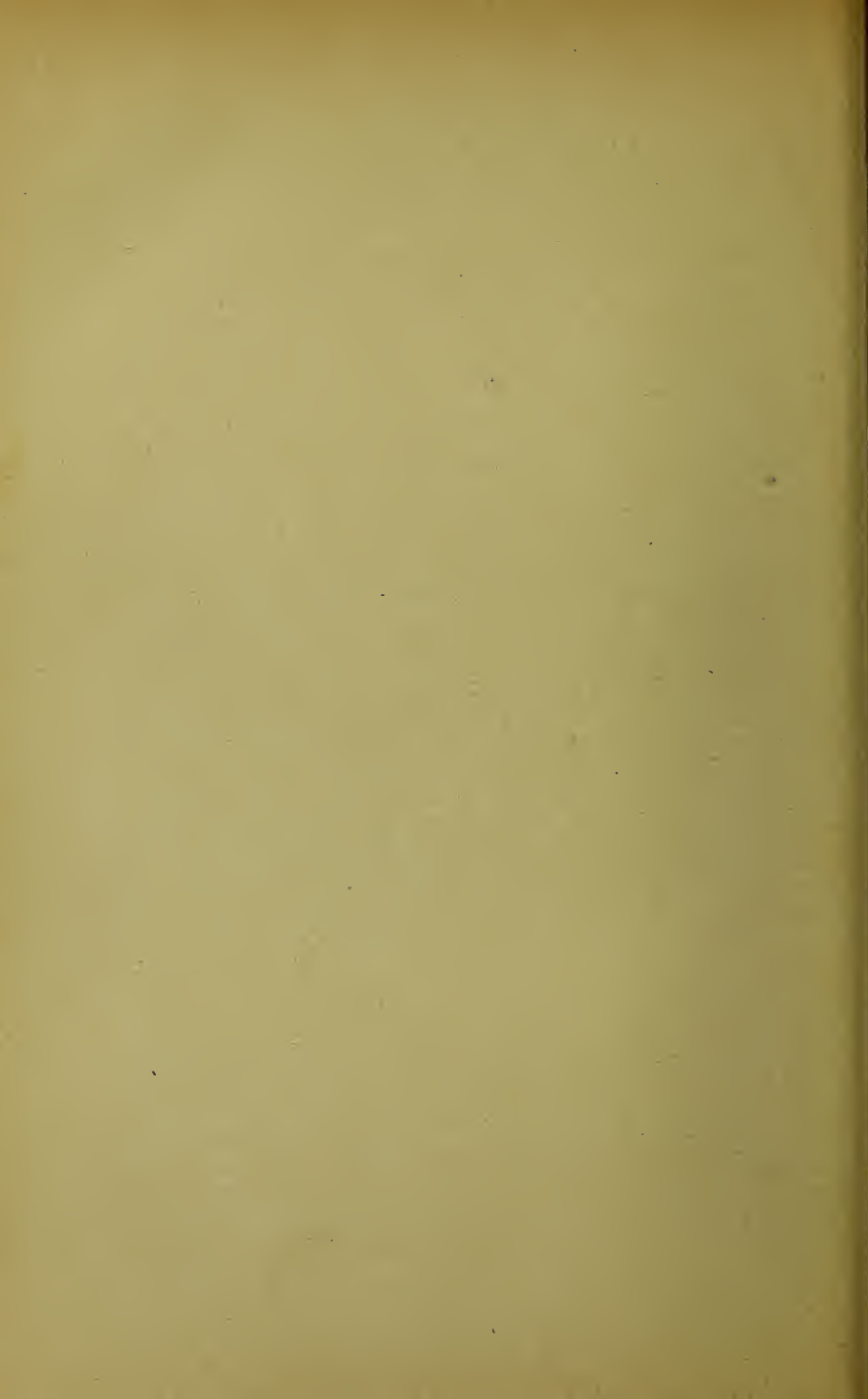
Abutilon indicum, *Don.*
Andropogon Nardus, *L.*
Bidens pilosa, *L.*
Bromelia Ananaz, *L.*
Caesalpinia pulcherrima, *Sw.*
Cassia angustifolia, *Wahl.*
Citrus aurantium, *L.*
Coffea Zanguebariae, *Loureiro.*
Cola acuminata, *Sch.*
Cyperus articulatus, *L.*
» esculentus, *L.*
» rotundus, *L.*
Elaeis guineensis, *L.*
Eleusine indica, *Lam.*
Euphorbia indica, *Lam.*
Guilandina Bonduc, *L.*
Hydrocotile asiatica, *L.*
Oxalis corniculata, *L.*
Portulaca quadrifida, *L.*
Pterocarpus tinctorius, *W.*
Solanum nigrum, *L.*
Tamarindus indica, *L.*
Ximenia americana, *L.*
Zea Mays, *L.*

João Cardoso, Junior.

VI

INDIA

Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges, murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergarão terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta e dos primeiros
Mares, o terror vão do peito voa
Disse alegre o Piloto Melindano:
«Terra he de Calecu, se não me engano.

Esta he por certo a terra que buscaes
Da verdadeira India, que aparece;
E se do mundo mais não desejais
Vosso trabalho longo aqui fenece.»
Soffrer aqui não póde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece:
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deus agradeceo.

CAMÕES. *Lusiadas,* Canto VI, XCIII, XCIV.

India

A India é talvez hoje o paiz tropical botanica e meteorologicamente mais bem investigado. Nas habeis mãos de numerosos naturalistas inglezes, o grande livro da flora indiana tem sido lido, estudado e commentado, para assim dizer, attentamente. Um dos resultados notaveis a que d'este modo se chegou é já, sem duvida, a *Introducção á flora indica.* N'este prologo da grande publicação, em que os srs. Hooker e Thompson estão ainda hoje empenhados, [1] apparece desenhada em grandes traços a physionomia botanica e meteorologica de cada uma das muitas regiões, a taes respeitos distinctas, que offerece aquelle grande paiz.

No mappa que as indica, e que acompanha a *Introducção* precedente, encontram-se duas, a de Concan e a de Malabar, que tem por limite, a leste, a cordilheira dos Gates, a oeste o Oceano, e que comprehendem em si o territorio portuguez, constituindo-se ao todo, entre as montanhas e o mar, e de Damão ao Cabo Camorim, uma longa e muito estreita faxa de terreno. A extrema, que separa a região do Concan da do Malabar, parte da costa a cerca de 15° de latitude norte, passa ao sul de Goa e vae encontrar, entre Belgarum e Dharwar, nas planicies d'este ultimo nome, a extrema de leste. Esta, seguindo pelo alto dos Gates, desce á quebrada da grande cordilheira, alli interrompida por aquellas planicies, passa em Dharwar a leste de Goa, e mais ao norte corta a meio caminho, entre Belgaum e Vingorlá.

A região de Concan comprehende, até Damão, toda a parte da estreita faixa que fica ao norte d'aquella primeira extrema. A do Malabar abrange todo o resto, de Goa ao Cabo Camorim; o Canará ao norte, o districto inglez de Malabar e os reinos de Cochim e Travancor, para o sul, são os paizes principaes que esta comprehende.

N'esta divisão meteorologica-botanica, a India portugueza, excluindo Diu e Damão, fica firmando o extremo sul de Concan, servindo, em parte, de limite norte á região do Canará.

A flora d'estes dois paizes, assim considerados, foi particularmente investigada pelo sr. Dalzell, que residiu por muitos annos em Vingorlá, e que hoje occupa o logar de conservador das florestas na presidencia de Bombaim.

Paizes de montanhas, o Canará e Concan offerecem, na distribui-

[1] Escrevia-se isto em 1865.

ção da sua flora, os phenomenos usuaes de variação consideravel com a altitude e com a diversidade de condições meteorologicas que os accidentes principaes do terreno trazem comsigo, accrescendo ainda a isto a influencia das differentes latitudes que em tão estreita e longa faixa de terra, situada perpendicularmente ao equador, não pode deixar de ser consideravel.

No Canará o districto montanhoso de Negar, a 14° de latitude norte, no Concan o Mahabaleshwar, a 18°, offerecem as maiores elevações da cordilheira n'estas duas regiões.

A altitude média em Nagar é de 4:000 a 5:000 pés; os pontos mais altos chegam a mais de 6:000; em Mahabaleshwar não passam, porém, de 5:000, e em todo o Concan a elevação média dos Gates é muito menor. As planicies de Dharwar dividem a leste de Goa os Gates do Concan dos do Canará, e constituem a maior depressão que soffre a cordilheira n'aquellas duas regiões.

Na fronteira de leste do territorio portuguez a nossa linha de *metas* separa, para o lado inglez, as maiores elevações. Entretanto encontramos assignalada no *Boletim do Governo,* pelo sr. A. Lopes Mendes, a existencia, no nosso territorio, de montanhas com 3:000 a 4:000 pés de elevação.

Como é sabido, a cordilheira dos Gates é na India o grande condensador da humidade trazida pela monção de sudoeste, que alli sopra directamente do mar. A quantidade de chuva precipitada a oeste das montanhas é regularmente proporcional á elevação d'ellas. D'este elemento depende tambem a maior ou menor seccura do clima, durante a monção de nordeste, particularmente nas localidades afastadas bastante da costa, para já não serem influenciadas pelas brisas do mar. A maior ou menor elevação da cordilheira influe então na passagem mais ou menos rapida e desimpedida dos ventos que atravessam os extensos e aridos paizes de Mysore e Dekhan, abandonando n'este transito a maior parte da sua humidade.

A leste de Goa os Gates afastam-se notavelmente da costa. Esta circumstancia e a pouca elevação que alli tem a cordilheira determinam no territorio portuguez, por um lado, uma precipitação menor de vapores, por outro uma seccura maior, comparativamente com o que succede pela maior parte do Canará e Concan, onde a chuva e humidade chegam a ser excessivas.

Em Mahabaleshwar, por exemplo, a chuva é por anno de 248 pollegadas, e em Nagar dura nove mezes, cahindo em seis d'estes com tal força que os habitantes não podem sahir de suas casas.

Na provincia portugueza de Satary [1] acontece, pelo contrario, que

---

[1] Merecem ser lidos os *Apontamentos sobre a Provincia de Satary,* do agronomo sr. Antonio Lopes Mendes, durante muitos annos residente na India Portugueza. Quem quizer saber o que foi a India Portugueza deve, na impossibilidade de pessoalmente e de perto ir admirar todos esses restos de um passado todo grandeza, lêr não só taes *Apontamentos*, mas a obra *India Portugueza,* a qual se nos afigura um padrão eloquente ao antigo poderio que nós, Portuguezes, tivemos

os cultivadores de café luctam contra a falta de chuvas sete mezes do anno, durante os quaes a humidade do ar fica longe de ser sufficiente para supprir essa falta.

Os factos botanicos mais caracterisados do clima de Concan e Canárá são a predominancia do typo de flora tropical que a India tem de commum com o archipelago Malayo; o desapparecimento successivo de muitas d'estas fórmas na região de Concan, a partir do sul para o norte; a sua substituição por especies mais analogas ás da Abyssinia e Arabia; e, por ultimo, a ausencia da flora das regiões aridas que ficam a leste dos Gates, a qual raras vezes passa a oeste das montanhas; acontecendo, pelo contrario, nas quebradas da cordilheira, estender-se a vegetação, mais viçosa e humida, de Concan e Malabar um pouco pelas terras de Mysore e Dekhan.

Bernardino Barros Gomes (agronomo florestal). *Cultura das plantas que dão a quina* (publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* serie VI, 1865).

Ainda que vos façam conde, não venhaes cá; nem se vos metta em cabeça. Grande prazer é estar cada um onde nasceu e fallam todos portuguez; e com vossa mulher e filhos; e que saibaes que cá tenho mais fazenda que vós, arrenegae da fazenda com tanto trabalho e perigo; que assi me salve Deus, que se eu soubera, que tanto trabalho e perigo; que assi me salve Deus que, se eu soubera, que tanto trabalho havia de passar, antes deixara de vir; não sabeis as fortunas do mar. Cá não comem senão arroz e bolos d'elle; não ha cá as delicaduras, em que me eu criei viciosamente.

...... Estou rico mais do que cuidaes; esta é a propria terra pera mim, se della tivesse gosto; mas, pois nella sirvo el-rei, nosso snr, boa me parece...

Thomé Pires. Carta, escripta de Malaca, a seu irmão, narrando-lhe os seus trabalhos, em 7 de novembro de 1512.

Thomé Pires disse-nos da India primeiro que o dr. Garcia da Orta. A mais antiga noticia de drogas medicinaes da India que conhecemos é a que elle nos deu na sua carta escripta de Cochim a el-rei D. Manuel, em 27 de janeiro de 1516. N'ella são apontados: a *erva lombrigueira,* o *ruybarbo,* a *canafistola,* o *encenço,* o *opio,* os *tamarindos,* a *galanga,* o *turbit,* os *mirabulanos,* o *aloes,* o *esquinante,* as *go-*

---

no Oriente, e um exemplo vivo que todo o Portuguez, fóra da sua terra natal, e em regiões quentes, principalmente, deverá imitar, com referencia á região em que residir, fazendo reverter a favor da patria as suas aptidões e o seu talento, e trabalhando incessante, util e brilhantemente, como trabalhou Antonio Lopes Mendes.

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

mas fetidas, o *bedelio,* a *mirra,* o *tincar,* a *alquitira,* a *sarcocola,* o *betele,* a *zedoaria,* o *estoraque liquido,* o *estoraque.*

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

Ambre. Alguns disseram ser o sperma da balea, e outros affirmaram ser esterco de animal do mar ou escuma d'elle; outros disseram que era fonte que manava do fundo do mar, e esta parecia melhor e mais conforme á verdade. Avicena e Serapiam dizem gerar-se no mar, assim como se geram os fungos ou fungão dos penedos e arvores, e que quando o mar anda tempestuoso deita de si as pedras e com ellas lança á volta o *ambre,* e esta opinião tambem é mais conforme á verdade que as outras rezadas por Avicena, porque, quando ventam muito os levantes, vem muito a Çofala e ás ilhas de Comaro e de Emgoxa e a Moçambique e a toda essa costa, porque o deitam as ilhas de Maldiva de si, porque estão ao levante; e, quando ventam poentes, acha-se mais nas ilhas de Maldiva.

...... e dizem (os chins) que aproveita muito para a conservação das mulheres e que aproveita ao coração e ao cerebro e ao estomago.

Amomo...... E para que quer esse rei o *amomum?*—Porque diz que entra no *mitridato,* da qual composição elle usa muito, porque se teme da peçonha, e tem sellada e fechada de sua mão esta mézinha; porque os reis (ou por melhor dizer tyrannos) d'esta terra jogatam-lhe muito os irmãos com peçonha.

Anacardo. Avicena diz que o *anacardo* é fructo semelhante aos caroços do tamarinho e o seu miolo é semelhante á amendoa... Não é veneno, pois o comem muitos indios... e o ser caustico é depois de secco.

Benjoim. A arvore do *benjuy* é alta e bem formosa e de boa sombra, copada nos ramos, os quaes deita no ar muito bem ordenados. O tronco tem do chão até os ramos muito alto e grosso e rijo de cortar; é macisso na madeira, nascem alguns d'elles no matto de Malaca, em logares humidos; os pequenos dão *benjuy de boninas,* que é o de Bayros, o qual é melhor que o de Siam, e o de Siam é melhor que todos os outros. Dão uns golpes ás arvores para que saia d'ellas a gomma, que é o *benjuy,* em mais quantidade.

Mungo. É uma semente verde, e quando é muito madura e preta, do tamanho de coentro secco, comem d'ella os cavallos, e a gente ás vezes; e os Guzarates e Decanins usam d'elle em febres, e todo o homem que tem febres não come dez dias e ás vezes quinze, e ao cabo d'elles lhe dão a beber agua de cozimento de *mungo,* onde vae alguma

substancia d'elle; e depois lh'o dão a comer, tirada a corteza, e cozido com arroz; pão de trigo lhe não dão a comer d'ahi a muitos dias. E mais vos contarei o que me aconteceu. Caminhando com o sultão Bhadur, em companhia do senhor Martim Affonso de Sousa, adoeceu elle de febres, e chamou-me El-Rei, e perguntou-me como havia de curar Martim Affonso daquellas febres: eu lhe disse que o havia de sangrar, e o havia de xaropar com enxarope feito de sumo de limões, romans e assucar, e que o purgaria com uma pouca de manná e ruibarbo, que trazia comigo, pois outras mézinhas não havia no seu arraial de mim conhecidas. Elle me respondeu que os Portuguezes não sabiam tão bem curar febres como os Guzarates; porque os Guzarates não as curavam com outra cousa senão com não comer; e eu, por não aporfiar com elle, lhe disse que dizia bem, e que portanto havia tres dias que eu lhe não dava a comer couza alguma; e que já agora o queria xaropar, e dar-lhe a comer alguma dieta sutil. Elle me disse que quatro dias era muito pouco, e que havia mister ao menos estar vinte dias sem comer cousa alguma; e que os Portuguezes elle me confessava serem muito bons physicos nas outras enfermidades, mas que nas febres não sabiam tanto como os Guzarates. Eu não quiz aporfiar com elle, porque era voluntario e o maior rei que havia na Mourama; e mais por não ser lettrado, nem ter physicos que o curassem pela nossa regra. E depois alguns annos me achei em Cambaiete, cidade muito principal do Guzarate, onde um mouro muito rico de Tripol de Berbaria, que sabia fallar portuguez, residia; e chamando-me para curar seu filho de febres, que as tinha havia quatro dias, o curei, dando-lhe a comer primeiro gallinhas, porque havia quatro dias que não comia couza alguma; e depois o sangrei, e, sem o purgar, sarou das febres; e elle me allegava o modo de curar dos Guzarates, já acima dicto. Eu lhe respondi que o sapateiro não calçava a todos com uns sapatos; que aquelle curar era para os gentios, que naquelle reino não comem cousa de sangue; mas que seu filho e os mercadores ricos, que eram acostumados a comer muita carne e beber vinho, quando o tinham, haviam mister outro modo de curar. Pareceu-lhe bem o meu dito, e succedeu-lhe melhor; e dahi ávante os dias, que ahi estive, todos os mouros se queriam curar comigo.

. . . .

. . . .

SERVA. — Um moço esta alli que traz um recado.

ORTA. — Venha.

PAGEM. — D. Jeronymo lhe manda pedir que queira ir visitar seu irmão, e ha de ser logo, ainda que não sejam horas de visitação, por ser perigo na tardança, e que lhe fará muita mercê em o fazer.

O. — Que doença é, e quanto ha que está doente?

P. — É *morxi,* e ha duas horas que adoeceu.

O. — Eu vou após vós.

P. — É esta enfermidade a que mata muito asinha, e que poucos

escapam d'ella? dizei-me como se chama ácerca de nós, e d'elles, e os signaes, e a cura que n'ella usaes.

O.—Ácerca de nós é *colerica passio;* e os Indianos lhe chamam *morxi;* e nós corruptamente lhe chamamos *mordexi;* e os Arabios lhe chamam *hachaiza,* posto que corruptamente se leia em Rasis *saida.* Cá é mais aguda que em nossas terras, porque commumente mata em vinte e quatro horas; e eu já vi pessoa que não durou mais que dez horas, e os que mais duram são quatro dias; e, porque não ha regra sem excepção, vi um homem com muita constancia de virtude que viveu vinte dias, sempre arrevesando colera curginosa, e emfim morreu; vamos ver este enfermo; e por os signaes vereis vós, como testemunha de vista, que cousa é.

P.—Vamos.

O.—O pulso tem muito submerso, que poucas vezes se sente; muito frio, com algum suor tambem frio; queixa-se de grande incendio e calmosa sede; os olhos são muito sumidos; não podem dormir; arrevesam, e saem muito, até que a virtude é tão fraca que não pode expelir cousa alguma; tem caimbra nas pernas. Subi, após mim, que eu vos ensinarei o caminho. Muita saude dê Deus em esta casa. Quanto ha que este mal veio?

Enfermo.—Pode haver duas horas que me tomou este sair e revesar, com grande agastamento; não arreveso senão agua, sem nenhum amargoso, nem azedo sabor.

O.—Tiveste alguma caimbra nas pernas?

E.—Por tres ou quatro vezes me tomou, e com fortes esfregações com isto se me tirou, molhando as mãos em azeite de coco quente; e porém tornou a vir, e fiz-lhe o mesmo, e tornou-se.

O.—Que comestes hoje?

E.—Comi peixe de muitas maneiras, e arroz de leite, e alguns pepinos; e assim o que arreveso cheira a pepinos.

O.—Isto não padece tardança; emtanto ponham fogareiros e esquentem-lhe o corpo; e esfreguem-lhe o corpo com pannos asperos; e agua nenhuma beba, em nenhuma maneira d'ella; se fordes constrangido a dar-lhe a beber alguma pouca, será onde hajam apagado algum ouro fervendo; cauterisem-lhe os pés com ferros quentes; e dar-lhe-hão a beber um vomitivo; e lançar-lhe-hão um clister lavativo; o qual tudo vou ordenar á botica; e untal-o-hão com oleos quentes pela nuca e espinhaço todo; e assim lhe untarão as pernas. E como revesar com este vomitivo, e fizer camara com o clister, vão-me dar conta do que se passa, e dir-me-hão se arrevesa ainda muito, ou se sae muito, ou se se esquentou já, ou se tem ainda caimbra, ou se lhe parece o pulso mais, e está mais descoberto; porque conforme a isto é necessario que obremos, porque n'esta enfermidade não ha de haver descuido no medico, nem nos servidores do enfermo.

D. Jeronymo.—Tudo se fará muito depressa; eis aqui o boticario.

O.—Façam-lhe muito asinha um vomitivo de agua cozida com cevada e cominhos e assucar; porque os acho muito bons para esta paixão;

o clister será de cozimento de cevada e farelos e oleo rosado, e mel rosado, coado; e os oleos para se untar serão de castoreo e de ruda; porque tem respeito ao veneno, tudo misturado; e ácerca de comer da casa estilem uma gallinha gorda, tirando-lhe primeiro a gordura que tem; e deitem-lhe dentro umas talhadas de marmellos, e se os não acharem frescos sejam de conserva, lavados primeiro com vinho branco, e lancem-lhe uma pouca de agua de canella e rosada, e coral e ouro; e posto que o doutor, que presente está, saiba melhor isto que todos, para o que se deve fazer, elle me dá a mão a isso, como homem experimentado n'esta terra. E porque elle está presente, digo que melhor fôra perdiz, ou de Ormuz ou da terra, ou gallo ou gallinha de matto; mas emquanto se isso não acha podem fazer o que disse.

P. — Em todo o caso podeis falar, porque ha muito tempo que nos conhecemos.

O. — Deus dê muita saude n'esta casa, e não se esqueça levar-me recado do que passa.

P. — Espantado estou daquesta enfermidade; porque vi muitos doentes de peste, e não tem a virtude tão derrubada, nem dura tão pouco pela mór parte. E porque disse que comera pepinos, me lembra que os doutores dizem de alguns comeres que, se se corrompem, são convertidos em natureza de veneno; e estes, se me bem lembra, são melões, e cogombros, e pepinos, e pecegos, e albocorques; portanto não é muito vir-lhe aquella enfermidade depois de comer pepinos. E vi mais este paciente ter o hanelito muito frequente.

O. — Sabeis em quanta maneira se acontece isto, que vi um fidalgo, muito virtuoso, que havia trinta horas que padecia esta enfermidade, e me dizia: já não saio, nem arreveso, nem tenho caimbra na perna, senão que não posso tomar folego, e isto me mata: olhae em que estado estava postrada a virtude, que não podia deitar o folego.

P. — A que homens toma mais esta enfermidade? E em que tempos do anno vem mais?

O. — Aos homens que muito comem, e aos que comem máos comeres; como aconteceu aqui a um conego mancebo, que de comer pepinos morreu; e aos que são dados muito á conversação das molheres; e acontece mais em junho e julho (que é o inverno n'esta terra); e porque se causa do comer, lhe chamam os indios *morxi,* que quer dizer, segundo elles, enfermidade causada de muito comer.

P. — Como curam os physicos da terra esta enfermidade?

O. — Dão-lhe a beber agua de expressão de arroz com pimenta e cominhos (a que chamam *canje);* cauterizam lhe os pés, como mandei fazer áquelle fidalgo; e mais lançam-lhe *pimenta longa* nos olhos para experimentar a virtude; e, para a caimbra, arrocham com percinta a cabeça, e braços e pernas, muito fortemente até os giolhos, e dos giolhos até os pés; e dão-lhe a comer o seu *betre.* E todas estas cousas não carecem de razão, senão que são feitas toscamente.

P. — E vós, os portuguezes, que lhe pondes ou que lhe fazeis?

O. — Damos-lhe a comer perdizes e gallinhas estiladas, ou sumo

d'ellas; tambem lhe damos torradas de vinho com canella; posto que estas cousas quentes eu não uso muito nos comeres, senão postas pela parte de fóra, scilicet, untando o estomago com oleo de *almecega* e *nardino* quentes; trabalho com muita pressa de limpar o estomago com mézinhas lavativas sómente, e com clisteres; vão mistos segundo que a natureza mais se vae inclinando.

P. — Não se ha de ajudar essa natureza, que é cega, e constrangida de humor venenoso.

O. — Todavia porque esse humor, que é venenoso, não infeccione o outro, é bem que se deite fóra cedo; e é bem evacuar-se; depois com oleos de *almecega* e pós de canella, confortando o estomago, e a virtude retentiva com algumas ventosas; mas ha de ser isto evacuando-se primeiro a mór parte do humor.

P. — Tendes alguma mézinha particular experimentada?

O. — Algumas; scilicet, *triaga* bebida, ou deitada em vinho, ou agua rosada, ou de canella, segundo a necessidade o requer; o *páo de cobra,* de que adiante diremos; o *unicornio* experimentado; o *páo de contra-herva* de Malaca, com que se acham bem os feridos de frecha com peçonha; porém a mézinha que mais aproveita, e com que melhor me achei, é tres grãos de *pedra bezar* (a que chamam *pazar* os Persios que daqui ao diante fallarei, que em tanta maneira aproveita, que quasi milagrosamente dilata as forças do coração. Já houve muitos doentes que, dando-lhe a beber esta pedra, me diziam, não sabendo o que lhe dera, como desde que comeram aquella mézinha lhes parecia que lhes vieram novas forças e lhes tornara a alma ao corpo; e em o bispo de Malaca me achei muito bem, dando-lhe esta *pedra bezar* e a *triaga,* depois de evacuada muita parte da materia, deitara-lhe muita triaga em clisteres, accrescentando-lhe a quantidade.

P. — Nunca vi deitar n'essas enfermidades *triaga* em clisteres.

O. — É conforme á razão deital-os nas enfermidades venenosas, como a mim me aconteceu, curando a um védor da fazenda de el-rei, nosso senhor, de umas camaras venenosas, o qual não queriam consentir os meus companheiros physicos; e porém, vendo que se achou bem, folgaram com isso, e o usaram em muitas pessoas depois.

P. — Ha algumas enfermidades na India como estas, que derrubem a virtude tanto como esta? E a estas que mézinhas lhe pondes por fóra?

O. — Muitos homens morrem com a virtude derrubada ou porque tiveram camaras, ou pelo muito uso das mulheres; e a estes (chamam os physicos indianos *mordexi seco,* scilicet, á enfermidade d'elles) faço-lhes fomentação por fóra, com vinho de cozimento de cominhos, e sobre elles lanço oleo *nardino* e de *almecega,* e os comeres quero que cheguem a quente, mais substancialmente que em qualidade; e não quero que sejam gemmas de ovos, porque são subversiveis e corruptiveis; e porque da *pedra bezar* hei de fallar ao adiante, não mais. E, tornando ao *costo,* digo que Mateolo Senense allega alguns que tem que a *raiz angelica* é especie do *costo,* mas que elle nem o damna nem o approva; e que usam mais conforme á razão os que usam d'ella em logar do

costo que os que usam da *menta romana;* e eu digo que ella não é *costo* e pode ser melhor mézinha. [1]

Doutor Garcia da Orta — *Coloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India.* [2]

A medicina gentilica está como na primitiva.

Os gentios não teem escolas de medicina, nem de cirurgia; é uma arte que todos podem cultivar e exercer livremente.

Os bramines são os que possuem maior somma de conhecimentos de medicina; mas não exercem a profissão como medicos. No entender dos bramines, todas as doenças teem quatro principios, que são os quatro elementos dos antigos: a *agua,* o *ar*, a *terra* e o *fogo;* e explicam tudo em medicina pelas quatro qualidades: o *calor,* o *frio,* a *humidade* e a *seccura;* assim os remedios são quentes, frios, humidos ou seccos, e applicados segundo as regras do fatalismo. Para explicar os phenomenos da vida.

Os que se intitulam medicos *(ôizos* ou *oiddôs)* pertencem á casta dos *sudras;* são ignorantes, e exercem simultaneamente as profissões de cirurgia e de pharmacia. Estes medicos são desconsiderados pelas outras classes sociaes dos gentios.

É notavel que em todos os paizes a arte de conservar e de melhorar a existencia do homem seja menos honrada que a arte de os destruir. A sciencia tem os seus campeões, como a arte da guerra, e ás vezes seus martyres, como a religião.

A saude publica é o primeiro cuidado dos povos civilisados. A policia medica e hygienica é uma das primeiras funcções que revela a actividade e boa organisação da administração de um paiz. Portanto a sciencia medica, assim como as artes, teem direito a gosar de mais consideração do que aquella que lhes conferem os que se dizem ser de *castas superiores.*

O systema therapeutico dos gentios é o *empirismo.* Este funda-se em que a therapeutica não pode ser deduzida á *priori* da natureza da doença, por isso que esta é quasi sempre desconhecida. Estabelecem pois o tratamento por analogia, applicando em cada molestia os medicamentos que porventura tenham curativo em algum caso semelhante. Alguns bramines, com os quaes temos tratado, fundam o seu systema de curar sobre a observação do homem doente, e a experiencia dos medicamentos e remedios proprios para obter a sua cura, e finalmente sobre a historia e a analogia. Este systema assemelha-se muito á medicina hypocratica.

---

[1] O Doutor Lima Leitão considera esta descripção *como a primeira e mais exacta* descripção do cholera-morbus epidemico.

[2] Os *Coloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India* são, innegavelmente, o que affirmou o nosso Innocencio da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico: um livro estimavel por diversos respeitos, e dos que mais honra fazem á nação portugueza pelo haver produzido, e um monumento da intelligencia e fadigas de seu auctor.*

João Cardoso, Junior.

É sabido que Hippocrates, olhado com fundamento como pae da medicina, admittia que as doenças tinham a sua séde nos humores do corpo.

Galeno, um dos medicos mais famosos da antiguidade, tinha adoptado a medicina hippocratica, e pensava tambem que a doença era devida á alteração dos humores, tanto em sua qualidade, como em sua quantidade.

Como os bramines, explicava Galeno tudo em medicina pelos quatro elementos dos antigos.

As idéas humoraes de Hippocrates e de Galeno foram adoptadas pelos medicos arabes, e notavelmente pelo celebre Rhazes, durante todo o longo periodo da antiguidade e da edade média. Muitos medicos, e os veterinarios gregos Absyto e Eumelio Pelagonius, os agricultores romanos Varrão, Columella e muitos outros veterinarios, lavradores, antigos e modernos, adoptaram tambem as opiniões professadas pelos humoristas.

Passemos á historia contemporanea da medicina gentilica.

Quando morre um medico gentio deixa a seu filho, a seu neto, ou a algum parente, um livro de receitas, com o qual o novo doutor começa a exercer a arte de Esculapio, com tanta confiança em si como se tivesse passado toda a sua vida entregue com proficuidade ao estudo da sciencia medica.

O livro das receitas serve para auxiliar a memoria do novo *oizô*, e tambem para colher d'elle os maravilhosos segredos de curar toda a qualidade de doenças, applicando esses remedios, muitas vezes, sem saberem o *como* e *quando* devem ser applicados; e, não obstante verem morrer innumeraveis doentes que lhes caem nas mãos, vivem persuadidos dos seus especificos universaes. Para quasi todas as especies de enfermidade impõem ou prescrevem a rigorosa dieta, as bebidas e os cauterios, e, sempre que lhes morre algum enfermo, attribuem a sua morte a ter elle comido alguma cousa de mais, ou bebido alguma beberagem de menos, ou a não terem sido abundantemente cauterisados.

O gentio doente mette-se com toda a confiança entre as mãos d'estes medicos improvisados, e nunca recorre aos medicos *franguins* (europeus), nem aos seus compatriotas christãos, porque a sua religião lhes prohibe. Todavia alguns gentios mais civilisados que residem nas *Velhas Conquistas*, nos casos de grande gravidade, e principalmente as mulheres quando é preciso empregar a arte obstetricia, depois de consultarem os *xoivys* (astrologos) e a *Satti* (deusa que preside aos partos), e de se persuadirem que a deusa lhes dá o consentimento pedido, procuram então os soccorros dos nossos facultativos.

Havendo mais de um facultativo christão residente na localidade, mandam consultar um *bramine* para lhes dizer qual d'elles devem chamar.

O *bramine* vae ao pagode consultar o idolo, isto é, vae alli tomar o *prôssado*. Diversos são os modelos de fazer o *prôssado*. Eis aqui um: O *bramine*, ou, á falta d'este, o chefe de familia, colloca em

frente da sua divindade um vaso de cobre, e mette dentro d'este uma varinha com outra atravessada na parte superior, e em cujas extremidades prendem mal seguras duas flôres ou raminhos do *tullossy,*[1] tendo em cada uma ou em cada um d'elles os nomes dos facultativos. Depois imprimem um movimento de rotação á varinha perpendicular, esperando que uma das flôres caia primeiro do que a outra: será esta a que indicará o facultativo que deve tratar o doente. Só depois d'esta e de outras muitas praticas supersticiosas é que o gentio doente se sujeita a tomar as substancias medicamentosas e alimentares que o facultativo christão lhe prescrever, menos caldo ou carne de vacca.

Os gentios não teem jámais ousado dissecar um cadaver, para sobre elle estudarem a estructura, o uso e emprego dos diversos orgãos que compõem o corpo humano.

D'aqui provém a sua crassa ignorancia em anatomia, physiologia, pathologia e o estudo imperfeito da sua cirurgia.

Como não teem noções precisas sobre os agentes therapeuticos, administram poucos medicamentos interiormente, servindo-se sobretudo nas curas de unguentos e cataplasmas.

Quando a doença não cede aos remedios ordinarios, o *doutor,* depois de ter folheado todo o seu livro de medicina misturada com a astrologia herdada de seus antepassados, recorre aos ridiculos sortilegios, como faziam os antigos hindus, depois os arabes, persas, gregos, e finalmente os romanos, que attribuem certas doenças a causas sobrenaturaes.

«A nossa primeira necessidade é illustrar e moralisar o espirito «publico; a segunda será desenvolver todos os elementos da civilisa«ção material.» Isto dizia o nosso prezadissimo amigo, o sr. conselheiro Rodrigues de Moraes Soares, em um dos numeros do seu jornal de agricultura, artes e sciencias correlativas, o *Archivo Rural*».

E não será mais razoavel, e mais conforme a todos os principios e sentimentos de justiça, de caridade e de beneficencia, prevenir as molestias do que prestar depois soccorros aos que as contraem n'esses pestilenciaes e mortiferos pantanos que cobrem os mais bellos terrenos da nossa India? Não será muito melhor gastar alguns milhares de xerafins no enxugo e cultivo de tantos terrenos palustres, subvencionando uma empreza que se obrigue a enxugar e cultivar os terrenos palustres que por ahi se encontram por toda a parte, e que são outras tantas taças de veneno que milhares de pessoas bebem e respiram diariamente? Parece-nos que sim. E se isto se tivesse feito ter-se-ia evitado a grande epidemia que actualmente está assolando as Novas e Velhas Conquistas; ter-se-ia desenvolvido a agricultura, augmentado as producções alimenticias, augmento tão indispensavel

---

[1] *Tullossy* é uma planta pertencente á familia das labiadas, que todos os gentios teem em frente da porta principal, ou no centro dos pateos, ou no interior das casas, e a qual adoram por supporem que *Vishnum* reside constantemente na sua raiz.

n'este paiz que não produz o sufficiente para consumo da população; e finalmente ter-se-ia ainda mais concorrido para o geral bem estar da nossa sociedade.

As doenças em Satary reinam segundo as duas estações, *inverno* e *estio*.

Na primeira a temperatura é quente e humida, o calor de dia é muitas vezes extraordinario, e de noite consideravelmente frio. As transições rapidas, e as alternativas que os homens e os animaes domesticos experimentam durante o dia e a noite, expõem-n'os a graves doenças catarrhaes e a frequentes doenças inflammatorias dos orgãos peitoraes. Estas influencias activam sobretudo nos orgãos oculares, que são muitas vezes acommettidos de inflammações agudas e rebeldes.

O vapor de agua, que o ar atmospherico contém, é raramente puro; produzido pela volatilisação de aguas estagnadas, tanto na superficie da terra como na sua espessura, elle contém muitas vezes emanações volateis provenientes da decomposição de materias vegetaes ou animaes em putrefacção. Alguns gazes deleterios, taes como o hydrogenio carbonado e phosphorado e o azote, nascem das mesmas decomposições. Estes gazes, cuja acção é essencialmente nociva sobre os orgãos respiratorios, contém ainda as materias animaes septicas ou putridas, as quaes, alterando a composição do organismo animal, fazem apparecer mais tarde as doenças septicas com alterações dos liquidos, as doenças catarrhaes, inflammações chronicas do pulmão, a tisica tuberculosa, o cholera-morbus esporadico, etc.

No *estio*, principalmente no *terral*, o ar atmospherico é mais puro e excitante. Seus effeitos na economia animal são: diminuir as transpirações cutanea e pulmonar, activar as funcções ulteriores, a sanguificação, a digestão, as secreções e a nutrição. As influencias d'este estado hygrometrico e thermometrico do ar predispõem os homens e os animaes domesticos a contrahirem as doenças inflammatorias agudas e subagudas, particularmente das vias respiratorias, taes como a pleurite, a pneumonia e as doenças nervosas, taes como as congestões cerebraes, o tetano, as anginas, os rheumatismos, as febres palustres, as bexigas, etc., doenças sempre frequentes e graves.

O estudo da *etiologia* ou causas das doenças e dos temperamentos é desconhecida pelos medicos gentios, a quem a superstição opprime despoticamente o espirito.

Tendo a superstição lançado profundas raizes na religião gentilica, apagou as luzes naturaes, e perturbou até as cabeças ainda as mais sãs.

Se o gentio enfermo tiver a infelicidade de ser atacado de *coma*, symptoma mui frequente nas doenças cerebraes, e que consiste n'um somno profundo, de que o doente não accorda sem passar certo tempo, e fôr entretanto collocado no *dorôbo*, logar aonde depositam os moribundos, tendo os *oizôs* perdido a confiança nos esforços da *força medicatriz*, em vez de applicarem medicamentos activos, a fim de darem nova direcção ás forças da economia animal, e de auxiliarem os

phenomenos pathogeneos que se dirigem ao restabelecimento da saude, arriscam cada vez mais a vida do doente com as praticas supersticiosas.

Se o doente é acommettido de uma grande febre, que passa a delirio, suppõem logo que está possuido do *Xelem* (diabo gentilico). Então os *oizôs* ou *bottos* e os *joguis* ou *santões* fazem ao infeliz enfermo toda a especie de cerimonias ridiculas para o esconjurar. O doente n'este caso, em logar de um diabo, a febre que lhe devora as entranhas, tem contra si mais os que o rodeiam, e que na melhor boa fé muitas vezes o arrastam prematuramente para a fogueira.

Mas se o gentio fôr insultado do typho ou de bexigas, em vez de esconjurarem o enfermo, adoram-n'o como um deus, por julgarem assim que adoram a *Typhon,* genio do mal, a quem attribuem a origem das plantas venenosas, das epidemias que assolam a terra, e dos animaes nocivos; por isso não nos devemos admirar da importancia que os gentios dão a este genio do mal, que elles julgam vêr reproduzido no morboso.

Em todos os casos de enfermidades nunca deixam de consultar os idolos, o que geralmente fazem por intervenção do chefe da familia ou dos bramines. Estes ultimos sacerdotes gentilicos são assaz credulos; acreditam que os seus deuses lhes falam, e servem-se d'esta convicção para revelarem muitas vezes aos seus semelhantes verdades uteis, aconselhando-lhes o emprego de certas plantas medicinaes, em que abunda o paiz, e que n'um grande numero de casos morbidos produzem bons resultados e curas maravilhosas.

Os gentios curam muitas vezes com facilidade os ferimentos mais graves, e acompanhados de accidentes supervenientes, que entre nós seriam reputados mortaes. Em algumas occasiões, sem saberem o por quê, reduzem luxações e fracturas com bom exito. Para as ulceras, feridas e contusões, a sobriedade, a força medicatriz, a pureza do ar atmospherico, são de maior cooperação do que os succos do *elqui, quitlong,* e de outras plantas mal pisadas, com as quaes em emplastros pretendem cural-as.

O apparelho circulatorio, a lanceta e o seu uso são desconhecidos pelos medicos *oizôs,* que nunca sangram; sobre este ponto pensamos que talvez tenham razão, se se considerar o clima e a maneira de viver dos gentios. Se bem que elles supprem a sangria pelas sanguesugas e pela dieta.

Nas doenças internas empregam muitas vezes as tisanas compostas de cravo da India e de outros ingredientes estimulantes, que fazem, em alguns casos de má applicação, sobrevir a inflammação e prevalecer a doença. Nos casos de inflammações externas costumam sacrificar a parte inflammada com a ponta de uma *coiti* ou de uma navalha; depois applicam uma especie de ventosa de cobre, que tem um tubo, por meio do qual chupam o sangue com a bocca.

Os agentes vegetaes susceptiveis de produzir a rumefacção são mui numerosos em Satary; empregam-n'os principalmente sobre a epiderme. Se são liquidos, fazem fricções mais ou menos prolongadas;

se são solidos, applicam-n'os sob a fórma de cataplasmas ou de linimentos.

Tambem se encontram muitas plantas que são empregadas com vantagem, como *alternantes* ou *desobstruentes*, para diminuir a actividade da nutrição no estado de saude, e dissipar mais ou menos rapidamente certos enfartes indolentes externos e internos por meio da sua applicação local ou da sua administração interior no estado morbido do organismo.

Os gentios costumam tomar o pulso applicando por differentes vezes os dedos sobre as arterias dos braços; depois de terem por alguns momentos compulsado as arterias, olham attentamente para a physionomia do doente, persuadidos de que o movimento dos olhos, junto com os da arteria, é um meio seguro para fazerem o diagnostico da doença.

Para curarem a colica teem um remedio que, segundo elles dizem, nunca deixa de ser efficaz. Consiste em um annel de ferro de uma pollegada e meia de diametro e de proporcional grossura; depois de escandecido, collocam o doente na posição horizontal e applicam-lh'o em braza sobre a região umbilical. Este *cauterio actual* produz uma subita revulsão no abdomen e as dôres de colica em pouco tempo se dissipam.

O principio da revulsão é fundado sobre o aphorismo de Hippocrates: *Que as duas dôres não podem coexistir na economia animal, e que a mais forte sempre extingue a mais fraca.*

Para combaterem as febres applicam os refrigerantes em grande quantidade; e para as febres palustres empregam com successo no intervallo da febre as plantas amargas, em que abunda o paiz, e com especialidade o cozimento da raiz e das folhas das plantas pelos indigenas denominadas *niumbo* e *cuddó*, que produzem o effeito da quina. Pretendem que é a mesma raiz, e que empregada quando fresca tem mais virtude do que a quina, que, vinda da America, perde, ao atravessar os mares, uma parte da sua força.

Nas febres intermittentes simples tambem costumam empregar o polme da casca da *niumbo*, roçada e com vinho fenim, na dose de uma onça a onça e meia. Esta e outras muito interessantes receitas da medicina popular da nossa India encontram-se já publicadas.

. . . .

. . . .

De tempos a tempos os gentios costumam untar o corpo, e sobretudo a cabeça, com oleo de côco; esta operação é considerada refrigerante e util á saude, tendo por effeito embaraçar os excessos da transpiração.

Tanto no estado de saude como no morboso fazem grande uso das fricções seccas.

Quando um rico gentio pretende repousar faz-se friccionar ou *maçar* brandamente com a mão secca por um dos seus domesticos, que desempenham este mister muito dedicadamente e com destreza.

Este uso é tambem adoptado não só pelos nativos christãos, mas pela maioria dos portuguezes nascidos na India.

Tambem deitam oleo de côco nos ouvidos quando pretendem dormir. Dizem que o oleo nos ouvidos refresca a cabeça e concilia o somno, e que as fricções seccas são necessarias n'este clima, onde o sangue, por assim dizer, carece de continuamente ser posto em movimento.

Lopes Mendes. *Apontamentos sobre a Provincia de Satary.* [1]

---

[1] Na obra *A India Portugueza,* do mesmo auctor, encontra-se este mesmo capitulo, embora com alguma variante.

João Cardoso, Junior.

Plantas medicinaes da India

(1893)

Adropogon muricatus, *Retz.*
Allamanda cathartica, *L.*
Acalypha, indica, *Hort.*
Acorus calamus, *L.*
Areca oleracea, *L.*
Aconitum palmatum, *Don.*
» ferox, *Wall.*
Adansonia digitata, *L.*
Anacardium occidentale, *L.*
Aloë vulgaris, *L.*
Alpinia major, *W.*
» minor, *D. Dietr.*
Arum dracontium, *L.*
Andrographis paniculata, *Wall.*
Amomum cardamomum, *L.*
Averrhoa bilimbe, *L.*
Abutua indica, *Loureiro.*
Acacia catechu, *Willd.*
Averrhoa carambola, *L.*
Acacia Farnesiana, *Wiild.*
Abrus precatorius, *L.*
Amomum zinziber, *Lin.*
Azadirachta indica, *Jussieu.*
Bassia longifolia, *L.*
Bassia latifolia, *Roxb.*
Butea frondosa, *Roxb.*
Bixa orellana, *L.*
Bryonia rostrata, *Rottl.*
» grandis, *L.*
Borassus flabelliformis, *L.*
Bauhinia purpurea, *L.*
» acuminata, *L.*
Calatropis procera, *R. Br.*
Crescentia cujute, *L.*
Cupania glabra, *Swartz.*
Crataeva marmellos, *L.*
Coix lacryma, *L.*

Cannabis indica, *L.*
Citrullus colocynthis, *L.*
Chavica betle, *Miq.*
Calophyllum inophyllum, *L.*
Cassia fistula, *L.*
Chavica Roxburghii.
Cuminum cyminum, *L.*
Curcuma longa, *L.*
Casuarina equisetifolia, *L.*
Cleome pentaphylla, *L.*
Crinum latifolium, *Roxb.*
Caesalpinia Sappan, *L.*
Cucumis sativus, *L.*
Coleus Amboinicus, *Loureiro.*
Crocus sativus; *Allioni.*
Chichorium Endivia, *L.*
Caryophyllus aromaticus, *L.*
Croton tiglium, *L.*
Cucumis citrullus, *L.*
Convolvulus Turpethum, *L.*
Cajanus indicus, *Spr.*
Diopterocarpus laevis, *Gœrt.*
» turbinatus, *Roxb.*
Datura metel, *L.*
Derris elliptica, *DC.*
Erythrina indica, *Lamarch.*
Euphorbia pilulifera, *L.*
» microphylla, *L.*
» heptagona, *L.*
» cereiformis, *L.*
» mamillaris, *L.*
» neriifolia, *L.*
Embellia Ribes, *Burm.*
Eugenia Pimenta, *Cand.*
Foeniculum officinale, *All.*
Flacourtia cataphracta, *Roxb.*
Gossypium herbaceum, *L.*
Gynocardia odorata, *Roxb.*
Guilandina bonduc, *L.*
Garcinia mangostana, *L.*
Gentiana Chirayta, *Roxb.*
Hura crepitans, *L.*
Hydragea arborescens, *L.*
Haematoxylon campechianum, *L.*
Hyosciamus niger, *L.*
Hibiscus esculentus, *L.*
» abelmoschus, *L.*
Heliotropium indicum, *L.*

Hydroctyle asiatica, *L.*
Hymenea Courbaril, *L.*
Halviva angustifolia, *Bosq.*
Holarrhena antidyssenterica, *Woll.*
Laurus cinnamomum, *L.*
Lawsonia alba, *Lam.*
Monodora myristica, *Dun.*
Moringa pterygosperma, *Gaertn.*
Maranta indica, *L.*
Morinda Rojoc, *Loureiro.*
Musa paradisiaca, *L.*
» sapientum, *L.*
Maranta indica, *Rosc.*
Melanleuca Cajuputi, *Roxb.*
Mangifera indica, *L.*
Momordica balsamica, *L.*
Myristica moschata, *Thunb.*
Nigella sativa, *L.*
Nauclea Gambir, *Hunt.*
Nerium oleander, *L.*
» antidysentericum, *L.*
Nephelium Lichi, *G. Don.*
Nymphea lotus, *L.*
Ophioglossum reticulatum.
Ophelia Chirata, *Grisebach.*
Piper nigrum, *L.*
Piscidia Erythrina, *L.*
Poinciana pulcherrima, *L.*
Pterocarpus marsupium, *Roxb.*
Ptychotis Ajowan, *DC.*
Piper Cubeba, *Linn.*
Phyllanthus urinaria, *L.*
Physalis flexuosa, *L.*
Plantago hispula, *Rz.* e *P.*
Piper longum, *L.*
Plumbago rosea, *L.*
Pongamia glabra, *Vent.*
Plumbago scandens, *L.*
» zeylanica, *L.*
Pœderia fœtida.
Pistia stratiotes, *L.*
Pedalium Murex, *L.*
Pogostemon paniculatum, *Benth.*
Rhizophora gymnorhiza, *L.*
Rhinacanthus communis, *Nees.*
Rottlera tinctoria, *Roxb.*
Swietenia febrifuga, *Roxb.*
Solanum Jacquini, *Willd.*

Stachytarpheta indica, *Vahl.*
Solanum trilobatum, *L.*
Strychnos nux vomica, *L.*
Sesamum indicum, *L.*
Sinapis sinensis, *Loureiro.*
Sapindus saponaria, *Loureiro.*
Sesamum orientale, *L.*
Strychnos potatorum, *L.*
Terminalia Catappa, *L.*
Triumphetta rotundifolia, *Lam.*
Todalia aculeata, *Pers.*
Tamarindus indica, *L.*
Tapiria wodier.
Thevetia neriifolia, *Suss.*

(1897

Acacia arabica, *Willd.*
» ferruginea, *DC.*
» leocophlea, *Willd.*
» suma, *Kurg.*
» sundra, *DC.*
Acanthus ilicifolius, *L.*
» lusitanicus, *Hort.*
» spinosus, *L.*
Adhatoda vasica, *Nees.*
Aegle Marmelos, *Correa.*
Albizia Lebbek, *Benth.*
» odoratissima, *Benth.*
» procera, *Benth.*
Andrographsis echioides, *Nees.*
» paniculata, *Nees.*
Asystotasia coromandeliana, *Nees.*
Barberia bispinosa, *Wahl.*
» buxifolia, *L.*
» cristata, *L.*
» longiflora, *B. Br.*
» noctiflora, *L.*
» Prionotis, *L.*
Bauhinia parviflora, *Roxb.*
Blepharis capensis, *Pers.*
» edulis, *Pers.*
» linariæfolia, *Pers.*
Bombax malabaricum, *DC.*
Boswelia serrata, *Roxb.*

Buchanania latifolia, *Roxb.*
Caesalpinia sepiaria, *Roxb.*
Capsicum conoides, *Roem et Schult.*
Cardanthera balsamica, *Benth.*
Cassia angustifolia, *Vahl.*
» Sophera, *L.*
Crossandra undulaefolia, *Salisb.*
Cystacanthus turgida, *Nichols.*
Daedalacanthus roseus, *T. And.*
Datura fastuosa, *L.*
Dianthera dichotoma, *C. B. Clarke.*
Dicliptera acuminata, *Juss.*
» baphica, *Nees.*
» bivalvis, *Juss.*
» multiflora, *Juss.*
Ecbolium Linneanum, *Kurz.*
Emilia sonchifolia, *DC.*
Eugenia jambolana, *Lamk.*
Feronia elephantum, *Correa.*
Ficus glomerata, *Roxb.*
Garuga pinnata, *Roxb.*
Graptophyllum hortense, *Nees.*
Haplantus indicum, *L.*
» tentaculus, *Nees.*
» verticillaris, *Nees.*
Hemigraphis alternata, *T. Anders.*
Hipoestes triflora, *R.* e *Sch.*
Hygrophila angustifolia, *R. Hook.*
» hispida, *Nees.*
» spinosa, *T. Anders.*
Ipomaea hederacea, *Jacq.*
Jacobina aurea, *Hiern.*
» Mohintli, *Benth.*
» sericea, *Nees.*
Justicia Betonica, *Wahl.*
» biflora, *Wahl.*
» comata, *Siv.*
» diffusa, *Willd.*
» Gerdarussa, *Burm.*
» inficens, *Wahl.*
» procubens, *L.*
» tinctoria, *Lour.*
» tranquebariensis, *L.*
» tunicata, *Afz.*
Melia azadirachta, *Br.*
Mimosa dulcis, *Roxb.*
Mucuma pruriens, *DC.*
Nelsonia campestris, *R. Br.*

Neuracanthus sphaerostrachys, *Dalz.*
Odina Wodier, *Roxb.*
Ougenia Dalbergioides, *Benth.*
Peristrophe bicalyculata, *Nees.*
» speciosa, *Nees.*
» tinctoria, *Nees.*
Physalis minima, *L.*
Prosopis spicigera, *L.*
Rueblia coccinea, *Wahl.*
» nubica, *Delile.*
» patula, *Jacq.*
» repanda, *L.*
» strepens, *L.*
» tuberosa, *L.*
Rungia repens, *Nees.*
Simaruba amara, *Aubl.*
Spondias mangifera, *Willd.*
Sterculia urens, *Roxb.*
Strobilanthes alatus, *Blume.*
» anisophyllus, *T. Anders.*
» callosus, *Nees.*
» flaccidifolius, *Nees.*
» glomeratus, *T. Anders.*
Strychnos Gaulthieriana, *Pierre.*
Syzgium Jambolanum, *DC.*
Terminalia belerica, *Roxb.*
» tomentosa, *Roxb.*
Thunbergia fragrans, *Roxb.*
Thylophora asthmatica, *Wight et Arn.*

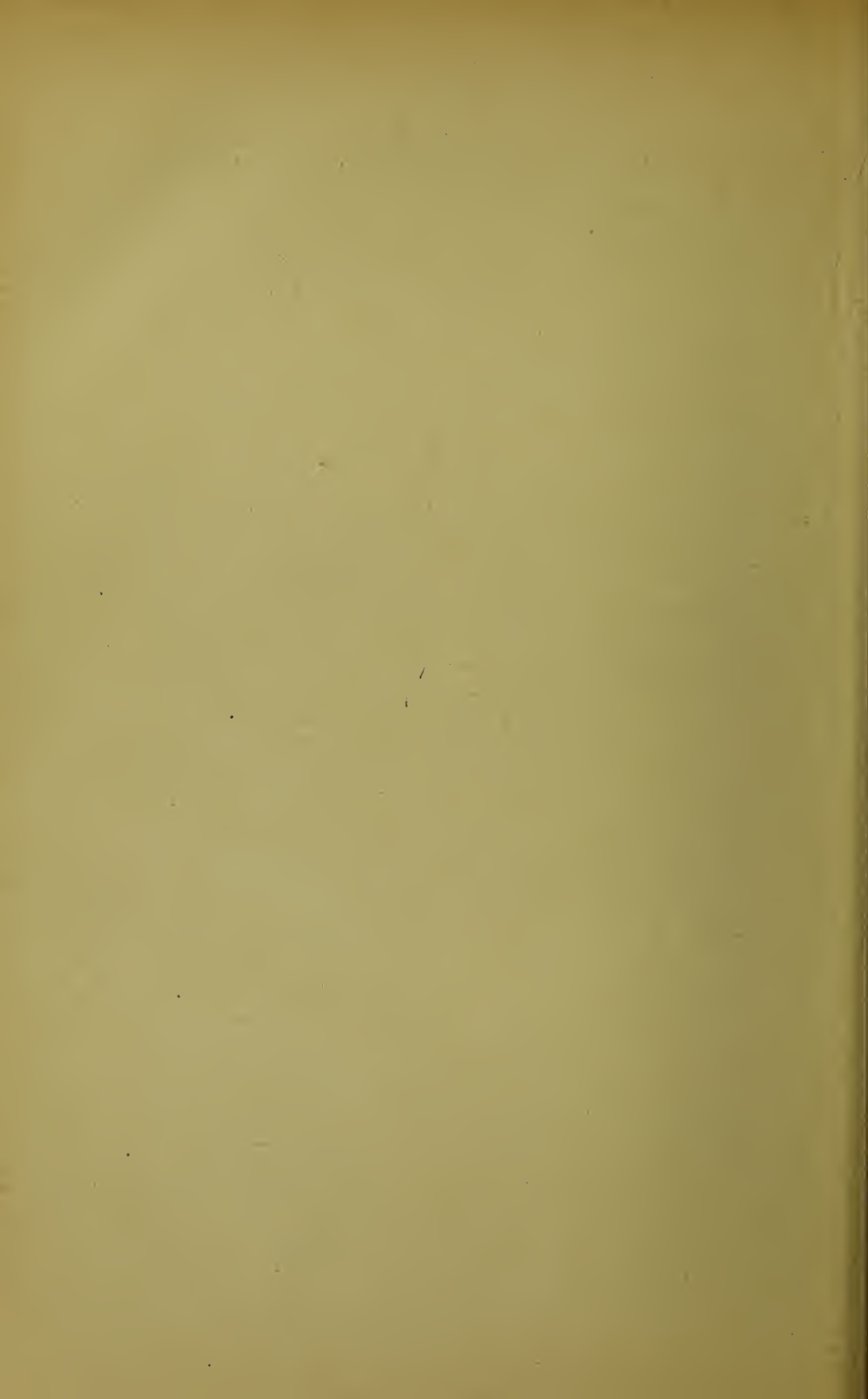
(1898)

Acacia concinna, *DC.*
Achyranthes aspera, *L.*
Aconitus heterophyllus, *Wallich.*
Agave americana, *L.*
Allium sativum, *L.*
Asclepias asthmatica, *L.*
» curassavica, *L.*
» gigantea, *L.*
Andropogon citratus, *Hort.*
Bambusa arundinacea, *Retz.*
Berberis Lycium, *Royle.*
Bergera Koenigii, *L.*
Boerhaavia decumbens, *Wahl.*

Bucea quassoides, *Hamilton.*
Carica papaya, *L.*
Cathartocarpus Fistula, *Pers.*
Cedrela Toona, *L.*
Cicca disticha, *L.*
Citrus aurantium, *L.*
Cycas circinnalis, *L.*
Cocus nucifera, *L.*
Coptis Teeta, *Watt.*
Entada bicolor.
» pendunculatum, *L.*
» Pursaetha, *DC.*
» tetragonum, *Roxb.*
Euphorbia antiguorum, *L.*
Ficus repens, *Willd.*
Garcinia pictoria, *Roxb.*
Gendarusa vulgaris, *Nees.*
Gentiana hyssopifolia, *L.*
Geophila reniformis, *Chmss.*
Hemidesmus indicus, *R. Br.*
Ipomaea Turpethum, *R. Br.*
Jatropha curcas, *L.*
Lepurandra saccidora, *Nuno.*
Luffa amara, *Roxb.*
Menispermum fenestratum, *Gaertner.*
Michaelia champaca, *L.*
Ophelia elegans, *Wight.*
Pedalium Murex, *L.*
Picorrhizia Kurroa, *Royle.*
Punica granatum, *L.*
Randia dumetarum, *Lam.*
Ricinus communis, *L.*
Sapindus emarginatus, *Vahl.*
Scilla indica, *Roxb.*
Secamone emetica, *Brown.*
Sinapis ramosa, *Roxb.*
Terminalia Chebula, *Willd.*
Thea chinensis, *L.*
Tinospora cordifolia *Miers.*
Viola canina, *L.*
» odorata, *L.*
» serpens, *Wall.*

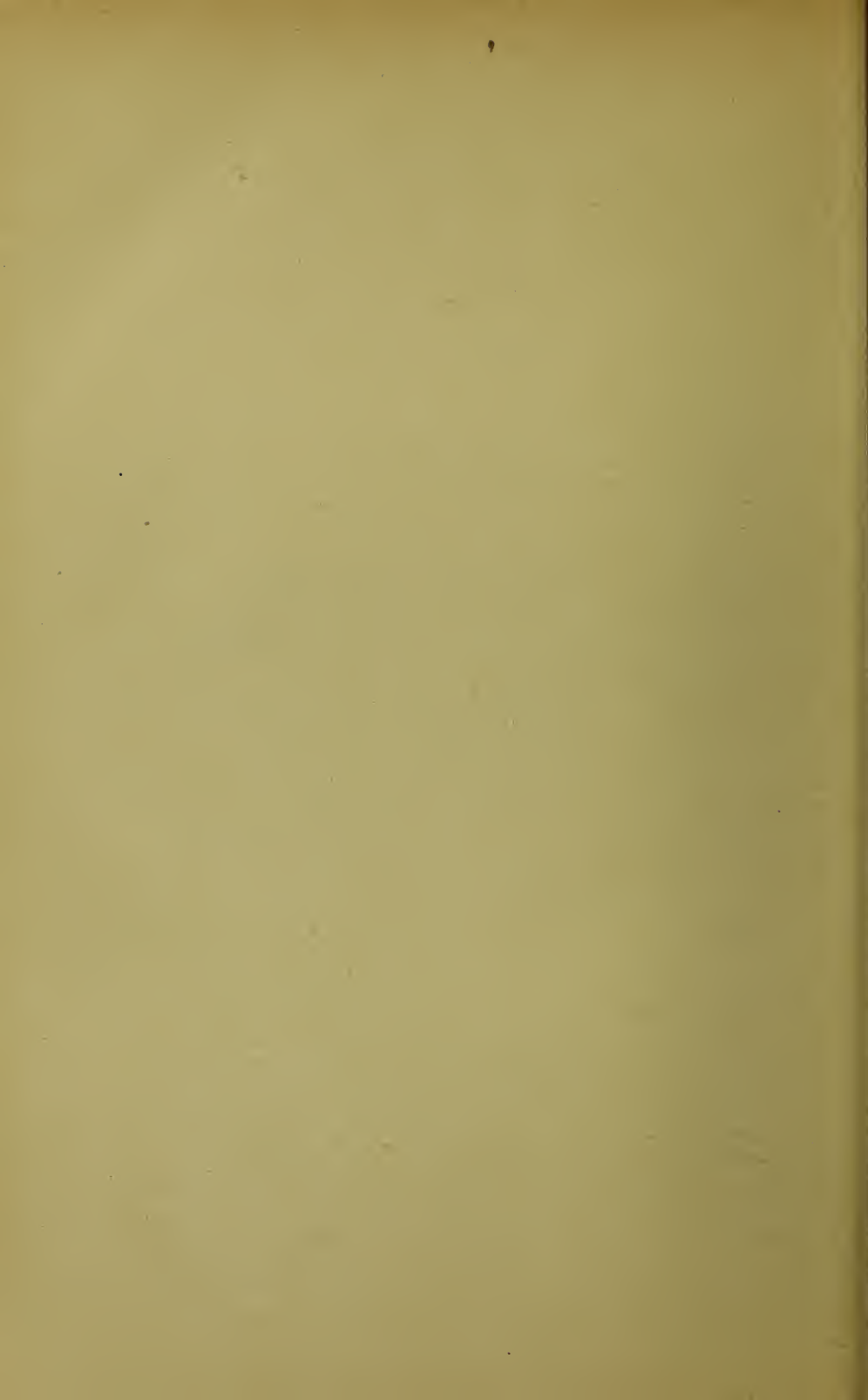
(1900)

Acalipha indica, *L.*
Agati grandiflora, *Desv.*
Alangium hexapetalum, *Lam.*
Alhagi maurorum, *DC.*
Anisomeles malabarica, *L.*
Argemone mexicana, *L.*
Aristolochia bracteata, *Retz.*
Balanites aegyptiaca, *Del.*
Basella rubra, *L.*
Boerharia diffusa, *L.*
Bryonia scabra, *Thunb.*
Cardiospermum halicacabum, *L.*
Carthamus tinctorius, *L.*
Cassia alata, *L.*
» tora, *L.*
Cavallium urens, *Schott.*
Cerbera manghas, *Gaertn.*
Clitorea ternatea, *L.*
Convolvulus arvensis, *L.*
» brasiliensis, *L.*
» malabaricus, *L.*
» nil, *L.*
» paniculatus, *L.*
Dais octandra, *L.*
Ficus carica, *L.*
Gardenia Campanulata, *Roxb.*
Herpestris Monnieria, *H. B.*
Lagenaria sativum, *L.*
Mirabilis jalapa, *L.*
Morinda citrifolia, *L.*
Myrsine bifaria, *Wall.*
Pavetta indica, *L.*
Plumeria acutifolia, *Poir.*
Rheum Emodi, *Wall.*
Salvadora indica, *Royle.*
Tamarix gallica, *L.*
Terminalia citrina, *Roxb.*

João Cardoso, Junior.

VII

MACAU

Camões voltava pobre e fatigado e doente,
Vinha com elle o Jau, esse modesto escravo,
Seu amigo leal, valente como um bravo,
Um musculo de ferro e uma alma crystallina,
Que o acompanhara sempre em Africa e na China
Combatendo ao seu lado... Era um thesouro, o Jau!...
Quando na solidão da gruta de Macau
Camões lhe recitava os versos palpitantes
Ante a orchestra febril das ondas espumantes.
Que Deus rege do Azul, o escravo subjugado
Rojava-se-lhe aos pés em lagrimas banhado,
Humilde como um cão!...
                                        Na solitaria gruta
O genio dominava a natureza bruta!...

ANTONIO MACEDO DE PAPANÇA.

Macau

De qualquer das alturas de Macau se gosa um bello panorama, mas os viajantes, em geral, preferem vêr do mar esta formosa cidade. Dos navios ancorados no porto interior abraça-se uma perspectiva magnifica, começando na aldeia de Patane, sobre a qual se ergue a decantada gruta de Camões, e correndo ao longo do rio, aqui orlado de casas chinezes, acolá de edificios christãos, e todo semeado de embarcações de varios tamanhos e diversissimas fórmas, desde o ligeiro *gig* britannico até á pesada *sóma* chineza; vendo mais para o interior da povoação as torres da cathedral, o zimborio de S. José (collegio das missões, sem missionarios), boas casas e jardins, e lá no fundo do quadro as fortalezas do Monte e da Guia, campeando sobre seus elevados outeiros; o grandioso edificio da alfandega, de que já falámos, d'onde se continúa ainda com optimas habitações, em differentes planos, até á fortaleza de S. Thiago da Barra, antes de chegar á qual está um dos mais venerados pagodes d'estas partes. Olhae que magestade apresenta o todo d'esse templo chinez, desfeado apenas por algumas carantonhas, barbaramente pintadas nas suas portas; vêde como sobem essas ruas, costeando a montanha, por entre uma vegetação prodigiosa, conduzindo o viajante a varias capellinhas; na progressão da subida um posto no gosto do Senhor Jesus da Serra, em Braga, e mesmo em Bellas; lá está sobranceira a tudo isto a ermida de Nossa Senhora da Penha de França, já meio derrocada, e, sobre a fortaleza da barra, o seu pessimamente collocado paiol da polvora. É encantador este quadro, mas todos lhe preferem, e eu com as massas, n'este ponto, o painel que apresenta Macau, visto do Oceano, quando demandamos o seu porto. Logo para fóra da barra se encontra outro forte (pouco forte), que tem a invocação de Nossa Senhora do Bom Parto (do Bom Porto teimam em chamar-lhe quasi todos os *touristas* d'estes sitios); fórma elle um angulo agudo, por um lado com a margem do rio, e por outro com a Praia Grande, que se encurva por uma grande extensão até aos escolhos que servem de antemuro á fortaleza de S. Francisco.

A Praia Grande, brilhante agglomerado de palacetes com columnas ao gosto asiatico-bretão, é defendida, em parte, contra o Oceano, por muralhas de pedra; tem soffriveis caes, e proximo á residencia dos governadores a caricatura de um fortim á beira-mar, que incom-

moda os passeantes e não tem utilidade alguma. Por detraz d'esse enorme renque de columnas, sobre as quaes assentam arejadas varandas, encobertas por ciosas gelosias, vêem-se os quintaes do Bom Parto, a encosta da Penha, e outros risonhos jardins; lá muito longe as montanhas do celestial imperio. Seguindo para o oriente torna-se a vêr a egreja das Missões, a Sé e o frontispicio magestoso do convento de S. Paulo, unica parte que resta da incendiada fabrica; para dentro d'essas cancellas está o campo da egualdade, o cemiterio christão. Depois lá seguem os fortes de D. Maria II, do Monte e da Guia (onde nunca estiveram os paços episcopaes, erro que já li em mais de um viajante), e descendo sobre o mar encontra-se a fortaleza de S. Francisco, fechando esta perspectiva, como dissemos, onde está aquartelada a força de linha. Seguindo então com a vista pela praia na direcção opposta, isto é, do oriente para o occidente, temos a notar as egrejas de S. Francisco e de Santa Clara (convento de freiras), e junto á casa da legação franceza a entrada da principal rua de Macau, que conduz á porta do campo, uma das que fecham a cidade; continuando, porém, a examinar a beira-mar, deixando os assentos de pedra que hoje estão assombrados por novas arvores, começa a longa fileira das habitações elegantes, apenas cortada, aqui e alli, pela entrada de uma estreita deveza. Negociantes portuguezes e estrangeiros occupam quasi todas essas casas, com excepção das duas peores e mais abarracadas, que são as residencias do governador e do juiz de direito.

O mais poetico sitio da cidade, unico objecto que o estrangeiro é obrigado, por assim dizer, a visitar em Macau, logar delicioso, não só na China, mas em qualquer parte do mundo onde estivesse collocado, é a gruta de Camões. Para chegar a este Eden, que campeia junto a uma das portas da cidade, atravessam-se algumas das melhores ruas da povoação; vêem-se casas de bella apparencia, imitando as que já observámos na Praia Grande; egrejas asseadas, porém despidas de ornatos architectonicos, e poucas lojas de insignificante valor. O que entretem mais o viajante, n'este transito, é a diversidade de raças humanas que encontra e o seu variadissimo trajo. O europeu, geralmente falando, não se veste alli como em uma cidade de oeste; usa jaqueta branca ou *saut-au-barque* de phantasia, chapéo de cortiça forrado de seda, uma fita por lenço do pescoço, sapatos em vez de botins. Na extravagancia do trajo avantajam-se sempre os inglezes, como era de suppôr. Além d'estes, encontra-se o malaio cobreado, o siamez pequeno e pardo, o japonez mais pequeno ainda, o chim de varias côres, mas d'aquelle eterno typo que nenhum leitor desconhece; os nativos de Macau, mescla de europeu, chim e malaio, que ou são padres ou calafates, marinheiros poucos, e o resto vadios; nhonhas de saraça, chinas de pé quebrado, quasi pé de cabra, mal podendo suster-se sobre elles, e algumas senhoras européas, americanas ou nativas, que trajam pelo figurino de Paris do anno anterior.

Estamos chegados ao campo de Santo Antonio; além está a porta da cidade, o cemiterio inglez, o theatro em ruinas, e, finalmente, o

portico de uma bella quinta; a entrada é livre, passemos; é aqui dentro que está a gruta onde a tradição diz que o nosso immortal poeta compoz uma grande parte dos *Lusiadas*. Esta quinta é muito semelhante á de Penha Verde, em Cintra.

Lindas ruas de copado arvoredo, serpenteando em volta de uma montanha e ladeadas por enormes massas de granito, de entre as fendas das quaes surgem bellas arvores, não só das especies chinezas, mas de Java, das Filippinas, da India e da peninsula malaia, tal é o caminho que conduz o viajante ao pincaro de um monte, sobranceiro á povoação chineza de Patane e ao rio, onde está a procurada gruta de Camões.

Eil-a; dois rochedos quasi perpendiculares, e proximos um do outro, sustentam um terceiro que serve de tecto á gruta. As entradas d'este recinto, que deveria ser sagrado, a acreditar-se que o grande cantor ahi pousou alguma vez (do que não ha memoria escripta), estão fechadas por gradarias de pau e as suas paredes caiadas! Lá dentro vê-se o busto de Camões, de côr bronzeada, e tirado em greda por artistas chinezes; está assente sobre um tosco pedestal, onde se lê o nome do poeta e as datas provaveis do seu nascimento e morte, bem como seis oitavas dos *Lusiadas*. Da parte do occidente tem um portico coroado por varios emblemas, taes como a lyra, o escudo, o capacete, a nau antiga, a trombeta da fama, a avena, a corôa de poeta, etc., e em volta do arco os seguintes caracteres chins collocados por esta fórma:

奇詩大典立碑傳世

士　善　首

才德超人因妒被難

As tres lettras do meio dizem: *O sabio por excellencia;* nas columnas dos lados traduz-se: *As qualidades do espirito e do coração o elevaram acima da maior parte dos homens. Os litteratos sabios o honraram e veneraram, mas a inveja o reduziu á miseria. Seus sublimes versos estão espalhados por todo o mundo. Este monumento foi erigido para perpetuar a sua memoria.*

F. M. Bordallo (official de marinha).

Os primeiros objectos que successivamente se offerecem á curiosidade do navegante, quando demanda o porto de Macau, são uma

bateria portugueza (que, sobranceira aos rochedos e ao mar, domina toda a cidade), e o convento da Guia, notavel por suas altas muralhas e copadas arvores, as unicas d'estes sitios. Por cima da Guia, no cume da rocha, eleva-se outro mosteiro; e pela encosta da collina vem descendo as casas de Macau, á maneira de degraus, até ao mar, que lambe os alicerces das derradeiras. Occupa a nossa colonia um retalho de solo ingrato, e tão limitado que no espaço de duas horas pode ser visto, situado na ponta oriental da ilha de Negao-Men, a qual tem dez leguas de comprimento, e é a maior do archipelago, em cujo golfo desagúa o Tigre, rio de Cantão.

Quando o imperador chim Khang-Hí, no meado do seculo XVI, querendo remunerar os serviços prestados pelos nossos compatriotas contra os piratas que infestavam estes mares, lhes deixou pôr pé n'aquella pequena parte dos seus estados, combinou as cousas de modo que d'esta concessão jámais resultasse proveito aos fundadores da colonia, nem perigo ao continente. Se lhes concedesse uma ilha inteira, por mais pequena e esteril que fosse, estabelecidas fortificações nos postos imminentes, e com o auxilio de uma pequena frota, assenhorear-se-iam das fauces do Tigre, constrangeriam os armadores de Cantão a pagar-lhes resgates e dariam leis a toda a costa meridional. Para isto não acontecer formaram os chins uma linha de demarcação em uma especie de isthmo muito estreito, e todo o portuguez que a ultrapassava, depois de maltratado pela povoação chim, era levado á presença dos mandarins, e se não podia remir-se, a peso de ouro, soffria o supplicio da canga ou ia parar a um carcere. Os chins, pelo contrario, entravam livremente pelo nosso territorio.

Apesar de todos estes obstaculos, Macau, fundada em uma epocha em que Portugal tinha um formidavel poderio, em breve se fez florescente e rica. Cobrem-se os escalvados rochedos de opulentas casas; edificam-se nas alturas conventos guarnecidos de ameias e um paço episcopal recheado de artilheria; e sobre as areias da praia, havia pouco deserta, já se divisam um caes e amplos armazens.

Dois seculos durou este estado prospero que diversas causas destruiram: a primeira foi o franquear-se a entrada dos portos da China aos navios hollandezes e chinezes, alternadamente dominadores dos mares da India. Assim que elles foram admittidos em Cantão, e lhes foi permittido ancorarem no porto da Typa e na enseada de Wampoa, perdeu o nosso estabelecimento quasi toda a sua importancia como emporio e como posição maritima.

Foi a segunda causa da decadencia, forçoso é confessal-o, o terem os senhores da colonia, tão fortes quando Vasco da Gama e Albuquerque os capitaneava, contrahido, em tempos de paz e de prosperidade, habitos de indolencia e de fraqueza. Vendo nos chins homens laboriosos e intelligentes, concederam-lhes plena confiança e entregaram-lhes a direcção de quasi todos os negocios. Como se divulgasse este bom agasalho, veiu acolher-se ao estabelecimento europeu a ralé mais viciosa e falta de probidade de toda a China, e os novos colonos absorveram pouco a pouco o nucleo portuguez, já adulterado pelo perpetuo cruzamento das raças.

Esta população turbulenta, assim introduzida em Macau, foi docil e util emquanto a guarnição europêa a conteve nos limites da obediencia; porém, assim que perdemos a nossa preponderancia na India, e não pudemos enviar para a colonia senão cypaes commandados por officiaes mestiços, aquella gente, mais numerosa, mais activa e mais intrepida do que a que se lhe devia oppôr, revoltando-se por differentes vezes, chegou a introduzir-se na cidade e a apoderar-se das fortalezas. Então os senhores de Macau conheceram o seu erro; o menor pretexto bastava para os chins se amotinarem, revolverem a feitoria, roubarem as casas dos ricos europeus. Isto os obrigou a invocarem a justiça indigena contra aquelles importunos hospedes; porém os mandarins que foram chamados a Macau de taes ardis teem usado desde então que o governador da colonia é um agente passivo das suas vontades. Uma ordem d'este funccionario asiatico pode de um dia para o outro fechar a barra.

Toda a mercadoria que se embarca lhe paga um direito, e sem permissão sua não se assenta uma só pedra nas paredes de um edificio novo. Nem sempre o mandarim emprega a influencia directa para levar a effeito seus propositos; as mais das vezes serve-se de meios indirectos. Se quer, por exemplo, fechar o porto, transmitte as suas ordens, não aos portuguezes ou aos seus chefes, mas aos chins, que estão auctorisados para punir, e prohibe a todos os pilotos que vão buscar as embarcações ao alto mar. Se quer lançar uma contribuição sobre os predios que se estão edificando, ordena aos obreiros que exijam a taxa com o augmento de salario; e se acaso os nossos quizessem oppôr a força á malicia, o mandarim interceptaria a passagem dos mantimentos para Macau e instigaria contra os europeus a plebe, promettendo-lhe a impunidade.

Quatro fortalezas defendem Macau. N'uma d'ellas, que tem uma cisterna, quatro fontes de agua nativa, casamatas e quarteis para 1:000 homens, existiam ainda em 1839, epocha a que se refere esta descripção, quarenta peças de artilheria. A outra, mais pequena, é provida de trinta peças; tem tambem uma fonte inexhaurivel, porém não pode accommodar senão 300 soldados. Estas duas fortificações, collocadas nas maiores alturas da ilha, dominam todo o territorio, e apesar d'isso não podem resistir á má vontade e á astucia dos mandarins, porque se hoje trovejasse a artilheria começariam ámanhã os macaistas a sentir os rigores da fome.

Com ser tão acanhado o territorio da colonia, não deixa de conter, além da cathedral e do acastellado convento da Guia, residencia do bispo e dos doze conegos seus vigarios, umas dez egrejas ou conventos de religiosos de ambos os sexos, assim como tres hospitaes civis ou militares.

Ao descer da cidade alta para as praias avistam-se de tempos a tempos, nos sitios mais ermos, as latadas de flôres e os alvejantes tumulos dos cemiterios chins.

As ruas de Macau, proximas ao mar, são estreitas, tortuosas e sujas, porém não tão immundas como eram antes de os chins intro-

duzirem na cidade certo espirito de ordem e asseio, que sempre os acompanha.

As casas, feitas de pedra e caiadas por fóra, teem uma apparencia de regularidade e de riqueza. Os armazens, os depositos das alfandegas e os mercados são cobertos e lavados de ares; porém o que principalmente enleva os olhos é a estudada disposição das fazendas que os chins expõem á venda, de modo o mais proprio para realçar o seu valor e para despertar nos viajantes os desejos de compral-as, os quaes, se não usam das mais minuciosas precauções, quando pensam ter feito excellentes compras, acham o seu dinheiro convertido em cousas de nenhuma valia, pois ninguem leva a palma aos chins na arte de tirar dinheiro aos estrangeiros por meios fraudulentos.

O mais notavel objecto de Macau, pela natureza das recordações que excita, é a gruta de um rochedo em cujo cimo tinha o residente inglez feito construir um pavilhão, ou mirante, d'onde se descobre a enseada e parte do porto de Typa, povoado de bateis toldados de palha entrançada, de barcas que conduzem sal para Cantão, e dos juncos de guerra, em cujos mastros, curtos e grossos, tremulam bandeirolas de vinte côres diversas, dispostas em duas fileiras, em torno do junco almirante, distincto pelo pavilhão amarello, ornado de dois bastões de mandarim.

No concavo d'este rochedo, que fórma como que uma arcada de paredes quasi a pino, inflammando no mais puro amor da patria, compoz o nosso insigne Luiz de Camões parte do immortal poema dos *Lusiadas,* unico thesouro salvo por elle do furor das ondas, e o mais perduravel monumento dos heroicos feitos dos seus compatriotas. Para aqui se retirava o amante infeliz, o guerreiro intrepido e desvalido, o poeta philosopho e esquecido, o viajante observador e naufrago, o homem, finalmente, cuja gloria só podia ser egualada pelas suas desventuras; que não movido de premio vil, mas prevendo de muito longe que a sua lyra seria mais afamada que ditosa, ergueu, até ás estrellas, o pregão do ninho seu paterno, e confiando sómente na justiça da posteridade expirou com a patria ao annunciarem-lhe o fatal exito da batalha de Alcacer-Kibir. Ahi, porventura saudades da sua Nathercia, vieram provocar as lagrimas do homem affeito a contemplar impassivel o espectaculo das pelejas e a supportar resignado o peso do infortunio. Ainda hoje, quando o forasteiro examina o interior do rochedo, todos os objectos que divisa lhe infundem tão religioso respeito como se a alma do grande poeta jámais se houvesse apartado da capa, confidente dos seus intimos pensamentos.

Compunha-se o governo portuguez de Macau de um governador, nomeado para exercer este cargo por tres annos, o qual tomava o titulo pomposo de capitão general e commandava uma guarnição de 400 homens; e do desembargador, ou juiz civil, que exercia cumulativamente as funcções de chefe da alfandega e administrava os bens vagos e os fundos legados aos estabelecimentos pios. Depois d'este logar, muito cubiçoso e rendoso, seguia-se o bispo, director do clero e das missões. Além d'estas auctoridades, uma especie de camara mu-

nicipal, composta de sete vereadores, escolhidos de entre os mais ricos negociantes da colonia, com o titulo vanglorioso de — *augusto senado de Macau* — regulava os poucos negocios concernentes á cidade.

Toda a guarnição de Macau consiste em 200 cypaes e egual numero de milicianos, empregados em patrulhar de noite; os soldados andam armados de pau e só aos officiaes é permittido trazerem espadas, de que não podem fazer uso contra um chim. Quando qualquer individuo d'esta nação é preso, mesmo em flagrante delicto, deve ser tratado com certo melindre, e ai do soldado que voluntaria ou involuntariamente matasse algum, porque seria reclamado pelo mandarim e por sua ordem enforcado na praça, á vista da guarnição formada; mas, se o chim fosse o homicida, uma multa paga ao mandarim o absolveria provavelmente de toda a culpa e pena.

Por occasião de taes execuções recebem os magnates chins as salvas das fortalezas ao entrarem na praça e quando d'ella se retiram.

Macau, portugueza no nome, é quasi inteiramente habitada pelos subditos do imperador da China.

D'estes, 25:000 moram na cidade e 5:000 nos campos ou *locas;* e como a população total se julga ser de 34:000 almas, segue-se que andará por 4:000 o numero dos portuguezes, se é que este nome se pode dar a uma raça mixta, composta de sangue europeu, indio, chim e até cafre, reputada na China inferior aos chins e na India aos indios, ainda tão soberba como nos dias prosperos, pois crê aviltar-se exercendo certos misteres que exigem trabalho manual, ao mesmo tempo que não se peja de estender a mão para receber esmolas.

Todavia estes entes, tão degenerados quanto ás qualidades moraes, teem conservado melhor as physicas, porquanto são robustos, airosos e de elevada estatura. Mais ou menos morenos, todos teem, em geral, feições regulares e olhos negros e expressivos.

Outro tanto não pode dizer-se das mestiças de Macau, ás quaes a tez amarella, os narizes chatos, as enormes boccas annuviadas pelo uso dos cachimbos, os olhos sem brilho, os cabellos encrespados e o mau feitio das testas desfeiam muitissimo. Apesar d'estes defeitos, quando ellas transitam pelas ruas, com metade do rosto occulto nas mantilhas transparentes, arrastando as chinelinhas de marroquim salpicado de diversas côres, e com os roupões apertados com uma tanga, graças a este typo desusado, não deixam de agradar aos recemchegados.

A maior parte d'estas mulheres, e as mais bonitas, são as que provém da união dos chins e dos europeus. Dão-lhes o nome de *chinas-portuguezas,* e teem fama de peritas na arte de preparar o opio e de ministral-o aos fumantes.

Era o opio, n'outro tempo, o mais lucrativo ramo de negocio de Macau, de onde passava por contrabando para Cantão; mas hoje, que as auctoridades chins teem tomado precauções contra a sua introducção no territorio do imperio, reduzem-se os recursos de Macau a um pequeno commercio de cabotagem com Tourame, Saigong, Singapura e as Filippinas.

Finalmente, como povo neutro entre os portuguezes e os chins, existe um pequeno nucleo de negociantes europeus, insignificantes em numero, mas influentes por sua posição e em attenção ás nações a que pertencem. A China não ignora que não offenderia impunemente os inglezes, americanos, francezes e hollandezes; e, se os não ama, respeita-os, ao menos. O forte do seu commercio é em Cantão; porém, como o governo d'esta cidade os não consente alli depois da compra do chá, estabelecem-se ordinariamente com as suas familias em Macau, onde teem feito edificar elegantes habitações.

. . . . . .

A provincia de Macau, situada no extremo sub-oriental do vasto imperio da China, faz parte da ilha de Hiang-Chan, pertencente á provincia de Cantão, na entrada do grande rio d'este nome. A superficie da peninsula é de 375 hectares.

A oeste de Macau fica a montanhosa ilha da Lapa, da qual é separada por um braço do rio de Cantão, com 600 ou 800 metros de largura. Entre as ilhas que ficam ao sul da peninsula notaremos a pequena ilha da Taipa, e as ilhas Macarira e Kai-Kong, alinhadas no rumo de OSO.

A peninsula é accidentada por alguns montes graniticos que se levantam sobre a costa de éste. O mais elevado é o da Guia, a NE. da cidade; tem 106 metros de altitude. A ilha da Taipa tem uma montanha de 102 metros de altura e a ilha de Kai-Kong eleva-se a 170 metros. *(G. Pery — Geogr. e Est. geral de Portugal e colonias.)*

Foi n'esta terra que o sr. J. Gomes da Silva, medico do ultramar, colheu plantas.

Dr. Julio Henriques. *Boletim da Sociedade Broteriana.* II. 1883.

O empirismo domina quasi absolutamente os medicos chinezes, e lá, como em toda a parte, exhibem-se charlatães que abusam dos credulos.

Nas classes pobres a escolha de um medico é um acontecimento tão importante que muitas vezes determina a convocação do conselho de familia, que discute, em presença do doente, se seria ou não preferivel, em casos desesperados, consagrar ás despezas de um enterro pomposo o que se tivesse de gastar com medico e remedios.

O estudo da materia medica reporta-se, segundo a tradição, á mais alta antiguidade. Foi, affirmam, o imperador *Chin-nong* (3:216 annos antes da nossa era) que fez conhecer as sementes mais apropriadas á alimentação do homem, as plantas toxicas e todas as medicinaes, datando d'elle (que é considerado o inventor da medicina) a principal obra de medicina chineza, isto é, o *Herbario Chinez,* que é dividido em 52 livros.

Data de 263 (annos da nossa era) o registo de todas as descobertas medicas, até então conhecidas, no curioso livro *Nuei-King,* mandado fazer pelo imperador *Houang-ty.*

Os chinezes admittiram em therapeutica, para base, o seguinte principio: *que tudo foi creado para servir ás necessidades do homem.*

É por isto, exactamente, que até o penis, os excrementos de numerosos animaes e os do proprio homem, aos quaes a superstição attribue propriedades curativas maravilhosas, são por elles prescriptas nas mais graves doenças.

Os insectos, os moluscos, os coraes, os crustaceos fosseis, etc., as folhas, as flôres e as raizes de certas especies, o enxofre, o ouropimenta, o chumbo, a calamina, o mercurio, o cinabrio nativo, os oxydos de ferro, os carbonatos e silicatos de cal, o salitre, o acetato de chumbo, o alumen, o chlorydrato de ammoniaco, etc. (é em pó que estas drogas são quasi sempre empregadas), eis os principaes simples da materia medica chineza.

Das plantas aproveitam, quando frescas, o succo; d'ellas extraem oleos fixos, resinas, gommas resinas, extractos. Com os simples preparam bolos, pilulas, pós compostos, unguentos, pomadas, conservas, electuarios, vinhos, tinturas, infusos e decoctos.

Preparam ainda extractos de animaes.

São muitas as formulas de que os chinezes fazem uso.

João Cardoso, Junior.

Plantas medicinaes da ilha de Macau

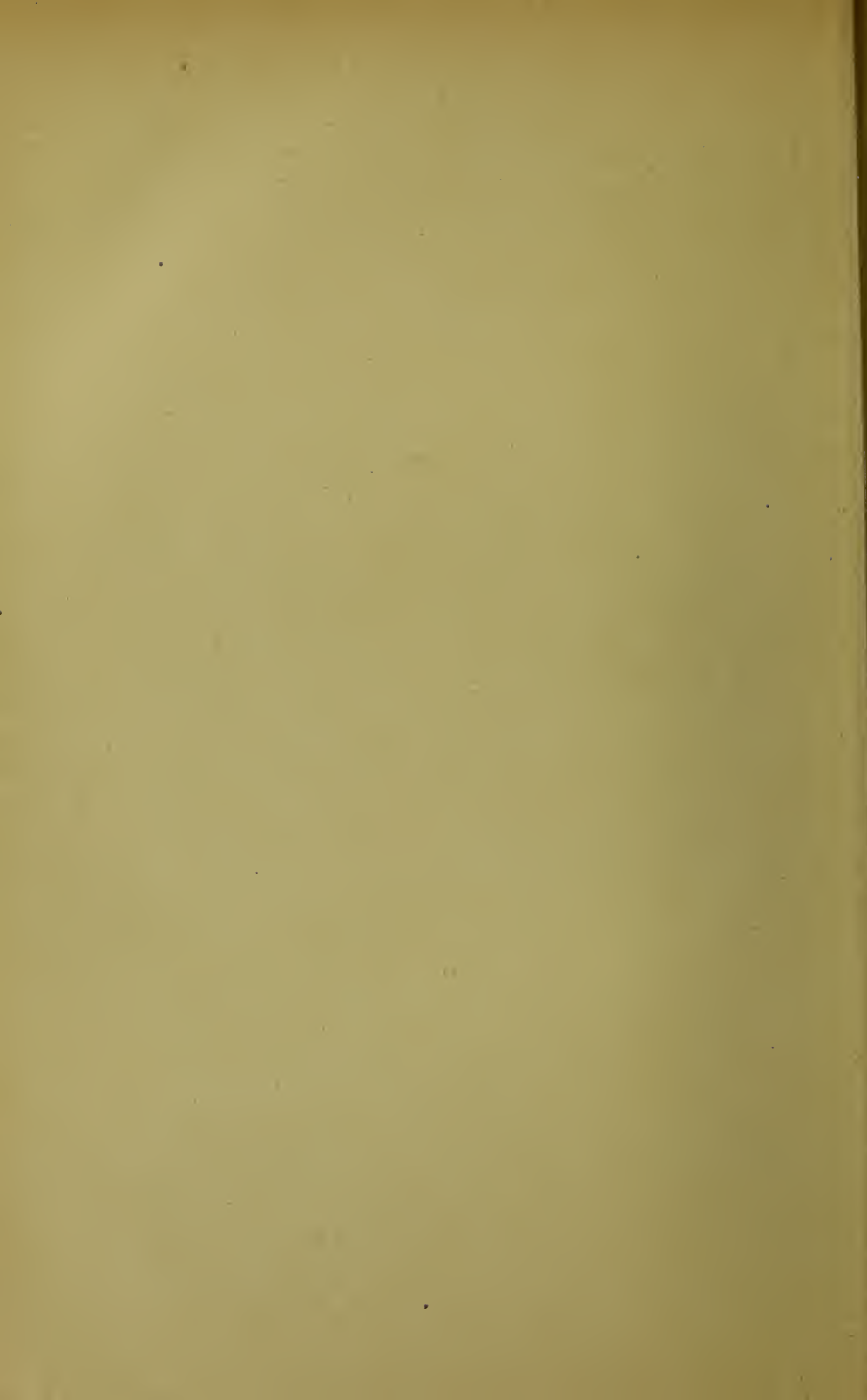
1883

Argemone mexicana, *L.*
Averrhoa carambola, *L.*
Acacia Farnesiana, *Willd.*
Asclepias curassavica, *L.*
Allamanda cathartica, *L.*
Baseola rubra, *L.*
Bidens pilosa, *L.*
Coix lacryma, *L.*
Cassia occidentalis, *L.*
Cedrella rosmarinus, *Loureiro.*
Celosia argentea, *L.*
Cyperus rotundus, *L.*
Drosera Loureiri, *Hook.*
Euphorbia pilulifera, *L.*
» thymifolia, *L.*
Glechoma hederacea, *L.*
Heliotropium indicum, *L.*
Jatropha curcas, *L.*
Mirabilis jalapa, *L.*
Morus alba, *L.*
Momordica charantia, *L.*
Mentha arvensis, *L.*
Melastoma macrocarpum, *Don.*
Nicotiana fructicosa, *L.*
Oxalis corniculata, *L.*
Papya vulgaris, *Lam.*
Psidium guyava, *L.*
Phyllantus urinaria, *L.*
» Niruri, *L.*
Plantago major, *L.*
Perilla arguta, *Benth.*
Rumex crispus, *L.*
Ricinus communis, *L.*
Rosa sinica, *Ait.*
Ranunculus sceleratus, *L.*
Sonchus oleraceus, *L.*
Solanum nigrum, *L.*

Stillingia sebifera, *A. Jussieu.*
Siegesbeckia orientalis, *L.*
Verbena officinalis.
Xanthium strumarium, *L.*

1900

Abutilon indicus, *L.*
Achyranthes aspera, *L.*
Amarantus spinosus, *L.*
Capsella bursa-pastoris, *DC.*
Capsicum annuum *L.*
Cardiospermum halicacabum, *L.*
Crinum asiaticum, *L.*
Datura alba, *Nees.*
Eclipta alba, *Haenk.*
Eleusine indica, *Gaertn.*
Hibiscus abelmoschus, *L.*
Ipomaea pes-caprae, *Sw.*
Jasminum officinale, *DC.*
Justicia gendarussa, *L.*
Lantana camara, *L.*
Paederia foetida, *L.*
Pistia stratiotes, *L.*
Scoparia dulcis, *L.*
Stephania hermandifolia, *Walp.*
Vernonia cinerea, *Less.*
Vinca rosea, *L.*
Waltheria indica, *L.*

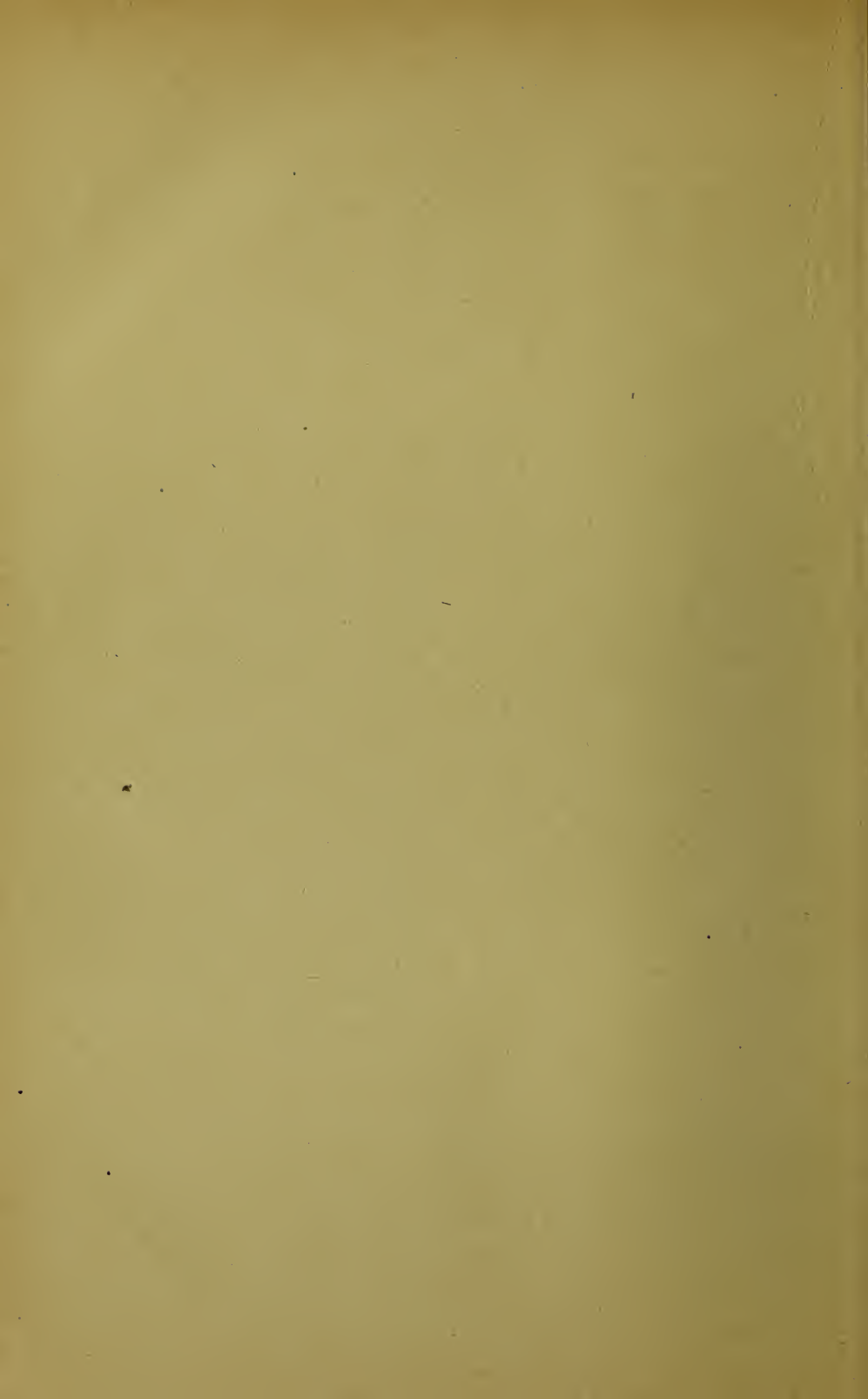
João Cardoso, Junior.

VIII

TIMOR

Olha cá pellos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Ve Tidore e Tarnate, co fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas;
As arvores verás do Cravo ardente,
Co sangue Portuguez inda compradas:
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca a terra e só mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltão
Da varia côr que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que ali saltão,
Da verde Noz tomando seu tributo;
Olha tambem Borneo, onde não faltão
Lagrimas no licor qualhado e enxuto
Das arvores, que Cânfora he chamado
Comque da Ilha o nome he celebrado.

Ali tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero e cheiroso;
Olha a Sunda, tão larga que hua banda
Esconde pera o Sul difficultoso:
Agente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle so sem outro vae
Converte em pedra o pão que nelle cae.

Camões. *Lusiadas,* Canto x, cxxxii, cxxxiii, cxxxiv.

Timor

Não é Timor tão insalubre como se pretende fazer crer e acreditar; o seu clima é variado e tem sitios tão salubres como Cintra ou Villa Nova de Estephania, assim como tem outros no littoral eguaes a Alcacer do Sal e Barca de Alva. O terreno é prodigo e fertil e de uma vegetação luxuriante, onde os mineraes mais preciosos apparecem á superficie, como que chamando a attenção d'esses exploradores que os procuram e desejam.

O territorio que pertence á corôa de Portugal n'esta ilha está dividido em estados (54), que se denominam reinos, estes subdivididos em tribus, que se denominam sucos; cada reino tem marcada a divisão das suas terras com as dos reinos circumvizinhos, e da mesma fórma tem cada suco demarcada a área que lhe pertence, e dentro d'esta ou d'aquelle nenhum extranho, á excepção do governo, pode fazer qualquer cultivação sem consentimento dos chefes.

Ha dois vulcões na ilha de Timor, no territorio que pertence á corôa de Portugal, um em Zibiluto e outro em Laculubar. Este tem cinco crateras grandes n'uma área dc 16 metros, pouco mais ou menos. Para o lado do sul e a pequena distancia estão cinco nascentes de petroleo. O vulcão de Zibiluto está situado n'uma planicie denominada Baisuto; rebentou em 1856, 1870 e 1879, e dista do mar mais de um kilometro.

População de Timor 1.840:000 almas.

....

Os timorenses que se dedicam á arte de curar são pelos indigenas denominados *dóócos* na lingua *tetu;* os seus remedios consistem em raizes, plantas, cascas de arvores e fructos d'estas, que trituram com os dentes, misturando betel e areca, e depois são applicados assim ao doente.

Antes da applicação do remedio ao doente fazem elles uma cerimonia a que chamam *urat.* Quando o *dóóco* é chamado toma o pulso ao doente, e quando a doença é grave diz logo que a causa da doença é falta de sangue e a alma ter abandonado o corpo e andar perdida, sendo portanto necessario chamal-a para entrar no seu logar, para o que diz ser preciso matar logo um porco para examinar as entranhas, o que se faz pouco depois.

Em seguida a isto espeta uma zagaia no chão e com um lenço e com uma espada faz certas momices, acompanhando-as de cantigas em torno d'ella, com o fim, segundo dizem, de chamar pela alma do inferno, o que a familia do doente acredita.

Se durante este tempo algum insecto pousa na zagaia é perseguido até ser apanhado, e depois é triturado de envolta com os outros remedios; em seguida dirige-se ao doente, esfregando-lhe com o remedio a testa, o peito e as costas, e finda esta applicação diz ao doente que a alma está de novo introduzida no corpo, pretendendo mostrar que o insecto era a alma do doente e que com a fricção a introduziu no corpo.

Se, porém, não pousa insecto algum na zagaia é porque a alma está longe, e portanto é necessario repetir o mesmo caso nos dias seguintes até que ella venha, matando sempre, antes d'esta cerimonia, o competente porco, cuja carne o curandeiro come com mais alguns individuos, examinando todavia as entranhas do animal. Sem a matança dos porcos o *dóóco* não põe a sua arte em pratica.

Além de comer, ainda recebe uma pataca no dia que se apresenta a visitar o doente.

Para a cura das febres coze-se a casca de pau muito amargo, denominado *hai-moroe* (*moroe* significa remedio e *hai* pau), e bebem este cozimento, com o qual curam as febres, pois produz o mesmo effeito do quinino, sendo tão amargo como este.

Outras vezes reduzem aquella casca a pó e tomam-n'o em agua morna. Outros fazem um cozimento de papaias verdes e bebem-n'o; a agua é muito amarga. Empregam a casca verde de morangueiro e depois de bem triturada ajuntam-lhe um pouco de vinagre, e na falta d'este agua quente, sendo assim applicada ao doente como sinapismo, produzindo o mesmo effeito que a mostarda.

Causticos.—Deitam uma porção de canella em pó em aguardente, e depois de reduzida a massa applicam-n'a ao doente e produz o effeito de um caustico, e para curar a hypertrophia do baço applicam sobre este um ferro em braza, cuja cura é bastante dolorosa, mas infallivel.

Ulceras.—Para curar as ulceras lavam-n'as com petroleo; outros collocam sobre a ferida uma chapa de cobre bem assente, apertada, e lavando-a em dias alternados; e assim se cicatriza sem nenhum outro remedio; mas se apresenta mau caracter, e a carne se mostra esponjosa, pisam uma porção de pimentos, *aimanas*, muito picantes, os quaes ha em abundancia em toda a ilha, juntando-lhe uma porção de sal (masse), e applicam sobre a ferida, fazendo desapparecer toda a carne esponjosa, e depois de limpa a ferida continuam a collocar-lhe a chapa de cobre, bem como se emprega a lavagem em dias alternados.

Tambem se applicam sobre as feridas as folhas de tabaco verde, para fazer desapparecer a carne esponjosa.

Para as cortaduras e arranhaduras applicam a areia e tabaco com a folha de betel, depois de triturado com os dentes.

Purgantes.—Para se purgarem tiram o succo da gabuta e misturando tres gottas d'este n'um copo de toaca bebem-n'o. Faz esta bebida um effeito laxativo rapido, tendo sempre o cuidado de prepararem com antecedencia um caldo de frango, que bebem para fazer cessar o effeito laxativo quando é demasiado, o que geralmente acontece não havendo todo o cuidado em regular a dose da gabuta. Na falta do caldo de frango bebem agua de côco tenro, que tambem faz moderar o effeito laxativo; outros empregam o fructo ou a polpa das bagens da canafistula, que desfazem em agua morna, e bebendo dois copos d'esta agua é o sufficiente para um purgante, mas como este laxante produz fortes dôres de cabeça antes de fazer effeito, só se servem d'elle em casos urgentes por falta de outro purgante.

Gonorrheas. Para curar as gonorrheas cozem a casca verde de purgueira, tirando-a dos troncos mais grossos, e bebem este cozimento, o qual é agradavel ao paladar, mas cujo effeito é muito lento.

As parturientes bebem o mais quente possivel o infuso das folhas do *acodoroco* (arbusto) e ligam o ventre com grossas ligaduras de panno; teem por unico alimento arroz cozido com agua mineral.

Os ferimentos feitos com armas de fogo ou fracturas são curados pelos indigenas com muita mestria, porém os especialistas d'estas curas guardam em segredo as raizes e plantas que empregam, e por isso é difficil saber-lhes os nomes. Antes de fazerem os curativos teem sempre o cuidado de embebedar o doente para que elle não sinta as dôres.

O homem que se julga doente por feitiço chama o individuo que elle pensa poder declarar o motivo da sua doença, e quando elle declara ser a causa d'esta o feitiço, offerece uma recompensa e sujeita-se aos curativos por esse individuo indicados, e faz logo a sua queixa ao regulo ou ao chefe do seu suco, e estes mandam immediatamente prender o individuo que foi indicado por *suangue,* como toda a sua familia, e roubam-lhe tudo o que possuem, matando depois o accusado, que soffre antes as maiores torturas, sendo a familia vendida como escrava.

É tal a superstição que acreditam até que os *suangues* se podem transformar em diversos animaes, tendo assim pacto com o diabo, e praticam factos que julgam sobrenaturaes.

A familia sobre quem recae simplesmente a desconfiança de ser *suangue* é logo presa e morta, ou vendida como escrava, sem haver mais averiguações.

Se ha desconfiança que algum principal morreu por influencia do *suangue,* fazem umas certas cerimonias, *urat,* para se conhecer, segundo elles crêem, quem é o feiticeiro, e se as suspeitas recaem em algum individuo ou familia, o que geralmente succede, porque sempre ha homens perversos que desejam saciar as suas vinganças, para o que se servem d'este recurso, é infallivelmente condemnado o mesmo individuo e a familia.

João da Silva Vaquinhas. Timor *(Jornal da Sociedade de Geographia).*

É tão importante a obra do sr. major Vaquinhas que d'ella vamos ainda extrahir o que se segue, segundo apontamentos que em tempo tomámos:

Em Dilly e em quasi todas as povoações do littoral abundam: coqueiros, sagueiros, tamarindeiros, bananeiras, ananazes, mangas, laranjas, tangerinas, papayeiras, romãs, mandioca (alguma).

Em Dilly: cidras (algumas), pecegueiros (alguns pés), figueiras (residencia da missão).

Dilly, Manatuto, Manbara, Batugude e Okuse: parreiras que produzem abundancia de uva.

Interior da ilha: Inhame silvestre (muito) e de outras especies que o indigena cria. Bananas bravas que na apparencia não differem das outras e cujos fructos teem dois ou tres caroços semelhantes aos da azeitona. Não são saborosos, comquanto se possam comer.

Café. Cult: Reinos Mohatel, Caiman e Laleia.

Algodão nativo. Reinos Laleia, Mohatel, Manatubo e da Hera.

Mangas. Reinos de Dailor e Cailae.

Arroz. Reinos de Mohatel e Cairuby.

Batata doce. Reinos de Mohatel e da Hera.

Milho. Reinos de Mohatel, da Hera e Lacló.

Tabaco. Reinos de Mohatel, da Hera, Lacló e Laleia.

Trigo. Reino Mohatel.

Cebollas e alhos. Reinos de Dailor e Laleia.

Cera. Reinos de Mohatel, da Hera, Caimau, Manumera e Failacor.

Batata redonda e doce, mandioca, differentes qualidades de feijão, repolho, couves, nabos, cebollas, alhos, tomates, pepinos, melancias, melões e *mostarda.* Reino de Mahotel.

Amendoim. Reinos da Hera, de Manumera, de Tatomarto, etc.

Arvore do pão (castanheiras). Reino de Laleia.

Canna saccharina. Reino de Laleia.

Ananazes. Reino de Veninalé.

Sandalo. Reinos de Laleia, Suai, etc.

Sagu. Reinos de Manufae, Luca, etc.

Coqueiros (em abundancia). Reino de Viquegué.

Laranjas. Reinos de Cailae e Liquiçá.

Tangerinas e *carambolas.* Reino de Manbara.

Canella. Reino de Hemera.

Gaboeiras e *limoeiros.* Reino de Liquiçá.

Goiabeiras (matta de). Reino de Boiban (tambem ha laran a e jaca).

Amoreiras (mattas de), *jaca* e *mangai.* Reinos de Denbate e Leimean.

Timor produz, como que expontaneamente, quasi todos os generos de primeira necessidade:

Arroz
Trigo
Milho
Batata redonda e doce
Feijão de differentes qualidades
Aboboras
Couves
Repolhos
Cocos
Cacau
Café
Pecegos
Carambolas
Mangas
Jacas
Cidras
Algodão
Tabaco
Canella
Torangas
Cera
Mel
Gengibre
Açafrão
Pimenta longa
Amoras
Mandioca
Laranjas
Tangerinas
Limões
Figos
Romãs
Jambo
Otas
Anonas
Goiabas
Sagu (abunda em todo o paiz)
Bananas (incluindo a brava, que tem caroços como de azeitona)
Caju
Fructa de pão, e muitas outras arvores e arbustos de fructa.

O arroz, o milho, o trigo, as aboboras, feijões, couves, repolhos, melões e melancias semeiam-se.

É expontanea a producção do algodão e bem assim a producção do sandalo.

Sagu. Ha tres especies de palmeiras silvestres que produzem o sagu, as quaes são conhecidas no paiz por gaboeira ou sagueiro, o gamute e a rambia; esta não cresce mais de que um a quatro metros e só se cria nas terras pantanosas ou acharcadas; aquellas crescem como o coqueiro e abundam nas terras baixas e seccas. Quando se precisa de sagu abate-se o sagueiro e tira-se-lhe a parte interior, ou miolo, que é cortado em pequenas e finas lascas, que põem depois a seccar ao sol, sendo pilado, depois de bem secco, e em seguida peneirado e lavado.

Cera. É tirada das mais altas arvores, chamadas *cupous, gudons* e *palavam,* ou nos rochedos, afugentando as abelhas com fogo e fumo, ou pisando uma porção de açafrão ou gengibre e untando o corpo com esta massa, e as abelhas, em vez de lhe morderem, fogem do individuo. As abelhas pousam n'estas arvores aos dez, vinte, cincoenta, cem e mais enxames. O indigena desconhece o tratamento da colmeia e o uso do cortiço para obter a riqueza que se pode tirar do mel e da cera.

Tabaco. É excellente, apesar de ser rude o processo da sua manipulação.

Videira silvestre. Toda a uva d'ella é preta e os seus cachos em nada differem da uva cultivada, pela sua belleza, porém no gosto no-

ta-se um pequeno amargo, e comida em quantidade produz indigestão.

Amoreiras. No interior encontram-se muitas.

Em Leimean viu o sr. major Vaquinhas uma matta de amoreiras, na qual notou que existia a seda e o bicho de seda silvestre. Os fios d'esta seda são de muita rigidez.

Gergelim, cacau, sandalo (abundante e de boa qualidade), urzella, rota, sal, cal, arrowoot e cera das abelhas silvestres, foram tambem notados.

Os timorenses usam mascar a cal com o betel e areca, e comem-n'a amassada com tamarindos.

Nas montanhas proximas de Dilly e no reino de Hera, etc., ha boas madeiras para construcção, e entre ellas o *pau rosa,* o *palavam* branco e preto, o *parapa,* a *estremangueira,* o *sandalo,* o *bambu* e a *arequeira.*

Zoologia:

Patos (milhares) Carneiros (rebanhos) Cabras Bufalos (manadas)	Reino de Mohatel.

Bufalos bravos. Parte oeste da ilha.
Cobras e crocodillos. Praias e lagos.

Gallinhas bravas Pombas (differentes qualidades) Rolas Codornizes Narcejas Morcegos Macacos Veados Porcos, etc.	Reino de Laclubar.

Minas de:

Ouro. No reino de Turisoaem, em Motta Maubesse (Tubuluro).
Estanho. Ilha de Pulo Cambing.
Cobre. Balsúa, Saibada, Lauhare, Birak, Daifavasse e Vernasse.
Cobre e carvão de pedra. Daifavasse.
Sal. Lagôa de Laga.
Enxofre. Viquéqué, sitio denominado Velúle Manas.
Petroleo. Tuno Nhau. A dois kilometros está o vulcão sempre em maior ou menor actividade, e proximo d'elle encontra-se cobre.

Aguas thermaes:

Nascentes, a pequenas distancias das minas { Failacor
Bibissusso
Allas
Lacluta
Leimean
Altessabe.

No reino de Leimean, montanha de Metabolo, perto da povoação d'este nome e junto á ribeira de Graia, as nascentes de aguas thermaes são abundantes e a sua temperatura é elevadissima. Algumas d'estas nascentes teem um cheiro desagradavel e os individuos fazem uso das mesmas aguas no curativo das feridas e de semea.

João Cardoso, Junior.

Usos e costumes

Justiça. A justiça é administrada pelos *dattós,* cabeças de suco, mas em rigor elles não podem executar a sentença sem ser confirmada pelo rei. Ha, porém, muitos reinos em que os *dattós* mandam executar a sentença que pronunciam, sem sequer darem conhecimento d'ella aos reis, que em taes reinos nenhuma auctoridade teem.

Penalidade. Quasi todos os crimes teem a pena de morte, mas toda a pena pode ser substituida por uma multa. Logo que o condemnado ou seus parentes teem bens o rigor da pena não deve assustar.

Acontece em Timor, a este respeito, o mesmo que acontecia, com pouca differença, entre os francos e entre a maior parte dos povos barbaros que invadiam o imperio romano.

O crime de roubo em casa alheia, seja qual fôr o objecto roubado, tem a pena de morte. O roubo de cavallo, bufalo, carneiro e porco é crime de morte. Tem egualmente a pena capital o roubo de gente, crime muito frequente em Timor, pois a maior parte dos escravos são individuos roubados n'um reino por habitantes de reinos distantes.

O ladrão de fructos, cereaes ou legumes, sendo encontrado em flagrante, é morto. Em alguns reinos (todos os calades) empalam os condemnados; em outros (os tiracos) cortam-lhes a cabeça.

Todo o timorense pode fazer justiça por suas proprias mãos no ladrão, encontrando-o em flagrante; mas deve immediatamente dar parte do acontecimento ao rei e provar que o morto commettera o

crime. Provado o caso o rei manda cortar a cabeça ao ladrão e pendural-a em logar publico, tendo ao pé o objecto roubado. Se o roubo foi de cavallo, bufalo, carneiro, etc., corta-se a cabeça do animal e pendura-se n'uma arvore, junto á do ladrão.

Todo o assassino pode livrar-se da morte pagando uma multa e dando um homem para o serviço dos parentes do morto.

Todo aquelle que fórça uma mulher tem pena de morte, mas se paga o que os parentes d'ella exigem fica livre. O adulterio tem pena de morte, mas pagando o que o marido exige ou o que é arbitrado pelos *dattós* fica livre.

Assim todo o criminoso que tem posses ri-se da justiça e da barbaridade d'ella, pois mui poucos casos haverá em que o dinheiro não resgate a pena. Um d'estes é o adulterio com mulher do rei ou a violação de filha do rei.

Religião. A religião christã tem feito poucos progressos em Timor, mas a não ser esta nenhuma outra conhecem os naturaes do paiz.

Encontram-se muitos timorenses que se dizem christãos, mas elles desconhecem as mais simples verdades do christianismo, e a maior parte d'estes christãos continuam seguindo todas as praticas do gentilismo.

Os timorenses reconhecem um ente superior a todas as cousas, mas do seu poder e attributos teem idéas muito confusas e não sabem explicar o que pensam áquelle respeito. Adoram idolos e estes idolos são todas as cousas que para elles teem algum prestigio ou mysterio.

Ha alguns reinos onde existem auctoridades com o caracter de sacerdotes. Esta auctoridade chama-se *rei-pomalé* e é eleita pelo povo. Outros reinos não teem *rei-pomalé,* mas sim um *dattó,* que faz as suas vezes, e a este chama-se *datulúli.*

O *datulúli* passa a seus filhos a sua dignidade, mas, se os não tem, o povo procede á eleição de *datulúli,* que deve recahir em *dattó.*

A barraca em que estão os idolos chama-se casa do *pomalé,* e todos os objectos que servem de idolos tambem se chamam *pomalé.*

Estes idolos são ordinariamente uma espada, uma zagaia, um lenço com differentes raizes, ouro, etc. O ministerio do *datulúli* reduz-se a fazer negativas aos idolos, offerecimentos de betel e areca á divindade, e a consultar as entranhas dos frangos e pequenos cachorros, que se sacrificam em occasiões solemnes.

Casamentos. Antes de passar a descrever o casamento direi que o divorcio é permittido, e tanta liberdade tem o homem para separar-se da mulher como esta do homem.

A mulher timorense não está reclusa, como acontece na maior parte dos paizes do Oriente; gosa de inteira liberdade, trata dos arranjos da casa, tece pannos e trabalha nos campos.

Os povos de Timor conhecem duas especies de casamentos, o *haafôli* (ballaque, em portuguez creoulo) e o *cáben.*

Chama-se *haafôli* quando o homem ajusta com os parentes da noiva dar-lhes dinheiro ou quaesquer outras cousas, assim como quando a noiva dá alguns bens ou dinheiro aos parentes do noivo.

Chama-se *cában* quando não ha dote. Quando a noiva dá o dote o marido vae para casa d'ella; quando o dote é dado pelo homem é a noiva que vae para casa do marido.

Quando os paes de uma rapariga se oppõem ao casamento d'ella com o rapaz que a pretenda, recorre-se ao rei, e este, reunindo os *dattós*, expõe o caso; e se o conselho se decide pelo casamento, os paes são obrigados a entregar a rapariga.

Pedida uma rapariga e combinado o casamento reunem-se, em dia determinado, os parentes e amigos do noivo em sua casa, e d'alli partem, a um de fundo, em grande cantarola, para casa dos parentes da noiva, levando uns cestos de folha de palmeira, a que se chama *capé*, muito enfeitados com flôres e contendo betel, areca, tabaco e cal, e um d'elles o annel de casamento. Chegada a comitiva perto da casa da noiva, saem os parentes a recebel-a, e, tomando os *capés*, convidam a comitiva a entrar em casa, e alli dá um dos parentes do noivo o recado d'este aos parentes da rapariga. Não respondem estes ao pedido do casamento, mas indicam o dia em que levarão o seu presente e darão a resposta. Depois de se mascar muito betel e areca retira-se a comitiva.

Chegado o dia assignalado para o presente, os parentes da noiva e amigos da casa, a um de fundo e em grande cantarola, dirigem-se a casa do noivo, levando uma bolsa, ou antes uma especie de sacco tecido de algodão, a que se chama *kakhaló*, muito enfeitado de flôres, contendo betel e areca; e chegada a comitiva á porta da casa do noivo espera que venham os parentes d'este receber o presente e convidal-a a entrar.

É então que os parentes da noiva dão a resposta ao pedido de casamento, e depois de se comer betel e areca despedem-se, determinando o dia do noivado.

Chegado aquelle dia reune o noivo os seus parentes e amigos, e com elles se dirige a casa da noiva, dando todos gritos agudos, cantando as suas cantigas, tocando batuque e dançando as suas phantasticas danças. E chegados a casa da noiva sentam-se defronte da porta, e o noivo manda dizer á noiva que alli se acha. Mandada entrar a comitiva, entretem-se esta em conversas, cantos e danças até á noite, em que começa o banquete, e que consta de muita carniça mal assada (bufalos, carneiros, porcos, etc.), alguns legumes, milho e muita aguardente de canna, a que se chama *cannissa* ou *tuaca*, bebida extrahida de uma arvore que se chama *tuaqueira*.

O noivo assiste ao banquete, mas não a noiva, que só se mostra aos convidados depois de se ter consummado o matrimonio. A certas horas o noivo retira-se para ir reunir-se á noiva, continuando o banquete, que muitas vezes dura tres dias e tres noites sem interrupção.

No dia seguinte os parentes dos noivos apresentam-n'os aos con-

vidados, os quaes lhes fazem muitos comprimentos e lhes dão muitos conselhos.

Terminada a festa retiram-se os convidados, tendo ajustado o dia em que os noivos devem ir para casa dos paes do rapaz.

N'esse dia dirigem-se os noivos com grande acompanhamento de povo a casa dos paes do marido, onde teem logar festas eguaes ás que houve em casa da noiva.

Alguns dias depois começam os noivos a pagar visitas, e em todas as casas onde vão ha maior ou menor festa. Terminadas as visitas combinam-se todos os convidados para dar uma grande festa aos noivos, e com esta festa, que consiste no banquete, danças e cantorias, termina completamente o *haafôli.*

No casamento chamado *cáben* fazem-se exactamente as mesmas festas que no *haafôli,* mas geralmente estas festas são mesquinhas, pois só pessoas pobres contraem o casamento chamado *cáben.*

Nenhum timorense pode fazer *haafôli* ou *cáben* com mais de uma mulher, mas pode ter quantas concubinas quizer. As concubinas, porém, não podem residir na mesma casa que a mulher *haafôli* ou *cáben,* e os direitos dos filhos d'aquellas á herança paterna são diversos dos filhos das mulheres legitimas.

Só uma terça parte dos bens paternos pertence aos filhos das concubinas, as duas terças aos filhos da mulher *cáben* ou *haafoli.*

As mulheres legitimas chamam-se *humanáe,* as concubinas chamam-se *fécundi.*

O filho mais velho administra os bens por morte do pae, mas se sae de casa para se reunir á mulher com quem casa, ou sae do reino para se estabelecer em outro, ou se quer viver separado da sua familia no mesmo reino, perde tudo e o segundo entra na adminisção dos bens.

Se o filho mais velho contrae matrimonio, e traz sua mulher para a casa paterna, continúa administrando os bens. Se os filhos segundos casam recebem parte dos bens paternos, sendo obrigados a sahir de casa.

Classes. Na sociedade de Timor ha tres classes distinctas: primeira, dos *dattós* e officiaes; segunda, do povo; terceira, dos escravos.

Ha em Timor escravos propriamente ditos e uma especie de servos da gleba a que chamam *lutuum.*

Os primeiros podem ser vendidos, os segundos não.

Qualquer timorense pode ter dos primeiros, mas só os reis e algum poderoso *dattó,* descendente dos reis, tem dos segundos.

Prisioneiros de guerra, *soangs* (feiticeiros) e gente roubada em reinos distantes alimentam a escravidão da primeira especie.

O *lutuum* esse compõe-se das familias descendentes dos servos, e recruta-se nos melhores escravos da primeira especie.

Qualquer escravo pode obter a sua liberdade requerendo ao rei para pagar a *finta* (tributo que pagam os reinos ao governo de Ti-

mor), mas é preciso que o senhor do escravo consinta para elle poder obter a sua liberdade. É raro que o timorense negue o seu consentimento se o escravo é antigo na casa, e só os escravos de pouco tempo acham difficuldade em passar ao estado de ingenuos.

Ha uma singularidade n'este assumpto. Se o escravo que obtem a liberdade, pelo pagamento da *finta,* pertence a homem do povo, passa da escravidão á segunda classe (povo), o que é natural; mas se seu amo pertence á primeira classe *(dattós),* entra logo n'essa classe, o que é singular, e o escravo acha-se assim de um dia para o outro feito fidalgo.

É principio geral que o escravo que obtem a liberdade entra na classe a que seu senhor pertence, e a esta regra ha só uma excepção, qual é quando o escravo pertence á casa real; n'este caso o escravo passa a *dattó,* mas não é considerado principe, para que de futuro um escravo não venha a ser rei.

Chama-se *lutuum* á reunião de familias obrigadas a servir a casa do rei, a cultivar os campos pertencentes á casa real e a fazer todos os serviços de que o rei careça.

O *lutuum* não é propriedade do rei, mas sim do reino.

O rei não pode vender as familias do *lutuum* senão por má conducta d'ellas, e ainda assim é preciso provar perante o povo que o servo que se pretende vender é mal procedido.

O mais velho dos servos do *lutuum* é chamado *pae da casa,* e por morte do rei administra todos os bens da casa real até á eleição do novo rei, ao qual entrega a administração sem ser obrigado a dar-lhe contas do passado.

As familias do *lutuum* tiram o seu sustento dos campos que cultivam para o rei, e ellas trabalham mais n'aquelles campos como propriedades suas do que alheias. A sua obrigação é acudir ás despezas da casa do rei e ninguem lhes toma do que tiram para si.

Soangs quer dizer feiticeiro, e a *soanguice* é a origem das maiores barbaridades que se praticam em Timor e dos maiores desaforos que é possivel imaginar.

Qualquer malvado pode vingar-se impunemente do seu inimigo denunciando-o ao rei como *soang;* sem mais exame o rei manda matar este e escravisa aquella, despojando-a de todos os seus bens, que passam para o denunciante e para os que executaram a prisão, e este premio dado aos denunciantes torna frequentissimas as denuncias.

Assim nenhum homem que possue alguns bens está seguro da sua propriedade, da sua vida e da sua liberdade, porque qualquer malvado ou invejoso pode accusal-o de *soang,* e a sua morte e escravidão de sua familia é certa.

Era uso, que felizmente vae acabando, sempre que morresse algum rei, haver uma accusação de *soanguice,* que dava logar a atrocidades. Escolhia-se uma certa familia para victima, e, morto o rei, dizia-se que o chefe d'aquella familia era *soang* e por *soanguices* havia occasionado a doença do rei e lhe havia *comido o espirito.*

De ordinario era o proprio rei que, vendo-se doente, dizia que a sua doença procedia de mau olhar de um certo individuo que era *soang;* e bastava isto para perder o accusado. Apenas o rei expirava agarravam o *soang,* atavam-n'o a uma grande arvore e cortavam-n'a, deixando-a cahir sobre o *soang,* que era esmagado debaixo d'ella, e do tronco d'esta arvore se fazia o caixão para o rei.

Outras vezes a familia *soang* era morta com pauladas na cabeça, outras atiravam-lhe a tiro de espingarda e outras enterravam-n'a viva.

Passa como certo que em tempo, tendo morrido um rei de Mohatel, fôra uma familia inteira mettida n'um poço, que encheram de pedras, e alli morrera.

Parece impossivel que uma tal barbaridade se praticasse a um tiro de fuzil da praça de Dilly sem que a auctoridade tivesse d'isto conhecimento. Mas que o caso é verdadeiro não tem questão, pois se mostra o poço e os esqueletos dos desgraçados que alli pereceram, victimas de um crime imaginario.

Morte de rei e enterramento. Morto o rei, a sua familia não declara a morte, nem pratíca acto algum que demonstre a dôr pela perda que acaba de soffrer, sem que primeiro se reunam os parentes do finado e o povo da aldeia. Reunindo todas aquellas pessoas, approximam-se os curandeiros do leito real, e apalpando o cadaver declaram que o rei está morto. A esta declaração os parentes e todo o povo soltam diques á sua dôr, aturdindo os ares com os seus gritos e lamentações.

Os *dattós,* reunidos em conselho, ordenam sete dias de lucto rigoroso, durante os quaes cessa todo o trabalho nos campos, e ninguem, durante o mesmo tempo, pode mascar betel e areca, pela razão de que aquellas substancias deixam a bocca vermelha e é preciso que a bocca esteja branca para mostrar que ha lucto. Todos os homens cortam o cabello e as mulheres desenrolam as tranças, deixando-as soltas. Durante o lucto todo o povo se veste de preto.

O cadaver do rei é mettido dentro de um tosco caixão, e exposto na sala, onde as carpideiras choram noite e dia.

Logo que se declara a morte do rei mandam-se portadores para todos os reinos onde o rei tem parentes, para os avisarem de que o rei está gravemente enfermo e que é preciso que elles venham assistil-o na sua enfermidade.

Acabados os sete dias ordenam os *dattós* a continuação dos trabalhos, e é então que se fecha o caixão, sem comtudo se retirarem da sala. E alli é guardado por escravos e officiaes da guarda do rei. Se este deixou familia, findos os sete dias retira-se ella para outra casa.

Chegados os parentes que foram avisados, e que muitas vezes só apparecem passados mezes, abre-se o caixão para que elles vejam o cadaver, e n'este acto, tanto os parentes como todos os circumstantes, soltam gritos de dôr, pranteando a morte do rei.

Passados dias retiram-se os parentes, tendo combinado quando

deve fazer-se o enterramento, o que de ordinario só tem logar de ahi a um anno. E durante todo este tempo o cadaver está na sala guardado por escravos e officiaes, e á porta da casa ha guarda ao rei como se vivo fosse.

Acontece muitas vezes proceder-se á eleição do novo rei antes do enterro do que se finou, mas quasi sempre a eleição só tem logar depois do enterramento.

Quando os parentes do rei morto veem vêr o cadaver não trazem presentes; mas quando veem para o enterro trazem bufalos, carneiros, porcos, arroz e pannos, que dão á familia do finado para ajudar a sustentar a grande comitiva dos parentes e o povo do reino, no que se fazem despezas espantosas.

No dia destinado para o enterramento reune-se todo o povo e parentes do morto, e dando gritos horriveis e pranteando a morte do rei levam o caixão á cova. Depois d'aquelle acto todos os parentes se reunem em casa da familia do finado, começando então o banquete, que dura semanas. O numero de bufalos, porcos e carneiros que se matam é espantoso, e muitas vezes nem os cavallos escapam para regalar aquelles comilões.

Terminada a festa retiram-se os parentes com suas comitivas, reunindo-se depois os *dattós* e o povo para irem desanojar a familia do finado. Esta visita dá logar a nova comesana, em que os desanojados fazem grandes despezas. Tirado o lucto ordenam os *dattós* as festas do estylo, que consistem em jantares, cantorias e dança chamada *tabedae.*

Todas as mulheres timorenses, velhas, moças ou creanças, tomam parte no *tabedae.* Só não dança quem não tem um batuque, a que se chama *baba.* O batuque *(baba)* é uma especie de cone truncado, feito de madeira, mais ou menos bem trabalhado, ôco e tendo na base uma pelle de carneiro bem esticada, sobre a qual se bate com os dedos, tirando sons como os do pandeiro. O batuque mette-se debaixo do braço esquerdo e segura-se por uma fita que passa sobre o hombro.

Reunidas as mulheres, saltam as mais desembaraçadas para o meio do grupo, batendo nos batuques uma marcha muito accelerada, e, collocando-se umas atraz das outras, começam a correr em roda, e n'um momento o circulo augmenta; muitas vezes cem e duzentas mulheres tomam parte no *tabedae.*

Em alguns reinos a dança não se limita a andar em roda, mas fazem-se differentes figuras ou evoluções, taes como formar em linha, correndo em passo lateral para a direita e para a esquerda, formar em columna cerrada, avançando e recuando, formar circulos concentricos e algumas outras figuras que não nos lembram.

O *tabedae,* entre as timorenses, é uma dança mais vertiginosa que a valsa entre as mulheres da Europa, pois tenho visto timorenses dançarem um dia inteiro, expostas a um sol ardentissimo e envoltas em nuvens de poeira capazes de suffocar. E não saciadas com um dia inteiro de dança, continuam toda a noite até pela manhã, tendo apenas descançado para comerem ou beberem.

Quando o governador de Timor visita os reinos, á porta da barraca onde aquella auctoridade se aloja reune-se o *tabedae,* e por tres dias e tres noites consecutivas entregam-se as timorenses áquella dança.

Isto me aconteceu no reino de Laleia, e disse-me o rei que havia *tabedae* desde que se recebera a noticia da minha visita, o que tinha acontecido dez dias antes da minha chegada ao reino.

É na verdade para admirar de que esforço é capaz a mulher timorense quando o batuque a convida ao *tabedae* e a dança a exalta e a arrebata.

Ha alguns reinos, mas muito poucos, em que os homens dançam o *tabedae,* e esta dança não tem differença da outra senão em ser mais viva e ligeira e não se vêr em volta do *tabedae* dos homens uns dançantes a que se chama *assuai,* que quer dizer valentões, brandindo a espada ou zagaia, dando gritos, fazendo momices, requebros, gesticulando, accionando como se se preparassem para o combate, e saltando por entre as mulheres, que parecem insensiveis aos taes *assuai* e á sua dança, que se chama *sóré.*

Homenagem de um rei timorense. Todo o rei timorense tem obrigação de prestar juramento de preito e homenagem nas mãos do novo governador de Timor.

Chegado o rei á praça, participa a sua chegada, e o fim a que vem, ao secretario do governo, o qual faz a sua communicação ao governador para este determinar o dia da vassallagem.

Todos os chefes de repartição e commandantes de força recebem aviso para assistir ao acto, e no dia determinado todos elles se reunem na residencia do governador, á porta do qual se acha postada uma força de linha com bandeira. D'esta força são tiradas duas sentinellas que se collocam á porta da sala do docel.

Á hora designada para a cerimonia vem o rei timorense, acompanhado de todos os seus *dattós* e grande multidão de povo, conduzindo dois ou tres bufalos muito enfeitados de flôres, alguns carneiros, um ou dois porcos amarrados n'uma especie de andor ás costas de dois homens, algumas gallinhas, e um outro andor enfeitado de folhas e flôres com alguns arrateis de cera em bruto. Ha varios reinos que tambem trazem picos de sandalo.

A isto chama-se o *serpinão,* e é mais ou menos valioso, segundo as posses do reino. O povo que conduz o *serpinão* vem cantando e dando altos gritos até se approximar da residencia, á porta da qual cessa a gritaria, separando-se o rei e *dattós* do povo miudo. Aquelles entram pela porta principal e este pela lateral, dirigindo-se ás officinas.

Logo que o rei passa em frente da guarda esta apresenta as armas e os tambores rufam.

Achando-se tudo reunido, o governador, vestido de grande uniforme, colloca-se em pé ao lado da cadeira que está por baixo do docel e manda entrar o rei, os empregados publicos e os *dattós,* e todos,

avançando até pequena distancia do governador, fazem a sua reverencia, tomando os logares que lhes competem.

Os empregados, por ordem hierarchica, collocam-se aos lados da sala, e os *dattós* no fundo. Então o governador chama o rei e o secretario do governo, e, ajoelhando ambos junto ao estrado, lê o secretario, no livro das homenagens, o termo de preito e vassallagem, e o rei, com a mão sobre os Santos Evangelhos, que se acham collocados em cima de um tamborete, repete o que o secretario vae lendo. Finda a leitura levantam-se ambos; então o governador dirige algumas palavras ao rei relativas ao acto. E logo em seguida desce do estrado e vae assigar o termo junto com o rei, o secretario, empregados publicos e *dattós*.

Acabada a assignatura dirige-se o governador com o rei e empregados á sala do jantar, onde se acha posta a mesa com doces, fructas e vinhos, e alli, offerecendo o ajudante de ordens um calice de vinho ao governador e outro ao rei, e tomando calices todos os outros empregados, faz o governador um brinde ao rei, acompanhando-o de algumas palavras relativas ao reino. Em seguida entram os *dattós*, e tomando cada um d'elles um calice de vinho dirige-lhes o governador algumas palavras, terminando por uma saude aos *dattós*.

E feito este brinde retiram-se todos, sendo o rei acompanhado pelos seus *dattós*. Ao passar pela frente da guarda recebe o rei a continencia militar, disparando ao mesmo tempo a bateria uma salva de cinco tiros. Com isto termina a cerimonia da vassallagem.

O povo que conduz o *serpinão* bebe muita aguardente, o que se chama *canniça*, e, ao retirar, o cabo que commanda aquella gente recebe o presente com que o governador paga ao rei o *serpinão*. Consiste o presente em lenços de algodão de varias côres, chitas, *lipas* (mantas de tecido de algodão de que os timorenses se servem como de saias), manilhas de marfim, alguns *cates* de chá e muitos frascos de *canniça*.

Agricultura

Os povos de Timor não vivem da caça ou pesca, nem tão pouco são povos pastores. São agricolas e commerciantes, pois é do producto da terra que elles vivem, e do pequeno commercio que fazem com os portuguezes estabelecidos na ilha e com os estrangeiros que frequentam os portos.

A agricultura entre os timorenses acha-se no estado primitivo, e os mais simples instrumentos de lavoura são-lhes desconhecidos. Ignoram as vantagens do adubo das terras, limitando-se a queimar as ervas que arrancam dos terrenos que cultivam. Mas advirta-se que elles queimam as ervas, não porque reconheçam que a cinza pode servir

de adubo, mas sim para evitar o trabalho de tirar aquellas ervas do campo.

Não fazem uso da enxada, substituindo-a por um pau aguçado com que esgaravatam a terra.

....

O arroz em um anno regular dá em Timor 30 por 1.

É uma grande festa para os timorenses o que se chama *amassar o nelli.* Alguns proprietarios, antes de metterem os cavallos á eira, que é sempre coberta de folhas, convidam o povo para *amassar o nelli,* o que só se faz de noite. O povo acode em multidão, e homens e mulheres vestem os seus melhores vestuarios para aquella festa, a que se chama, em lingua *teto, sallal'ah.* Reunido o povo na varzea, saltam mulheres e homens para dentro da eira, e, dando os braços uns aos outros, formam differentes rodas e começam a saltar ao som de um côro infernal, em que todos tomam parte. É grande o apertão dentro da eira, e é sem duvida por este motivo que o *sallal'ah* tem tantos attractivos para os timorenses.

O *sallal'ah* dura toda a noite, e quando o povo, cançado e esfalfado, se retira mettem-se então os cavallos. Ha *sallal'ah* que se repete por muitas noites seguidas. O proprietario distribue muita *canniça* (aguardente) ao povo, com o que a cantoria redóbra de força e a dança de ligeireza. Quasi sempre o proprietario convida as pessoas da sua amizade para assistirem ao *sallal'ah,* dando-lhes um bem servido chá, que se toma ao ar livre, ou uma ceia dentro de uma pequena barraca, feita expressamente para aquelle fim.

Idioma

Ha em Timor um grande numero de dialectos, mas a lingua que falam os indigenas que habitam a praça de Dilly e uma boa parte dos reinos do nascente chama-se *teto.* Esta lingua, sendo pobrissima, é comtudo a mais abundante de termos de quantas se falam em Timor.

....

Affonso de Castro. *Timor.* Relatorio.

O medico naturalista J. Gomes da Silva, durante o tempo da sua permanencia em Timor, colligiu um numero consideravel de plantas, de algumas das quaes mandou sementes para o jardim da Universidade. Circumstancias particulares obstaram a que o sr. Gomes da Silva enviasse para Coimbra o herbario timorense.

Dr. Julio Augusto Henriques. Explorações botanicas nas possessões portuguezas. *(Boletim da sociedade broteriana,* 1884, pag. 233.)

Plantas medicinaes da ilha de Timor

Arachis hypogoea, *L.*
Artocarpus incisa, *L.*
Averrhoa carambola, *L.*
Abrus precatorius, *L.*
Acacia Farnesiana, *Willd.*
Anona muricata, *L.*
Areca catechu, *Roxb.*
Bacharis balsamifera, *DC.*
Bromelia Ananaz, *L.*
Bidens pilosa, *L.*
Citrullus vulgaris, *L.*
Caganus indicus, *Spreng.*
Citrus Limetta, *Risso.*
Coffea arabica, *L.*
Carica papaya, *L.*
Cassia fistula, *L.*
Citrus aurantium, *Risso.*
Cynamomum zeylanicum, *Breyn.*
Cocus nucifera, *L.*
Caryophylus aromaticus, *L.*
Cyperus rotundas, *L.*
Chichona sps.
Coix lacryma, *L.*
Cassia occidentalis, *L.*
Calatropis procera, *Br.*
Capsicum frutescens, *L.*
Celosia argentea, *L.*
Crinum asiaticum, *L.*
Datura metel, *L.*
Danais fragans, *Gaert.*
Dolichos Lablab, *L.*
Euphorbia Neriifolia, *L.*
Euphorbia thymifolia, *Burm.*
Ficus indica, *L.*
Gossypium punctatum, *Sch* e *Thonn.*
Hibiscus timorensis, *DC.*
» subdariffa, *L.*

Hibiscus Rosa sinensis, *L.*
» Surratensis, *L.*
Heliotropum indicum, *L.*
Jatropha curcas, *L.*
Malva timorensis, *DC.*
Mystica moschata, *Thunb.*
Mangifera indica, *L.*
Musa paradisiaca, *L.*
Momordica charantia, *L.*
Mirabilis jalappa, *L.*
Mussaenda frondosa, *L.*
Morinda citrifolia, *L.*
Nicotiana tabacum, *L.*
Ocimum basilicum, *L.*
Oxalis corniculata, *L.*
Punica granatum, *L.*
Phoenix dactylifera, *L.*
Piper longuum, *L.*
» methysticum, *Forst.*
Psidium pomiferum, *L.*
Plumbagò zeylanica, *L.*
Ricinus communis, *L.*
Sesamum indicum, *DC.*
Santalum album, *L.*
Saccharium officinarum, *L.*
Sinapis timoriana, *DC.*
Spondias lutea, *L.*
Solanum nigrum, *L.*
Smilax timorensis, *Bl.*
Theobroma cacao, *L.*
Tamarindus indicus, *L.*
Triumfetta rotundifolia, *Lamk.*
Tribullus terrestris, *L.* var. moluccanus, *Bl.*
Tagetes patula, *L.*
Tacca pinnatifida, *Forst.*
Vitex trifolia, *L.*
Ximenia americana, *L.*
Zea mays, *L.*

(1898)

Acacia leocophlea, *Willd.*
Alstonia seholaris, *R. Br.*
Artocarpus integrifolia, *Bl.*
Canna indica, *L.*
Capsicum frutescens, *L.*

Cerbera Odallam, *Gaertn.*
Clematis excavata, *Burm.*
Datura fastuosa, *L.*
Desmodum triflorum, *DC.*
Eleusine indica, *Sw.*
Erioglossum edule, *Blum.*
Ficus religiosa, *L.*
Gynandropsis pentaphylla, *DC.*
Ipomaea bona-nox, *L.*
» digitata, *L.*
» hederacea, *Jacq.*
» pes-caprae, *Sw.*
Jasminum Sambae, *Ait.*
Justicia gendarussa, *L.*
» procubens, *L.*
Lawsonia alba, *Lam.*
Nyctanthes arbor-tristis, *L.*
Paederia foetida, *L.*
Phyllanthus Niruri, *L.*
» urinaria, *L.*
Piper Betle, *L.*
Portulaca quadrifia, *L.*
Sinapis timoriana, *DC.*
Solanum melongena, *L.*
» verbascifolium, *L.*
Vitex Negundo, *L.*
» trifolia, *L.*
Zizyphus Jujuba, *Lamk.*

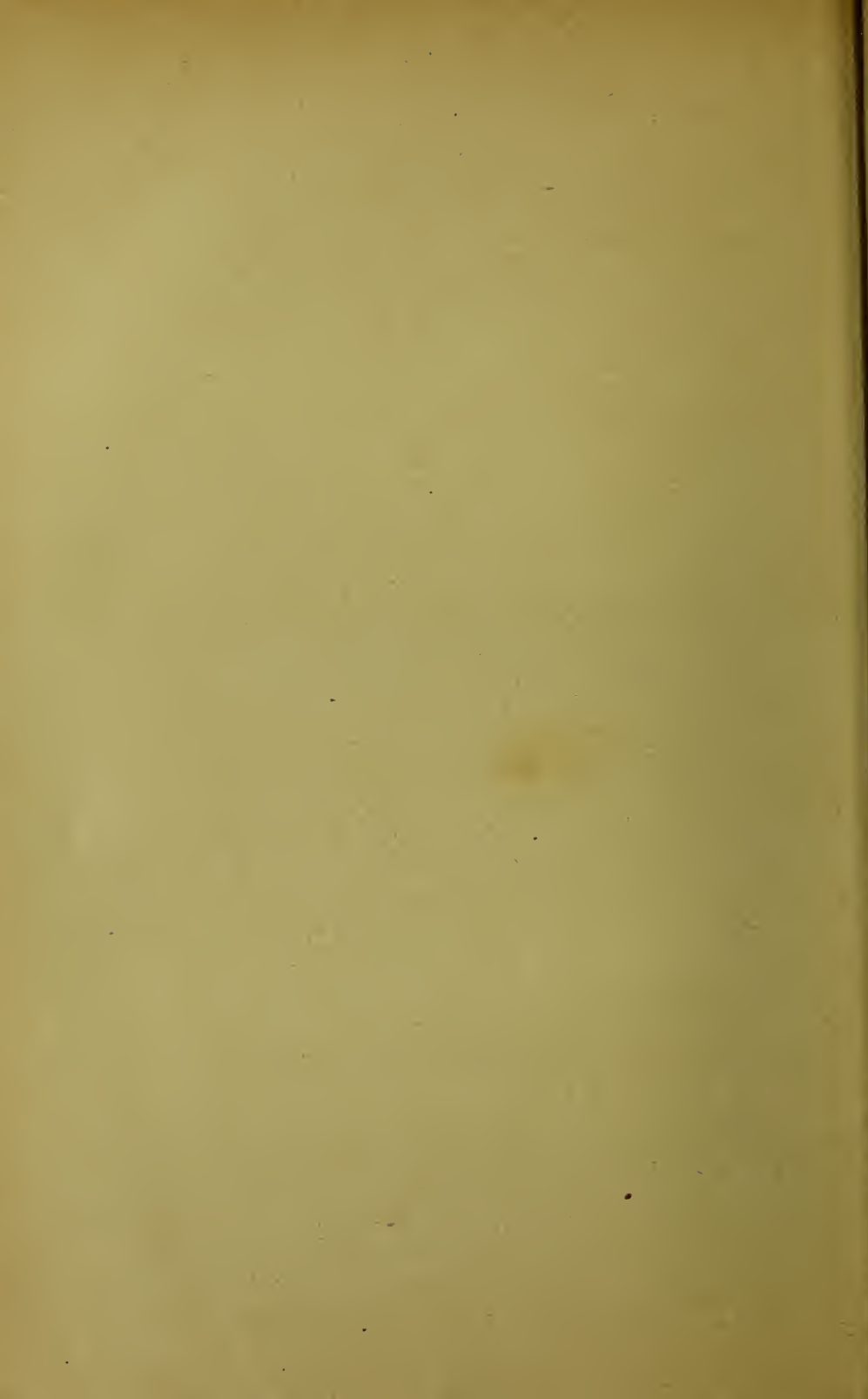
1900

Achyranthes aspera, *L.*
Albizzia procera, *Benth.*
Amarantus spinosus, *L.*
Anethum graveolens, *L.*
Boerhaavia repanda, *W.*
Caesalpinia pulcherrima, *Sw.*
Capsicum conoides, *Roem et Schultz.*
Cassia Sophera, *L.*
Costus speciosus, *L.*
Cyperus rotundus, *L.*
Elephantropus scaber, *L.*
Emilia sonchifolia, *DC.*
Gloriosa superba, *L.*
Ocimum sanctum, *L.*

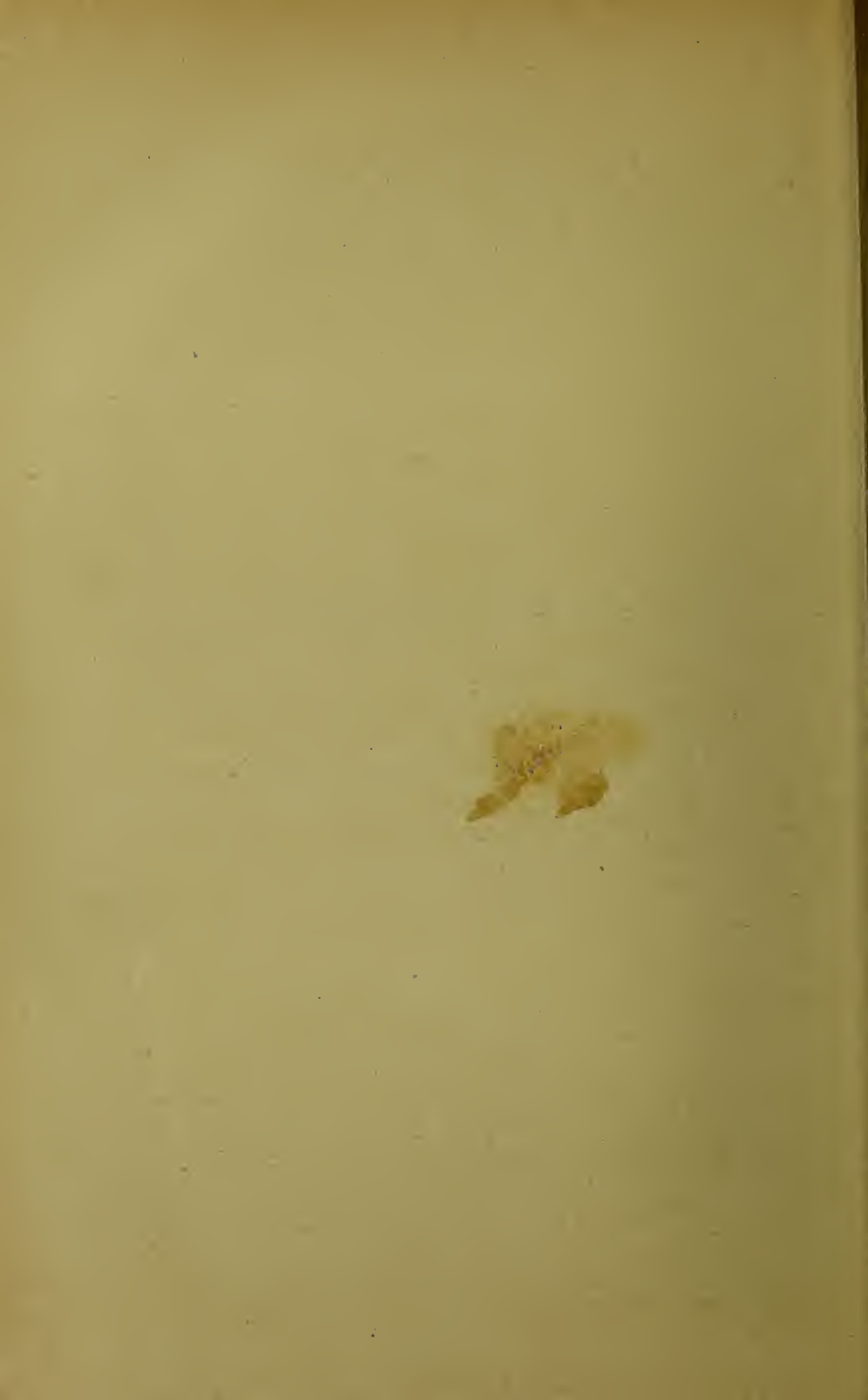
Sesbania acgyptiaca, *Pers.*
Sphaeranthus africanes, *L.*
Stephania hemandifolia, *Walp.*
Thunbergia fragans, *Roxb.*
Vitis adanata, *Wall.*
» indica, *L.*
Zizyphus Jujuba, *Lam.*

João Cardoso, Junior.

ADDITAMENTO

I

Herborisações Portuguezas em Africa

1.º

Noticia sobre noventa especies da ilha de Santo Antão

Em setembro de 1893 enviámos para a Hollanda, com destino ao *'SRijks Herbarium Te Leiden,* cerca de duzentas plantas, representadas, seguramente, por noventa especies, exemplares duplos e alguns triplos.

No herbario citado, embora um dos mais ricos, a região cabo-verdeana não estava ainda representada — como nol-o affirmou o seu conservador, o sr. dr. J. G. Boerlage.

Um esclarecimento de que precisavamos e que francamente solicitámos do sr. director do Herbario do Estado, em Leide, foi o agente que nos poz em relações com o dr. Boerlage, que, encarregando-se da resposta, gentilmente nos serviu.

D'aqui tambem o nosso reconhecimento, que traduzimos, sem demora, n'uma remessa de trinta e seis especies que offerecemos, e em seguida um convite para nós herborisarmos para o citado *herbarium.*

A 31 de dezembro escrevia-nos o dr. Boerlage — noticia que só recebemos a 14 do corrente mez:

...... «Heureusement j'ai réussi de mener à tout la détermination des Phanerogames avant le fin de l'année. Comme vous verrez il y a 74 espèces appartenant à 33 familles. Je n'ai pas le temps de déterminèr les Cryptogames, mais je crois qu'il y en a 16 espèces.

«Ainsi vous m'aurez envoyé 90 espèces.»

O quadro seguinte indica a

Distribuição das especies, por familias

FAMILIAS	NUMERO DE ESPECIES
Papaveraceae	1
Cruciferae	2
Frankeniaceae	1
Portulaceae	1
Malvaceae	6
Sterculiaceae	2
Filiaceae	1
Zygophyllaceae	2
Geraniaceae	1
Rutaceae	1
Sapindaceae	1
Leguminoseae	7
Umbelliferae	1
Compositae	7
Campanulaceae	1
Plumbaginaceae	1
Primulaceae	1
Boraginaceae	3
Convolvulaceae	1
Solanaceae	1
Scrophularinaceae	3
Acanthaceae	1
Selaginaceae	1
Labiatae	6
Plantaginaceae	1
Illecebraceae	1
Amaranthaceae	4
Chenopodiaceae	1
Euphorbiaceae	3
Liliaceae	1
Cyperaceae	1
Gramineae	9

É variado o *habitat* d'estas especies — as estradas, as veredas, o litoral, as altas montanhas, os montes, as ribeiras ou valles, os rochedos, etc.

Não pudemos ainda estudar devidamente o catalogo d'estas phanerogamicas, mas parece-nos desde já poder-se affirmar, para a nossa collecção:

1.° A existencia de algumas especies que o dr. Johan Anton

Schmidt não encontrou na ilha de Santo Antão, nem anteriormente a elle tinham sido encontradas na mesma ilha;

2.º A existencia de algumas outras especies que foram encontradas na ilha de Santo Antão por collectores anteriores ao dr. Schmidt, facto que por este foi registrado na sua *Flora,* não tendo ellas sido, todavia, por elle encontradas;

3.º A existencia de especies descobertas pelo dr. Schmidt.

Segue o referido catalogo:

«Plantes de l'île de Santo Antão des îles Cap Vert récoltées par João Cardoso, Junior»

1.— Papaveraceae

Papaver dubium, *L.* var.

2.— Cruciferae

Sinapidendron gracile, *Webb.*

3.— Frankeniaceae

Frankenia hirsuta, *L.*

4.— Caryophyllaceae

Polycarpaea Gayi, *Webb.*

5.— Portulaceae

Mollugo bellidiflora, *Ser.*

6.— Malvaceae

Sida spinosa, *L.*
» rhombifolia, *L.*
» urens, *L.*
» cordifolia, *L.* var.
Gossypium punctatum, *Schum.*
Malva spicata, L.

7.— Sterculiaceae

Melhania.
Waltheria indica, *L.*

8.— **Filiaceae**

Corchorus Antiochorus, *Roeusch.*

9.— **Zygophyllaceae**

Fagonia cretica, *L.*
Tribulus cistoides, *L.*

10.— **Oxalideae**

Oxalis corniculata, *L.* var. villosa, *Schmidt.*

11.— **Rutaceae**

Ruta chalepensis, *L.*

12.— **Sapindaceae**

Cardeospermum halicacabum, *L.*

13.— **Leguminoseae**

Lotus Jacobaca, *L.*
» purpurea, *Webb.*
Cassia obovata, *Coll.*
Indigofera tinctoria, *L.*
Crotolaria retusa, *L.*
Acacia albida, *Del.*
» Farnesiana, *Willd.*

14.— **Umbelliferae**

Tomabenia Bischoffii, *Schmidt.*

15.— **Compositae**

Erigeron Bonariense, *L.*
Phagnalon melanoleucum, *Webb.*
Artemisia gorgonum, *Webb.*
Pegolettia senegalensis, *Cass.*
Rhabdotheca picridioides, *Webb.*

16.— **Campanulaceae**

Campanula Jacobaca, *Chr. Sm.*

17.— **Plumbaginaceae**

Statice pectinata, *Ait.*

18.— **Primulaceae**

Samolus Valerandi, *L.*

19.— **Boraginaceae**

Pollichia africana, *L.*
Heliotropium undulatum, *Pers.*
Echium hypertropicum, *Webb.*

20.— **Convolvulaceae**

Evolvulus linifolius, *L.*

21.— **Solanaceae**

Nicotiana glauca, *Graham.*

22.— **Scrophularinaceae**

Campylanthus Benthami, *Webb.*
Celsia betonicaefolia, *Desf.*
Linaria Brunneri, *Benth.*

23.— **Acanthaceae**

Dicliptera micranthes, *Nees.*

24.— **Sclaginaceae**

Globularia amygdalifolia, *Webb.*

25.— **Labiatae**

Salvia aegyptiaca, *L.*
Leucas Martinicensis, *R. Br.*
Lavandula rotundifolia, *Benth.*
» dentata, *L.* var. Balearica, *Ging de Lar.*
Ajuga Iva, *Schreb.*
Micromeria Forbesii, *Benth.*

26.— **Plantaginaceae**

Pantago major, *L.*

27.— Illecebraceae

Paronychia illecebroides, *Webb.*

28.— Amarantaceae

Iresine portulacoides, *Moq.*
Amblogyna polygonoides, *Raf.*
Amaranthus spinosus, *L.*
Albersia caudata, *Jacq.*

29.— Chenopodaceae

Chenopodium murale, *L.*

30.— Euphorbiaceae

Euphorbia Chamaesyce, *L.*
Phyllanthus Niruri, *Meall. Arg.* var. scabrella.
Andrachme telephioides, *L.*

31.— Liliaceae

Asparagus squarrosus, *Schmidt.*

32.— Cyperaceae

Cyperus Sonderi, *Schmidt.*

33.— Gramineae

Panicum Colonum, *L.*
» rhachitrichum, *Hoscht.*
Fragus racemosus, *Beam.*
Aristida paradoxa, *Stend.*
Chloris radiata, *Sw.*
Eragrostis megastachya, *Lk.*
» biformis, *Kth.*
Dactyloctenium aegyptiacum, *Willd.*
Cynodon Dactylon, *Pers.*

....

Officialmente nada se tem feito ate hoje — que nos conste — a respeito da exploração botanica da Ilha de Santo Antão.

....

Ilha de Santo Antão, 20 de fevereiro de 1894.

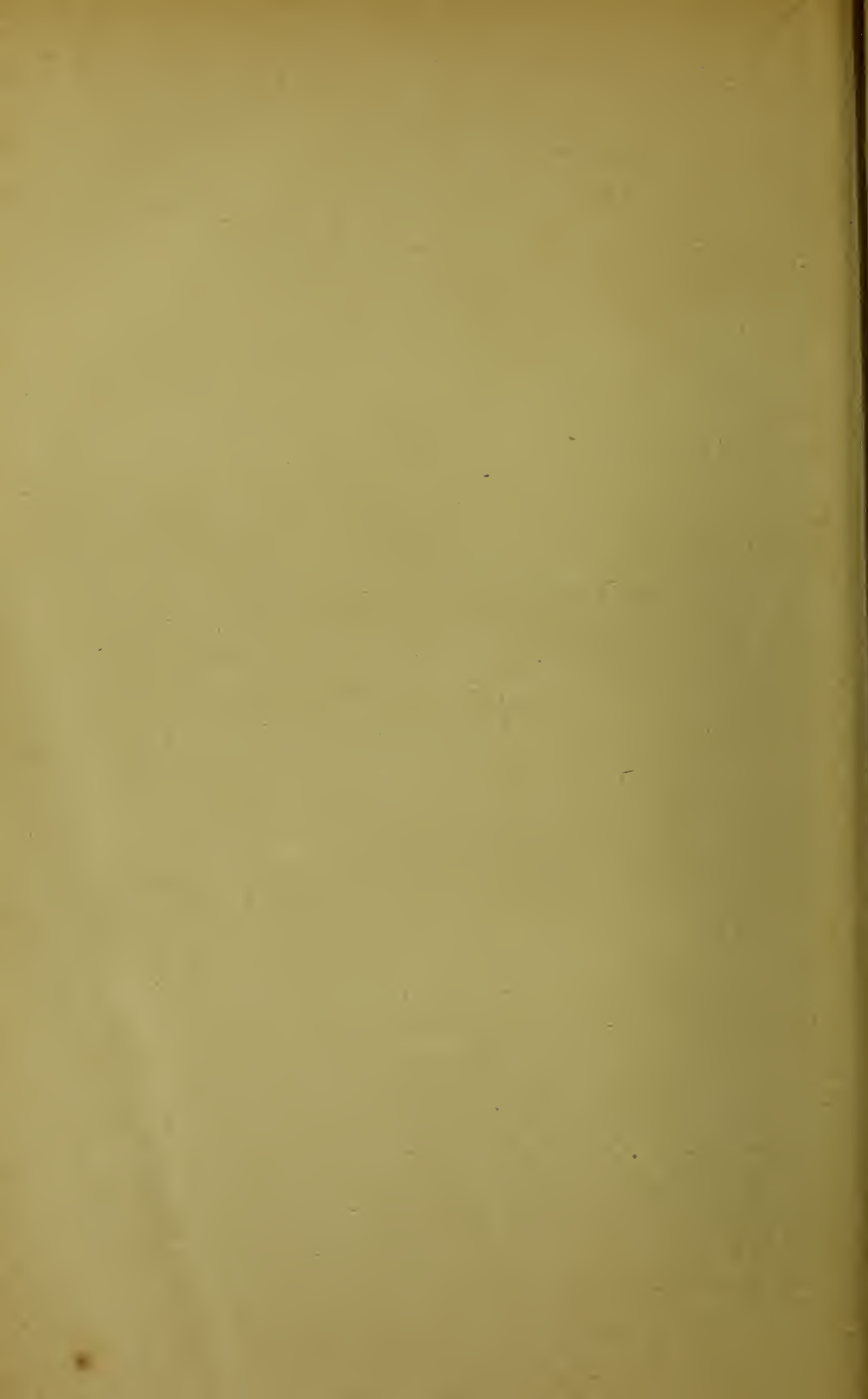
João Cardoso, Junior.

II

Herborisações Portuguezas em Africa

2.º

Contribuição para o estudo da Flora da Ilha de S. Nicolau

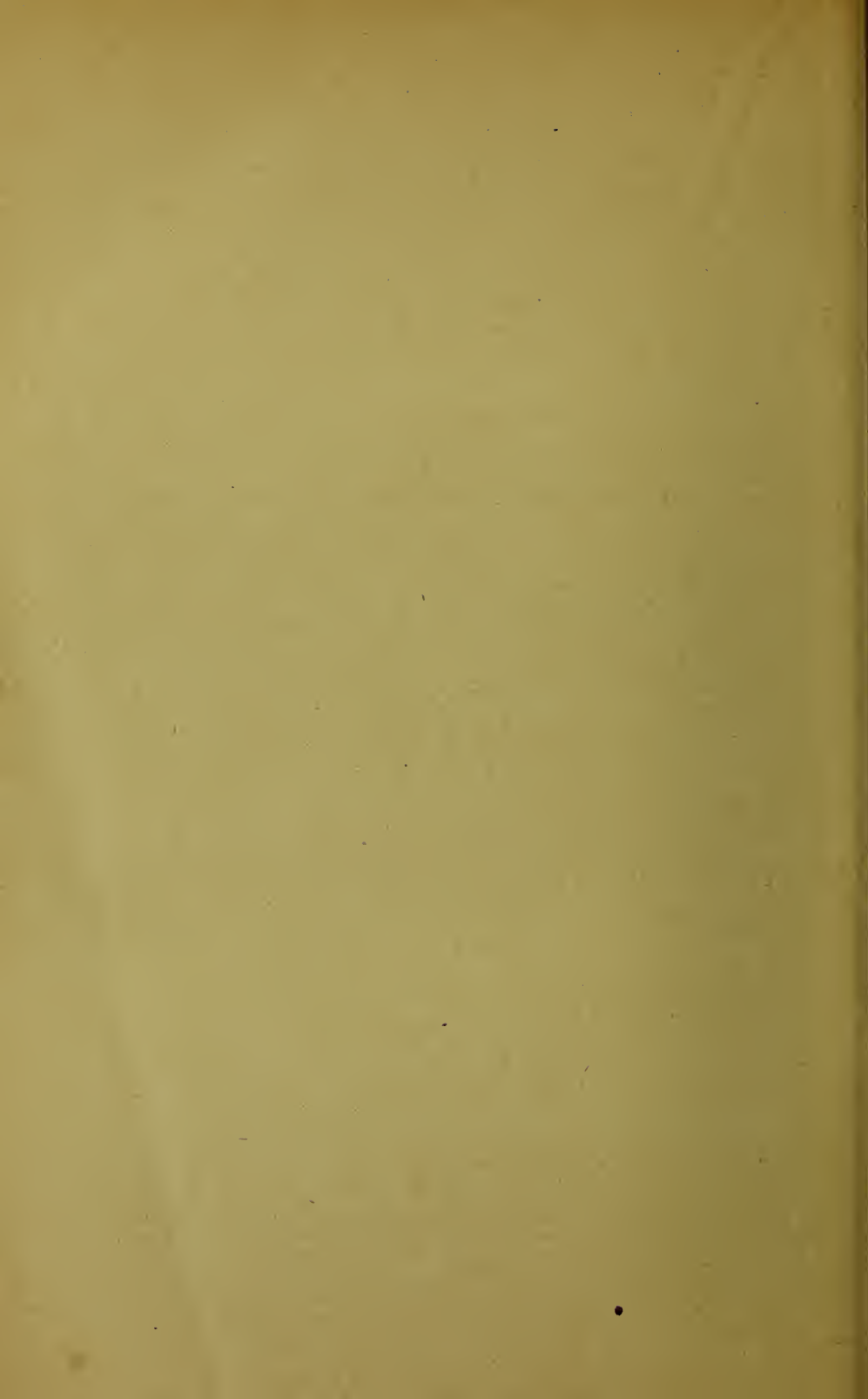
(Collecção existente no *Royal Gardens Kew*)

Royal Gardens K

DIRECTOR

With the Compliments of the Director

Royal Gardens, Kew

Royal Gardens, Kew.

June 13, 1898.

Royal Gardens, Kew

Plants from Cape Verde Islands, communicated by M. J. Cardoso, 1895.

1, 67	Papaver dubium, *L.*
21, 78	Alyssimus maritimum, *L.*
36	Senebiera didyma, *Pers.*
86	Brassica nigra, *Koch.*
16, 89	Polygala erioptera, *DC.* (P. triflora, *Oli.*).
64	Polycarpaea Gayi, *Webb.*
110	» nivea, *Webb?*
44	Silene gallica, *L.*
204	Lychnis (Eudianthe) sp. Flowering specimen desired.
216	Wissandula rostrata, *Planch.*
106	Abutilon glaucum, *Webb.*
223	Hibiscus physaloides, *Guil. et Perr.*
159	Sida spinosa, *L.*
18, 43, 200	» urens, *L.*
19, 195	» sp.
97	» sp.
94	» ?
114	Waltheria indica, *L.*
45, 205	Corchorus trilocularis, *L.*
80, 115	Ruta Chalepensis, *L.*
10	Oxalis corniculata, var. villosa, *Bieb.*
130	Tribulus terrestris, *L.*
42	Crotolaria retusa, *L.*
196	Zornia angustifolia, *Sm.*
20, 167	Rhynchosia minima, *DC.*
183	Jephrosia anthylloides, *Hochst.*
209	Desmodium tortuosum, *DC.*
209	Desmodium.
145	Cassia obovata, *Coll?*
79	Parkinsonia aculeata *L.*
234	Medicago.

62, 228	Dolichos biflorus, *L.*
142	Jephrosia anthylloides, *Hochst.*
60	» » »
96	»
186, 102	Indigofera parviflora, *Heyne.*
143	» viscosa, *Lam.*
146	Clitorea Jernatea, *L.*
116	Crotolaria.
122	Sempervivum arboreum, *L?*
153	Mollugo bellidifolia, *L.*
32	Foeniculum vulgare, *Gaertn.*
117	Jornabenia insularis var. hirta, *Schmidt.*
8, 232	Galium anglicum, *L.*
58	» rotundifolium, *L.*
229	» sp.
40	Erigeron canadensis, *L?*
17, 191	Ageratum conyzoides, *L.*
103, 244	Bidens pilosa, *L.*
95	» bipinnata, *L.*
54	Centaurea melitensis, *L.*
14, 26, 66	Tagetes patula, *L.*
199	Blainvillea gayana, *Cass.*
57, 91	Gnaphalium luteo-album, *L.*
70, 121, 164	Nidorella microcephala, *Steetz.*
82	» Schmidtii, *Lowe.*
184	Sonchus sp.
30, 181	» oleraceus, *L.*
109, 233	Micooshynchus picridioides, *Wol.*
9	» sp.
252	» sp.
71	Odontospermum sericeum, *Schult.*
178	Campanula Daltoni, *Webb?*
111	» jacobaea, *Smith.*
63	Ipomoea pentaphylla, *Jacq.*
73	» pes-capreae, *Sweet.*
197	» sp = Welwitsch, 6175.
141	» sp.
227	» sp.
173	Calatropis procera, *Ait.*
132, 256	Globularia amygdalifolia, *Webb.*
29, 137	Echium stenosiphon, *Webb.*
138	Irichodesma africanum, *R. Br.*
125, 187	Heliotropium undulatum, *Wahl.*
134, 213	Solanum nigrum, *L.*
194	» nodifolium, *Jacq.*
166	» manii, *Wright?*
179	» sp.
127	Capsicum frutescens, *L.*

154	Capsicum sp.
101	Physalis angulata, *L?*
73	Datura Stramonium, *L.*
215	» metel, *L.*
147	Nicotiana tabacum, *L.*
65, 99, 180	Celsia betonicaefolia, *Desf.*
201	» » var. pubescens.
41, 72	Camphylantus Benthanii, *Webb.*
90, 202, 246	Antirrhinum Orontium, *L.*
23, 149, 160	Linaria Brunneri, *Benth.*
85, 151	» dichondraefolia, *Benth.*
15	Dicliptera micranthes, *Nees.*
31	Lavandula coronopifolia, *Poir.*
52	» rotundifolia.
25, 220	Salvia aegyptiaca, *L.*
28, 208	Ajuga iva, S*chreb.*
221	Micromeria Forbesii, *Benth?*
81	Wahlenbergia lobelioides, *DC.*
24	Evolvulus alsinoides, *L.*
248	Peristrophe bicalyculata, *Nees.*
249	Leucas Martinicensis, *R. Br.*
38	Salvia.
131	Plantago major, *L.*
119	Plumbago scandens, *L.*
88, 222	Selerocephalus Aucheri, *Boiss.*
13, 128	Amarantus spinosus, *L.*
129, 203, 218	» polygonoides, *L.*
27	Achyranthes argentea, *Lam.*
144	Gomphrena globosa, *L.*
100, 189, 210, 251, 148	Chenopodium murale, *L.*
150	» album, *L?*
219	Beta procumbens, *Ch. Sm.*
33	Euphorbia Peplus, *L.*
47, 105	» pilifera, *L.*
92, 104, 156, 190, 207	Euphorbia chamaesyee, *L.*
157	Phyllanthus scabrellus, *Webb.*
98	» sp.
123, 135	» sp.
34, 126	Parietaria officinalis, *L.*
112	Forskohlea procridifolia, *Webb.*
176	Emex spinosa, *Camb.*
22, 41, 71	Paronychia illecebroides, *Webb.*
3, 87, 177	Polycarpon tetrophyllum, L.
77	Zygophyllum simplex, *L.*
113	Asparugus scoparius, *Lowe.*
253	Commelina Forsholoei, *Vahl.*
61	» bengalensis, *L.*
250	Cyperus esculentus, *Linn.*
192	» rotundus, *Linn.*

Filices

118, 163	Davallia canariensis, *Sm.*
255	Adiantum caudatum, *L.*
172, 217, 226	Adiantum Capillus-Veneris, *L.*
46	Pteris longifolia, *L.*
7, 174	Asplenium Hemionitis, *L.*
2	Adiantum praemorsum, *Sw.*
39, 83	Actiniopteris radiata, *Link.*
169	Nephrodium elongatum, *Hook. et Grev.*
155, 136, 225	» odoratum, *Baker.*
170, 224	» molle, *Desv.*
206	Nothochlaena marantae, *R. Br.*

Musci

	Eurynchium circinnatum, *Br. et Schpr.*
6	Homalotbecium sericeum, *Br. et Schpr.*

Hepaticae

Modotheca sp?

Algae

	Sargassum lendigerum, *G. Ag.*
	Centroceras clavulatum, *Ag.*
	Corallina tenella, *Ktz.*
	Arthrocardia caespitosa, *J. Ag.*
	Amphiroa ephedreae, *Lam.*
50	Ulva sp.
51	Cystosira abies-marina, *J. Ag.*

Lichenes

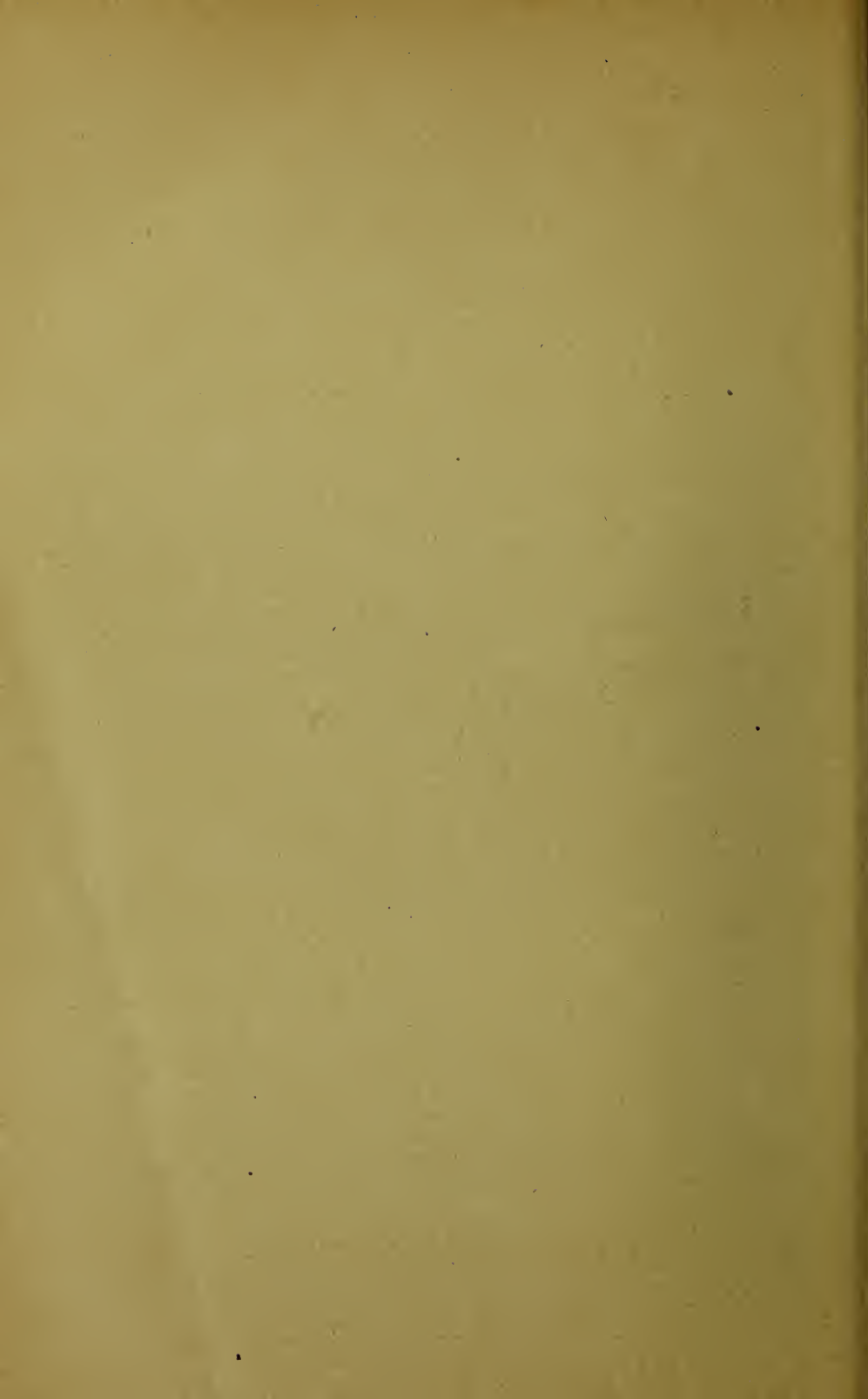
	Parmelia caperata, *Ach.*
	Physcia speciosa, *Ach.*
	Parmelia cetrata, *Ach.*
	Collema pulposum, *Ach.*
59, 120	Usnea barbata var. hirta, *Fr.*

III

Herborisações Portuguezas em Africa

3.º

Contribuição para o estudo da Flora das Ilhas de Santo Antão e Santa Luzia

(Collecção existente no *Rigks Herbarium Te Leiden)*

JE MAINTEDRAIS
'S. RIJKS HERBARIUM
TE
LEIDEN
—
V. n. 75

Leiden, 9ième sept. 1897.

Monsieur.

Au commencement de cette année j'ai été nommé conservateur du Rijks Herbarium. Parmi les travaux que mon prédécesseur M. le Dr. Boerlage n'avait pas eu le temps de terminer j'ai trouvé la détermination d'une collection de plantes, que vous avez recueillies aux iles du Cap Vert.

Je viens d'achever cette détermination et j'ai l'honneur de vous en présenter la liste. J'ai cependant quelques restrictions à faire:

1.° Il est entré une certaine confusion dans le numérotage des échantillons, d'une part á cause de l'illisibité de quelques chiffres écrits au crayon, d'une part à cause d'une erreur dans laquelle je devais presque inévitablement donner. Vous avez probablement envoyé trois collections différentes, commençant chacune par le numero un, car je trouve trois fois les mêmes numéros.

Dans un classement provisoire, M. Boerlage avait entremêlé les trois collections en ayant soin toutefois de distinguer les échantillons correspondants par les caractères I, II, III. N'étant pas prévenu, je ne me suis rendu compte de cette complication qu'après avoir occasioné quelque désordre. Je le regrette sincèrement mais j'espère que vous voudrez bien m'accorder que mon erreur était bien pardonnable.

2.° Vous remarquez que quelques numéros ne sont pas portés sur la liste, tandis que d'autres n'y sont admis qu'avec quelque incertitude et affectés d'un point d'interrogation. Il y a pour cela trois raisons.

La plus grâve c'est l'état de quelques échantillons, qui rend toute détermination exacte impossible, d'autant plus que je n'ai aucune indication concernant l'histoire de l'échantillon, la terrain dans le quel il a été trouvé, le port, etc., tous éléments qui sont parfois indispensables et en tous cas extrêmement utiles.

La seconde c'est qu'il y a certains genres qui ne se laissent déterminer qu'avec la plus grande difficulté (par exemple, Rosa, Citrus, Frankenia).

La troisième c'est qu'aucun travail humain n'est parfait.

L'achèvement du travail de M. Boerlage m'a donné beaucoup de

peine parce que la correspondance a partiellement disparu. Le liste que je vous envoie contient donc tout ce que j'ai trouvé dans l'Herbarium en fait de plantes des îles du Cap Vert.

Seules les Cryptogames attendent encore la détermination,[1] mais c'est là un travail que je n'ose entreprendre parce que je ne suis spécialiste en cette matière; et seul un spécialiste est à même de mener ce travail a bonne fin.

C'est pourquoi je mets la collection de Cryptogames à votre disposition en attendant vos ordres.

Dans le cas où vous pourriez douter de quelques unes des déterminations de M. Boerlage où des miennes, je vous prie de ne pas exiger une nouvelle révision, mais de m'envoyer plutôt de nouveaux échantillons, accompagnés de tous les renseignements que vous pouvez me donner.

Veuillez, Monsieur, agréer les assurances de ma considération la plus distinguée.

Le Conservateur du Rijks-Herbarium

(ass.) *Dr. Goethart.*

M. João Cardoso Junior. Ilha de Santo Antão.

---

[1] As cryptogamicas, collecção existente no *Herbario central da Universidade,* foram determinadas pelos distinctos especialistas:

Os *Musgos:* Dr. V. F. Brotherus;
Os *Lichenes:* Dr. W. Nylander;
As *Algas:* Dr. E. Askenasy.

Quasi todas as cryptogamicas cellulares que figuram na publicação, que não foi exposta á venda, — *Contribuição para o Estudo da Flora da Africa, enumeração de plantas colhidas nas ilhas de Cabo-Verde,* por João Antonio Cardoso Junior *(Extracto do Bol. da Soc. Brot.,* XIII, 1896. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896, — *eram novas para a flora das ilhas,* affirmou-o o dr. Julio A. Henriques.

As *Algas* mereceram ao dr. M. E. Askenasy um bello trabalho: *Enumération des Algues du Cap-Vert,* que, pela razão atraz exposta, figurará no volume II d'esta obra, bem como a lista dos *Musgos* e *Lichenes.*

Os *Musgos* e *Lichenes,* cujas determinações o dr. Julio Henriques tornou conhecidas em agosto de 1896, teem por *habitat* as ilhas de Santo Antão e S. Nicolau; ás *Algas* pertence o da ilha de Santo Antão.

Praia, setembro de 1902.

João Cardoso, Junior.

Liste des plantes des Iles du Cap Vert, ramassées par M. Cardoso

Acanthaceae

Dicliptera micranthes, *Nees*. I, II, 86.
» » *Nees*.
» var. laxior, *Nees*. III, 4.
Peristrophe bicanaliculata, *Nees*. III, 106.

Amarantaceae

Achyranthes argentea, *Willd*. II, 133.
Aerva javanica, *Juss*. II, 108.
Amaranthus caudatus, *L*. III, 122.
» spinosus, *L*. I.
Amblogyma polygonoides, *Raf*. I, 64.
Euxolus caudatus, *Moq*. (= Amaranthus viridis, *L*. sec Ind. Kew.) I, 53.
Iresine portulacoides, *Moq*. I, 20, II, 22.

Anacardiaceae

Anacardium occidentale, *L*. III, 125.
Mangifera indica, *L*. III, 35.
Rhus undulata, *Jacq*. C^lo^ 7.

Apocynaceae

Vinca rosea, *L*. II, 51.
Nerium Oleander, *L*. III, 46.

Asclepidaceae

Asclepias curassavica, *L.* III, 95.
Calotropis procera, *R. Br.* III, 48.
Periploca laevigata, *Ait.* III, 63.
Sarcostemma Daltoni, *Decsne.* II, 169.

Boraginaceae

Echium hypertropicum, *Webb.* I, 8, 159.
» » form rigida (caule regidiore, magis aculeato), II, 19.
Heliotropium Maroccanuns, *Lehm.* C^{lo} 16.
» undulatum, *Pers.* I, 34, II, 160.
Pollichia africana, *L.* I, 21, I, 55, II, 15.

Caryphyllaceae

Silene Gallica, *L. (Boiss.)* = S. lusitanica, *Desf (Sm).* III, 7, III, 22.
Polycarpaea Gayi, *Webb.* I, 66.
» var halimoides, *Webb.* III, 114.
» nivea, *Webb.* C^{lo} 5.

Campanulaceae

Campanula Jacobaea, *Sm.*
» var humilis, I, S. n., II, 83, II, 148.
» var albiflora, II, 122.
Wahlenbergia lobelioides, *Link.* (= pendula, *Schr.* Sec. Ind Kew), II, 126, III, 64, III, 102.

Chenopodiaceae

Beta procumbens, *Chr. Smith.* II, 41, formae duae altera foliis cordatis laciniis calycinis patulis, altera foliis deltoideis laciniis calycinis appressis.
Chenopodium ambrosioides, *L.* III, 58.
» album, *L.* II, 50.
» murale, *L.* I, 20, II, 96, II, 161, III, 41.
Orebliton Cardosoi Boerl. n. sp. C^{lo} 10.

Cistaceae

Helianthemum Canariensl, *Willd.* I, 20^.

Compositae

Artemisia Gorgonum, *Webb.* I, 35, I, 72.
Bidens bipinnata, *L.* I, 40.
» pilosa, *L.* var radiata, *Sch. Bip.* II, 40.
Blainvillea Gayana, *Cass.* I, 58, II, 120.
Blumea Wightiana, *DC.* II, 153.
Centaurea Melitensis, *L.* II, 84, III, 13.
Conyza lurida, *Schmidt.* II, 132, II, 178, III, 119.
Cichorium Endivia, *L.* III, 131.
Erigeron Bonariensis, *L.* I, 57.
» Canadensis, II, 71.
Gnaphalium luteo fuscum, *Web (?)* II, 90, II, 138.
» luteo-album, *L.* II, 179, III, 17.
Lactuca Scariola, *L.* III, 132 forma foliis rotundatis.
Microrhynchus picridioides, *Webb.* I, 15.
» nudicaulis, *Less.* C.º 19.
Nidorella Stutzii, *Schmidt.* III, 54.
» varia, *Webb.* II, 110, III, 90, III, 103.
Odontospermum Daltoni, *Webb.* III, 21.
Pegolettia Senegalensis, *Coss.* I, 33, II, 116, II, 145, II, 157, II, 163, III, 2, C.º 14.
Phagnalon Melanoleucum, *Webb.* I, 28, II, 135.
Pluchea ovalis, *DC.* flor. monst. III, 60.
Tolpis umbellata, *Bert.* III, 93.
Zollikoferia nudicalis, *Marr.* II, 55.
Specimen incompletum, III, 39.

Coniferae

Pinus Pinaster, *Ait.* II, 73.

Convolvulaceae

Evolvulus linifolius, *L.* II, 166, II, 44.
Ipomoea palmata, *Forsk.* II, 82, III, 66.
» spec (?) 73.

Ipomoea pentaphylla, *Jacq.* (?) 10.
» tuberosa, *L.* (?) 45.
» asarifolia (?) III, 23.

Crassulaceae

Bryophyllum calycinum, *Salisb.* III, 32.
Cotyledon horisontalis, *DC.* III, 6.
Sempervivuns Gorgoneum, *Schmidt.* III, 91, (?) 158.

Cruciferae

Brassica nigra, *Koch.* II 8, II 102.
Konigia intermedia, *Webb.*
Nasturtium officinale, *Br.* III, 69.
Raphanus sativus, *L.* III, 133.
Senebiera spec, III, 67, III 54. Peut-être des exemplaires anormales du S. didyma.

Cucurbitaceae

Momordica Charantia, *L.* II, 93.
» ?

Cyperaceae

Cyperus esculentus, *L.* III, 86.
» Sonderi, *Schmidt.* I, 24, II, 117, II, 77.
Mariscus albescens, *Gauden.* II, 118.

Equisetaceae

Equisetum pallidum, *Bory* (?) 2 (?), 20.

Euphorbiaceae

Euphorbia Chamaesyee, *L.* I (?), II, 74, III, 110, C^lo^ 18.
» Tucheryana, *Stend.* III, 51.
Specimen incomplet, III, 65.
Phyllanthus Niruri, *Muell.* III, 118, III, 123.
» » var Scabrella, I, 49, II 103.
Andrachne telephioides, *L.* I 1, I (?), II, 154, III, 101.

Ficoideae

Aizoon Canariense, *L.* II, 42, III, 120.

Filices

Adianthum Capillis Veneris, *L.* II, 107.
» caudatum, *L.* II, 99, II, 105, II, 131.
Asplenium palmatum, *Lam.* III, 79.
» polydactylon, *Webb.* II, 98, III, 47, III, 109.
Nephrodium hirtum, *Hook.* II, 163; II, 146.
Pteris aquilina, *L.* III, 24, III, 87.
» longifolia, *L.* II, 130.
? ? II, 39.
? ? II, 125.

Frankeniaceae

Frankenia laevis, *L.* I (?), I, 34.
» hirsuta, *L.* I, 69.
» ericifolia, *Sm.* III, 115, III, 116, III, 117. C^{lo} 12.
» spec. III, 77. Une plante intéressante, à feuilles très larges. C'est peut-être une espèce pas encore décrite, mais connaissant la grande variabilité des Frankenia, il faut que la plante soit sérieusement observée à place, avant qu'on la puisse décrire comme espèce nouvelle.

Geraniaceae

Oxalis corniculata, *L.* var. villosa, *Schmidt.* II, 63, II, 13, I, 27?

Gramineae

Aristida paradoxa, *Steud.* I, 45.
» spec, II, 14.
Arthraxon ciliaris, *Beauv.*
Chloris radiata, *Sw.* I (?), II, 78, II, 92.
Cynodon dactylon, *Pers.* I, 44, III, 111.
Dactyloctenium Aegyptiacum, *Willd.* II, 80, II, 76, II, 1.°, II, 44, II, 51.
Eragrostis (? Abyssinica), (? minor), II, 111, III, 104.
» biformis, *Kunth.* ?
» megastachya, *Lint.* I, 46, II, 69.

Eragrostris pulchella, *Parlat.* II, 23, II, 70, III 18.
Eleusine indica, *Gaertn.* II, 72, III 107.
Lolium gracile, *Parlat.* II, 36.
Panicum colonum, *L.* I, 48, II, 79, III, 130.
» commutatum, *Nees.* (? = P. sanguinale, *L.* (Ind. Kew)). II, 81.
Panicum verticillatum, *L.* III, 62.
» rhachitrichuus, *Hochst.* (?), 38, (?) 56, (?) 60, II, 119, II, 134.
Panicum (Tricholaena) grandiflora, *Hochst.* II, 112, II, 113.
Pennisetum lanuginosuns, *Hochst.* I? 56, II, 20, II, 115.
Phragmites communis? (Spec. incompl.) III, 97.
Rottboellia exaltatata, *L.* II, 114 (il me semble être une forme aberrante).
Fragus racemosus, *Beauv.* I, 36, C$^{\underline{10}}$ 6.
Zea Mais, *L.* ♂ III, 99.

Illecebraceae

Paronychia illecebroides, *Webb.* I, 43, I, 70, II, 136, III 52, C$^{\underline{10}}$ 12.
Selerocephalus arabicus, *Boiss.* I, 46, III, 14.

Labiatae

Ajuga Iva, *Schreb.* I, 39, III, 100.
Lavandula dentata, *L.* I? I, 71.
» var. Balearica, *Larr.*
» rotundifolia, *Benth.* I? I, 5, II, 9, II, 144, II, 159.
Leucas Martinicensis, *K. Br.* I? I, 22, I, 65, III, 9.
Micromeria Forbesii, *Benth,* I, 30, I, 36.
Rosmariuns officinalis, *L.* I, 36, III, 49.
Salvia Aegyptiaca, *L.* I? I, 35, II, 139.

Lauraceae

Cinnamomum Camphora, *L.* III, 27.

Leguminosae

Acacia albida, *Del.* I, 18.
» Farnesiana, *Willd.* I, 75.
Cajamus indicus, *Spreng.* II, 16, II, 17, II, 18.
Cassia obovata, *Coll.* I, 9, II, 47, II, 89.
Crotolaria retusa, *L.* I, 57 ou 52, I (?), (?) 3.

Desmodum spirale, *DC.* II? II, 57.
Erythrina senegalensis, *DC.* III, 15.
Indigofera linearis, *DC.*
» tinctoria, *L.* I, 35.
» spec. III, 81.
Leucaena glauca, *Benth.* III, 84.
Lotus Jacobaeus, *L.* I?
» purpureus, *Webb.* I, 10.
» Bruneri, *Webb.* C$^{\underline{lo}}$ 13.
Phaseolus vulgaris, *L.*?
Phaca Vogelii, *Webb.* C$^{\underline{lo}}$ 13.
Trifolium glomeratum, *L.* II, 168, III, 10.
Tephrosia subtriflora, *Hochst.* II? (?) 94, III 19.
Rhynchosia minima, *DC.* II, 162, III, 56, III, 108.
Zornia diphylla, *Pers.* II, 1.

Liliaceae

Asparagus Squarrosus, *Schmidt.* I, 67, II, 166.
Aloe vulgaris, *Lam.* II, 100.

Malvaceae

Hibiscus rosa sinensis, *L.* II, 52, III, 121.
Gossypium punctatum, *Schum.* I, 12.
Malva parviflora, *L.* II, 91.
Malvastrum spicatum, *L.* I? I, 155, II, 53, III, 123, III, 128.
Sida carpinifolia, *L.* II, 4, II, 60.
» cordifolia, *L.* I, 74.
» rhombifolia, *L.* I, 42, II, 140.
» » var microphylla? *Hook.* I, 41, II, 44.
» urens, *L.* I? I, 6, I, 9.

Myrtaceae

Myrtus communis, *L.* II, 177.
Psidium Guayava, *L.* (?) 78.

Nyctaginaceae

Boerhavia repens, *L.* II, 64, II, 147, C$^{\underline{lo}}$ 3.
Bongainvillea spectabilis, *Willd.* (?) 40.

Papeveraceae

Argemone mexicana, *L.* II, 43.
Papaver dubium, *L.* I, 30, II, 129.

Phytolaccaceae

Phytolacca decandra, *L.*? 126.

Plantaginaceae

Plantago Major. *L.* I? I, 2.

Plumbaginaceae

Plumbago Zeylanica, *L.* II, 128, III, 26.
Statice pectinata, *Ait.* I? I, 60, II, 133.

Polygalaceae

Polygala erioptera, *DC.* III, 85, C.º 2, C.º 22.

Polygonaceae

Emex spinosa, *Campd.* III, 113.
Polygonum serrulatum, *Lagasc.* (?) 67.

Portulaceaceae

Mollugo bellidifolia, *Serr.* I, 47.

Primulaceae

Samolus Valerandi, *L.* I, 14, I, 27, II, 127.

Rhizocarpae

silotum triquetrum, *Sw.* II, 170.

Rosaceae

Rosa spec. III, 34.

Rubiaceae

Coffea arabica, *L.* III, 38.
? Oldenlandia Corymbosa, *L.* (spec. imperf.), II, 109.

Rutaceae

Ruta Chalepensis, L. ?? I, 34.
Citrus spp. III, 28, III, 29, III, 31, III, 33, III, 37.

Sapindaceae

Cardiospermuns Halicacabuns, *L.*? I, 67 (62 ou 64), II, 149, III, 25.

Scitamineae

Canna (? indica), *L.* III, 83.

Serophulariaceae

Anthirrimus Orontium, *L.* II, 156, II, 174, III, 3, III, 75, III, 105,
» var. foliosum, *Schmidt.*
Campylanthes Benthami, *Webb.*
» var. hirsutus, *Webb.* I? I, 7, I, 16.
» var. glaber, *Webb.* II, 137.
» var. humilis, *Webb.* II, 175.
Linaria Bruneri, *Benth.*
» var. glaberrima, *Sm.* C.^{lo} 9.
Phelippaea lutea, *Desf.* C.^{lo} 21.
Serophularia arguta, *Ait.*
» ? glabrata, *Ait.*
» var. biserrata, III, 38.

Solanaceae

Datura fastuosa, *L.* III, 44.
» metel, *L.* II, 38.
» ? Stramonium, *L.* (Spec. imperf.), III, 53.
? Hyoscyamus albus, *L.* II, 48.
Lycopersicum cerasiforme, *Dun.* II, 150.
Nicotiana glauca, *R. Graham.* I, 15.
» Tabacum, *L.* III, 8.
Solanum acuteleatissimum, *Jacq.* II, 37.
» nigrum, *L.* II, 21, III, 89.
» tuberosum, *L.* II, 101, III, 74, III, 98.

Sterculiaceae

Melhania abyssinica, *A. Rich.* I, 62.
(=Leprieurii, *Webb.*)
Waltheria indica, *L.* I, 13, II, 88, III, 5.

Tamariscineae

Tamarix gallica, *L.* (?) 106.

Filiaceae

Corchorus antichorus, *Roennk.* I, 61, II, 54.
» trilocularis, *L.* II, 7.
Triumfetta neglecta, *Wight et Arnott.* II, 61.
» pentandra, *Guill. et Perrot.*

Umbelliferae

Foeniculum vulgare, *Gaertn.*
? Thapsia spec, I, 73 (?) (?).
? Tornabaenia Bisschoffii, *Schmidt.* II, 97, III, 92.

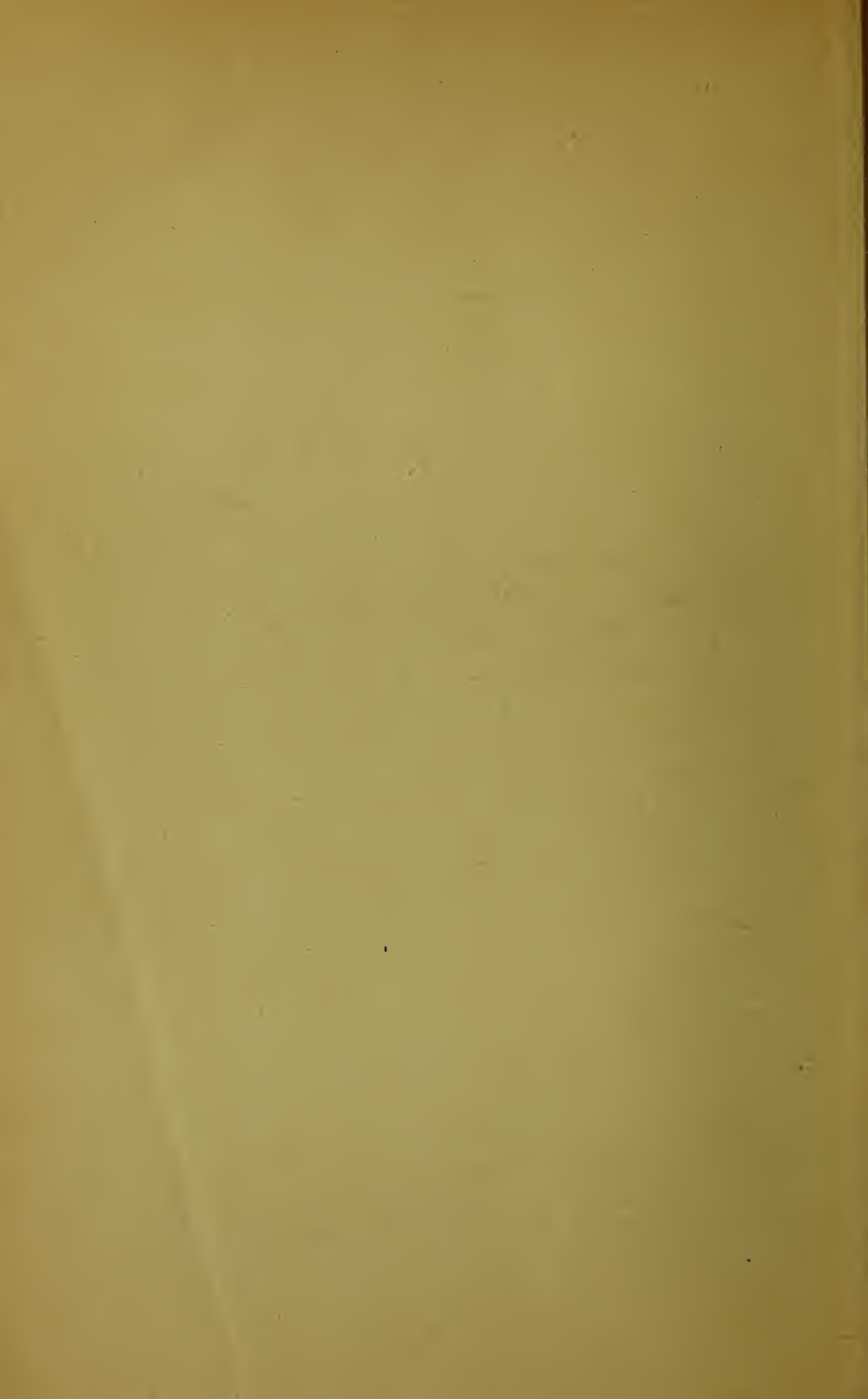
Urticaceae

Torskohlea procridifolia, *Webb.* III, 1.

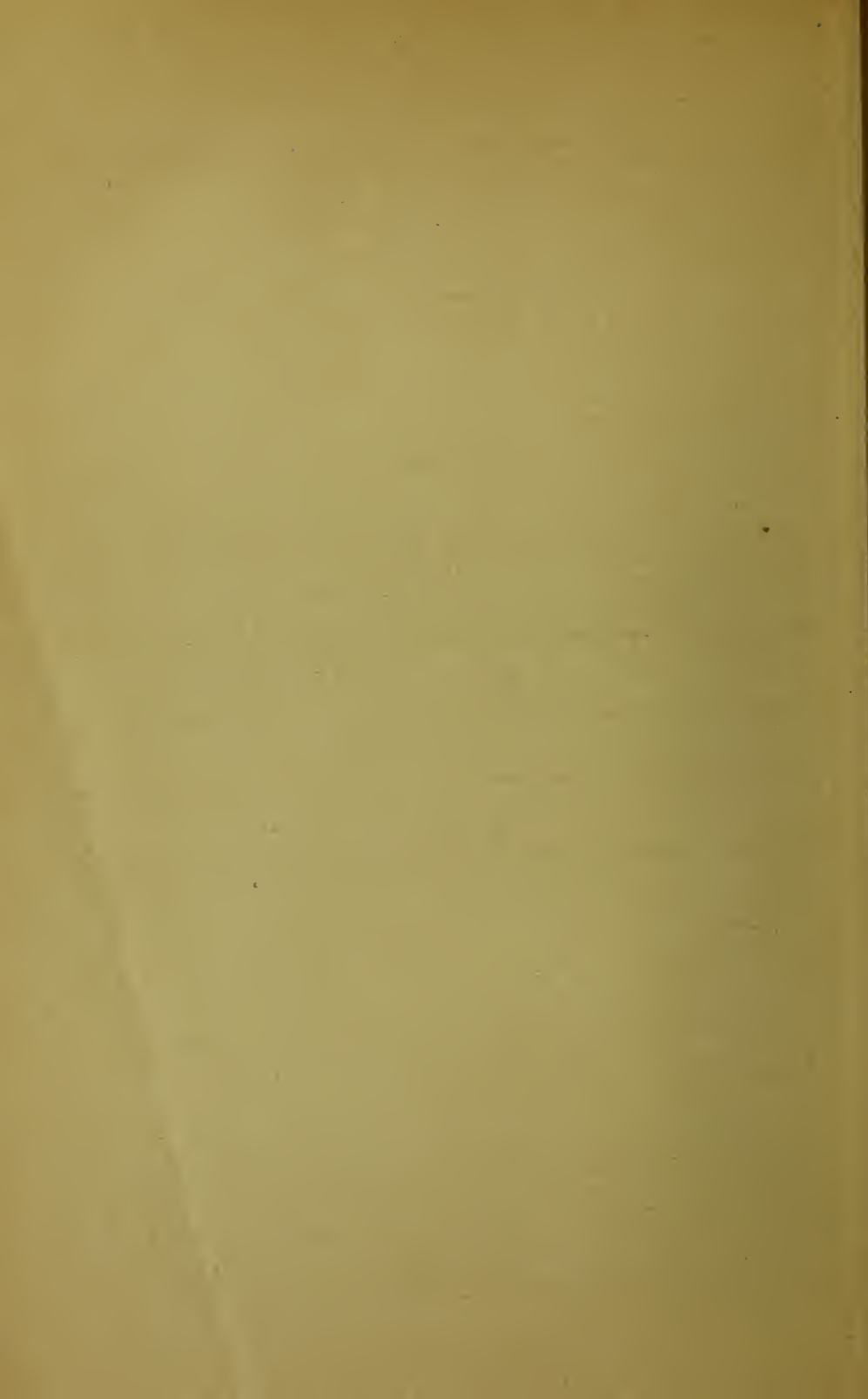
Verbenaceae

Verbena officinalis, *L.* I, ? 16.
Lantana Camara, *L.* II, 167.

Zygophyllaceae

Fagonia cretica, *L.* I, 23.
» glutinosa, *DC.* C$^{\underline{1o}}$ 11.
» forma acutifolia non descript. C$^{\underline{1o}}$ 15.
Tribulus cistoides, *L.* I, 76, (?) (?) (?) (?).
Zygophyllum simplex, *L.* C$^{\underline{1o}}$ 4.

IV

Coordenadas e alcance dos pharoes;
tabella dos ventos reinantes desde Lisboa até ao Equador;
tabella das distancias em milhas
entre os portos principaes das ilhas de Cabo Verde

(Extrahido do *Roteiro do Archipelago de Cabo Verde,*
de Christiano José de Senna Barcellos, 1892)

Coordenadas e alcance dos pharoes

Ilhas	Situação	Latitude N.	Longitude O. Greenwich	Alcance	Côr	Observações
S. Thiago	P.ta da Temerosa	14° 53′ 15″	23° 34′ 15″	15′	Branca.	Praia.
	Ponta E	14° 59′ 25″	23° 25′ 40″	7′	Enc.da	
	Ponta Preta	15° 18′ 06″	23° 47′ 40″	9′	Branca.	Tarrafal.
	Ponte-caes	—	—	3′	Enc.da	Praia.
Maio	Forte de S. José	15° 07′ 00″	23° 13′ 00″	7′	Branca.	P.to Inglez.
Fogo	Fortim Carlota	14° 52′ 15″	24° 31′ 20″	2′	Enc.da	P.to da Villa.
Brava	Ponta Jalunga	14° 51′ 00″	24° 44′ 30″	2′	Branca.	Furna.
Boa Vista [1]	Ilh.o de Sal-Rei	16° 08′ 30″	22° 57′ 12″	9′	Enc.da	Sal-Rei.
S. Nicolau	Porto Velho	16° 34′ 30″	24° 16′ 00″	9′	Branca.	Preguiça.
	Ponte-caes	—	—	2′,5	Enc.da	P.to Grande.
S. Vicente	Ilheo dos Pas.ros	16° 54′ 37″	25° 01′ 12″	15′	Branca.	Canal N.
	Ponte-caes	—	—	3′	Enc.da	V.la M.a Pia.
S.to Antão	Lombada de Boi	17° 06′ 50″	24° 59′ 15″	27′	Branca	
	Ponta do Sol	17° 12′ 35″	25° 06′ 30″	3′	Enc.da	
Baixo	João Valente	15° 49′ 00″	23° 07′ 00″	Uma boia de apito automatico.		

Em construcção

Ilhas	Situação	Latitude N.	Longitude O. Greenwich	Alcance	Côr	Observações
Sal	Ponta Sinó	—	—	—	—	—

Em projecto

Ilhas	Situação	Latitude N.	Longitude O. Greenwich	Alcance	Côr	Observações
S. Thiago	Ponta Bicuda	—	—	—	—	—
	Ponta S. O	—	—	—	—	—
Maio	Costa N.	—	—	—	—	—
Ilh.os Rombos	Ilheo de Fóra	—	—	—	—	—
Sal	Costa	—	—	—	—	—
S. Nicolau	Costa O	—	—	—	—	—
S. Vicente	Ponta S. O	—	—	—	—	—

Abreviaturas:
- P.ta — Ponta.
- Pas.ros — Passaros.
- Enc.da — Encarnada.

[1] As coordenadas geographicas referentes ao Porto de Sal-Rei e a toda a costa S. da ilha da Boa Vista parece estarem erradas; e para a sua nova e verdadeira determinação já officialmente se fez o que o caso aconselhava, mas nada até agora se poude avançar, segundo nos consta.

Não estará ligado ao erro apontado o facto dos numerosos e successivos naufragios occorridos antiga e modernamente nas aguas da ilha da Boa Vista?

Ligada com esta materia ha alguma coisa de *muito curioso*, escripto, se bem nos lembra, por um antigo bispo de Cabo Verde.

Praia, setembro de 1902.

João Cardoso, Junior.

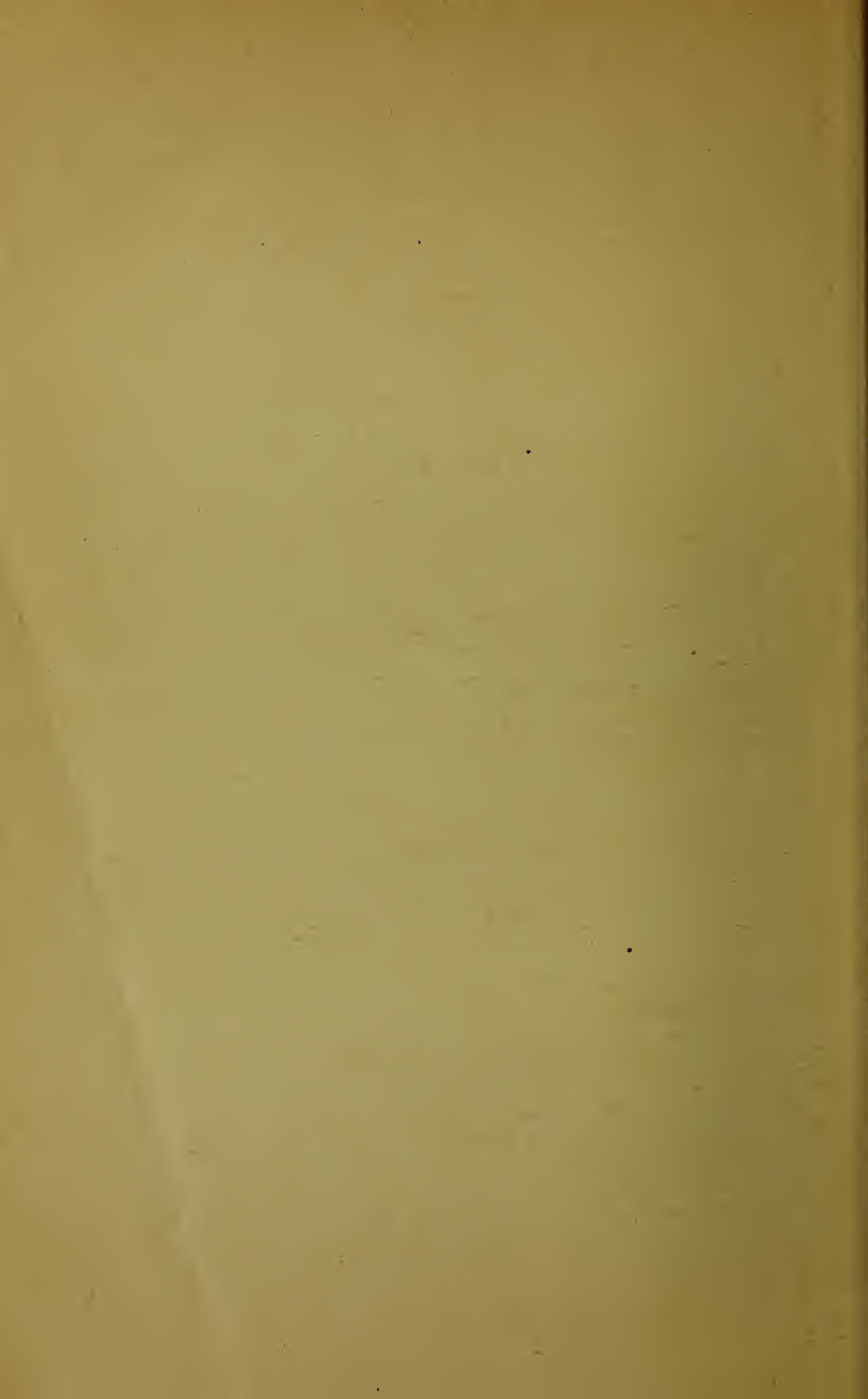
Tabella dos ventos reinantes desde Lisboa até ao Equador

Latitude	Situação	N. E.	S. E.	S. O.	S. O.
38° 42′ N..................	Lisboa.......	19 %	17 %	34 %	23 %
	Madeira	24 %	23 %	27 %	20 %
	Canarias.....	32 %	27 %	18 %	14 %
	Cabo Verde ..	66 %	20 %	4 %	4 %
Entre 10° N. e 5° N..	—	37 %	24 %	23 %	4 %
» 5° N. e o Equador...	—	23 %	52 %	13 %	4 %

Tabella das distancias em milhas entre os portos principaes das Ilhas de Cabo Verde

S.to Antão	S. Vicente	S.ta Luzia	S. Nicolau	Sal	Boa Vista	Maio	Fogo	Brava
P.ta do Sol	Mindello	S.ta Luzia	Preguiça	S.ta Maria	Sal-Rei	Porto Inglez	V. de S. Fil.e	Furna
175,0	160,0	149,0	117,0	108,0	81,0	22,0	62,0	69,0
P.ta do Sol	23,0	35,0	72,0	133,0	141,0	166,0	147,0	147,0
	Mindello	25,0	60,0	125,0	130,0	154,0	128,0	129,0
		S.ta Luzia	40,0	108,0	93,0	132,0	112,0	114,0
			Preguiça	77,0	80,0	104,0	102,0	105,0
				S.ta Maria	28,0	88,0	139,0	145,0
					Sal-Rei	52,0	119,0	126,0
						Porto Inglez	84,0	91,0
							V. de S. Fil.e	9,0

V

Plantas medicinaes de diversas ilhas do Ultramar Portuguez

Cabo Verde

Chloris radiata, *Sw.*

Senegambia

Combretum paniculatum, *Vent.*
Cissampelos Pareira, *L.*
Parinarium macrophyllum, *Sabine.*

S. Thomé e Principe

1894

Andropogon citratus, *Hort.*
Amaranthus spinosus, *L.*
Amomum grana Paradisi, *L.*
Boerhaavia ascendens, *Willd.*
Celosia argentea, *L.*
Caesalpinia pulcherrima, *Sw.*
Capsicum conoides, *Roem et Schultz.*
Cassia angustifolia, *Vahl.*
» obovata, *Coll.*
» occidentalis, *L.*
» sophera, *L.*
» Tora, *L.*
Costus Afer, *Ker.*
Croton Draconopsis, *Mull. Arg.*
Cyathula prostata, *Blume.*

Eclipta alba, *Haask.*
Ipomaea bona-nox, *L.*
» pes-caprae, *Sw.*
Irvingia Barten, *Hook. fil.*
Leonitis nepetaefolia, *Br.*
Lycopersicum esculentum, *Mill.*
» urasiforme, *Dun.*
Newbouldia laevis, *Seem.*
Mirabilis Jalapa, *L.*
Ocimum viride, *Willd.*
Passiflora edulis, *Sims.*
Pencedanum Sumbull, *Bault.*
Plectronia Henriquesiana, *Karl Schum.*
Phyllanthus Niruri, *L.*
Scoparia dulcis, *L.*
Solanum angulata, *L.*
Spilanthes Acmella, *L.*
Symphonia globulifera, *L.*
Thaumatococus Danielli, *Benth.*

1896

Cinchona sps.
Datura fastuosa, *L.*
Mikania scandens, *Willd.*
Mucuna pruriens, *DC.*
» urens, *DC.*
Solanum guineense, *Lam.*
Sterculia acuminata, *Beauw.*

Angola

Caesalpinia pulcherrima, *Sw.*

Moçambique

Caesalpinia Banducella, *Flemm.*

Ilha de Santo Antão, fevereiro de 1894.

João Cardoso, Junior.

ERRATAS

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
41	2	Lat. O.	Long. O.
99	38	Amaranthuf-spinosus, *L.*	Amaranthus spinosus, *L.*
125	40	Abus precatorius, *L.*	Abrus precatorius, *L.*
141	28	Caesalpinia Bonducella, *Roxb.*	Caesalpinia Banducella, *Flemm.*
142	19	Ocimus basilicum, *L.*	Ocimum basilicum, *L.*
156	10	1906	1900